

Avaliação de Oportunidades de Desenvolvimento Regional do Alentejo

Relatório Síntese

Dezembro 2003



União Europeia
FEDER



NOTA DE APRESENTAÇÃO

O documento que agora se apresenta constitui o Relatório Síntese do Estudo de Avaliação de Oportunidades de Desenvolvimento Regional do Alentejo, o qual foi promovido pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo e elaborado pelo consórcio empresarial CEDRU, Lda. / TIS.pt.

O estudo decorreu com elevada colaboração da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo, bem como de várias entidades relevantes da Região convidadas a participarem em *Focus Group* com a Equipa. A todos, o CEDRU, Lda e a TIS.pt agradecem a disponibilidade demonstrada e a colaboração prestada.

A estruturação do Relatório Síntese segue a adoptada para o Relatório Final do referido Estudo, apresentando-se, assim, uma Síntese Conclusiva repartida por quatro grandes capítulos:

1. Referenciais de partida;
2. Reflexões sobre as estratégias;
3. Alavancas para o desenvolvimento;
4. As oportunidades da base económica.

Complementarmente, inclui-se também um Sumário Executivo do estudo realizado.

Para um maior aprofundamento das várias matérias, recomenda-se a consulta do Relatório Final do Estudo de Avaliação de Oportunidades de Desenvolvimento Regional do Alentejo.

Equipa-base do Estudo:

José Manuel Simões (Coordenador)
Fátima Santos
João Nogueira
José Rodriguez
Luís Carvalho
Mário Vale
Sónia Vieira
Jorge Gaspar (Consultor)
Faustino Gomes (Consultor)

ÍNDICE GERAL

SUMÁRIO EXECUTIVO.....	V
SÍNTESE CONCLUSIVA.....	1
1. REFERENCIAIS DE PARTIDA	3
1.1 POSICIONAMENTO REGIONAL	5
1.2 VANTAGENS E DESVANTAGENS PARA A COMPETITIVIDADE	6
1.3 DINÂMICAS RECENTES	7
1.4 PILARES TERRITORIAIS	8
1.5 EMPREENDEDORISMO, INVESTIMENTO E INSTRUMENTOS	16
1.6. O SISTEMA DE INVESTIGAÇÃO REGIONAL.....	19
2. REFLEXÕES SOBRE AS ESTRATÉGIAS	21
2.1. GRANDES DESAFIOS	23
2.2. FACTORES CRÍTICOS DE SUCESSO	40
3. ALAVANCAS PARA O DESENVOLVIMENTO	41
3.1. PROJECTOS VERTEBRADORES.....	43
3.1. PROJECTOS MOTRIZES	57
4. AS OPORTUNIDADES DA BASE ECONÓMICA.....	79
4.1 OPORTUNIDADES NO SECTOR AGRÁRIO E AGRO-INDUSTRIAL.....	81
4.2 OPORTUNIDADES NO SECTOR INDUSTRIAL E NO ARTESANATO	109
4.3 OPORTUNIDADES NO SECTOR DOS SERVIÇOS	118



SUMÁRIO EXECUTIVO

Das Oportunidades de Desenvolvimento Regional do Alentejo

Mau grado a persistência de algumas fragilidades estruturais ao nível da base económica e de algumas carências infraestruturais e de recursos humanos, o Alentejo apresenta **um espectro de oportunidades de desenvolvimento bastante alargado** e, sobretudo, **mobilizador da iniciativa pública e privada** e **indutor do investimento** endógeno e exógeno.

Tais oportunidades, estão ou são **materializáveis em projectos, estruturantes e não estruturantes**, uns já concretizados ou em fase de concretização, outros ainda não iniciados mas já concebidos e a concretizar futuramente, outros ainda, simplesmente sob a forma de ideias-força por plasmar em projectos.

A concretização ou desenvolvimento de **projectos motrizes** como o EFMA - Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, porto e plataforma logística de Sines, aeroporto e plataforma logística de Beja, parques empresariais e logísticos de Évora, Portalegre, Vendas Novas, Ponte de Sôr, Elvas e Montemor-o-Novo, e a Universidade de Évora e Politécnicos de Beja e Portalegre ou **projectos vertebradores** no domínio das redes fundamentais de acessibilidades e transportes (com destaque para os IP e IC do PRN 2000, para o TGV e demais troços relevantes da infra-estrutura ferroviária), telecomunicações e energia, constitui um desígnio regional e mesmo nacional, sendo condição apriorística para a alavancagem do processo de desenvolvimento do Alentejo. Por certo, tais projectos desencadearão múltiplos e imbricados efeitos e constituem, só por si, excelentes oportunidades de negócio. Por outro lado, constituem-se como instrumentos fundamentais e decisivos para uma melhor, mais sustentada e indispensável, **estruturação do sistema urbano regional**.

Mas, a desejada mudança/ revitalização da base económica regional passa, a um tempo, por saber aproveitar e valorizar, quer os **recursos patrimoniais endógenos**, quer os **“saber-fazer” da tradicionalidade** alentejana e, a outro tempo, pelo esforço continuado do incremento/desenvolvimento da indústria, serviços e turismo, num quadro de inovação e modernização, atracção de investimento estruturante, preparação dos recursos humanos e governância pró-activa.

Indubitavelmente, é no domínio da **agricultura**, há séculos pilar basilar da base económica regional, que se abre o maior número de “janelas de oportunidade”. **O montado, a pecuária e o regadio constituem um “triângulo-chave”** no futuro desenvolvimento da agricultura alentejana e na sustentabilidade e animação das comunidades locais, com múltiplas imbricações e sinergias. A ele há que juntar a **vinha/vinho e o olival/azeitona/azeite**, sectores produtivos para os quais a Região tem particular apetência e onde tem conseguido crescentes padrões de qualidade e de competitividade. Mas, importa ter presente que o sucesso da aposta agrícola no Alentejo está em grande medida dependente da concretização integral do todo o **Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva**, o qual, como é conhecido, só dentro de aproximadamente duas décadas entrará em “velocidade de cruzeiro”. Importa também não esquecer a importância estratégica que poderá ter a concretização do projecto de criação de um aeroporto comercial em Beja no quadro da exportação de alguns produtos oriundos do sector agrário, sobretudo no que concerne a frescos.

A via da **industrialização** deve constituir uma das grandes prioridades para a Região. Desde logo, porque é fundamental para uma **maior e melhor retenção na Região do valor acrescentado** associável à exploração de vários recursos endógenos, mas também porque constitui uma forma de

diversificar a base económica, tornando-a assim menos dependente e vulnerável, **de atrair jovens e criar emprego**, de **sustentar e animar os centros urbanos**, de **fixar investimento** estruturante e indutor, de **robustecer o débil tecido empresarial**, de **innovar**, de alargar as oportunidades da competição inter-regional, e de **acelerar o processo de internacionalização** da Região.

O aproveitamento do enorme potencial existente no sector agrário, impõe o desenvolvimento de uma **agro-indústria forte**, a qual, para além dos já tradicionais, sustentados e mesmo visibilizados externamente sectores vitivinícola e oleícola, pode encontrar grandes ancoragens no seio da pecuária (incluindo a produção de queijos e outros produtos lácteos) e do regadio (incluindo os frutícolas). E, importa não esquecer que um dos produtos de excelência oriundos do sector agrário alentejano é a **cortiça**, cuja transformação pode abranger um leque bastante alargado de produtos (pese embora a rolha seja preponderante e o mais competitivo) e, assim sendo, há que saber aproveitar e capitalizar o processo em curso de algum **recentramento da indústria corticeira na Região**.

No campo das **pedras naturais**, sobretudo no que se refere aos mármoreis cuja produção nacional está praticamente confinada ao Alentejo, é também por mais evidente que a afirmação competitiva de uma fileira regional, em particular do “*cluster*” de Estremoz/Borba/Vila Viçosa/ Alandroal, está particularmente dependente da aceleração do esforço de industrialização local do sector e da sua imbricação com a inovação, a arquitectura, o *design*, a arte e a cultura.

Nos últimos anos, tem-se aberto também várias “janelas de oportunidade” de industrialização nos ramos da **indústria automóvel e da aeronáutica**, podendo também abrir-se no ramo das tecnologias de informação, ancoráveis em torno de alguns centros urbanos com maior tradição industrial, como **Vendas Novas, Portalegre, Ponte de Sôr, Évora, Beja e Sines**. Precisamente este último centro urbano mencionado, emerge como o grande referencial da indústria e da logística na Região, e mesmo no país, particularmente no domínio dos combustíveis e indústrias petroquímicas, e por isso, a ambição deve ser colocada ao nível da valorização e consolidação de **Sines como a grande plataforma portuária, industrial e logística da fachada atlântica da União Europeia**, com um “*hinterland*” directo que pode abarcar uma boa parte da Península Ibérica.

O **turismo**, numa época em que os lazeres tendem a ocupar um papel societal cada vez mais fulcral e em que a actividade turística é já, no mundo, a que emprega (directa e indirectamente) mais população e aquela que gera maior produto bruto (tendo ultrapassado *inclusive* o das indústrias do petróleo e do automóvel), deve constituir, obviamente, outra forte aposta da Região, tanto mais que existem recursos patrimoniais de grande valor e singularidade, alguns mesmo classificados ou classificáveis como **Património da Humanidade** (Évora no primeiro caso e Marvão e Monsaraz no segundo) e que existem potenciais de procura interessantes e fidelizáveis. De resto, é preciso não esquecer que alguns dos maiores e mais avultados projectos previstos para o Alentejo orientam-se para o sector do turismo, sobretudo para o **Litoral Alentejano**, onde se irão concretizar vários e grandes “*resorts*”, mas também para a envolvente de várias barragens, sobretudo do **Alqueva** (o maior lago artificial da Europa) e para a cidade de **Évora e a Serra de S. Mamede**.

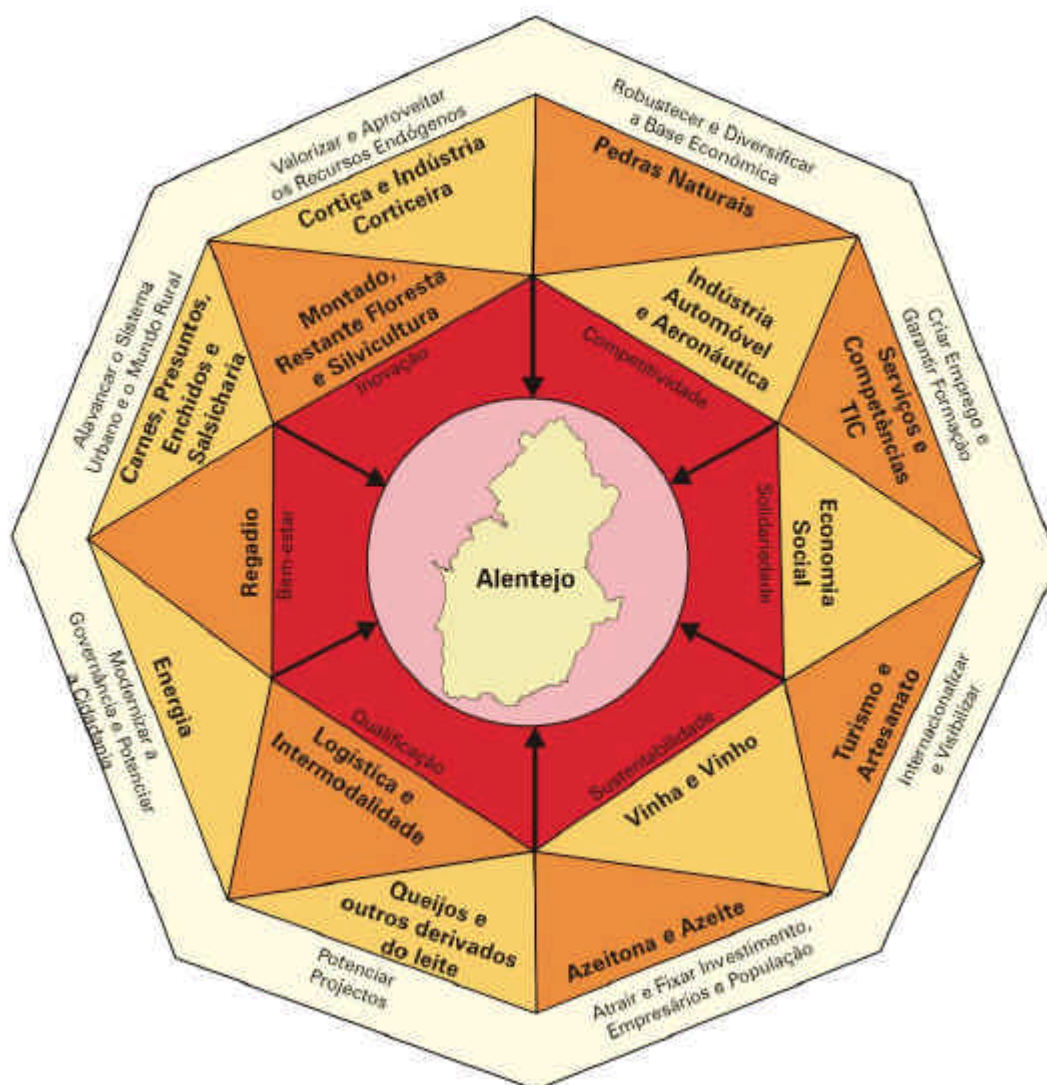
Por último, importa sublinhar, no campo dos serviços, as crescentes oportunidades que, um pouco por todo o lado, se abrem nos domínios da **Sociedade de Informação (serviços e competências TIC)** e da chamada **Economia Social**, às quais a Região também deve dar uma resposta atempada e competitiva.

UM OLHAR GLOBAL SOBRE AS OPORTUNIDADES DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

O GRANDE DESÍGNIO

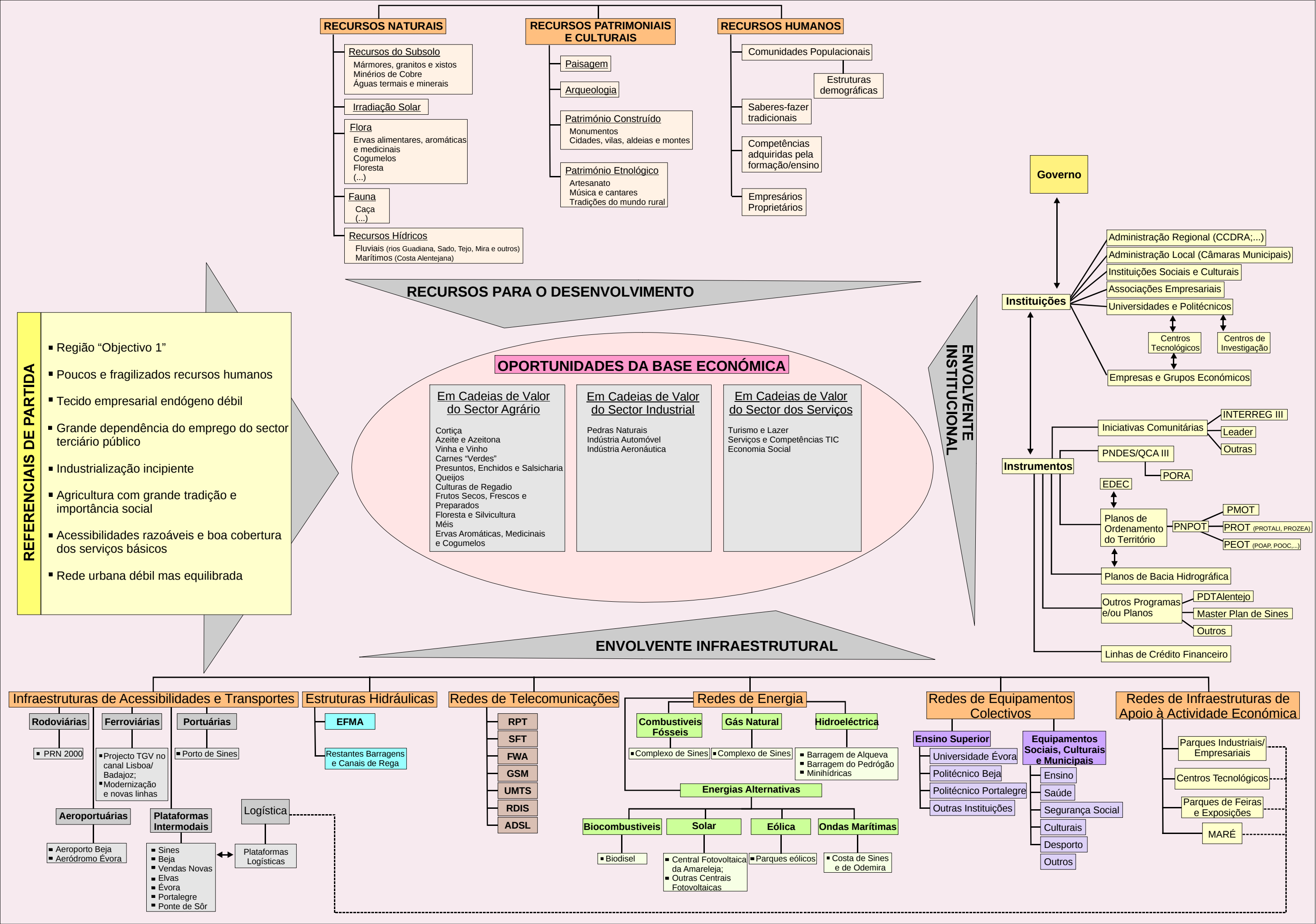
Valorizar e aproveitar recursos endógenos; robustecer e diversificar a base económica; criar emprego e garantir formação; internacionalizar e visibilizar a Região; atrair e fixar investimento, empresários e população; potenciar projectos existentes e a concretizar; modernizar a governância e promover a cidadania; e alavancar o sistema urbano e o mundo rural, num quadro de inovação, competitividade, solidariedade, sustentabilidade, qualificação e bem-estar.

O Poliedro das Oportunidades de Desenvolvimento Regional do Alentejo: Uma Visão Estratégica



Sinopse de Uma Visão Estratégica dos Grandes Projectos e Oportunidades de Desenvolvimento do Alentejo

Avaliação de Oportunidades de Desenvolvimento Regional do Alentejo



1. Dos referenciais de partida aos objectivos, desafios e oportunidades

Os Referenciais de Partida do Alentejo evidenciam um quadro de **algumas debilidades estruturais**, particularmente no domínio do tecido social e empresarial, mas também deixam transparecer que a Região tem vários **recursos endógenos** relevantes, **tradição agrária e saberes-fazer, um nível de infra-estruturação razoável** e um **sistema urbano equilibrado**, ainda que essencialmente baseado numa rede de pequenos centros. Do contexto global

Em termos de enquadramento macro-económico sabe-se que a economia portuguesa é pequena, aberta e periférica, que continua a enfrentar os efeitos concorrenciais acrescidos de um duplo choque exógeno, designadamente dos processos de mundialização e da integração económica e monetária comunitária. Em consequência, vários factores têm contribuído para a limitação da intervenção pública nacional. **O território do Alentejo não escapa aos constrangimentos que se impõem ao todo nacional.**

Apesar de sucessos de monta já alcançados, o Alentejo continua a enfrentar condicionantes globais, como são a ainda fraca competitividade e os choques exógenos referidos, a falta de empresas e empresários, a logística regional e empresarial, para além da importante restrição que tem sido a escassez de água, esta última com fortes possibilidades de ser parcialmente resolvida com o Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva.

Mas, o facto de estarmos perante uma **“região Objectivo 1”**, e que no fim do presente Quadro Comunitário de Apoio se manterá como tal, oferece, desde logo, garantias de continuação de um processo de desenvolvimento apoiado, criando-se assim condições apriorísticas de **remoção/conversão das ameaças e pontos fracos** diagnosticados na Região em verdadeiras oportunidades e, ainda, em **desenvolver novas oportunidades** a partir daquilo em que a Região é, efectivamente, forte ou tem força competitiva. Acresce que, no contexto da regiões portuguesas, as autarquias do Alentejo sempre foram mais voluntaristas, particularmente no que concerne à melhoria dos quadros de vida locais. Importa ainda ter presente que, na ausência de um poder regional efectivo, o novo modelo das CCDR (Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional) abre maiores possibilidades de protagonismo institucional e de gestão regional estratégica, concertada e integrada.

Tudo indica que continua a ser indispensável **priorizar e concertar vontades, esforços e recursos** em alguns objectivos estratégicos fundamentais para a Região, tendo em vista a inversão de tendências menos positivas enfrentadas pelo território e pelas suas actividades económicas, reforçando ao mesmo tempo o sucesso e a competitividade de sectores tradicionais, entretanto reestruturados e modernizados com êxito, ou emergentes.

De entre os objectivos estratégicos fundamentais para a Região, continuam válidos, entre outros, os que se referem a **produzir e distribuir uma percentagem do PIB nacional equivalente ao respectivo peso da população regional no total da população nacional**, obter um crescimento e desenvolvimento sustentado compatível com o objectivo anterior, desenvolver projectos capazes de criar novos empregos e eliminar o desemprego existente e evitar o esvaziamento demográfico. Dos grandes objectivos

Trata-se de objectivos estratégicos de desenvolvimento sustentado a alcançar, o que implica considerar a **preservação do ambiente e da paisagem** da Região, devendo, por isso, aquele desenvolvimento ser ancorado no carácter das suas produções agrícolas, apostando fortemente na diferenciação, na qualidade e na exclusividade de alguns dos seus produtos, os quais, com os canais de distribuição apropriados, poderão permitir a valorização e remuneração apropriadas dos factores de produção, com as consequentes melhorias de bem-estar da população.

Em articulação com os objectivos estratégicos assinalados, encontram-se alguns eixos de intervenção estratégica, como são os que se referem a **manter/segurar as principais actividades da base económica tradicional** (reconvertida e modernizada), **apoiar a base económica emergente**, atrair **investimento significativo externo** à Região, desenvolver e implementar projectos estruturantes de base regional, desenvolver novas políticas e adequar políticas actuais, organizar os produtores e a produção a partir de estruturas empresariais de comercialização e distribuição (a partir do mercado) e controlar a logística.

Como parte integrante deste enquadramento estratégico importa salientar as interações e coesões territoriais que se impõem. Por um lado, a **interacção entre o Litoral e o Interior** Alentejano e as **parcerias estratégicas necessárias entre o Alentejo e outras regiões limítrofes** (Área Metropolitana de Lisboa, Algarve, Andaluzia e Extremadura espanholas). Por outro, e em termos de coesão, a indispensabilidade de levar por diante **os investimentos previstos nas novas acessibilidades rodoviárias e ferroviárias e em outras infra-estruturas logísticas**, em projectos estruturantes, já concebidos, públicos e privados.

A fim de assegurar um desenvolvimento sustentado e respeitador do ambiente e responder às cada vez maiores exigências em termos de qualidade e de saúde, impõe-se a necessidade de **preservar os sistemas agrícolas, pecuários e silvícolas tradicionais – com a introdução, no entanto, das inovações e tecnologias modernas compatíveis**. É neste quadro que faz todo o sentido a manutenção dos **sistemas extensivos**, a exploração de **raças autóctones, dos montados de sobre e azinho, da agricultura biológica, das ervas e produtos aromáticos/medicinais e das novas culturas regadas**, entre outros projectos inovadores. Apesar da dimensão das explorações agrícolas, a pluri-actividade futura do agricultor alentejano apresenta-se como um desígnio provável. A especificidade e importância da agricultura portuguesa em geral, e a do Alentejo em particular, requerem alterações de políticas, nacionais e comunitárias, mesmo algumas **medidas de fiscalidade de excepção**.

Das apostas fundamentais

A alteração do padrão de especialização económica do Alentejo passa por desenvolver e concretizar projectos estruturantes. De entre estes, encontram-se, necessariamente, os projectos e actividades relacionados com a **barragem de Alqueva**, com especial realce para as múltiplas culturas regadas previstas e o turismo. A barragem de Alqueva, em articulação com o sistema de barragens previsto para o território, para além da importância económica imediata que podem trazer, constituirão, por outro lado, importantes reservas estratégicas de água para o futuro da Região e do próprio país.

Ainda como **grandes projectos estruturantes e motrizes da nova base económica** importa realçar o projecto de utilização para fins civis da **Base de Beja**, os projectos associados a **Sines (Terminais, Plataformas Logísticas e Industriais)**, a par de outros projectos importantes previstos no domínio do turismo, especialmente no **Litoral Alentejano**, bem como todos os relacionados com as redes de acessibilidades, transportes, telecomunicações e energia.

O território do Alentejo já beneficiou de dois QCA, encontrando-se em curso de implementação os programas, sub-programas e acções decorrentes do QCA III. Estes instrumentos e auxílios financeiros comunitários têm sido e deverão continuar a ser fundamentais para o desenvolvimento da Região. Recentemente, outras políticas de discriminação territorial positiva (PRASD) deverão constituir-se como oportunidades complementares ao desenvolvimento do Alentejo. As dinâmicas recentes nos vários sectores evidenciam **os esforços realizados pelos diferentes protagonistas e agentes** para vencer as dificuldades e recuperar o atraso da região alentejana.

Dos esforços continuados

Na **agricultura** verificou-se que, nos últimos anos, se acentuou o processo de reestruturação agrícola, tornando-se mais claro o processo de concentração da propriedade. Por outro lado, a concretização do **EFMA** tornou-se uma realidade irreversível. No domínio da **indústria transformadora**, surgiram algumas iniciativas de investimentos potenciadoras do aprofundamento de fileiras e favorecedoras da emergência de nichos locais de especialização produtiva. No sector do **turismo**, o Alentejo tem vindo a experimentar um desenvolvimento particularmente interessante, sustentado numa qualificação e alargamento significativo da oferta de alojamento, restauração e animação, e numa expansão e fidelização crescente de procuras nacionais, espanholas e de outros países comunitários. Na área da **qualificação ambiental**, importa sobretudo relevar a continuação do esforço das autarquias no sentido de colmatar as carências existentes no domínio do saneamento básico. A **infra-estruturação** do território, no campo das acessibilidades e transportes, registou algumas melhorias, mas é de sublinhar que o esforço de investimento público não corresponde ainda aos anseios e necessidades do processo de desenvolvimento económico e social. No **ensino superior** tem-se observado uma clara afirmação e consolidação das suas principais instituições regionais (Universidade de Évora e Institutos Politécnicos de Portalegre e de Beja).

Os **centro urbanos do Alentejo assumiram-se como elementos fundamentais** para a vertebração e coesão territorial, como os grandes pilares da sustentabilidade demográfica e como as forças motrizes do processo de desenvolvimento económico e social.

Os **grandes desafios** estratégicos para o Alentejo, que se podem constituir como outros tantos objectivos estratégicos a prosseguir pela Região, podem ser enunciados como sendo: criar emprego e fixar/atrair população; atrair e fixar investimento exógeno e estruturante; dinamizar a base económica tradicional (inovando e modernizando-a); apoiar a base emergente; incrementar as interações e parcerias entre regiões ganhadoras e regiões periféricas (Alentejo e suas regiões limítrofes, em particular); dinamizar e mudar a agricultura alentejana (preservando os sistemas extensivos tradicionais em simultâneo com a introdução de novas culturas regadas); potenciar o aproveitamento de recursos naturais e infraestruturais existentes (Sines e Base Aérea de Beja, em particular) e robustecer o sistema urbano, vertebrando o território.

Dos grandes desafios e das grandes necessidades infraestruturais

Neste enquadramento estratégico, importa relevar as **grandes necessidades infraestruturais** que o Alentejo anseia por concretização definitiva. São de salientar: a conclusão do **PRN 2000**; o desenvolvimento da **infra-estrutura ferroviária, incluindo a concretização do TGV**; o desenvolvimento da **Base Aérea de Beja** numa óptica comercial e civil; o desenvolvimento da **rede de plataformas logísticas e intermodais, com destaque para Sines**; a recuperação e desenvolvimento das **estruturas hidráulicas** de adução de água para o regadio e para os consumos domésticos e empresariais; o desenvolvimento das **redes de telecomunicações**; o desenvolvimento e diversificação das **redes de energia**; o desenvolvimento do **ensino superior universitário e politécnico** numa óptica de melhor articulação com as necessidades do processo de desenvolvimento regional; o robustecimento da **rede de infra-estruturas de acolhimento industrial e logístico** e seu desenvolvimento no sentido de **parques tecnológicos, empresariais e de negócios**, em sintonia quer com a hierarquia urbana, quer com as vantagens comparativas de cada local de sediação; o **robustecimento da rede urbana regional** de acordo com a hierarquização consensualizada, promovendo articulações, numa óptica de aprofundamento de complementaridades e sinergias, e visando a coesão e a referida vertebração; o desenvolvimento de **sistemas de inovação regional**, tendo em vista a necessária mudança da base económica e o reforço da competitividade regional; e, finalmente, a adopção pelo governo de **uma política de discriminação positiva para o Alentejo**.

2. Das dinâmicas recentes ao posicionamento e às vantagens e desvantagens para a competitividade regional

O processo de progressiva fragilização da base demográfica prosseguiu, pese embora tenha desacelerado, em virtude de alguma captação externa de fluxos migratórios. Mas, em contrapartida, na base económica são de evidenciar vários **esforços** realizados por diferentes protagonistas e agentes para vencer as dificuldades e recuperar o atraso da região alentejana.

Das dinâmicas recentes

Na **agricultura** verificou-se que, nos últimos anos, se acentuou o processo de reestruturação agrícola, marcado, sobretudo, por um aprofundamento da diversidade cultural, pela consolidação da actividade pecuária, por alguma concentração de propriedade e pela reemergência do sistema produtivo do Sudoeste Alentejano. Acresce que o EFMA tornou-se uma realidade irreversível e potenciadora de todo o sector.

No domínio da **indústria transformadora**, surgiram algumas iniciativas de investimento potenciadoras do aprofundamento de fileiras e favorecedoras da emergência de nichos locais de especialização produtiva, caso da indústria corticeira (em processo de algum recentramento no Alentejo) e das indústrias de componentes para o automóvel e da aeronáutica, bem como das agro-indústrias associadas a ramos produtivos com tradição e consolidação na Região, como o vinho, o azeite e a carne, presuntos e enchidos/salsicharia.

No sector dos **serviços**, para além da continuada expansão do funcionalismo público e do **ensino superior** (aqui tem-se observado uma clara afirmação e consolidação das suas principais instituições regionais: Universidade de Évora e Institutos Politécnicos de Portalegre e de Beja), importa relevar o **turismo**, que tem vindo a experimentar um desenvolvimento particularmente interessante, sustentado numa qualificação e alargamento significativo da oferta de alojamento (com destaque para a oferta de pousadas, que é já a mais relevante do país), restauração e animação, e numa expansão e fidelização crescente de procuras nacionais, espanholas e de outros países comunitários.

A infra-estruturação do território no campo das **acessibilidades e transportes** registou algumas

melhorias, mas é de sublinhar que o esforço de investimento público não corresponde ainda aos anseios e necessidades do processo de desenvolvimento económico e social. Na área da qualidade ambiental, importa, sobretudo, relevar a continuação do esforço das autarquias no sentido de colmatar as carências existentes no domínio do **saneamento básico**. No domínio das redes de **telecomunicações** também se incrementaram substancialmente os níveis de cobertura e modernização.

Os **centro urbanos** do Alentejo assumiram-se como elementos fundamentais no processo de vertebração e coesão territorial, sendo hoje grandes pilares da sustentabilidade demográfica e forças motrizes do desenvolvimento económico e social.

Por último, assinala-se, em termos de iniciativas comunitárias, o surgimento de **novos instrumentos** de planeamento de desenvolvimento regional, com maior dotação financeira, e de um conjunto de iniciativas institucionais com base no voluntariado dos municípios. De realçar, ainda, a criação de **um novo figurino para a CCDR**, que lhe vem conferir maior protagonismo na Região.

No que se refere ao posicionamento regional **no contexto das regiões europeias**, verifica-se que o Alentejo é uma região com fragilidades estruturais de desenvolvimento, sendo por isso considerada pela UE **dentro das regiões de “Objectivo 1”, mas denotando uma trajectória de evolução positiva**. Em termos de base económica, apresenta-se como uma das regiões comunitárias com maior dependência da actividade agrícola, pese embora também se situe entre as regiões comunitárias com razoável representatividade do emprego no sector terciário. Relativamente ao desemprego, posiciona-se ainda de forma confortável. Em termos de recursos humanos, aparece como uma das regiões com menores recursos populacionais e estruturas demográficas mais envelhecidas, bem como com baixos níveis de instrução. Nos recursos patrimoniais, surge como uma das regiões com maior singularidade identitária e paisagística, com valores reconhecidos internacionalmente e com vários recursos potenciadores da base económica. Quanto aos recursos infraestruturais, apresenta-se como uma das regiões com melhores infra-estruturas portuárias e com possibilidades de desenvolvimento no sentido de maiores plataformas logísticas e industriais da costa atlântica europeia.

Do posicionamento regional

No contexto europeu

No que se refere ao posicionamento regional **no contexto das regiões portuguesas**, verifica-se que o Alentejo é uma das regiões portuguesas com maiores problemas de desenvolvimento, porém numa trajectória de recuperação do atraso. A sua base económica evidencia que se trata de uma região de **tradição agrícola, mas com uma economia crescentemente terciarizada, embora com grande dependência do sector público administrativo e local**. É uma das regiões portuguesas com maior **escassez de recursos humanos**, sobretudo com dificuldades de regeneração da pirâmide demográfica, mas que tende a abrir-se à emigração exterior como forma de compensar o défice de recursos humanos mobilizáveis para o emprego. Em termos de recursos patrimoniais, apresenta-se como uma das regiões portuguesas com maior **singularidade física e cultural** e a que detém maior riqueza de recursos do subsolo e o maior número de produtos agro-pecuários com nomes protegidos, liderando ainda a produção nacional de cortiça e de cereais. No que se refere aos recursos infraestruturais, possui **a maior e melhor infra-estrutura portuária do país (Sines)** potenciadora do desenvolvimento da logística e da indústria, bem como **a maior albufeira (Alqueva)** potenciadora do desenvolvimento do regadio e do turismo, para além de apresentar das melhores acessibilidades rodoviárias e coberturas de equipamentos sociais e culturais básicos, bem como uma boa rede de estabelecimentos de ensino superior e de parques industriais e **uma boa infra-estrutura aeronáutica**.

No contexto nacional

As **vantagens e desvantagens competitivas** do Alentejo verificam-se em relação à localização do território, à sua inserção geo-económica, características do território, recursos humanos, recursos naturais/ambientais e recursos infraestruturais.

Das vantagens e desvantagens

No que respeita à **localização**, as vantagens residem na **proximidade e charneira** entre a Área Metropolitana de Lisboa e o Algarve, por um lado, e a Área Metropolitana de Lisboa e a Extremadura e Andaluzia Espanholas, por outro, constituindo ainda uma grande porta atlântica. A principal desvantagem de localização prende-se com o facto de o Alentejo se apresentar com um território periférico no contexto da UE.

Localização

A **inserção geo-económica** evidencia como vantagem o facto de se integrar no leque das regiões “Objectivo 1” com possibilidade de **acesso aos fundos estruturais**. Mas, a inserção numa economia progressivamente aberta mas estruturalmente periférica, e **num quadro geo-económico**

Inserção geo-económica

contextualmente recessivo e estruturalmente constrangido, apresentam-se como desvantagens.

As **características do território** apontam como vantagens: a sua **extensão** (cerca de um terço do território nacional), **elevados valores histórico-patrimoniais**, paisagem cénica bastante preservada, **variedade de recursos endógenos mobilizáveis**, **bondade topográfica**, **reduzidos níveis de poluição**, **extenso cordão litoral e marítimo**, **povoamento concentrado e rede de cidades médias com capacidade de polarização**. As desvantagens territoriais prendem-se com **elevadas temperaturas** diurnas entre Maio e Setembro, **reduzida e má distribuição temporal da pluviosidade**, grandes **limitações da capacidade de uso dos solos**, crescente degradação ambiental associada à intensificação dos processos de erosão dos solos e processos intensos de **despovoamento** de longos segmentos territoriais, sobretudo no meio rural, **debilidade do tecido empresarial**.

Características do território

No que toca aos **recursos humanos**, as principais vantagens encontram-se na captação **de fluxos crescentes de emigrantes de países de Leste**, **forte identificação cultural de residentes e naturais** da região, esperança de vida elevada e crescente interesse dos jovens alentejanos pela obtenção de uma formação de nível superior. As desvantagens no campo dos recursos humanos prendem-se com as limitações quantitativas resultantes de **perdas demográficas**, a **estrutura demográfica envelhecida**, saldos naturais deficitários e deficientes níveis de qualificação da mão-de-obra.

Recursos humanos

Relativamente aos **recursos naturais**, as principais vantagens passam **pela grande disponibilidade de pedras naturais**, importantes **stocks mineiros**, interessantes **recursos de águas termais e minerais**, variedade de recursos susceptíveis de robustecer o sector turístico, significativos **recursos cinegéticos**, existência de montados de grande valor patrimonial, paisagístico e económico, existência de valiosas **manchas de montado, pinheiro manso e castanheiros**, existência de importantes manchas de **vinha e olival**, paisagem de grande singularidade e valor cénico e grande disponibilidade de **horas de sol** e radiação solar elevada, permitindo o desenvolvimento de energias alternativas. As principais desvantagens relacionam-se com a **deficiente retenção na região do valor acrescentado associado ao mármore**, concorrência de outros países detentores de vastas reservas de pedras naturais, impactes ambientais e paisagísticos negativos da exploração mineira, **grande dependência do sector mineiro das flutuações do mercado internacional**, **deficiente prospecção mineira**, **deficiente exploração do produto caça**, **excessiva concentração empresarial do know-how de extracção da cortiça**, **deficientes aproveitamentos de todo o potencial das cadeias de valor da cortiça e do olival-azeitona-azeite**, excessivo peso da comercialização de azeite a granel, **pouco dinamismo das políticas e iniciativas de ordenamento e repovoamento dos montados**, **pouco controlo dos canais de distribuição**, pouco poder de negociação junto das grandes superfícies e outros operadores, poucas e débeis estruturas de comercialização e venda regionais com capacidade para organizar os produtores, **excessiva concentração da exploração comercial da floresta de castanheiros** em explorações de reduzida dimensão, **excessiva aceleração da produção de vinho alentejano e proliferação de marcas**, reduzida circulação dos direitos de produção vitivinícola, **escassez de mão-de-obra** para trabalhar as vinhas, olival, cortiça e o campo em geral, **debilidade do tecido empresarial e crescendo de competitividade dos destinos turísticos**.

Recursos naturais

No que respeita aos **recursos infraestruturais**, as principais vantagens passam pela existência de um **excelente porto de águas profundas**, **grande número de barragens e de perímetros de rega**, existência de **uma boa infra-estrutura aeroportuária**, **boas taxas de cobertura das redes de saneamento básico**, existência da **melhor rede de pousadas da ENATUR** do país e razoável cobertura em termos de hospitais e escolas de ensino superior. As desvantagens passam **pelo deficiente funcionamento das estruturas hidráulicas** de adução de água, dilatação temporal por mais de duas décadas da conclusão da infra-estrutura hidráulica associada ao EFMA, problemas técnicos relacionados com o pavimento da pista da infra-estrutura aeroportuária, estrangulamentos relacionados com as **carências em infra-estruturas rodoviárias de articulação intra-territorial** e **indecisões face ao papel a desempenhar no futuro pelo aeroporto de Beja**.

Recursos infraestruturais

3. As oportunidades associadas a cadeias de valor estratégicas da base económica regional

Nas oportunidades pertinentes à base económica, importa realçar as cadeias de valor referentes ao sectores agrícola e agro-industrial, ao sector industrial e ao sector dos serviços.

No **sector agrícola e agro-industrial** há que enfatizar as oportunidades que se relacionam com ramos já consolidados, como os da cortiça, da azeitona e azeite, da vinha e vinho, da pecuária e dos queijos. Constituem, igualmente, cadeias de valor estratégicas as sustentadas no desenvolvimento do regadio, potenciável com o concurso dos sistemas de barragens e respectivos perímetros rega, existentes e previstos reparar e concluir, com especial realce para o projecto Alqueva.

Das cadeias de valor do sector agrícola e agro-industrial

O incremento e a consolidação da produção de produtos com **nomes protegidos** emerge como um conjunto significativo de oportunidades a explorar (azeite, vinho, carnes, presuntos e enchidos, queijos, frutos secos e frescos, méis, plantas alimentares, aromáticas e medicinais, cogumelos, entre outros).

Cortiça

Na fileira da **cortiça** importa conceber e implementar uma estratégia orientada para que o Alentejo, **que é a região líder na produção nacional de cortiça, venha progressivamente, também, a constituir-se na principal região na área da transformação da mesma**, por forma a reter um maior valor acrescentado desta fileira. Neste processo, revela-se como fundamental a atracção de empresas do ramo – novas ou por deslocalização, como tem vindo a acontecer (Ponte de Sôr, Vendas Novas, Azaruja, Alter do Chão, Gavião e Cortiçadas) -, a renovação dos montado de sobro, a introdução de inovação e novas tecnologias quer no tratamento do sobreiro, quer na extracção da cortiça, quer ainda na transformação, em sintonia com novas aplicações para a cortiça. Nesta fileira, é possível e desejável que várias oportunidades se convertam em outros tantos projectos de desenvolvimento, como se assinala no presente estudo (investigação, reflorestações e recuperação do montado, novos povoamentos, novas aplicações da cortiça, novos produtos resultantes da transformação da cortiça, integração da cadeia de valor, novas fábricas na região, entre outros).

Na fileira do **azeite e da azeitona**, o Alentejo, não sendo a principal região do país produtora de azeitona e azeite, tem contudo **um grande potencial no sector que deve ser valorizado**, tanto mais que se verifica uma crescente retoma do mercado e uma crescente apetência e exigência dos produtos de boa qualidade e biológicos, relacionando-se cada vez mais o azeite com a saúde. Apesar dos azeites alentejanos já serem relativamente conhecidos, terem nomes protegidos e se encontrarem associados a zonas/concelhos particulares (Moura/Barrancos, Norte Alentejano e Alentejo Interior), **importa desenvolver toda uma fileira oleícola, combatendo-se a excessiva venda de azeite a granel para embalamento fora da região**, incentivando-se o associativismo e a empresariação, criando-se marcas fortes e com embalagens atractivas, procedendo-se à modernização tecnológica dos lagares, melhorando-se as condições higio-sanitárias, minimizando-se a poluição ambiental e aumentando-se as produtividades e rendibilidades. A **recuperação dos olivais existentes e a plantação de novos olivais**, aproveitando-se a área ainda permitida pela UE, apresenta-se como indispensável. O Alentejo necessita também de diversificar os produtos associados à azeitona – de Elvas/Campo Maior e Nisa - e ao azeite, estimulando outros gostos gastronómicos (aromatização de azeites, criação de patês de azeitona, por exemplo). Nesta fileira, é possível e desejável que várias oportunidades se convertam em outros tantos projectos de desenvolvimento como se assinala no presente estudo (investigação, planeamento, ordenamento, expansão e recuperação do olival, extensão rural, modernização de lagares, novas e tradicionais aplicações para a azeitona e o azeite, entre muitos outros).

Azeite e azeitona

Na fileira da **vinha e do vinho**, o Alentejo tem tido **sucesso significativo que importa consolidar e desenvolver**. Apesar da proliferação das marcas, os vinhos alentejanos têm sido bastante procurados, encontrando-se vários destes vinhos e marcas identificados com as próprias zonas/concelhos onde são produzidos (Borba, Redondo, Vidigueira, Reguengos de Monsaraz, Évora, Portalegre, Moura, Granja e Montemor-o-Novo), projectando a própria região no seu conjunto, tendo nomes protegidos. **A superação das quotas de produção, a continuação da valorização da qualidade dos vinhos, o aproveitamento do regadio para a produção de uva de mesa e a afirmação e dinamização do enoturismo** são trajectórias que importa prosseguir e implementar. Nesta fileira, é possível e desejável que várias oportunidades se convertam em outros tantos projectos de desenvolvimento, como se assinala no presente estudo (investigação, inovação, controlo de pragas, modernização de adegas, novos *blends*, internacionalização, entre outros).

Vinha e vinho

Na fileira da carne e derivados, **particular realce tem que ser prestado aos sistemas extensivos subjacentes à sua produção** e pastoreio dos animais, destacando-se, de entre estes, **as raças autóctones** (Alentejana e Mertolenga, em particular, no caso bovino, porco alentejano e porco preto, no caso suíno e merina e campaiça, no caso ovino). Neste domínio, o Alentejo **deve prosseguir a estratégia de progressiva obtenção e consolidação de nomes protegidos**, não obstante já ser a região portuguesa que apresenta maior número de carnes (quase todo o Alentejo), enchidos (Portalegre e Estremoz/Borba) e presuntos (Barrancos) com nomes protegidos. A possibilidade de **uma marca “Alentejo”** será de equacionar. Uma nova política de matadouros que passe pela liberação de casas de abate devidamente certificadas e controladas, como existe na vizinha Espanha, apresenta-se como uma necessidade. Algum **controlo e domínio dos canais de distribuição e venda** revela-se como necessário para proporcionar poder negocial à produção atomizada, assegurar melhor valorização da produção, melhor remuneração dos factores produtivos e, em última instância, assegurar a qualidade. Nesta fileira, é possível e desejável que várias oportunidades se convertam em outros tantos projectos de desenvolvimento, como se assinala no presente estudo (reserva específica nacional-reconversão de terras aos cereais para a produção de bovinos, investigação, integração da fileira/cadeia de valor, desenvolvimento rural, novos produtos com nomes protegidos, sistemas de informação, canais de distribuição e venda, entre outros).

Carne e derivados

Os **queijos**, designadamente com **nomes protegidos** (Évora, Nisa/Tolosa, Serpa), finalizam as grandes oportunidades que se oferecem ao sector agrário, no que se pode intitular actividades tradicionais consolidadas e dinamizáveis. Nesta fileira (queijos), é também possível e desejável que várias oportunidades se convertam em outros tantos projectos de desenvolvimento, como se assinala no presente estudo (investigação, formação saberes-fazer tradicionais, novos produtos, novas marcas, entre outros).

Queijos

No que se poderão intitular **actividades consolidáveis e/ou emergentes**, cabem as culturas regadas, os frutos frescos e secos, a floresta e silvicultura e os produtos desta obtidos, as actividades-nicho de mercado, como são os méis, as ervas aromáticas e medicinais, os cogumelos, entre outros.

Nas **culturas regadas**, importa assinalar que o Alentejo tem cerca de 164 mil ha de áreas equipadas e em funcionamento de regadio. A estes, juntar-se-ão nos próximos 20-25 anos mais cerca de 110 mil ha decorrentes da **concretização do EFMA** (1/5 dos quais poderá já entrar em funcionamento até 2007). A **mudança do padrão de especialização da agricultura com o auxílio do regadio**, existente e previsto, requer não só que se concretizem as estruturas hidráulicas associadas ao Alqueva, como também a recuperação de estruturas antigas que experimentam grandes perdas (perímetros de rega do Alqueva, do Roxo, de Campilhas, de Odivelas, do Sado, do Mira, do Caia, do Divoir, da Vigia, entre outros). A mudança do padrão da agricultura passa não só pelo reforço da importância do regadio, mas também, dadas as quotas existentes para algumas produções, porque nos campos da **horticultura, da fruticultura, da floricultura e da vitivinicultura** se podem abrir oportunidades de negócio particularmente interessantes, além de que o aumento em cerca de 40% da quota para Portugal de produção de bovinos de carne - onde de resto o Alentejo é já a região portuguesa líder -, vai obrigar ao desenvolvimento de culturas forrageiras. **A maximização do Valor Bruto da Produção e do VAB associável ao regadio alentejano** requer, a um tempo, a criação de centrais regionais de compra de hortícolas, florícolas e frutícolas e, a outro tempo, o desenvolvimento de unidades agro-industriais e das unidades de experimentação respectivas. **Requer ainda a utilização do Aeroporto de Beja como plataforma logística de escoamento internacional de produtos frescos**. De entre as culturas regadas podem encontrar-se os hortícolas, florícolas, frutícolas, a vinha para uva de mesa, o olival, as forrageiras e os cereais para a pecuária, os cereais e o girassol para os óleos alimentares, a beterraba para o açúcar, o sorgo e a colza para o biodiesel, a chicória para a inulina, além doutras culturas. Daqui decorre **um enorme potencial para a agro-indústria**. Nas culturas regadas é possível e desejável que várias oportunidades se convertam em outros tantos projectos de desenvolvimento, como se assinala no presente estudo.

Regadio

Na **floresta e silvicultura** pode afirmar-se que são múltiplas as razões para o Alentejo apostar no desenvolvimento da sua floresta, **sobretudo dos montados de sobro e azinho, dos pinhais mansos, dos eucaliptais e dos soutos**. Desde logo, por **razões de qualidade e sustentabilidade ambiental**, mas também por razões de manutenção da paisagem e, obviamente, por razões de carácter económico e de sustentabilidade de comunidades locais. As razões de ordem ambiental prendem-se sobretudo com a questão da poluição atmosférica associada às emissões de dióxido de carbono que importa combater. As **razões de ordem paisagística** prendem-se com o facto da região dispor de paisagens de grande valor cénico e identitário que importa preservar, com um potencial turístico elevado. O ordenamento

Floresta e silvicultura

florestal impõe-se como uma necessidade. As **razões de carácter económico e de sustentabilidade das comunidades locais** prendem-se com o facto de que os vários tipos de floresta alentejana proporcionam usos económicos múltiplos (madeira, silvo-pastorícia, lenha, caça, ervas aromáticas e medicinais, pinhão, cogumelos, lande, bolota, resina, entre outros). **A disponibilidade de terras para expansão florestal**, associada ao excesso de procura de produtos florestais, oferece à região uma oportunidade assinalável. Na floresta e silvicultura é possível e desejável que várias oportunidades se convertam em outros tantos projectos de desenvolvimento, como se assinala no presente estudo (novas plantações e repovoamentos, investigação, novas e tradicionais aplicações para os produtos florestais, ordenamento florestal, sistemas de informação, de meteorologia e controlo de pragas, de cartografia, entre outros).

No que se refere aos **frutos frescos, secos e preparados**, pode afirmar-se que a sua produção tem possibilidade de se constituir como **um vector estratégico para a Região. Os perímetros regados, actuais e novos, serão um elemento-chave** nesta linha de desenvolvimento. As oportunidades encontram-se na produção regada, investigação, formação, integração da cadeia de valor, novas marcas, promoção e divulgação, entre outras.

Frutos frescos, secos e preparados

No concerne às **ervas alimentares, aromáticas e medicinais e cogumelos** (e outros fungos) e outros produtos nicho de mercado é conhecido que o Alentejo conseguiu, com produtos de relativamente baixo custo, caldeamentos gastronómicos de inegável singularidade cultural e requinte de paladar. Tal potencial constitui obviamente **uma grande oportunidade de negócio a que o Alentejo não pode ficar indiferente**. Importa olhar para o potencial neste domínio **numa perspectiva empresarial** e estratégica. A feira anual de Serpa sobre ervas/plantas aromáticas é um passo importante. Porém, importa que se desenvolvam explorações com culturas ordenadas, por centrais de compras e de distribuição, por bons *designs* de embalagem e por atitudes de *marketing* e de internacionalização ousados.

Ervas alimentares, aromáticas e medicinais e cogumelos

Em qualquer das oportunidades do sector agrícola e agro-industrial, importa que as respectivas produções sejam fomentadas e se encontrem organizadas em função das características dos respectivos mercados, que urge conhecer. Para isso, importa ter algum controlo e domínio sobre as estruturas de comercialização e venda (canais de distribuição e logísticos) e, concomitantemente, poder negocial a jusante. Estratégias apropriadas têm que ser desenhadas para o efeito, podendo e devendo, sempre que necessário, o capital de risco, inclusive público, ser um instrumento para se alcançar o objectivo proposto assinalado, a par com a regulação de poder monopolístico excessivo, sempre que exista.

No **sector industrial** as oportunidades estendem-se pelas pedras naturais, indústria automóvel, indústria aeronáutica, entre outras.

Cadeias de valor do sector industrial e do artesanato

No sector das **pedras naturais** (rochas ornamentais e industriais), **o Alentejo pode e deve tirar maiores vantagens económicas dos enormes potenciais de reservas de pedras que possui**, particularmente de mármore (Estremoz, Borba, Vila Viçosa e Alandroal), mas também de granitos (Monforte, Arronches, Portalegre, Nisa...) e xistos (Barrancos, Mourão...). Para isso, necessita de **aumentar o peso da transformação local da pedra** relativamente ao da extracção, bem como de uma grande **recomposição de tecido industrial** ligado às pedras naturais, a par de um esforço de **desenvolvimento tecnológico**, e nos campos do **design e marketing**, diversificando os mercados externos. Outras oportunidades decorrem da necessidade de desenvolvimento de **novos produtos e da formação**. As exigências legais de recuperação ambiental poderão funcionar simultaneamente como uma ameaça mas também como um desafio e uma oportunidade para fusões e aquisições no sector.

Pedras naturais

Na **indústria automóvel** importa distinguir entre as empresas de montagem de veículos e a empresas de produção de componentes. Tratando-se de uma das mais fortes actividades económicas no mundo, **importa que o Alentejo continue a participar estrategicamente nas fileiras desta indústria**, quer segurando as empresas que já tem, quer procurando atrair outras. Na montagem e nos componentes, Vendas Novas oferece experiência e boas condições de acolhimento. Na produção de componentes, os centros urbanos de Sines, Portalegre, Évora, Beja e Ponte de Sôr oferecem vantagens competitivas.

Indústria automóvel

A **indústria aeronáutica** apresenta-se como uma oportunidade no Alentejo, dadas as condições e vantagens que já possui em **Ponte de Sôr**, ligadas à **produção de aviões ligeiros de treino e experimentais**, mas também por todo o **potencial que a Base de Beja e o Aeródromo de Évora** pode proporcionar à indústria aeronáutica. As escolas de pilotagem constituem outra oportunidade em sinergia

Indústria aeronáutica

com as anteriores.

No domínio do **artesanato**, o Alentejo é uma das regiões portuguesas com maior **tradicionalidade** e, por isso, apresenta uma **gama bastante variada de produtos**, alguns dos quais com bastante sustentabilidade e **projecto internacional**, como é o caso das tapeçarias artísticas de Portalegre e de Arraiolos (a primeira, indubitavelmente, ombreando com as melhores do mundo), mas também da olaria, das rendas e bordados, da tecelagem e do mobiliário rústico. Importa criar condições para o seu incremento e inovação, numa **articulação com os processos de desenvolvimento local, de desenvolvimento turístico, e da cultura, arte e design**.

Artesanato

No **sector dos serviços**, as oportunidades encontram-se, essencialmente, no turismo e lazer, nos serviços e competências TIC e na economia social.

Cadeias de valor dos serviços

O sector **turístico** apresenta-se como **sendo o que porventura oferece maior número de oportunidades de desenvolvimento**, seja no Alentejo Litoral, seja no Alentejo Interior. É importante **que se concretizem os vários projectos estruturantes previstos para o Litoral, a par de outros projectos de menor dimensão disseminados por todo o Alentejo**, presentemente em carteira, públicos, privados e público-privados. Os projectos turísticos previstos pelo EFMA não deixarão de alterar o padrão de especialização turística, particularmente no Interior Alentejano.

Turismo

No que respeita ao sector dos **serviços e competências TIC**, as oportunidades também são vastas. De especial importância, apresenta-se a oportunidade **de atrair e fixar uma indústria de conteúdos multimédia**.

Serviços e competências TIC

Na **economia social**, as oportunidades derivam da crescente privatização e desenvolvimento de serviços de carácter social nas **áreas da saúde, do apoio à terceira idade e do apoio à infância**.

Economia social

4. Oportunidades relacionadas com o desenvolvimento da envolvente infraestrutural

As oportunidades relacionadas com a envolvente infraestrutural encontram-se, essencialmente, nas infra-estruturas de acessibilidades e transportes, hidráulicas, redes de telecomunicações, redes de energia, redes de equipamentos colectivos e nas redes de infra-estruturas de apoio às actividades económicas.

No que se refere às infra-estruturas de **acessibilidades e transportes**, importa distinguir entre as rodoviárias, ferroviárias, portuárias e aeroportuárias e as plataformas logísticas e intermodais. Na rodovia impõe-se que se concretizem os projectos das grandes vias de atravessamento do Alentejo, bem como os traçados ou itinerários inter-concelhios, ambos previstos no **PRN 2000**. Na ferrovia, importa que se concretizem os projectos do **TGV** no canal Lisboa-Badajoz, de modernização das linhas existentes e de novas linhas necessárias. Na componente portuária são os projectos dos terminais previstos para Sines (v.g. XXI, carvão, gás, carga geral) que importa concretizar. Na parte aeroportuária, é a utilização para fins civis e comerciais da **base militar de Beja** e a potenciação do **aeródromo de Évora** que se apresentam como projectos fundamentais a concretizar.

Acessibilidades e transportes

No que concerne às **plataformas logísticas e intermodais**, é de todo o interesse a concretização dos projectos de desenvolvimento previstos para **Sines** (PSA, ZAL e todo o complexo portuário e industrial), **Beja** (complexo aeroportuário e futura plataforma logística e industrial), **Vendas Novas** (com grande concentração industrial no ramo automóvel e na cortiça), **Évora** (com o seu mercado abastecedor e o seu parque de negócios), **Portalegre e Elvas** (com interesses no desenvolvimento das suas áreas empresariais, industriais e logísticas) e **Ponte de Sôr** (com um crescendo de reanimação da tradição corticeira e apetência pela indústria aeronáutica). As zonas de actividades logísticas, os mercados abastecedores e os parques de negócios inserem-se nesta última componente. As infra-estruturas de acessibilidades e transportes têm de ser encaradas, cada vez mais, como estruturas logísticas ao serviço das empresas e da Região.

Logística e intermodalidade

No que concerne às **estruturas hidráulicas** são, fundamentalmente, as respeitantes ao **EFMA** e a todos os projectos de novas barragens e de recuperação de perímetros de rega já existentes que importa

Hidráulica

implementar. São indispensáveis para alterar o padrão de especialização da base económica do Alentejo.

Quanto às redes de **telecomunicações**, estas apresentam-se como essenciais ao desenvolvimento do Alentejo. Importa que a região implemente ou tenha acesso às seguintes redes: RPT, SFT, FWA, GSM, UMTS, RDIS e ADSL. Trata-se de uma exigência da sociedade da informação e do conhecimento, imprescindível para a competitividade presente e futura da região. De notar que o **Alentejo se pode constituir como back-office de muitas empresas, inclusive internacionais**. A telemedicina, as compras/vendas electrónicas, a modernização administrativa e todos os projectos relacionados com o POSI e com o Plano de Acção Comunitário e-Europe assim o exigem.

Telecomunicações

Relativamente às **redes de energia**, convém associar-lhes as diferentes fontes de energia, designadamente os combustíveis fósseis, o gás natural, a eólica, das ondas e a solar. **Os projectos do complexo de Sines importam para o abastecimento do país em combustíveis fósseis e gás natural**. As **barragens do Alqueva, do Pedrógão** e as mini-hídricas previstas construir serão concerta fonte alternativa de energia hidroelétrica. Os biocombustíveis como o **biodiesel** podem resultar das novas culturas regadas com o perímetro de rega do Alqueva. Nas energias alternativas é também de referenciar a **central fotovoltaica da Amareleja** e a possibilidade de construção de **outras centrais fotovoltaicas**, dado o sol que se faz sentir no Alentejo durante todo o ano. A construção de **parques eólicos** apresenta-se como outra oportunidade. A costa do litoral alentejano pode ainda permitir o aproveitamento da **energia das ondas**. As redes de energia são importantes para a Região devido à necessidade de fornecimentos constantes e com potência adequada, ao custo da energia e ainda por razões ambientais, dados os compromissos estabelecidos com as energias alternativas e a alteração das fontes energéticas.

Energia

No que respeita à **rede de equipamentos colectivos**, convém distinguir entre a que respeita ao ensino superior e as que respeitam aos equipamentos sociais, culturais e municipais. Na primeira, inserem-se a **Universidade de Évora e os Politécnicos de Beja, Portalegre, além de outras instituições**. No segundo grupo, inserem-se os equipamentos relacionados com o ensino básico e secundário, com os hospitais e centros de saúde, com a segurança social, com a cultura, com o desporto, entre outros. As oportunidades decorrem do ajustamento da oferta regional à procura verificada por aqueles equipamentos, na lógica e estratégia de desenvolvimento regional almejado.

Equipamentos Colectivos

Relativamente às redes de **infra-estruturas de apoio à actividade económica**, são de referenciar os **parques industriais e empresariais, os centros tecnológicos, os parques de negócios, os parques de feiras e exposições, os mercados abastecedores**, entre outros. Trata-se de oportunidades orientadas para o robustecimento da rede de infra-estruturas de acolhimento industrial e logístico, que se querem orientadas no sentido de parques tecnológicos, empresariais e de negócios. As principais apostas do investimento público ou público-privado deveriam dirigir-se, principalmente, para Sines, Évora, Beja, Portalegre, Vendas Novas, Ponte de Sôr, Elvas e, possivelmente, para Moura/Serpa.

Apoio à actividade económica

5. Oportunidades relacionadas com a envolvente institucional

As oportunidades relacionadas com a envolvente institucional encontram-se, essencialmente, no governo e nas instituições e nos instrumentos financeiros e de política disponíveis.

No que se relaciona com o **governo e as instituições**, importa explorar as oportunidades que estas entidades patrocinam, directa e indirectamente, no quadro das respectivas políticas e programas de acção. Existem oportunidades que resultam de acções desconcentradas da **Administração Central** e ainda resultantes das conduzidas pelos órgãos regionalmente desconcentrados, dependentes dos vários Ministérios (Saúde, Justiça, Trabalho e Segurança Social, Obras Públicas, Ambiente, Educação e Ensino Superior, etc.). Importantes oportunidades decorrem, também, das iniciativas da **CCDRA – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região do Alentejo** (cujo novo figurino oferece novos potenciais de protagonismo e liderança regional) e das **Câmaras Municipais**, ou mesmo de **Instituições Sociais e Culturais, Associações Empresariais, Universidade e Politécnicos, Empresas e Grupos Económicos, Centros Tecnológicos e Centros de Investigação**.

Das instituições relevantes e mobilizáveis

No campo dos **instrumentos de apoio**, importa que o Alentejo prossiga, ou mesmo aprofunde, a exploração das oportunidades que decorrem dos vários instrumentos e auxílios financeiros que se

Dos instrumentos de apoio

oferecem à Região, de âmbito e iniciativa comunitária, nacional e regional. Nos programas de Iniciativa Comunitária, as oportunidades surgem, essencialmente, com o **INTERREG III e o LEADER**. Porém, o **PORA**, decorrente do PNDES/QCA III, emerge como o instrumento e oportunidade por excelência, que importa aproveitar. Para além destes, são de assinalar os **Planos de Ordenamento do Território**, designadamente o PNPOT, os PMOT, os PROT (**PROTALI e PROZEA**) e os PEOT (POAP, POOC, ...), alinhados estrategicamente com o EDEC e com os Planos de Bacia Hidrográfica. Ao que acresce outros Planos e Programas, como são: o **Plano de Desenvolvimento Turístico do Alentejo** e o **Master Plan de Sines**, entre outros. Por último, mas igualmente importantes, são de referir as oportunidades oferecidas pelas **linhas de crédito** disponíveis.

Lista-Síntese das Oportunidades de Desenvolvimento Regional do Alentejo:

120 IDEIAS, 120 OPORTUNIDADES ESTRATÉGICAS PARA O ALENTEJO

Ideia/projecto	Relevância Estratégica	Nível de Prioridade	Prazo de Concretização
PROJECTOS VERTEBRADORES			
Rede Ferroviária			
Construção de uma nova via Sines-Evora-Elvas-Badajoz com vocação para mercadorias, mas apta também ao transporte de passageiros			2
Concretização da linha de Alta Velocidade entre Lisboa e Madrid, passando por Évora e Badajoz			2
Construção de uma linha ferroviária de velocidade alta entre Évora –Faro – Huelva			3
Rede Rodoviária			
Construção/conclusão dos itinerários previstos no PRN 2000: IP2, IP8, IP7, IC4, IC9, IC13, IC27 e IC33			1/2
Desenvolvimento dos sistemas de transporte colectivo de passageiros urbanos e interurbanos			1/2
Sistemas Intermodais e Logística			
Desenvolvimento de sistemas intermodais que combinem o transporte rodoviário com o ferroviário (criação de interfaces rodo-ferroviários), com o marítimo (Porto de Sines) e com o aéreo (Aeroporto de Beja)			1/2
Desenvolvimento de plataformas logísticas em: Sines, Beja, Vendas Novas, Ponte Sôr, Portalegre, Évora e Elvas			1/2
Redes de Telecomunicações			
Desenvolvimento e aumento da capacidade das redes de telecomunicações fixas e por cabo			1/2/3
Continuação do Projecto Alentejo Digital			1
Fomentar, por parte das diferentes entidades, a prestação de serviços <i>on-line</i>			1/2/3
Redes de Energia			
Entrada em funcionamento da central hidroelétrica de Alqueva e construção da nova linha eléctrica Sines - Alqueva e com interligação para Espanha			1/2
Desenvolvimento do Terminal de Gás Natural Liquefeito em Sines e expansão e reforço da rede de distribuição do gás natural			1/2/3
Concretização do projecto da Central Fotovoltaica da Amareleja			1
Incremento da oferta de culturas energéticas (girassol, colza, soja, ...), para a produção de biocombustíveis (biodiesel e bioetanol)			1/2/3
Utilização do biogás gerado nos aterros de resíduos sólidos urbanos para geração de energia eléctrica			2/3
Incremento da utilização de outras fontes de energia renováveis como a eólica e a de ondas marítimas			1/2/3
Incremento da instalação de novos sistemas de cogeração e micro-cogeração na Região; Utilização de biomassa, de origem agrícola e florestal, como combustível alternativo em sistemas de aquecimento ou em pequenas centrais de cogeração			1/2/3
PROJECTOS MOTRIZES			
EFMA - Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva			
Conclusão do Projecto EFMA			1/2/3
Desenvolvimento do regadio e novas culturas intensivas e rentáveis; Desenvolvimento dos horto-frutícolas e florícolas e das agro indústrias; Desenvolvimento das oleaginosas e das forrageiras			1/2/3
Desenvolvimento de projectos ligados à produção de bioetanol e de biodiesel; Exploração da produção de chicória para a obtenção de inulina			1/2/3
Concretização dos projectos hidroeléctrico, fotovoltaico e parque de aerogeradores			1/2/3
Desenvolvimento do turismo sustentável e de qualidade associado a projectos turísticos de referência			1/2/3
Porto de Sines			
Concretização da ZAL de Sines como um dos 5 projectos fundamentais do Sistema Logístico Nacional; Desafectação da ZAL de Sines do domínio público marítimo			1
Desenvolvimento do Terminal XXI - Sines enquanto "hub port" de "transshipment" de contentores na região do Atlântico e do Mediterrâneo Ocidental			1
Desenvolvimento do Terminal de Gás Natural, enquanto factor de oportunidade para a instalação de novas indústrias consumidoras de energia na plataforma de Sines			1
Captação de investidores e indústrias ligadas a actividades marítimo-portuárias, nomeadamente, nas áreas de normalização de produtos, de optimização dos serviços ligados ao cliente e de optimização dos custos de transporte e de armazenamento			1/2/3
Criação de uma série de empresas de prestação de serviços de apoio logístico e criação de empresas que acrescentem valor aos produtos, como sejam a embalagem, etiquetagem e montagem			1/2/3

Relevância:



+ ← → -

Prioridade:



Prazo:

- 1 – Curto prazo (< 5 anos)
- 2 – Médio prazo (5 a 10 anos)
- 3 – Longo prazo (> 10 anos)

Avaliação de Oportunidades de Desenvolvimento Regional do Alentejo
RELATÓRIO SÍNTESE

Ideia/projecto	Relevância Estratégica	Nível de Prioridade	Prazo de Concretização
Aeroporto de Beja			
Desenvolvimento da Base Aérea como aeroporto comercial para companhias "Charter" que pretendam praticar tarifas competitivas e/ou companhias "Low Cost Carrier"			1
Desenvolvimento de uma plataforma de carga aérea geral, com consequente implementação de empresas que actuam na área do manuseamento e transporte da carga aérea			1
Desenvolvimento de uma plataforma logística para a carga a receber e a expedir de / para África e América, utilizando aviões de grande porte (executando em Beja o "transshipment" para aviões menores para a ligação com os aeroportos europeus); Entrepósito para a carga recebida no Porto de Sines, passível de ser transportada por meios aéreos			1/2
Criação de uma área de manutenção de aeronaves e de fabricação de componentes			2
Instalação de Escolas de Técnicos Aeronáuticos; Utilização do Aeroporto pela Academia Aeronáutica de Évora para os seus treinos			2
Incentivo à deslocalização das OGMA para Beja			2/3
Parques Empresariais e de Negócios			
Progressiva evolução dos parques/zonas industriais de Sines, Évora, Beja, Portalegre, Vendas Novas, Ponte de Sôr, Montemor-o-Novo e Elvas, para o modelo de Parques Empresariais e de Negócios, dotados de Lojas de Empresa e Centros Tecnológicos			1/2
Instituições de Ensino Superior			
Progressiva aposta, pelas instituições de ensino superior, nos sectores das biotecnologias, agro-industriais, rochas ornamentais, saúde, logística e turismo			1/2/3
A área das ciências agrárias poderá ser, no âmbito da extensão do regadio, no contexto do projecto de Alqueva, um importante vector de inovação, integrando a formação, a investigação e as necessidades da Região			1/2/3
A logística, a comercialização, distribuição e promoção apresentam-se como áreas de formação e inovação com fortes limitações, devendo ser vistas como áreas prioritárias de interacção entre as universidades			1/2/3
As escolas de enfermagem deverão também assumir-se, cada vez mais, na relação com o Turismo Sénior			2/3
CADEIAS DE VALOR ESTRATÉGICAS			
Cortiça			
Recuperar, preservar e expandir o montado de sobreiro			1/2/3
Estimular o crescente processo de sediação de novas e modernas unidades de transformação da cortiça na Região			1/2/3
Apoiar projectos de investigação fitossanitária e genética do sobreiro			1/2/3
Apoiar projectos de investigação e inovação, relacionados com novos produtos e novas aplicações para a cortiça; Aproveitar as oportunidades trazidas pela investigação de importantes clientes do sector, particularmente estrangeiros			1/2/3
Privilegiar todos os projectos que aproveitem os subprodutos do montado de sobreiro destinados quer à perfumaria, quer à medicina ou gastronomia			1/2/3
Azeite e Azeitona			
Aproveitar a QNG/ quota de produção atribuída a Portugal e a possibilidade de conduzir novas plantações até 30.000 ha; Aproveitar a disponibilidade de ajudas a novas plantações, instalações de rega e mecanização			1/2/3
Aproveitar a disponibilidade de apoios para a modernização dos lagares e para linhas de embalamento e comercialização			1/2
Aproveitar a disponibilidade de ajudas para o controlo ambiental e da qualidade, tendo em vista o aumento da produção de azeites virgem			1/2/3
Valorizar e racionalizar a olivicultura através de uma reestruturação que promova aumentos significativos de produtividade, assim como a diminuição dos custos de produção			1/2/3
Apoiar projectos de novas e tradicionais aplicações para a azeitona e o azeite (pastas de azeitona, azeitona recheada, azeites aromáticos, ...)			1/2/3
Apoiar projectos que proporcionem canais de escoamento, poder negocial e valorização dos produtos; Aumentar a venda de azeites e azeitonas de qualidade em grandes superfícies; Desenvolver o conceito "Loja da Aldeia"			1/2/3

Relevância:



Prazo:

- 1 – Curto prazo (< 5 anos)
- 2 – Médio prazo (5 a 10 anos)
- 3 – Longo prazo (> 10 anos)

Prioridade:



Avaliação de Oportunidades de Desenvolvimento Regional do Alentejo
RELATÓRIO SÍNTESE

Ideia/projecto	Relevância Estratégica	Nível de Prioridade	Prazo de Concretização
Vinha e Vinho			
Reestruturar a vinha (mecanizar, desenvolver castas para produção de VQPRD, desenvolver castas para a produção de uva de mesa, ...)			1/2
Afirmar os vinhos de qualidade do Alentejo, num quadro de progressiva internacionalização da Região; Reforçar campanhas de <i>marketing</i> do vinho do Alentejo nos mercados doméstico e externo; Apostar em novos <i>blends</i>			1/2/3
Incentivar a inovação por via da aproximação e reforço das ligações entre as organizações de I&D e os produtores			1/2/3
Auto-regular o sector com o objectivo de fomentar uma cultura baseada na qualidade do produto			1/2/3
Apoiar projectos de promoção do turismo associados à gastronomia e ao vinho			1/2/3
Aumentar a venda de VQPRD do Alentejo em grandes superfícies; Desenvolver o conceito "Loja da Aldeia"			1/2/3
Carnes Verdes, Presuntos, Enchidos/Salsicharia			
Preservar, recuperar e expandir os sistemas de produção tradicionais agro-silvo-pastoril e silvo-pastoril, por forma a apoiar o desenvolvimento de uma pecuária de qualidade			1/2/3
Estimular o crescimento dos efectivos de raças autóctones existentes (bovinos, ovinos e suínos, mas também caprinos); Utilizar os apoios associados à preservação do ambiente e à reconversão de áreas de culturas aráveis, para a produção animal extensiva			1/2/3
Aumentar a venda de carne fresca, presuntos, enchidos/ salsicharia em grandes superfícies; Desenvolver paralelamente o conceito "Loja da Aldeia"			1/2/3
Realizar novas campanhas publicitárias, de modo a ampliar os resultados de campanhas anteriores e reforçar a utilização, para efeitos de divulgação e comercialização, de produtos na televisão e na <i>internet</i>			1/2/3
Incentivar programas de investigação aplicada no sector (cooperação com as instituições de ensino superior)			1/2/3
Aumentar o valor acrescentado dos produtos regionais, apoiados e promovidos com base na sua genuinidade			1/2/3
Queijos			
Criar condições adequadas a uma pecuária sustentadora da produção de queijo de qualidade			1/2/3
Aumentar a venda de queijos do Alentejo em grandes superfícies; Desenvolver o conceito "Loja da Aldeia"			1/2/3
Realização de novas campanhas publicitárias; progressiva utilização para efeitos de divulgação e comercialização de produtos na televisão e na <i>internet</i>			1/2/3
Incentivos à criação de redes de apoio à distribuição e comercialização para os pequenos produtores			1/2/3
Apoiar projectos de formação nos "saberes-fazer" tradicionais; Recuperação de produtos tradicionais e desenvolvimento de novos produtos protegidos			1/2
Desenvolvimento de produtos inovadores (por exemplo, queijos de ovelha e cabra conservados em azeite aromático)			1/2/3
Culturas Regadas			
Aproveitamento dos vários perímetros de rega, potenciados com a concretização do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva			1/2/3
Aproveitar a disponibilidade de apoios à produção; Produção de múltiplas e novas culturas, designadamente, os pomares de regadio, as culturas hortícolas, as culturas de verão quente, as culturas de verão fresco, culturas tradicionalmente de sequeiro e as culturas florícolas			1/2/3
Apoiar novas formas de aproveitamento das culturas regadas, designadamente a produção de biocombustíveis e a produção de produtos gastronómicos inovadores			1/2/3
Frutos Secos, Frescos e Preparados			
Aproveitar a disponibilidade de apoios à produção; Apoiar projectos que permitam aumentar substancialmente a escala da produção			1/2/3
Apoiar projectos para o desenvolvimento da promoção e divulgação dos frutos frescos, secos e preparados de qualidade			1/2/3
Inovação e incremento da transformação dos frutos (por exemplo, compotas e purés de cereja, ameixa e castanha; pinhoadas, pinhão e castanhas com mel, canditura, ...)			1/2/3
Aumentar a venda de frutos frescos, secos e preparados em grandes superfícies; Desenvolver paralelamente o conceito "Loja da Aldeia"			1/2/3

Relevância:



Prazo:

- 1 – Curto prazo (< 5 anos)
- 2 – Médio prazo (5 a 10 anos)
- 3 – Longo prazo (> 10 anos)

Prioridade:



Avaliação de Oportunidades de Desenvolvimento Regional do Alentejo
RELATÓRIO SÍNTESE

Ideia/projecto	Relevância Estratégica	Nível de Prioridade	Prazo de Concretização
Floresta e Silvicultura			
Apoiar projectos de tratamento, preservação, expansão e adensamento da floresta; Aproveitar o diversificado leque de instrumentos de apoio ao desenvolvimento florestal (FEOGA; POADR; PDSFP; PANCD; Medida 3 do Programa AGRO)			1/2/3
Desenvolvimento de novos e tradicionais produtos da floresta (v.g. madeira, resina, pinhão, lenha, carvão, bolota, lande, caça, cogumelos, plantas aromáticas e medicinais, ...)			1/2/3
Desenvolvimento da fileira da caça/do turismo (cinegético, rural, natureza e activo) e associação com a floresta			1/2/3
Desenvolvimento da fileira e agro-indústria de animais de montado			1/2/3
Desenvolvimento da fileira da cortiça			1/2/3
Desenvolvimento do projecto/conceito "Floresta Digital"			1/2/3
Méis			
Apoiar a produção de mel de qualidade e desenvolvimento de produtos inovadores (licores de mel, mel com pinhão e castanhas,...)			1/2/3
Apoiar projectos de formação profissional de jovens apicultores			1/2/3
Criação de Centros de Interpretação da Apicultura			1/2
Ervas Alimentares, Aromáticas e Medicinais e Cogumelos			
Estimular o cultivo comercial de ervas e cogumelos, em explorações dinâmicas			1/2/3
Desenvolver redes de comercialização e promoção agressivas e adequadas ao sector			1/2/3
Apoiar a investigação aplicada, na medida em que há um conjunto de produtos inovadores com potencial de mercado que poderá ser desenvolvido para as indústrias farmacêutica e de cosmética			1/2/3
Criação de Centros de Interpretação Ambiental em torno das ervas, cogumelos e frutos do bosque			1/2
Indústrias das Pedras Naturais			
Incentivar a emergência de empresas transformadoras "in loco" da pedra e apoiar o desenvolvimento de indústrias locais de suporte à actividade			1/2/3
Apoiar projectos com vista a melhorar a capacidade empresarial (via técnica e formativa); Apostar na formação de gestores, quadros técnicos e operários			1/2/3
Apoiar a implementação de estratégias activas de <i>marketing</i> (com o objectivo de cultivar valores estéticos associados ao <i>design</i> , que valorizem necessariamente a pedra em detrimento de outros materiais concorrentes) e comercialização			1/2/3
Apoiar as empresas no acesso ao <i>design</i> e sua incorporação			1/2/3
Explorar novas utilizações das pedras naturais			1/2/3
Apoiar as empresas na minimização dos impactes ambientais, por via da utilização de tecnologias e processos mais eficientes			1/2/3
Indústrias do Automóvel e da Aeronáutica			
Reforçar a especialização dos espaços regionais de acolhimento e desenvolvimento de investimentos na fileira metálica; Assumir a inovação tecnológica e organizativa como uma prioridade das políticas industriais			1/2/3
Aprofundar as interligações entre as actividades da fileira metálica e os sectores relacionados directamente com a fabricação automóvel e a aeronáutica			1/2/3
Apoiar o desenvolvimento, na Região, das indústrias de componentes para automóveis e a sua internacionalização			1/2/3
Equacionar a orientação do parque industrial de Vendas Novas para uma especialização em actividades industriais, de armazenagem e de serviços para o sector automóvel, procurando captar novos investimentos de fornecedores da <i>Autoeuropa</i>			1/2
Desenvolver a cadeia de valor da aeronáutica; Apoiar a produção em Ponte de Sôr de ultraleves, potenciando as dinâmicas já existentes e aproveitando o aumento dos rendimentos familiares e a crescente valorização das práticas de lazer			1/2
Aproveitamento da abertura da base aérea de Beja ao tráfego civil, para uma forte ancoragem da cadeia de valor da aeronáutica			1/2
Dinamizar a Academia Aeronáutica de Évora; Incrementar potenciais articulações com a plataforma do Aeroporto de Beja e as indústrias de Ponte de Sôr			1/2
Apostar na coordenação dos poucos agentes ligados à aeronáutica na Região, através da criação de experiências-piloto que envolvam os diversos agentes e entidades do sector			1/2/3
Apoiar a revisão da legislação e de normas no domínio da aeronáutica (ultraleves, emissão de licenças europeias de piloto pelo INAC,...)			1

Relevância:



Prioridade:



Prazo:

- 1 – Curto prazo (< 5 anos)
- 2 – Médio prazo (5 a 10 anos)
- 3 – Longo prazo (> 10 anos)

Avaliação de Oportunidades de Desenvolvimento Regional do Alentejo
RELATÓRIO SÍNTESE

Ideia/projecto	Relevância Estratégica	Nível de Prioridade	Prazo de Concretização
Artesanato			
Apoiar a criação de micro-empresas na área do artesanato			1/2/3
Desenvolver a produção e comercialização do artesanato tradicional, em estreita articulação com os circuitos turísticos; Promover uma maior internacionalização do artesanato tradicional			1/2/3
Inovar artisticamente a produção artesanal e de inspiração tradicional, associada à tapeçaria, tecelagem, rendas, bordados, artigos de pele, olaria e vestuário			1/2/3
Concretizar o projecto da "Aldeia Internacional dos Artesãos" em Monsaraz			1/2
Turismo e lazer			
Desenvolver a oferta de alojamento, restauração e animação de qualidade e com potencial de internacionalização; Implementar a "Long List" de Investimentos Turísticos Estratégicos do PDTA - Plano de Desenvolvimento Turístico do Alentejo (RTA-CEDRU/Global Praxis, 2001)			1/2/3
Promover e enquadrar de forma sustentável o desenvolvimento do conceito de aumento dos "resorts" turísticos, designadamente no litoral alentejano			1/2/3
Melhor exploração dos produtos turísticos consumidos na modalidade <i>short-breaks</i>			1/2/3
Desenvolver o espectro de produtos turísticos consensualizado no PDTA, designadamente: <i>touring</i> ; cultural-urbano; sol, mar e praia; rural; natureza e paisagem; activo; golfe; enoturismo; cinegético; saúde/termalismo; eventos e negócios/reuniões			1/2/3
Potenciar o aproveitamento, para fins turísticos, da área do Alqueva e restantes barragens do Alentejo, nos termos do PDTA			1/2/3
Reforçar a oferta de infra-estruturas de apoio ao desporto náutico (no litoral e nas barragens), nos termos do PDTA			1/2/3
Reutilização das linhas de comboio e estações desactivadas para fins turísticos			2/3
Implementar o Plano de <i>Marketing</i> Turístico do PDTA			1/2
Serviços e Competências TIC			
Criação de empregos com base na atracção de <i>Back-office</i>			1/2/3
Apoiar projectos relacionados com a tele-medicina, o <i>e-learning</i> (ensino à distância através da WWW) e governação (facilitar o acesso dos cidadãos aos diferentes órgãos de soberania)			1/2/3
Lançar ou reforçar acções de promoção e valorização da fileira: salões especializados; anuários das competências regionais; publicações sobre as realizações e as boas práticas regionais; acções <i>Internet</i>			1/2/3
Economia Social			
Alguns dos tradicionais montes alentejanos, depois de recuperados e apetrechados, poderiam ser interessantes ancoragens para desenvolver projectos de "Aldeias de Terceira Idade", apoiadas em várias equipamentos e serviços de lazer, saúde e beleza			1/2/3
Apostar no desenvolvimento de clínicas privadas de prestação de cuidados médicos primários e diferenciados; desenvolver paralelamente o conceito de clínicas de regeneração e vigoramento físico e psíquico do corpo (clínicas <i>fitness/antistress</i> , de beleza/modelação do corpo)			1/2/3
Apostar na criação de campos e/ou "clínicas" de férias			1/2/3
Apostar nos centros termais, naturalmente ancorados nos principais potenciais de águas termais e medicinais existentes (Cabeço de Vide, Moura, Castelo de Vide, Fadagosa de Nisa e Monte da Pedra)			1/2/3

Relevância:



Prioridade:



Prazo:

- 1 – Curto prazo (< 5 anos)
- 2 – Médio prazo (5 a 10 anos)
- 3 – Longo prazo (> 10 anos)

SÍNTESE CONCLUSIVA



1. REFERENCIAIS DE PARTIDA

1.1 POSICIONAMENTO REGIONAL

Posicionamento do Alentejo no contexto das regiões da União Europeia

- uma visão de síntese -



Posicionamento do Alentejo no contexto das regiões portuguesas

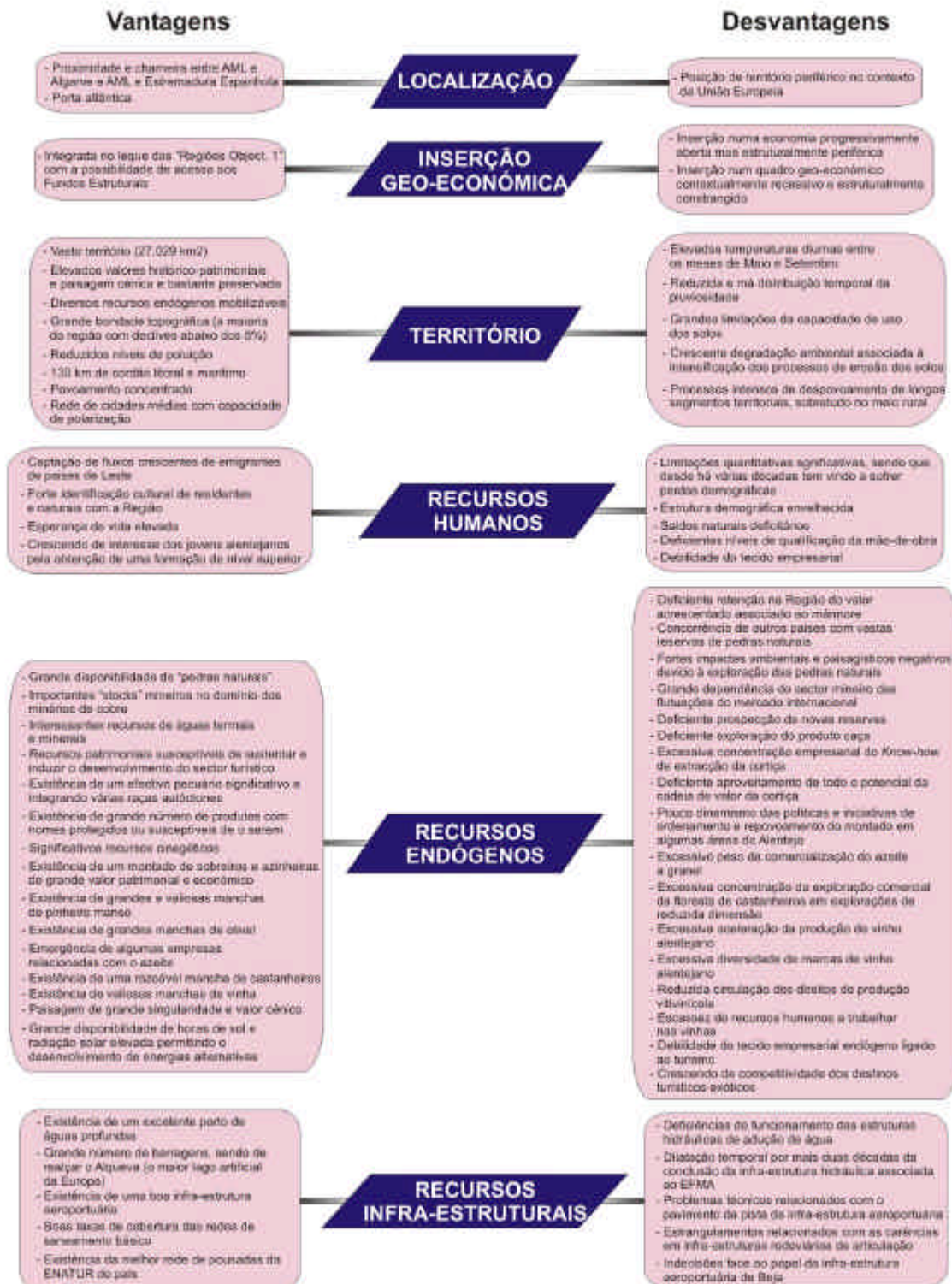
- uma visão de síntese -



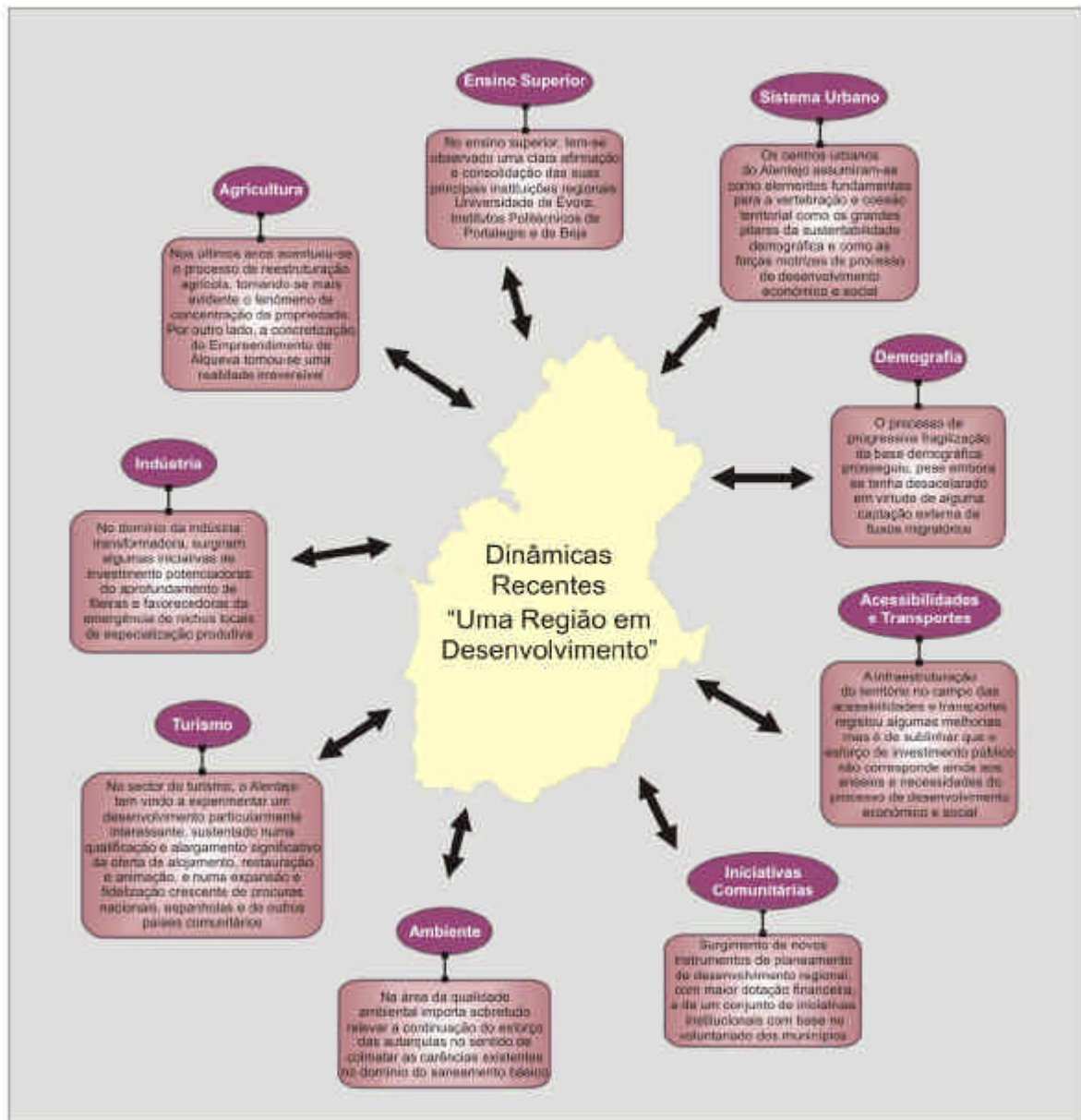
1.2 VANTAGENS E DESVANTAGENS PARA A COMPETITIVIDADE

Vantagens e desvantagens para a competitividade do Alentejo

- uma visão de síntese -



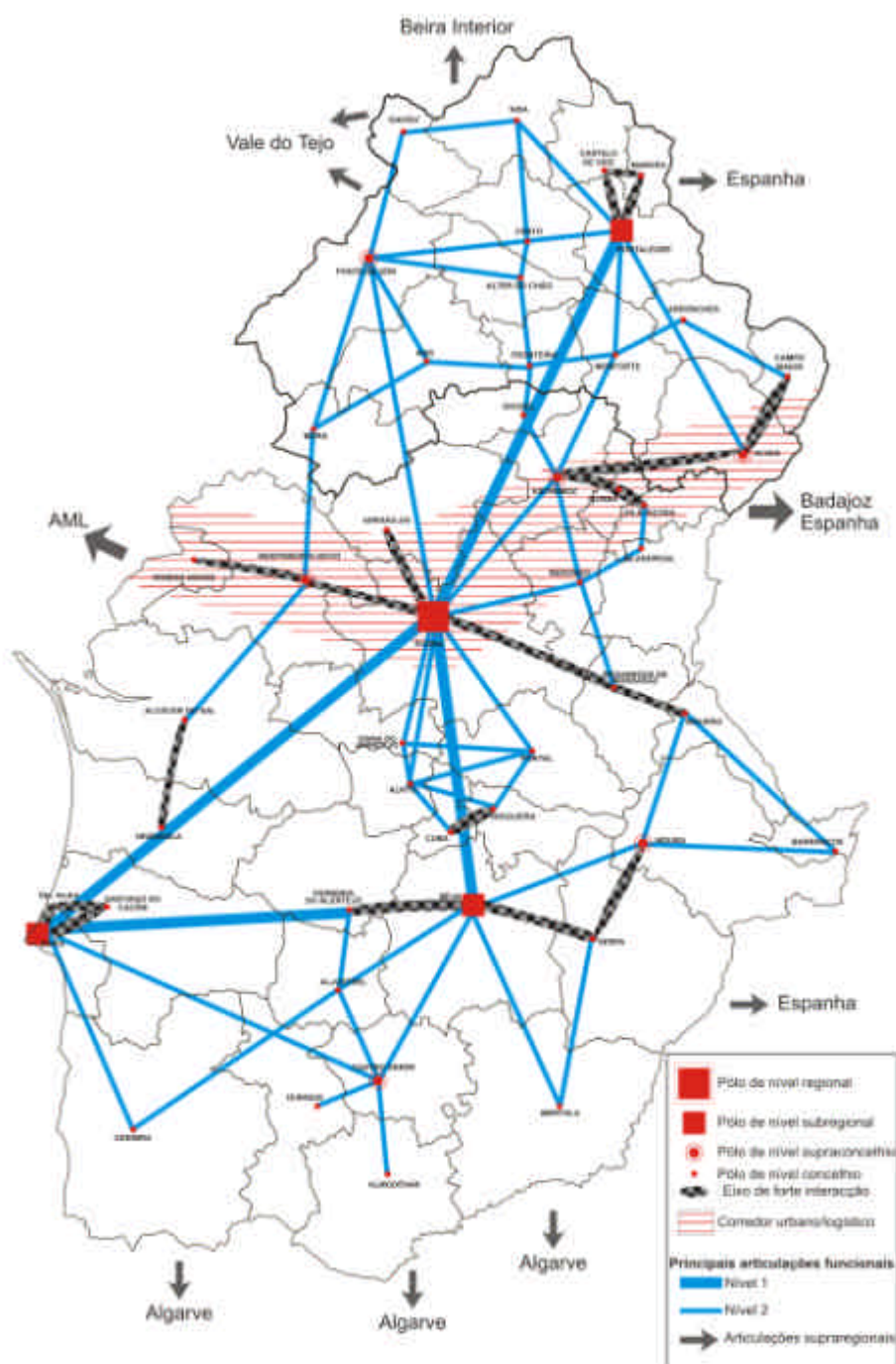
1.3 DINÂMICAS RECENTES



1.4 PILARES TERRITORIAIS

DO SISTEMA URBANO DO ALENTEJO

Síntese Prospectiva da Modelação do Sistema Urbano do Alentejo



Fonte: Adaptado de "Estudo para a Definição de uma Base Económica da Região do Alentejo", CCDRA/CEDRU, 1997

SÍNTESE DE UMA VISÃO ESTRATÉGICA PARA OS CENTROS URBANOS DO ALENTEJO		
Principais Centros Urbanos Vertebradores da Rede	Idéias-força e Vocações Funcionais	Projectos Estruturantes/Motrizes
ÉVORA	• Capital regional; • Cidade Património Mundial; • Principal centro de habitação e de emprego; • Pólo de comércio e serviços de nível regional; • Grande pólo de atractividade turística; • Cidade Universitária; • Principal cidade de património e cultura; • Pólo de actividades industriais e logísticas; • Cidade ícone do Alentejo.	• Programa Polis; • ÉvoraCOM (conclusão); • Parque de Feiras e Exposições e relocalização do Mercado do Gado; • Requalificação urbanística do Rossio de S. Brás; • Centro de Congressos; • Desenvolvimento do Parque Industrial; • MACE – Museu de Arte Contemporânea de Évora e reforço da restante oferta cultural; • Complexo Desportivo de Évora; • Bibliopólis de Évora; • Novos Paços do Concelho; • “Resort” de Golfe da Herdade dos Padres; • Pousada da Quinta do Espinheiro e novos hotéis de 4 e 3 estrelas; • Valorização urbanística da Zona de Expansão dos Leões; • Zona logística do nó da Azaruja; • Melhorar as acessibilidades rodoviárias (concretização do IC 33 e duplicação das faixas de rodagem da EN 114); • Melhorar as acessibilidades ferroviárias (ligações de Évora a Sines, à Área Metropolitana de Lisboa, a Badajoz e a Beja); • Concretização dos projectos do novo Palácio da Justiça e da reconversão da Praça de Touros numa perspectiva multiusos; • Melhorar os transportes urbanos/concelhios.
BEJA	• Capital sub-regional; • Capital da agricultura alentejana; • Centro médio de nível sub-regional de habitação, emprego, comércio e serviços; • Cidade de património, cultura e turismo; • Porta aeroportuária do Alentejo e capital regional da aeronáutica; • Pólo de actividades industriais e logísticas.	• Programa Polis; • UrbCOM (conclusão); • Revisão do Plano Parcial de Urbanização do Núcleo Central Histórico; • Novos hotéis de 3/4 estrelas; • Desenvolvimento da Base Aérea de Beja n.º 11, no sentido da aviação civil; • Desenvolvimento de uma plataforma logística e industrial na envolvente do aeroporto de Beja; • Desenvolvimento e conclusão do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva; • Reforço da oferta cultural museológica (designadamente, da valorização do Museu Rainha D. Leonor e concretização da ideia Parque-Museu Jorge Vieira, conforme proposto no PDTA); • Melhorar as acessibilidades rodoviárias a Sines e à fronteira luso-espanhola (concretização do IP8); • Melhorar as acessibilidades ferroviárias (criar uma melhor ligação de Beja com Sines e com Évora); • Desenvolvimento do parque de Feiras e Exposições.

Principais Centros Urbanos Vertebradores da Rede	Idéias-força e Vocações Funcionais	Projectos Estruturantes/Motrizes
PORTALEGRE	• Capital sub-regional; • Centro médio de nível regional, de habitação, emprego, comércio e serviços; • Cidade de património, cultura e turismo; • Porta do Parque Natural de S. Mamede; • Pólo de actividades industriais e logísticas; • Cidade ícone da Serra de S. Mamede e do artesanato nacional de excelência.	• Programa Polis; • UrbCOM (conclusão); • Requalificação urbanística do eixo Praça da República/Largo da Sé; • Criação da Pousada Histórica de Portalegre; • Reforço da oferta museológica (designadamente a Criação do Museu Nacional da Cortiça, na antiga fábrica Robinson); • Concretização do projecto “Escola de Hotelaria e Turismo”; • Concretização do projecto “Centro de Artes e Espectáculos”; • Recuperação da Praça de Touros na perspectiva de Pavilhão Multiusos; • Melhorar as acessibilidades rodoviárias (concretização do IC 13 até Portalegre; concretização da variante urbana de Fortios a Portalegre); • Melhorar as acessibilidades ferroviárias (prolongar o caminho-de-ferro pelo menos até à zona industrial e criar aqui uma plataforma intermodal); • Expansão e desenvolvimento do Parque Industrial numa perspectiva de Parque Empresarial de Negócios e subsequente processo de realocação das grandes unidades industriais, sediadas no centro da cidade (Robinson, Serra Leite, Finos, Adega Cooperativa...); • Concretização das ideias de criação de um aeródromo em Portalegre e de um “resort” de golfe.
ELVAS	• Cidade ícone da fronteira luso-espanhola; • Cidade charneira da articulação Alentejo/Extremadura Espanhola; • Centro médio de habitação, emprego, comércio e serviços de irradiação supra-concelhia; • Pólo transfronteiriço de actividades industriais e logísticas; • Cidade de património, cultura e turismo.	• UrbCOM (conclusão); • Criação de uma área empresarial logística/industrial potenciadora das vantagens da proximidade da fronteira e da grande cidade de Badajoz; • Reforço da oferta turística (designadamente nos campos da musealização e animação turística e de restauração); • Valorização cultural e turística das fortalezas militares (de acordo com o proposto no PDTAlentejo, 2001); • Melhoria das acessibilidades rodoviárias (designadamente, ao Litoral/Sines, e às áreas de S. Mamede e Alqueva); • Melhoria das acessibilidades ferroviárias (designadamente, a concretização do projecto do TGU pelo canal Elvas/Badajoz e criação de ligações fáceis e boas com Évora, Beja, Sines e Portalegre); • Incremento das articulações funcionais com Campo Maior.

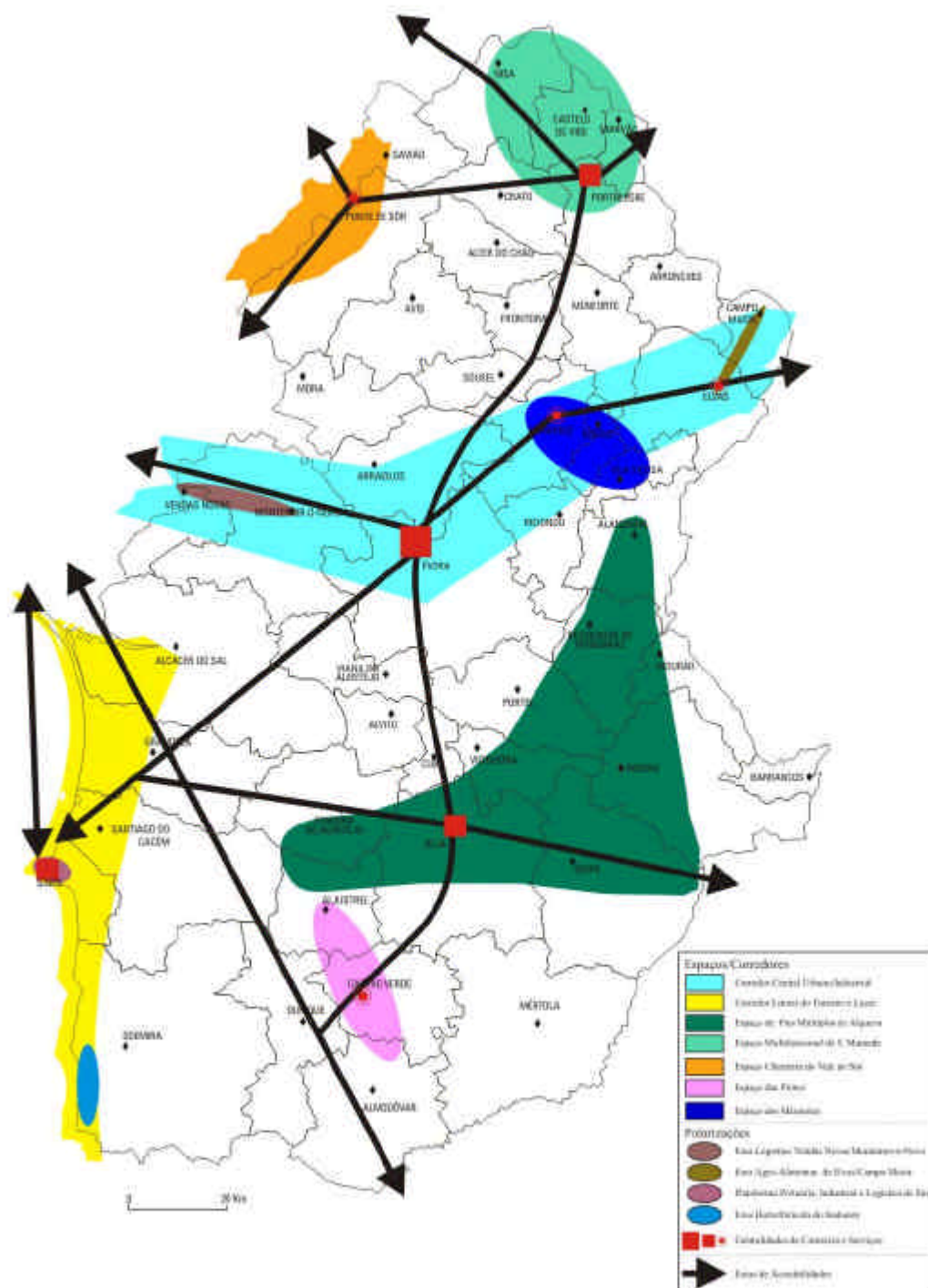
Principais Centros Urbanos Vertebradores da Rede	Idéias-força e Vocações Funcionais	Projectos Estruturantes/Motrizes
SINES	- Principal cidade portuária e logística/industrial do País; "Capital nacional da energia"; - Cidade industrial motriz do litoral alentejano; - Centro médio de habitação, emprego, comércio e serviços.	- Desenvolvimento do projecto "Sines-Terminal XXI" com vista à afirmação portuária de Sines na vertente de contentores e "transshipment"; - Conclusão da Biblioteca/Centro de Artes de Sines; - Reforço e qualificação da oferta de alojamento turístico e da restauração; - Conclusão do terminal de gás natural e concretização do projecto associado ao gás liquefeito das "indústrias de frio"; - Desenvolvimento do Parque Industrial de Sines (sob gestão da PGS); - Concretização do projecto da ZAL – Zona de Actividade Logística de Sines; - Concretização dos projectos da co-geração, da indústria cimenteira (moagem de clínquers da Cimpor) e da grande plataforma estratégica de armazenagem de combustíveis; - Aprofundamento das articulações funcionais com a Cidade Nova de Sto. André e com Santiago do Cacem; - Melhoria das acessibilidades rodoviárias e ferroviárias à Área Metropolitana de Lisboa, ao Algarve, a Beja, a Évora e a Espanha.
VENDAS NOVAS	- Cidade charneira com a Área Metropolitana de Lisboa; "Porta do Alentejo"; "Capital alentejana da indústria automóvel"; - Centro referencial da indústria corticeira alentejana; - Pequeno centro de habitação, emprego, indústria, comércio e serviços; "Cidade-nova" e "Cidade-militar".	- Desenvolvimento do Parque Industrial de Vendas Novas, numa óptica de Parque Empresarial e de Negócios; - Desenvolvimento do "cluster" da Indústria automóvel; - Criação de uma Área de Logística na Landeira, apoiada numa plataforma intermodal; - Melhoria das articulações ferroviárias à Área Metropolitana de Lisboa, a Sines, a Évora e a Espanha; - Melhoria das acessibilidades e articulações com o concelho do Montijo; - Construção de uma variante urbana; - Aprofundamento das complementaridades funcionais com Montemor-o-Novo.
MOURA	"Capital do Alqueva"; "Cidade raiana" e "Cidade do Além-Guadiana"; - Pequeno centro de habitação, emprego, comércio e serviços; - Cidade de património, tradições e turismo.	- Valorização urbanística, patrimonial e comercial; - Desenvolvimento do parque industrial; - Concretização do projecto do novo Balneário Termal; - Criação do Centro de Artes e Cultura (no Antigo Mercado Municipal); - Desenvolvimento da oferta museológica, de acordo com o previsto no PDTA (Musealização do Castelo, Musealização da Barragem e Museu das Hidrotecnologias); - Concretização dos projectos de "resort" de golfe previstos; - Aprofundamento das articulações funcionais com Serpa e Beja; - Melhoria das acessibilidades rodoviárias (Moura/Alqueva/Portel; Moura/Serpa; Moura/Vila Verde de Ficalho; Moura/Vidigueira e Moura/Barrancos); - Concretização do PDA de Alqueva e do PROZEA.

Principais Centros Urbanos Vertebradores da Rede	Idéias-força e Vocações Funcionais	Projectos Estruturantes/Motrizes
CASTRO VERDE	• “Cidade mineira”; • Pequeno centro de comércio e serviços; • “Cidade-etapa do turismo” e “Porta de Natureza”.	• Desenvolvimento sustentado do complexo mineiro; • Robustecimento das funções de comércio e serviços; • Diversificação e desenvolvimento industrial; • Valorização urbanística e comercial.
SERPA	• “Capital do queijo alentejano”; • “Cidade raiana”; “Cidade do Além-Guadiana”; • Pequeno centro de habitação, emprego e comércio e serviços; • Cidade de património, cultura e turismo; • Capital alentejana da “World Music”; • Porta do Parque Natural do Vale do Guadiana.	• Valorização urbanística e comercial; • Desenvolvimento do projecto “World Music Center”; • Valorização patrimonial e cultural e desenvolvimento da oferta turística conforme proposto no PDTA (Estalagem de Serpa nos Palacetes dos Condes de Ficalho, Museu do Queijo, ...); • Melhoria das acessibilidades rodoviárias (Serpa/Beja/IP2; Serpa/Moura; Serpa/Mértola; Serpa/V. Verde de Ficalho); • Aprofundamento das articulações funcionais com Moura, Beja e Mértola.
PONTE DE SÔR	• Cidade charneira com o Médio Tejo; • “Capital alentejana da indústria corticeira”; • Pequeno centro de habitação, emprego, indústria e comércio e serviços; • Centro motriz da indústria aeronáutica.	• Desenvolvimento do Parque Industrial numa óptica de Parque de Empresas e Negócios; • Desenvolvimento do “cluster” da indústria da cortiça (incluindo captação do centro tecnológico sediado no Montijo); • Desenvolvimento de um “cluster” da indústria aeronáutica; • Desenvolvimento do Centro de Arte Contemporânea da Fundação António Prates; • Concretização do projecto de Pavilhão Multiusos; • Desenvolvimento das complementaridades com a área de lazer e turismo de Montargil; • Melhoria das acessibilidades regionais, supra-regionais (concretização do IC13 e do IC9) e intra-regionais (a Gavião, Mora e Montargil/Maranhão); • Melhoria das acessibilidades ferroviárias (com a criação de plataforma intermodal).
ESTREMOZ	• “Capital nacional do mármore”; • Centro motriz das dinâmicas urbano-industriais do polígono dos mármore (Estremoz, Borba, Vila Viçosa e Alandroal); • Pequeno centro de habitação, emprego, comércio e serviços; • Cidade de património, tradições e turismo.	• Recuperação integrada, urbanística e comercial; • Promoção do ordenamento industrial e desenvolvimento do conceito de “Tecnopólo dos Mármore”; • Reforço das articulações do CEVALOR com as indústrias do mármore; • Reforço das articulações funcionais com Borba, Vila Viçosa e Alandroal; • Recuperação ambiental e paisagística das pedreiras de Estremoz; • Reforço da oferta museológica (criação do Museu Nacional dos Mármore e do Museu da Olaria); • Melhoria das ligações rodoviárias entre Estremoz e os restantes 3 centros urbanos do eixo dos mármore, e entre Estremoz, Évora e Serra D’Ossa e “Caminhos de Alter”; • Melhoria das ligações rodo-ferroviárias a Sines e criação de uma plataforma intermodal de apoio.

Principais Centros Urbanos Vertebradores da Rede	Idéias-força e Vocações Funcionais	Projectos Estruturantes/Motrizes
MONTEMOR-O-NOVO	• Pequeno centro de habitação, emprego, comércio e serviços; • Cidade referencial do dinamismo cultural.	• Desenvolvimento do Parque Industrial, em articulação e complementaridade com Vendas Novas; • Melhoria das acessibilidades rodoviárias a Évora (duplicação da EN 114); • Desenvolvimento da aposta cultural traçada.
ALCÁCER DO SAL	• Pequeno centro de habitação, emprego, comércio e serviços; • Capital do Pinhão; • "Cidade-porta do Alentejo".	• Desenvolvimento da actividade turística e cultural; • Desenvolvimento da fileira do pinhal.
SANTIAGO DO CACÉM	• Pequeno centro de habitação, emprego, comércio e serviços; • Vértice do triângulo de concertação urbana Sines-Santiago/Santo André.	• Desenvolvimento da actividade turística e cultural; • Aprofundamento das complementaridades com Sines.

DOS ESPAÇOS E POLARIZAÇÕES DE AFIRMAÇÃO DA BASE ECONÓMICA

Síntese Prospectiva dos Espaços de Afirmação da Base Económica



Fonte: Adaptado de "Estudo para a Definição de uma Base Económica da Região do Alentejo", CCDRA/CEDRU, 1997.

SÍNTESE DE UMA VISÃO ESTRATÉGICA PARA OS ESPAÇOS / PÓLOS DE AFIRMAÇÃO DA BASE ECONÓMICA		
Espaços Motrizes	Pólos Principais	Idéias-força / Vocações Funcionais
CORREDOR CENTRAL	- Cidade de Évora; - Eixo Vendas Novas/Montemor-o-Novo; - Polígono Estremoz/Borba/Vila Viçosa/Alandroal; - Triângulo Elvas/Campo Maior/fronteira do Caia.	- Corredor urbano-industrial, motriz do desenvolvimento económico e social do Alentejo; "Corredor-charneira"; "Espaço-canal"; - Corredor de Évora; capital do Alentejo; Património Mundial; - Principal oferta de comércio e serviços e de património e cultura; - Eixo urbano, industrial e logístico; - Referencial da indústria automóvel, da indústria dos mármore, da indústria do café, da produção de azeitona e da produção de tapeçaria (Arraiolos); - Corredor de Turismo urbano-cultural.
CORREDOR LITORAL	- Plataforma portuária, industrial e logística de Sines; - ADT (Áreas de Desenvolvimento Turístico) e NT (Núcleos Turísticos) previstos no PROTALI; - Perímetro de rega do Mira; - Cidades e/ou vilas de Alcácer do Sal, Santiago do Cacem, Santo André e Odemira.	- Corredor de lazer e turismo (do sol, mar e praia e dos grandes "resorts" de golfe); "corredor de Tróia"; - Corredor de Sines, grande porta atlântica da Península Ibérica; - Principal plataforma portuária e energética do País (Sines); - Corredor de natureza (Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina; Reserva Natural do Estuário do Sado); - Eixo de dinamismo agro-alimentar (hortícolas, florícolas, frutícolas e carne limousine da área do Brejão); - Espaço do arroz (eixo Comporta/Alcácer do Sal).
ESPAÇO DE ALQUEVA	- EFMA – Empreendimentos de Fins Múltiplos de Alqueva; - Cidade de Beja; - Cidades de Moura e de Serpa; - Vila de Reguengos de Monsaraz.	- Espaço motriz (e esperança) do desenvolvimento económico e social do Baixo Alentejo; - Espaço de Alqueva, o "Grande Lago"; - Espaço na nova e futura agricultura de regadio; - Espaço dos novos lares e turismo.
POLÍGONO DE S. MAMEDE	- Cidade de Portalegre; - Vila de Nisa, Castelo de Vide e Marvão; - Parque Natural da Serra de S. Mamede.	- Espaço motriz do desenvolvimento económico e social do Norte Alentejano; - Espaço de Portalegre, capital do Norte Alentejano, centro de emprego, indústria, comércio e serviços, património e cultura; "Porta do Parque Natural de S. Mamede"; - Espaço do Parque Natural da Serra de S. Mamede; do triângulo turístico Portalegre/Castelo de Vide/Marvão; - Espaço charneira entre o Alentejo e as Beiras e o Médio Tejo; - Espaço referencial do artesanato (Portalegre, Nisa, Castelo de Vide e Marvão), dos queijos (Nisa), dos enchidos (Portalegre), da castanha (Marvão) e das cerejas e maçãs (Portalegre).
VALE DO SÔR	- Cidade de Ponte de Sôr; - Albufeira de Montargil.	- Espaço charneira do Alentejo com o Médio Tejo; - Espaço de Ponte de Sôr, centro de emprego, comércio e serviços, "capital da indústria corticeira alentejana", "capital da indústria aeronáutica alentejana", um centro referencial das colecções de artes contemporâneas.

1.5 EMPREENDEDORISMO, INVESTIMENTO E INSTRUMENTOS

DOS EMPRESÁRIOS, EMPRESAS E GRUPOS ECONÓMICOS

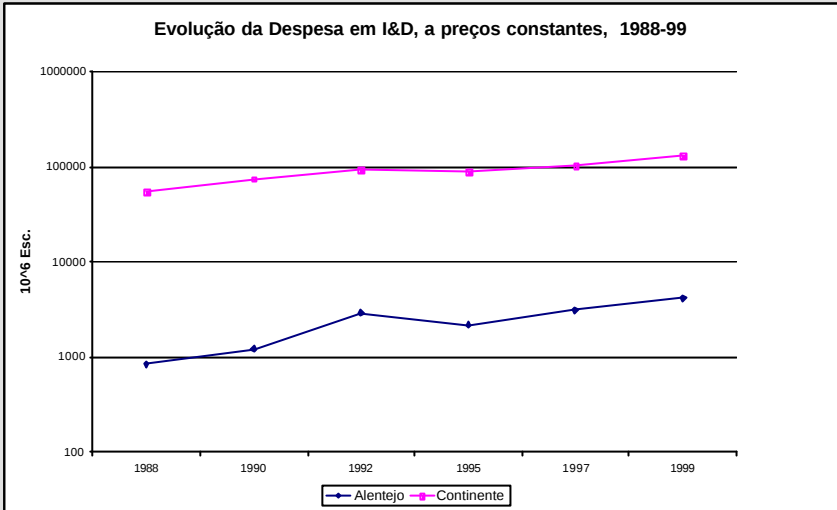
DA DEBILIDADE DO TECIDO EMPRESARIAL ALENTEJANO	A presença nas regiões de empresários e empresas, de referência ao nível nacional ou mesmo internacional, constitui um indicador de relevo da capacidade de empreendedorismo e investimento produtivo. Daí que o desenvolvimento sustentado do Alentejo passe também pela existência de um conjunto significativo de empresários e empresas, de base regional ou externos à Região, capazes de investir e criar e distribuir riqueza e emprego, e ainda de gerar as oportunidades necessárias ao bem estar e fixação da população. Mas, num breve relance, verifica-se que o Alentejo, embora representando cerca de um terço do território do Continente, tem menos de cinco por cento da população total, cerca de quatro por cento da população activa, menos de um por cento das empresas e menos de quatro por cento da riqueza anualmente gerada no País. Das empresas a operar no Alentejo, em 2001, somente 6 se encontravam entre as mil maiores em termos de volume de negócios, sendo que uma parte muito significativa deste investimento é externo à Região, nacional ou estrangeiro. No conjunto das quinhentas maiores empresas somente se encontravam 5. No que se refere ao conjunto das mil maiores pequenas e médias empresas, foi possível identificar, em 2001, 4 empresas.
DA MAIOR IMPORTÂNCIA RELATIVA DO DISTRITO DE ÉVORA	De notar a relativa maior importância das empresas do distrito de Évora, seguindo-se as do distrito de Portalegre e de Beja. Comparativamente com as 20 maiores empresas nacionais, em termos de volume de negócios, tem-se, respectivamente 4,12%, para o distrito de Évora, 2,01% para o distrito de Portalegre e 0,81% para o distrito de Beja. Confirma-se assim que, não obstante a sua relevância regional indisputável, constituem empresas relativamente pequenas no contexto nacional e, obviamente, internacional. No conjunto das primeiras 20 empresas no distrito de Évora, 18 são de base regional, uma estrangeira e uma nacional (ambas externas à Região e inseridas em lógicas de grupo económico). No distrito de Portalegre 13 são de base regional, 4 são estrangeiras, 3 são nacionais (mas externas à Região) e 6 encontram-se inseridas em lógicas de grupo económico. No distrito de Beja todas as empresas existentes são de base regional (20).
DA ESCASSEZ DE GRUPOS ECONÓMICOS DE BASE REGIONAL	Panorama semelhante, verifica-se relativamente aos grupos económicos. São poucos os grupos económicos significativos ao nível nacional, predominando os de base regional, autóctones (constituindo excepções o grupo liderado por Manuel Nabeiro, em Campo Maior, e os conjuntos de empresas associados aos nomes Cameirinha e Urbano, em Beja). A EDIA e o EFMA, necessariamente ligados à alteração do padrão de especialização económica do Alentejo, não deixarão de impulsionar a criação de um ou mais grupos económicos. De resto, os projectos estruturantes, em curso ou previstos realizar, se não se constituírem em grupos, pelo menos serão, certamente, integrados em lógicas de grupo. Não obstante, nos últimos anos, é visível a instalação de unidades produtivas transformadores por parte de alguns importantes grupos económicos nacionais e mesmo estrangeiros.

DAS OPORTUNIDADES DE ATRACÇÃO DE INVESTIMENTO EXÓGENO	A dinâmica comparada de criação de empresas e empregos no Alentejo, evidencia por outro lado que, não obstante o esforço realizado neste domínio, importa ir mais além, porquanto a Região experimenta um desempenho inferior ao de outras regiões. Mas há algumas oportunidades de atracção de investimento exógeno para uma região como o Alentejo, devendo apostar-se numa estratégia que se oriente pelas seguintes linhas: • Áreas de negócio que valorizem no exterior os produtos regionais de excelência, visando dar consistência à cadeia de valor, incluindo a transformação mas, principalmente, privilegiando a distribuição e comercialização (ex.: queijo, vinho, mel,...); • Actividades que explorem e transformem recursos naturais de forma eficiente e, sobretudo, contribuam para uma afirmação do produto nos mercados internacionais (ex: agricultura de regadio, rochas ornamentais, ...); • Agentes que aproveitem as infra-estruturas de transporte e logística para criar novos negócios, numa perspectiva de internacionalização da economia alentejana (ex: Porto de Sines); • Actividades indiferenciadas com nível de decisão menos centralizado e, preferencialmente, com um “mandato europeu ou global de produto”; • Empresas internacionais em sectores inovadores com potencial de crescimento no Alentejo e no País (ex: sector de componentes para automóveis, devido à proximidade e excelente acessibilidade ao <i>cluster</i> automóvel no sector sul da Área Metropolitana de Lisboa; sector da aeronáutica, em resultado das infra-estruturas e das condições climáticas).
DA IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA DAS POLÍTICAS TIPO “AFTER- CARE”	É também estratégico criarem-se na Região políticas de tipo “after-care” ao investimento estrangeiro e para outros considerados estruturantes para a Região. É importante melhorar as condições da “envolvente” ao investimento, actuando nos domínios das infra-estruturas produtivas e mercado de trabalho, e também directamente na formação e apoio à expansão e requalificação do investimento.
DO INTERESSE DE UM MAIOR ENVOLVIMENTO DA API	A criação da Agência Portuguesa para o Investimento (API), estruturada em duas áreas principais de actuação, designadamente comercial e de tramitação (burocracia), em estreita ligação à rede diplomática através de um fórum onde têm assento permanente os embaixadores em serviço nos países com maior potencial para investir no estrangeiro (Alemanha, Bélgica, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Itália, Reino Unido, Suécia, Suíça, Brasil, Canadá e EUA), pode ser um contributo para a captação de IDE. O Alentejo tem todo o interesse em articular-se institucionalmente e apropriadamente com esta agência. O estabelecimento no Alentejo de Câmaras de Comércio, Indústria e Agricultura, em articulação com outras já existentes ao nível nacional, pode constituir outra via para captar negócios e investimento para a Região.

DOS PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

DA INFLUÊNCIA DAS POLÍTICAS E PROGRAMAS COMUNITÁRIOS	O Alentejo tem estado, desde a adesão de Portugal à UE, sob forte influência das políticas e programas comunitários. Quer os subsídios quer as transferências continuam a assumir um papel relevante no rendimento dos agricultores e da população alentejana em geral. Os resultados dos investimentos realizados no âmbito do QCA I e II foram bastante positivos, nomeadamente, na melhoria dos níveis de bem estar das populações e no processo de infraestruturação do território. Todavia, os efeitos ao nível da criação de empresas e de emprego, nomeadamente qualificado, não tiveram resultados tão expressivos. Conciliar o necessário crescimento da competitividade das empresas e da Região, através da melhoria da produtividade e da atracção de novos investimentos, com a necessidade de assegurar a coesão social e do território é, no quadro do PORA - Programa Operacional Regional do Alentejo: 2000-06, o principal desafio que se coloca à Região no início deste século. Vencer este desafio implica a consolidação de uma nova visão estratégica, que apresenta como principais inovações: a mudança da estrutura institucional e a implementação de um novo modelo de governância.
DA RELEVÂNCIA DO PORA	Como se afirma no PORA (2000:29), “a criação de ambientes favoráveis à fixação de novas actividades, em particular, as com maiores produtividades e que integrem elevadas valências tecnológicas, apoiadas por medidas de discriminação positiva atractivas de investimento interno e externo, ...[deverá] constituir-se como alicerce fundamental do “salto” competitivo que a Região necessita”. A criação desse ambiente favorável passa pela valorização e promoção das instituições e redes locais regionais, como vectores fundamentais do desenvolvimento da Região. O PORA assume-se como um instrumento muito relevante para o desenvolvimento territorial, constando pela primeira vez neste tipo de instrumentos dois eixos que permitem enquadrar acções estruturantes e interligadas para o desenvolvimento da Região. As acções integradas de base territorial, visam discriminar positivamente parcelas do território alentejano, apostando numa lógica de selectividade em detrimento da equidade. É muito importante que a selecção de projectos respeite, verdadeiramente, objectivos de selectividade territorial, que poderão gerar benefícios que se alastrarão posteriormente a toda a Região. Como defendem alguns autores, a concentração espacial de investimentos pode trazer resultados positivos a curto prazo para essa parcela do território, todavia, a difusão dos efeitos positivos a outras áreas ocorre, em geral, a médio prazo, ainda que, por vezes, seja necessário conceber acções para atingir esse objectivo.
DA RELEVÂNCIA DE OUTROS INSTRUMENTOS	Importa também relevar a importância para a Região, de outros instrumentos de apoio comunitário, como o INTERREG e o LEADER, que embora de carácter supletivo, têm contribuído para a melhoria das condições de sustentabilidade e competitividade da Região. Também o recentemente criado PRASD – Programa de Recuperação de Áreas e Sectores Deprimidos, pode e deve constituir um instrumento de alavancagem do desenvolvimento regional.

1.6 O SISTEMA DE INOVAÇÃO REGIONAL

DA INTERNACIONALIZAÇÃO CONTINUADA DE I&D NA REGIÃO	A evolução da despesa em I&D, a preços constantes, revela um crescimento acentuado na Região Alentejo em relação ao Continente. Na verdade, no período entre 1995 e 1999, a despesa cresceu 1,9 vezes na Região contra 1,5 no Continente. Evolução da Despesa em I&D, a preços constantes, 1988-99 <table><caption>Dados estimados do gráfico: Evolução da Despesa em I&D (10^6 Esc.)</caption><tr><th>Ano</th><th>Alentejo</th><th>Continente</th></tr><tr><td>1988</td><td>~800</td><td>~50,000</td></tr><tr><td>1990</td><td>~1,200</td><td>~70,000</td></tr><tr><td>1992</td><td>~3,000</td><td>~90,000</td></tr><tr><td>1995</td><td>~2,000</td><td>~80,000</td></tr><tr><td>1997</td><td>~3,500</td><td>~100,000</td></tr><tr><td>1999</td><td>~4,500</td><td>~130,000</td></tr></table>	Ano	Alentejo	Continente	1988	~800	~50,000	1990	~1,200	~70,000	1992	~3,000	~90,000	1995	~2,000	~80,000	1997	~3,500	~100,000	1999	~4,500	~130,000
Ano	Alentejo	Continente																				
1988	~800	~50,000																				
1990	~1,200	~70,000																				
1992	~3,000	~90,000																				
1995	~2,000	~80,000																				
1997	~3,500	~100,000																				
1999	~4,500	~130,000																				
DA GRANDE DEPENDÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR	Uma análise comparada da estrutura da despesa de I&D entre o Alentejo e o Continente, permite identificar a enorme dependência do sistema de inovação da Região do sector de Ensino Superior (56,9% do total da despesa em I&D). As Instituições Privadas sem Fins Lucrativos estão igualmente bem representadas no Alentejo. Os maiores défices registam-se nas instituições do Estado, o que merece uma atenção especial por parte dos responsáveis pelas políticas públicas, e nos agentes económicos privados.																					
DA FRACA OFERTA EM I&D DAS EMPRESAS DA REGIÃO	A realização modesta da despesa em I&D das empresas do Alentejo é um dos principais obstáculos ao desenvolvimento tecnológico e à inovação na economia regional. O incremento da despesa em I&D das empresas, deve ser estimulado pelo desenvolvimento de interligações entre agentes privados e públicos, pelo que é necessário apostar na transferência tecnológica das unidades de I&D para o tecido empresarial, o que implica o reforço de infra-estruturas tecnológicas na Região e uma nova orientação estratégica do sistema público de inovação. A reduzida despesa em I&D das empresas deve-se, principalmente, às características da base económica regional. Atendendo a que uma parte muito significativa das empresas exerce actividade em sectores pouco intensivos em tecnologia, isso significa que as inovações introduzidas são em menor número que noutros sectores e que têm origem noutras actividades. Assim, o modelo actual do sistema de inovação pode não estimular as empresas instaladas a inovar, pelo facto de estas não dependerem directamente de resultados do sistema de ciência e tecnologia. Esta é uma interpretação alternativa para a baixa execução de despesa em I&D ao nível empresarial, que, a confirmar-se, implicará certamente uma mudança da política de inovação.																					

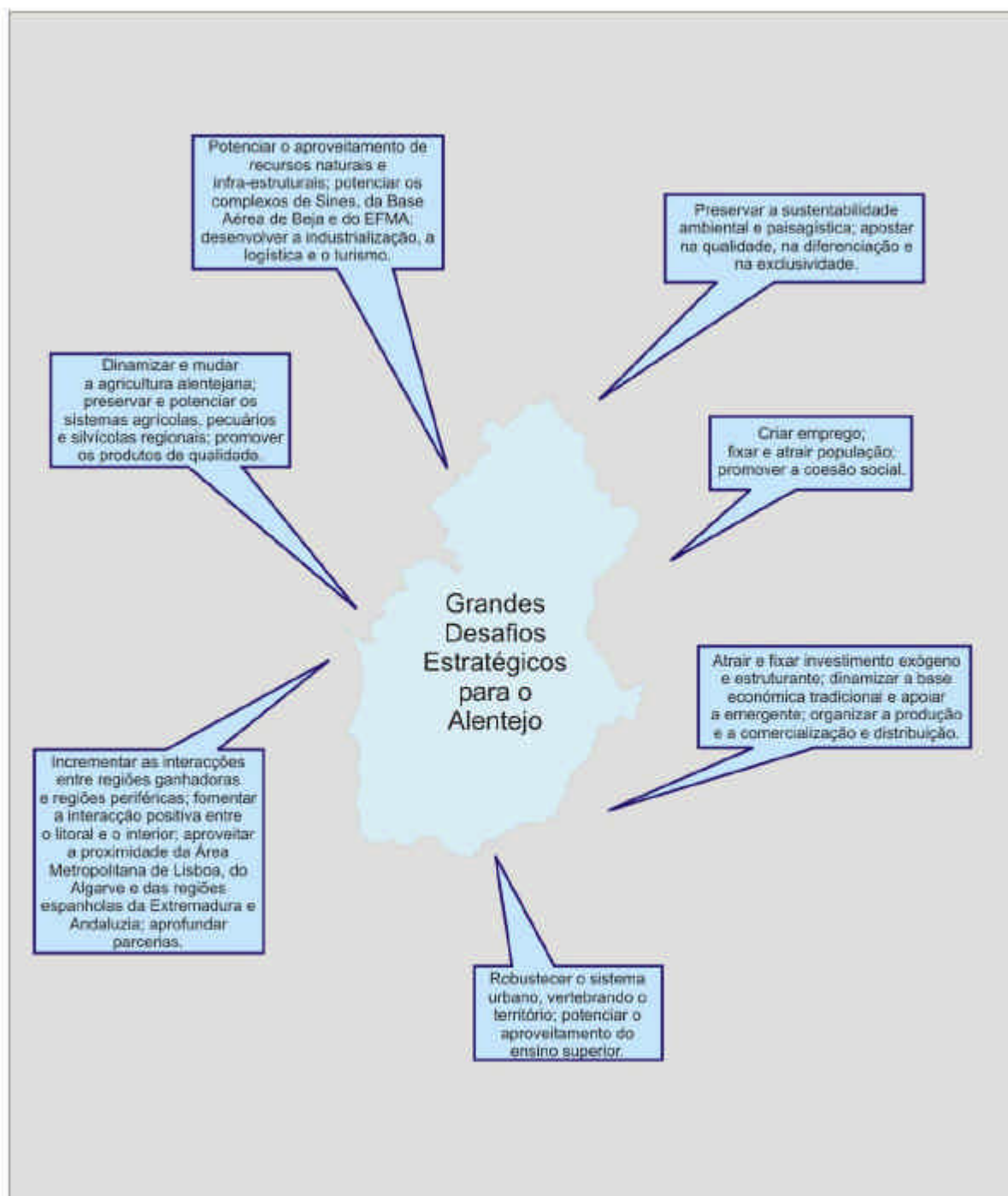
DA NECESSIDADE ESTRATÉGICA DE DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA DE INOVAÇÃO REGIONAL	Um sistema de inovação assenta na existência de um número significativo de actores empresariais e não empresariais, como instituições de interface e de apoio tecnológico, no dinamismo das instituições de ensino superior e de investigação, e na presença de instituições financeiras e de enquadramento às políticas de inovação. Pode argumentar-se que há uma falta de coerência na estratégia ao nível das instituições para a consolidação de um sistema de inovação, assim como se verificam carências no domínio da formação e da qualificação e, principalmente, uma preocupante reduzida interacção entre os elementos do sistema de inovação. Este é um aspecto que merece a maior das atenções dos responsáveis pela políticas públicas na Região. A mudança da base económica depende tanto da inovação em actividades existentes, que deverão privilegiar a qualidade e a eficiência, como em novas actividades de base tecnológica. Com uma aposta na inovação tecnológica poderão emergir novos clusters de actividades de base tecnológica polarizados por organismos públicos de I&D. De um modo geral, as empresas de base tecnológica têm uma dimensão muito reduzida, carecendo de apoios no sentido de simplificação de circuitos de I&D até ao mercado, que deverão passar pela disponibilização na Região de laboratórios de ensaio e certificação e incubadora de empresas em estreita colaboração com instituições de ensino superior na Região. Com efeito, verifica-se frequentemente que as novas empresas de base tecnológica resultam de <i>spin-offs</i> da Universidade, exercendo actividades em domínios das tecnologias de informação e comunicação, ciências da vida, <i>software</i>, ambiente,...
---	---



2. REFLEXÕES SOBRE AS ESTRATÉGIAS

2.1. GRANDES DESAFIOS

UMA VISÃO GLOBAL



DOS PRINCIPAIS OBJECTIVOS

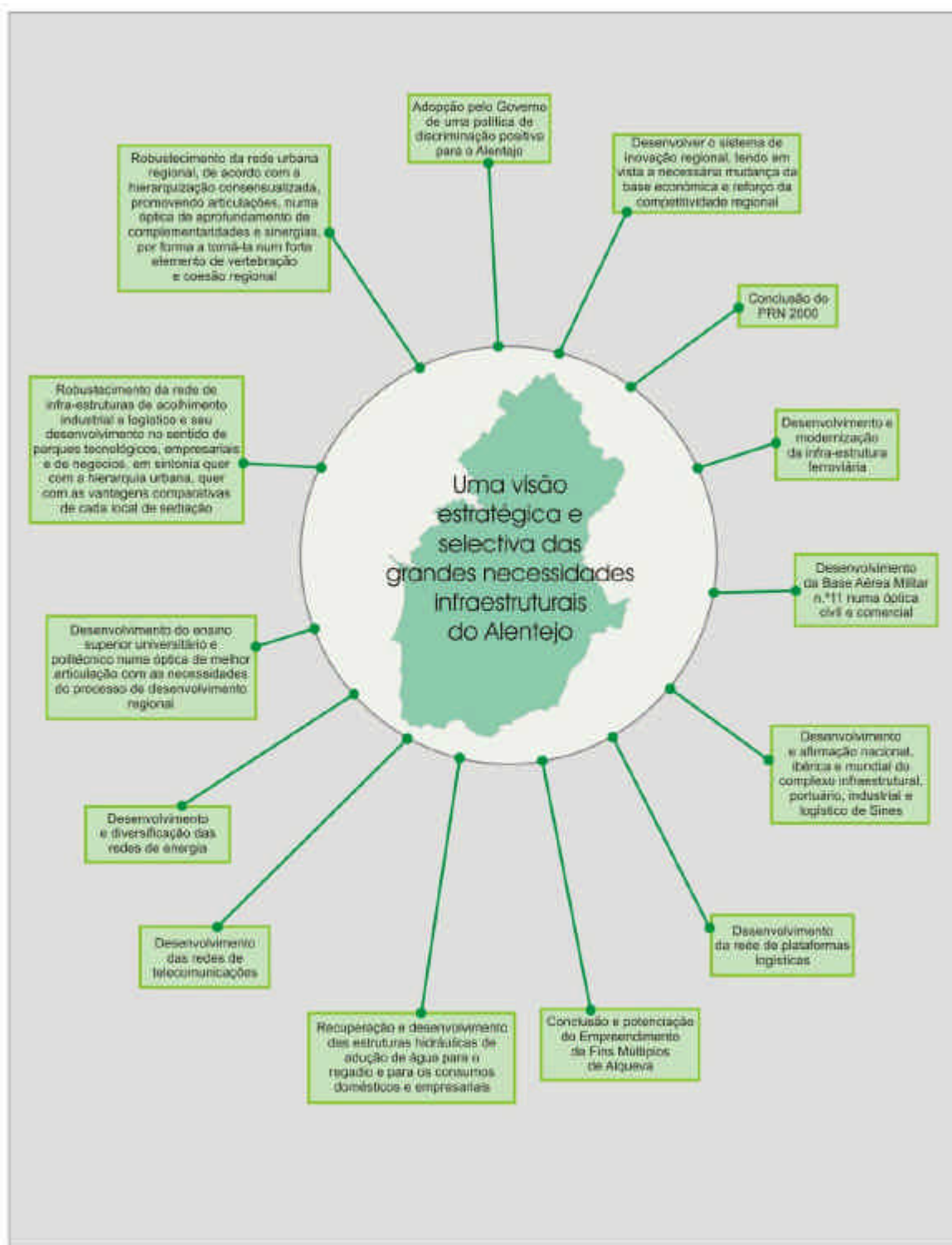
Preservar a sustentabilidade ambiental e paisagística; apostar na qualidade, na diferenciação e na exclusividade	É imprescindível para o desenvolvimento sustentado e integrado da Região, que se preserve o ambiente e a paisagem e se aposte forte e decisivamente na diferenciação, na qualidade e na exclusividade dos seus principais e mais emblemáticos produtos, com os canais de distribuição apropriados e correctamente aproveitados.
Criar emprego; fixar e atrair população; promover a coesão social	De um vasto conjunto de objectivos estratégicos fundamentais para a Região, assume especial destaque o desenvolvimento de projectos susceptíveis de criarem novos empregos e de fixarem e atraírem população, evitando ou atenuando o progressivo esvaziamento demográfico que actualmente caracteriza a Região. O enquadramento do crescendo de fluxos imigratórios, sobretudo oriundos da Europa de Leste, é fundamental para a manutenção da necessária coesão social.
Atrair e fixar investimento exógeno e estruturante; dinamizar a base económica tradicional e apoiar a emergente; organizar a produção e a comercialização e distribuição	De igual modo, deverão ser considerados fundamentais alguns eixos de intervenção estratégica, nomeadamente os que procuram manter/segurar e, sobretudo, dinamizar as principais actividades da base económica tradicional (reconvertidas), apoiar a base económica emergente, atrair e fixar investimento exógeno significativo, desenvolver e implementar projectos estruturantes de base regional, fomentar novas políticas e adequar políticas actuais à realidade e necessidades regionais, organizar os produtores e a produção a partir de estruturas empresariais de comercialização e distribuição (a partir do mercado) e afirmar e controlar a logística.
Incrementar as interacções entre regiões ganhadoras e regiões periféricas; aprofundar parcerias estratégicas	Neste quadro estratégico, assume relevância o processo de interacção positivo que deverá existir entre o Litoral e o Interior, a indispensabilidade de concretizar os investimentos previstos em acessibilidades rodoviárias e ferroviárias, em projectos estruturantes já concebidos, públicos e privados, e simultaneamente estabelecer e aprofundar parcerias estratégicas com outras regiões e territórios, nomeadamente com a Área Metropolitana de Lisboa, com o Algarve e com a Andaluzia e Extremadura espanholas. Deverá ainda ser implementado um eixo estruturante interior, com início em Sines e término no Centro da Europa, em parceria com outros territórios e agentes institucionais regionais e governamentais.

Dinamizar e mudar a agricultura alentejana	Num contexto global, em que se afigura premente e prioritário preservar os sistemas agrícolas, pecuários e silvícolas (desenvolvendo o regadio e incorporando inovações e tecnologias modernas compatíveis, de modo a melhorar a sua competitividade), como meio de atingir um desenvolvimento sustentado e integrado, que respeite o ambiente e consiga responder satisfatoriamente às exigências “impostas” pela qualidade e saúde, parece de inegável oportunidade implementar alguns projectos inovadores em alguns sub-sectores, nomeadamente na agricultura biológica, na exploração de raças autóctones, nos montados de sobro e azinho, na exploração de ervas e produtos aromáticos e culturas de regadio.
	O desenvolvimento da agricultura e pecuária, baseado em produtos com nomes protegidos, quer provenientes de culturas de regadio quer de culturas tradicionais, no primeiro caso, quer da exploração de raças autóctones, no segundo caso, afigura-se assim não só como uma importante oportunidade mas, sobretudo, como um desafio fundamental que a Região deverá saber aproveitar e rendibilizar para proveito próprio. A transformação do uso do solo e o conjunto de impactes a ele associados, originados pela concretização do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, constituirá uma vantagem competitiva que deverá ser correctamente aproveitada e potenciada.
	Sendo um dos produtos regionais de excelência a cortiça, deverá assumir um carácter prioritário a conservação e extensão dos recursos florestais, nomeadamente do montado de sobro, e a captação de novas indústrias e unidades de investigação, de modo a aproveitar eficazmente o vasto leque de valências associadas a este recurso e reter na Região o maior valor acrescentado possível. O vinho, o azeite e a azeitona, a pecuária e as culturas desenvolvidas a partir do regadio constituem outros tantos pilares fundamentais da agricultura alentejana.
	Assume-se, igualmente, que a pluri-actividade do agricultor alentejano pode vir a ser uma necessidade e um importante factor de alavancagem de inúmeras actividades/produtos, desde que sustentáveis a prazo e incrementadoras de rendimentos e oportunidades. Neste sentido, dada a importância da agricultura para a economia regional e num quadro de manutenção da PAC, importa repensar as políticas de ajudas emancipando-as da produção e das quotas existentes em muitos sectores, incorrectamente definidas a partir de produções e produtividades históricas, que pouco se revêem na realidade actual.

Potenciar o aproveitamento de recursos naturais e infraestruturais; concretizar os grandes projectos infraestruturais; promover a industrialização, a logística e o turismo	O impulso a conceder ao tecido económico regional, ainda muito incipiente, passará em grande medida pela realização de diversas acções voluntaristas de sensibilização, nomeadamente sobre as melhores oportunidades a promover e instrumentos monetários a recorrer (sobretudo fundos europeus), para a sua efectivação e sustentabilidade a prazo. O apoio ao desenvolvimento de uma rede regional de parques empresariais e de negócios e de plataformas logísticas é fundamental para acelerar e sustentar o processo de industrialização.
	O aproveitamento de condições naturais (como as reservas de pedras naturais e minérios de cobre) e de condições infraestruturais já existentes, como meio de atrair e fixar algumas actividades industriais e serviços de grande valor acrescentado (p.e. em torno do projecto do Aeroporto de Beja, desenvolver actividades relacionadas com a aeronáutica e a tecnologia aeroespacial), apresenta-se como um importante desafio a concretizar.
	Outro desafio decisivo passa por uma melhor e mais diversificada inserção do porto de Sines no transporte marítimo internacional. O aproveitamento das inúmeras valências que actualmente disponibiliza (porto energético, porto de movimentação de contentores, terminal de carga geral, ...), a que se junta a possibilidade de impulsionar na sua envolvente o desenvolvimento da actividade logística e de transformação industrial, deverão possibilitar uma forte presença e preponderância no <i>hinterland</i> Ibérico e Europeu. Contudo, será necessário concretizar as redes de acessibilidades rodo e ferroviário actualmente idealizadas. Serão estas que, correctamente exploradas, permitirão aproximar decisivamente a Região à AML, a Madrid, ao sul de Espanha e a todo o espaço europeu.
	A concretização de todo o projecto EFMA, ampliando e potenciando substancialmente a infra-estrutura hidráulica da Região é obviamente outra via fundamental e já consensualizada para alicerçar o processo de industrialização regional, designadamente no domínio das agro-indústrias.
	Numa óptica de diversificar a base económica regional e aproveitar uma das actividades que, previsivelmente, mais irá crescer nos próximos anos, importa criar uma base sólida de actividades/recursos turísticos, com elevado valor e atenuar a sazonalidade, que marca a generalidade do turismo português. Os recursos paisagísticos, as excepcionais condições ambientais, o riquíssimo e diversificado património histórico-cultural, as actividades desportivas e artísticas, o artesanato poderão assumir-se como componentes fundamentais dessa estrutura de base.

Robustecer o sistema urbano vertebrando o território; potenciar o aproveitamento do ensino superior	Em termos territoriais, deverá assumir-se claramente o fortalecimento e aproximação entre as cidades médias da Região, articulando-as melhor com a rede de acessibilidades e fomentando as diversas dinâmicas em curso ou emergentes. Neste sentido, deverão ser potencializadas algumas oportunidades de revitalização do território, como sejam o progressivo crescimento do número de residências secundárias na Região e a emergência de espaços destinados à utilização de alguns segmentos turísticos, nomeadamente associados ao turismo sénior europeu.
	Dada a proximidade à Área Metropolitana de Lisboa, recentemente incrementada com a conclusão da A2, deverão surgir diversas oportunidades no domínio dos serviços, beneficiados pela implementação de uma rede moderna de telecomunicações. Assim, importa apostar na criação de pólos de tele-trabalho nos principais centros urbanos regionais, potencializando esta vantagem comparativa.
	Caso paradigmático de sucesso na Região, o ensino superior deverá participar activamente nas redes de universidades e centros de investigação nacionais e estrangeiros, alargando os seus domínios de trabalho e estudo, promovendo intercâmbios e realizando seminários/encontros de qualidade e pertinência internacional e de real interesse para o desenvolvimento da Região.
	Concluindo, a estratégia a seguir deverá incorporar as diversas dinâmicas (emergentes, em afirmação e consolidação) e criar instrumentos/medidas de apoio aos factores de competitividade interna e que possibilitem melhorar e incrementar a actividade empresarial, nomeadamente as suas condições envolventes. O processo não deverá cingir-se aos limites territoriais alentejanos, devendo ser “conduzido e concretizado”, numa perspectiva mais alargada, capaz de aproveitar e fomentar as diversas oportunidades decorrentes do estritamento das relações inter-urbanas e inter-regionais.

UMA VISÃO ESTRATÉGICA E SELECTIVA DAS GRANDES NECESSIDADES INFRAESTRUTURAIS



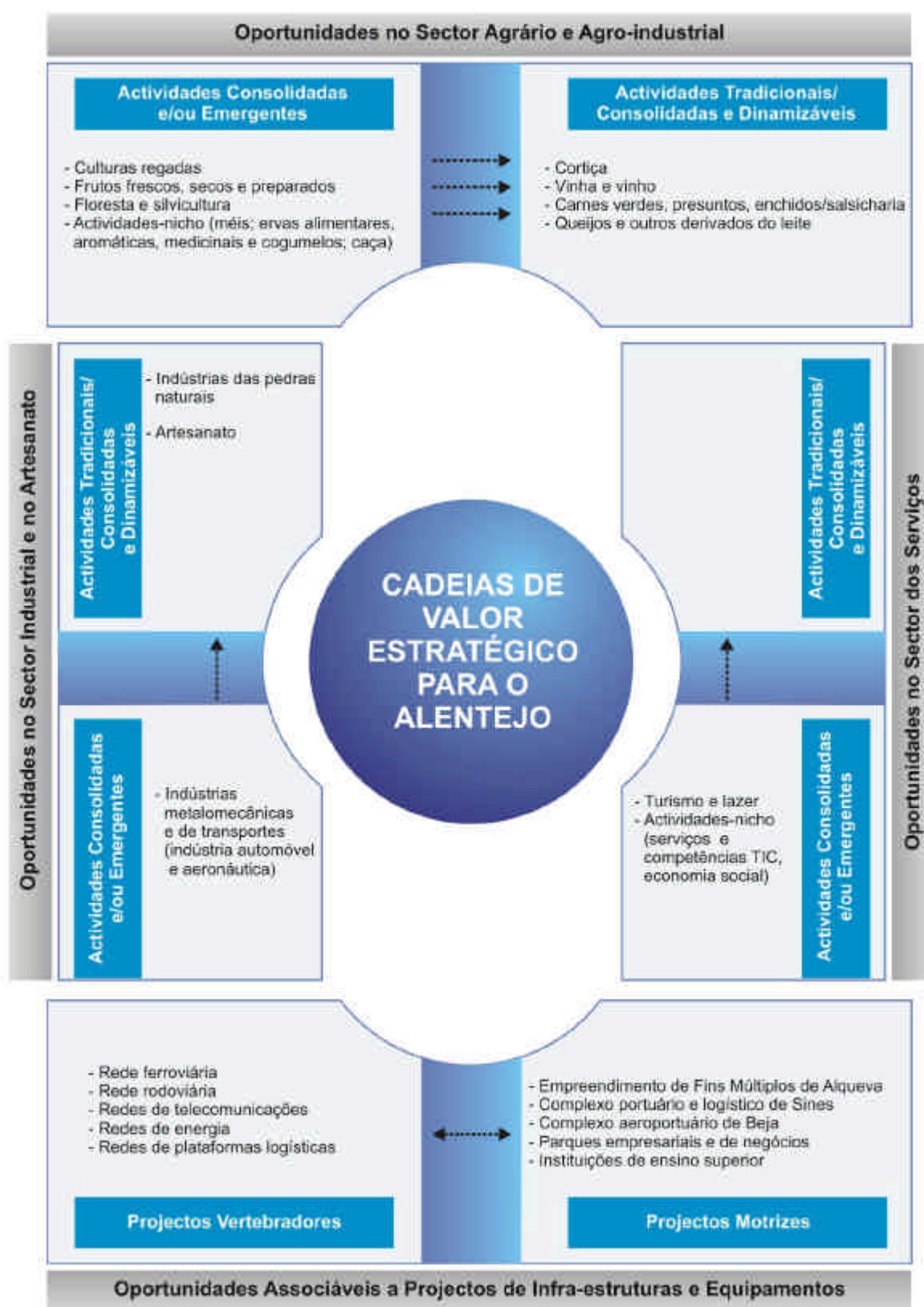
DAS GRANDES NECESSIDADES INFRAESTRUTURAIS

Conclusão do PRN 2000	O Alentejo, mercê não só da sua posição de região de charneira e atravessamento, mas também da bondade da sua topografia, dispõe, comparativamente com outras regiões do País, de uma razoável rede viária. No entanto, quer ao nível da rede de itinerários principais, quer ao nível da rede de itinerários complementares, existem ainda muitos projectos viários previstos no PRN 2000 por concretizar, dificultando o desejado e necessário aprofundamento das interacções inter e intra-regionais (particularmente ao longo do corredor de centros urbanos da Raia e entre Sines e as principais cidades e Espanha).
Desenvolvimento da infra-estrutura ferroviária	- O Alentejo, a exemplo das restantes regiões portuguesas, tem uma rede ferroviária pouco desenvolvida. Contudo, numa época em que há uma crescente consciencialização de que o transporte por caminho de ferro pode ter algumas vantagens relevantes sobre o transporte rodoviário (menores custos por carga transportada, menores impactes sobre a qualidade ambiental e menores taxas de sinistralidade), espera-se e deseja-se que este modo de transporte tenha um desenvolvimento mais consentâneo com as necessidades do Alentejo. Concretamente, é fundamental para o desenvolvimento da economia regional que o Alentejo disponha de uma infra-estrutura ferroviária que assegure boas ligações entre: o porto de Sines e a Área Metropolitana de Lisboa, o aeroporto de Beja, o Algarve, Espanha e Évora; e entre as três capitais de distrito e destas, também, com a Área Metropolitana de Lisboa, o Algarve e Espanha. - Na última Cimeira Ibérica, a decisão de ligar, em 2010, Lisboa a Madrid por uma Linha Ferroviária de Alta Velocidade, passando pelo Alentejo, constitui um forte triunfo para o Alentejo, permitindo uma melhoria significativa das acessibilidades. Na mesma ocasião foram também anunciadas as intenções de: - construir a ligação ferroviária em velocidade alta Lisboa a Faro, via Évora e Beja; - criar um corredor de mercadorias entre os portos de Lisboa, Sines e Setúbal e a cidade de Badajoz.
Desenvolvimento da Base Aérea Militar de Beja n.º 11 numa óptica civil e comercial	O Alentejo tem a vantagem de possuir uma boa infra-estrutura aeroportuária militar, com condições para também ser desenvolvida estrategicamente numa vertente civil, seja para tráfego de passageiros, seja para carga, tanto mais que tem uma localização de intermediação entre três regiões de grande potencial de mercado: Área Metropolitana de Lisboa, Algarve e regiões espanholas da Andaluzia e Extremadura.
Desenvolvimento da rede de plataformas logísticas	O Alentejo apresenta algumas polarizações produtivas importantes, cujo desenvolvimento será por certo potenciado com a criação local de plataformas logísticas, a saber: Sines (com todo o complexo portuário, logístico e industrial); o eixo Estremoz/Borba/Vila Viçosa/Alandroal (com toda a forte concentração das indústrias de extracção e transformação do mármore); Beja (com o complexo aeroportuário e futura plataforma logística e industrial que se lhe associará); Vendas Novas (com grande concentração industrial no ramo do automóvel e da cortiça); Ponte de Sôr (com um crescendo de reanimação da tradição corticeira e apetência para o desenvolvimento da indústria aeronáutica) e Évora, Portalegre e Elvas (com interesses no desenvolvimento das suas áreas empresariais, industriais e logísticas).
Recuperação e desenvolvimento das estruturas hidráulicas de adução de água para o regadio e para os consumos domésticos e empresariais	Por um lado, é conhecido que as estruturas hidráulicas adutoras de água do Alentejo têm perdas bastante elevadas (em média 40% até chegarem ao destino final). Embora tal também aconteça noutras regiões portuguesas, no caso do Alentejo torna-se mais preocupante devido às grandes limitações de recursos hídricos. Por outro lado, é também do conhecimento público que o pleno aproveitamento do potencial da albufeira do Alqueva para desenvolvimento do regadio agrícola (cerca de mais 110 mil ha de área irrigada, correspondentes a cerca de 6% da SAU do Alentejo), vector essencial para a reconversão da agricultura alentejana e grande pilar da futura sustentação económica da Região, apenas se concretizará num longo prazo (cerca de 25 anos).

Desenvolvimento e diversificação das redes de energia	O problema das redes de energia no Alentejo coloca-se a vários níveis. Um primeiro, prende-se com a necessidade das empresas industriais disporem de fornecimentos energéticos constantes ao longo do dia do trabalho e com potências adequadas às necessidades dos processos produtivos (que em alguns casos cobrem as 24h diárias) e daí a importância de uma boa rede de centrais eléctricas. Um segundo, prende-se com os custos da energia, que muitas vezes penalizavam a competitividade das empresas, sejam estas do sector industrial, do sector dos serviços ou do sector da agricultura. Daí também a necessidade estratégica do Alentejo desenvolver a produção de energia hidroeléctrica e alcançar uma boa cobertura da rede de gás natural, tanto mais que o grande terminal de gás liquefeito do País está sediado em Sines. E, um terceiro, que tem a ver com o cumprimento das metas estabelecidas pela União Europeia para o nosso País em termos de desenvolvimento das energias alternativas, por razões ambientais e de minimização da dependência externa energética (esperando-se que até 2010 a produção energética através de fontes alternativas alcance uma quota de 39%). Assim sendo, é também uma necessidade estratégica para o Alentejo a aposta no desenvolvimento das centrais mini-hídricas, das centrais fotovoltaicas, dos parques eólicos, das centrais de aproveitamento da biomassa e de produção do biodiesel, e mesmo das centrais de aproveitamento energético da ondulação marítima.
Desenvolvimento das redes de telecomunicações	Numa época em que o dinamismo das empresas, o crescimento dos negócios e o bem-estar do quotidiano dos cidadãos é cada vez mais pautado pelo desenvolvimento das telecomunicações, torna-se, naturalmente, decisivo para competitividade e atractividade de qualquer região a aposta no desenvolvimento da rede de telecomunicações. Neste contexto, o Alentejo deve procurar acompanhar em tempo útil toda a revolução tecnológica que se tem operado e que se vai continuar a operar no sector das telecomunicações (designadamente, o desenvolvimento da <i>internet</i> de banda larga, UMTS – Sistema Universal de Telecomunicações Móveis, do GPRS – <i>General Pocket Radio Service</i> e dos Serviços ADSL – <i>Asymetric Digital Subscriber Line</i>).
Robustecimento da rede de infra-estruturas de acolhimento industrial e logístico, e seu desenvolvimento no sentido de parques tecnológicos, empresariais e de negócios, em sintonia, quer com a hierarquia urbana, quer com as vantagens comparativas de cada local de sediação	No essencial, importa ter uma visão estratégica para a Região, conscientes de que é melhor uma atitude de selectividade e concentração territorial dos investimentos, por forma a criar polarizações com suficiente sustentabilidade e competitividade. Neste contexto, as principais apostas do investimento público e privado devem ser orientadas para Sines, Évora, Beja, Portalegre, Vendas Novas, Ponte de Sôr e Elvas (e, eventualmente, Moura/Serpa). Estrategicamente, tais parques devem ser desenvolvidos com a preocupação de criação local de múltiplos e diversificados serviços de apoio, de crescente imbricação entre as empresas sediadas e entre estas e as instituições de ensino superior, os centros de formação e os centros tecnológicos.
Desenvolvimento do ensino superior e politécnico numa óptica de melhor articulação com as necessidades do processo de desenvolvimento regional	É conhecido que nas últimas duas décadas o ensino superior público e privado teve um enorme desenvolvimento em Portugal, conduzindo ao que muitos consideram quer a uma excessiva pulverização de estabelecimentos e de cursos (em muitos casos sem racionalidade económica e adequação aos potenciais de desenvolvimento regional), quer a uma excessiva dependência da sustentabilidade e afirmação das cidades relativamente à existência e funcionamento dos estabelecimentos de ensino superior. Neste contexto, é fundamental reflectir sobre a oferta de ensino público universitário e politécnico existente no Alentejo, tendo em vista maiores horizontes de sustentabilidade e, sobretudo, uma maior imbricação no processo de desenvolvimento regional (o muito recente acordo entre as Universidades de Évora, Trás-os-Montes e Técnica de Lisboa, no sentido da criação conjunta da RUPEA – Rede de Universidades Portuguesas de Ensino Agrário é, na opinião da Equipa, um dos bons exemplos a seguir).

Robustecimento da rede urbana regional, de acordo com a hierarquização consensualizada, promovendo articulações, numa óptica de aprofundamento de complementaridades e sinergias, por forma a torná-la num forte elemento de vertebração e coesão regional	• Conforme se sublinhou, os centros urbanos alentejanos têm-se constituído como os grandes pilares de organização territorial da Região e de resistência ao longo processo de recessão demográfica. Conscientes de que a rede urbana regional é frágil, porque liderada por um reduzido grupo de cidades médias de pequena dimensão (apenas 5 têm mais de 10 mil habitantes e, destas, Beja ronda os 20 mil e Évora os 40 mil), torna-se fundamental uma atitude proactiva de concentração do investimento público e privado, em consonância com o modelo de hierarquização urbana já consensualizado por técnicos e decisores políticos. • A afirmação inequívoca da capitalidade regional de Évora é importante não apenas para a cidade, como para toda a Região. No entanto, tal só será vantajoso num quadro de fácil articulação física e de crescente interacção económica e funcional entre Évora e os vários pólos de âmbito sub-regional (Beja, Portalegre e Sines) e de nível supra-concelhio (Elvas, Estremoz, Ponte de Sôr, Montemor-o-Novo, Moura e Castro Verde).
Desenvolver o sistema de inovação regional, tendo em vista a necessária mudança da base económica e o reforço da competitividade regional	• É sabido que, hoje em dia, a mudança da base económica e a competitividade regional estão cada vez mais dependentes da capacidade de inovação. É também sabido que o Alentejo, porventura pelo facto de uma parte significativa das suas empresas exercer actividade em sectores pouco intensivos em tecnologia, apresenta uma reduzida despesa em I&D. Neste contexto, importa desenvolver adequadamente o sistema de inovação regional que, naturalmente, face às características do Alentejo, terá de ser polarizado por organismos públicos de I&D. Com uma mais forte aposta na inovação tecnológica irão por certo dinamizar-se e emergir novos “clusters” de actividades de base tecnológica, contribuindo assim para a mudança e para a competitividade.
Adopção pelo governo de uma política de discriminação positiva para o Alentejo	• Conforme se sustentou no “Estudo para a Definição de uma Base Económica para a Região Alentejo” (CCDR Alentejo/CEDRU, 1996), o processo de desenvolvimento regional do Alentejo carece de medidas de excepção, designadamente as que se orientam para o estímulo ao investimento endógeno e exógeno (períodos de isenção ou redução da fiscalidade, criação de linhas especiais de crédito, desenvolvimento de parcerias administração pública/privada, modelações territoriais de majoração de incentivos ao investimento, ...). Neste contexto, as ideias avançadas há quatro anos, de criação no Alentejo de várias ZLP/ALE (ver “Estudo Global sobre Ordenamento e Valorização das Zonas Previstas para se Constituírem em Zonas de Localização Prioritária” (CCDR Alentejo/CEDRU, 2000), continuam, na opinião da Equipa, a ter toda a pertinência. • Recentemente, foram preconizadas algumas medidas de discriminação positiva no âmbito do PRASD (Programa de Recuperação de Áreas e Sectores Deprimidos), nomeadamente: • fundo de capital de risco; • apoio ao desenvolvimento de vocações turísticas (no Alentejo Interior, baseado no EFMA, e no Alentejo Litoral, baseado na Península de Setúbal/Alentejo Litoral); • estímulo à afirmação, nacional e internacional, de marcas regionais; • apoio à consolidação e modernização de sectores que valorizem recursos naturais (rochas ornamentais...).

UMA VISÃO ESTRATÉGICA E SELECTIVA DAS CADEIAS DE VALOR



CADEIAS DE VALOR ESTRATÉGICAS	IDEIAS - FORÇA	ANCORAGENS TERRITORIAIS PRINCIPAIS
CORTIÇA	1. O Alentejo, como região líder da produção nacional de cortiça, deve procurar um maior desenvolvimento da transformação <i>in loco</i> por forma a reter maior VAB desta fileira; 2. O Alentejo deve seguir o caminho, já trilhado por outros concorrentes, de intensificação da renovação dos montados de sobreiro; 3. O Alentejo deve procurar incorporar mais I&D na extracção de cortiça e tratamento de produtos, bem como mais <i>design</i> nalguns produtos finais; 4. O Alentejo deve explorar mais as oportunidades para a cortiça, que se deparam nas indústrias da construção civil, automóvel, aeronáutica e decoração.	1. Ponte de Sôr; 2. Vendas Novas; 3. Azaruja; 4. Alter do Chão; 5. Gavião; 6. Cortiçadas.
VINHA E VINHO	1. O Alentejo deve prosseguir a trajectória de valorização da qualidade dos seus vinhos, mas paralelamente deve, também, fazer um esforço de redução do número de marcas (mais de 200), por forma a facilitar a visibilização e valorização comercial externa; 2. O Alentejo deve aproveitar o desenvolvimento do regadio associado ao EFMA para desenvolver a produção de uva de mesa (tanto mais que as quotas impostas a outras produções, podem libertar uma área irrigada significativa); 3. O Alentejo deve também aproveitar o crescendo de desenvolvimento da actividade turística para a afirmação e dinamização do enoturismo e para o aproveitamento das oportunidades decorrentes da exploração da Rota dos Vinhos, vinoterapia e provas de vinhos nas adegas.	1. Borba; 2. Redondo; 3. Vidigueira; 4. Reguengos Monsaraz; 5. Évora; 6. Portalegre; 7. Moura; 8. Granja; 9. Montemor -o-Novo.
AZEITONA E AZEITE	1. O Alentejo, não sendo a principal região do País produtora de azeitona e azeite, tem, contudo, um grande potencial no sector que deve ser valorizado, tanto mais que se verifica uma crescente retoma do mercado e uma crescente apetência e exigência dos consumidores por produtos de boa qualidade biológica; 2. O Alentejo necessita de combater a excessiva venda de azeite a granel para embalagem fora da Região, incentivando o associativismo e a empresarialização, por forma a criar marcas fortes e com embalagem atractiva; 3. O Alentejo necessita de modernização tecnológica dos lagares, por forma a melhorar as condições higio-sanitárias, a minimizar a poluição ambiental e obter melhores rendibilidades; 4. O Alentejo necessita de diversificar os produtos associados à azeitona e ao azeite, estimulando outros gostos gastronómicos (por exemplo, aproveitamento das ervas da Região para aromatizar azeites, criação de patês de azeitona...).	<u>Azeites:</u> 1. Moura/Serpa; 2. Norte Alentejano; 3. Alentejo Interior. <u>Azeitona de mesa</u> 1. Elvas/Campo Maior; 2. Nisa; 3. Nordeste alentejano (em processo de certificação)

CADEIAS DE VALOR ESTRATÉGICAS	IDEIAS - FORÇA	ANCORAGENS TERRITORIAIS PRINCIPAIS
CARNE, PRESUNTOS E ENCHIDOS/ SALSICHARIA	1. O Alentejo deve prosseguir a estratégia de progressiva certificação dos seus produtos de excelência da fileira da carne, tanto mais que é já a região portuguesa que apresenta maior número de carnes, enchidos e presuntos certificados (cerca de 3 dezenas correspondentes a 57% do total nacional), na medida em que tal robustece a sua capacidade competitiva, desenvolve práticas pedagógicas e projecta uma imagem de qualidade; 2. A marca "Alentejo" deve afirmar-se como uma "umbrella" de todas as sub-marcas certificadas, por forma a facilitar a identificação dos consumidores com os produtos e a melhorar a visibilidade externa da Região; 3. O Alentejo (e o País) necessita de uma nova política de matadouros, uma que não favoreça a constituição de monopólios e a dependência dos mesmos de importadores e exportadores de carne, porventura uma política que passe por uma libertação de casas de abate devidamente certificadas e controladas (como, de resto, existe na vizinha Espanha).	<u>1. Carnes:</u> Todo o Alentejo, existindo, contudo, várias certificações sub-regionais e mesmo locais, relacionadas com a carne bovina, ovina e suína, bem como vários processos de certificação em curso, relacionados com os caprinos. <u>2. Enchidos/salsicharia:</u> Área de Portalegre; Área de Estremoz/Borba; Outros em processo de certificação (Alto Alentejo, Portel, ...). <u>3. Presuntos:</u> Barrancos; Outros em processo de certificação (Campo Maior, Portalegre, Estremoz/Borba, ...) <u>4. Outros produtos certificáveis: banha, toucinho e torresmos:</u> Estremoz/Borba, Portalegre, ...
CULTURAS REGADAS (hortícolas, frutícolas, florícolas, cereais e forrageiras)	1. O Alentejo tem cerca de 163.983,2 ha de áreas equipadas e em funcionamento de regadio. A estes, juntar-se-ão nos próximos 20 a 25 anos mais cerca de 110 mil ha decorrentes da concretização do EFMA (dos quais 1/5 poderão entrar já em funcionamento, até 2007). Neste contexto, o Alentejo começa a ter condições para fazer a mudança que se deseja na agricultura alentejana; 2. Para ter uma agricultura de regadio com rentabilidade e competitividade, não basta ao Alentejo desenvolver as estruturas hidráulicas associadas ao Alqueva, necessita também de recuperar as estruturas antigas que têm perdas da ordem dos 40/50% (situação particularmente chocante para uma região com tantas limitações de recursos hídricos), para além de uma política de preço de água que não restrinja a iniciativa empresarial; 3. A mudança da agricultura alentejana, passa não só pelo reforço da importância do regadio, mas também, dadas as quotas existentes para algumas produções, pelo desenvolvimento da horticultura, da floricultura e da vitivinicultura, onde se podem abrir oportunidades de negócio particularmente estimulantes, além de que o aumento em 39% da quota para Portugal de produção de bovinos de carne (onde de resto o Alentejo é já a região portuguesa líder), vai obrigar ao desenvolvimento das forrageiras; 4. A maximização do Valor Bruto da Produção e do VAB associável ao regadio alentejano requer, a um tempo, a criação de centrais regionais de compra de hortícolas, florícolas e frutícolas (a exemplo do que existe na sub-região Oeste) e, a outro tempo, de desenvolvimento das unidades agro-industriais e das unidades de experimentação (que de resto estiveram no espírito inicial dos planos de rega iniciais).	1. Perímetro de rega do Alqueva; 2. Perímetro de rega do Roxo; 3. Perímetro de rega de Campilhas; 4. Perímetro de rega de Odivelas; 5. Perímetro de rega do Sado; 6. Perímetro de rega do Mira; 7. Perímetro de rega do Caia; 8. Perímetro de rega do Divor; 9. Perímetro de rega da Vigia; 10. Outros/futuros perímetros de rega.

CADEIAS DE VALOR ESTRATÉGICAS	IDEIAS - FORÇA	ANCORAGENS TERRITORIAIS PRINCIPAIS
PEDRAS NATURAIS (rochas ornamentais e industriais)	1. O Alentejo pode e deve tirar maiores vantagens económicas dos enormes potenciais de reservas de pedras naturais que apresenta, particularmente de mármore, mas também de granitos e xistos (sendo que estes últimos têm reduzido valor económico), mas, para tal, necessita de aumentar o peso da transformação da pedra relativamente ao da extracção, bem como de uma grande recomposição de tecido industrial ligado às "pedras naturais" (que como se sabe está excessivamente pulverizado) e de um esforço de desenvolvimento de investigação e tecnologia e de maior introdução de <i>design</i> e <i>marketing</i> de produto; 2. O Alentejo deve preparar-se para a implementação das novas regras legislativas enquadratórias das indústrias extractivas de pedras naturais, aproveitando, designadamente, o período de carência de 18 meses, conscientes de que com a aplicação da Lei, que traz grandes exigências às empresas em termos ambientais, de cauções e de estudos de impacto, vai-se operar um processo de concentração industrial, que é uma necessidade e uma oportunidade para a melhoria da competitividade do sector; 3. O Alentejo precisa de diversificar o seu mercado de pedras naturais, designadamente dos mármore, na medida em que cerca de 60% destes depende da Arábia Saudita (um país que, como é sabido, situa-se num contexto geográfico de grandes incertezas políticas e militares); 4. Para desenvolver todo o potencial da indústria de "pedras naturais", o Alentejo precisa de apostar na formação específica; no desenvolvimento de novos produtos; na actualização tecnológica; na cooperação inter-empresarial; no desenvolvimento do <i>marketing</i> (em estreita articulação com artistas e arquitectos), além de necessitar de maiores incentivos à internacionalização; 5. E, num contexto de transição como o actual, o Alentejo deve exigir do governo um período de carência de aplicação da Lei mais dilatado, bem como definição de cauções mais ajustadas à realidade do tecido empresarial alentejano, sob pena de, repentinamente, se ver a braços com o encerramento massivo das micro-empresas da indústria extractiva de mármore, com as óbvias e penalizantes consequências económicas e sociais que terá para o eixo Estremoz/Borba/Vila Viçosa/Alandroal.	<u>1. Eixo marmóreo:</u> Estremoz, Borba, Vila Viçosa, Alandroal. <u>2. Bolsas graníticas:</u> Norte Alentejano (Monforte, Arronches, Portalegre, Nisa...). <u>3. Bolsas xistosas:</u> Barrancos, Mourão e outros concelhos do Baixo Alentejo.

CADEIAS DE VALOR ESTRATÉGICAS	IDEIAS - FORÇA	ANCORAGENS TERRITORIAIS PRINCIPAIS
TURISMO E LAZER	1. O turismo é já a actividade económica mundial com maior importância (cerca de 11% do Produto Mundial Bruto), e tudo leva a crer que continuará numa senda de crescimento. O Alentejo, como se sabe, apesar de possuir um mosaico multifacetado de recursos turísticos, singulares, de excepção e de autenticidade, tem ainda um processo de desenvolvimento turístico relativamente incipiente (ainda não atingiu 1 milhão de dormidas; apenas cerca de 8,2 milhares de camas, embora uma muito boa oferta de alojamento em pousadas da ENATUR; e somente 10 mil postos de trabalho na hotelaria e restauração e 60 milhões de Euros de VAB Turístico), que importa acelerar de forma sustentada e numa óptica de preservação da forte identidade cultural e paisagística; 2. O Alentejo deve orientar estrategicamente o seu desenvolvimento turístico para os produtos e parcelas do território que dão maior garantia de afirmação. Por um lado, o Corredor Litoral, onde além do produto "Sol, mar e praia" podem desenvolver-se com razoável competitividade "golfe de resort", os "short-breaks" e o turismo activo. Por outro lado, o Espaço Interior, particularmente as cidades e as envolventes de albufeiras, onde se podem alicerçar com razoável interesse económico os turismos cultural-urbano, "touring", "short-breaks", TER, activo, enoturismo, natureza e paisagem, e cinegético. Para tal, o Alentejo necessita de levar à prática as recomendações do "Plano de Desenvolvimento Turístico do Alentejo" (RTEvora/ARTA; CEDRU, 2001); 3. O Alentejo necessita de desenvolver as 7 ADT – Áreas de Desenvolvimento Turístico e os 4 Núcleos Turísticos, previstos no PROTALI, de forma efectiva e equilibrada, ambiental, paisagística e economicamente sustentável e sem receio do modelo de "resort" de turismo e de golfe; 4. Paralelamente, o Alentejo precisa de aproveitar todo o potencial patrimonial das suas cidades, vilas, aldeias e montes, da sua cultura e produtos de excelência, bem como da envolvente das albufeiras, designadamente do Alqueva, também aqui, sem receio de um desenvolvimento turístico efectivo, que obviamente também deverá ser, a vários níveis e domínios, sustentado; 5. O Alentejo precisa de maior imbricação turística entre o Litoral e o Interior.	1. <u>Alentejo Litoral</u> - ADT de Tróia; - ADT da Comporta; - ADT do Carvalhal; - ADT de Fontainhas; - ADT de Melides; - ADT de Santo André; - ADT de Aivados; - NT de Porto Covo; - NT de Vila Nova de Mil Fontes; - NT de Almogrove; - NT de Zambujeira do Mar. 2. <u>Alentejo Interior</u> - Cidades, Vilas, Aldeias e Montes; - Alqueva e restantes Albufeiras; - Parques e/ou Reservas Naturais.
"ERVAS ALIMENTARES, AROMÁTICAS, MEDICINAIS E COGUMELOS"	1. É conhecido que o Alentejo, mercê da riqueza de "ervas aromáticas e cogumelos" que possui, conseguiu, com produtos de relativamente baixo custo, caldeamentos gastronómicos de inegável singularidade cultural e requinte de paladar. Tal potencial constitui obviamente uma grande oportunidade de negócio a que o Alentejo não pode ficar indiferente; 2. O Alentejo necessita de olhar para o seu potencial em "ervas aromáticas e cogumelos" de uma forma empresarial, o que passa também pelo desenvolvimento de explorações com culturas ordenadas, por centrais de compra e distribuição, por bons <i>designs</i> de embalagem e por atitudes de <i>marketing</i> e de internacionalização aguerridas.	

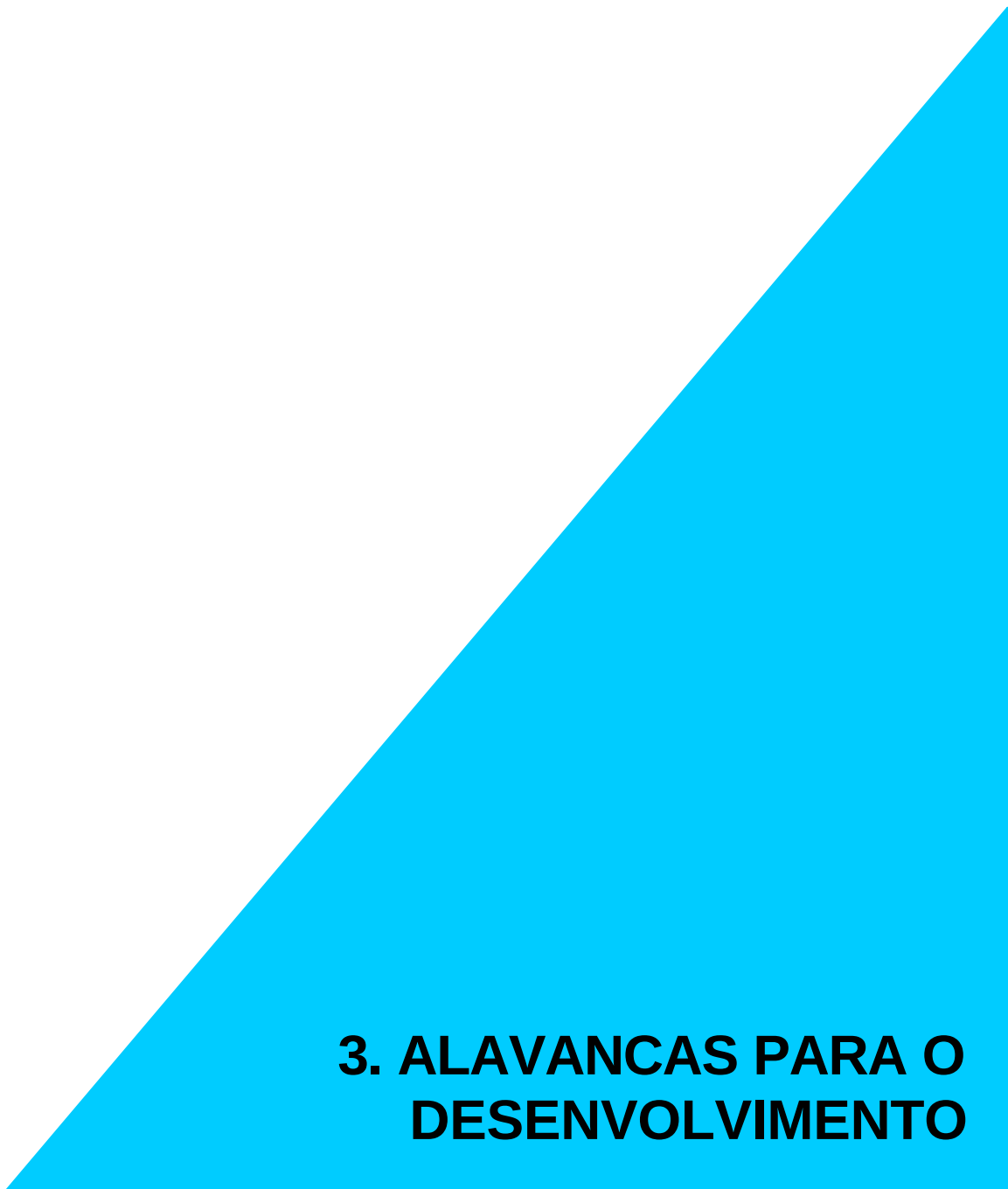
CADEIAS DE VALOR ESTRATÉGICAS	IDEIAS - FORÇA	ANCORAGENS TERRITORIAIS PRINCIPAIS
ARTESANATO	1. O Alentejo possui uma grande tradição de produção artesanal, sendo que as tapeçarias artísticas de Portalegre constituem o <i>ex-libris</i> do artesanato português e as tapeçarias de Arraiolos constituem outro produto referencial e de grande procura no mercado, quer por portugueses, quer por estrangeiros. Acresce que ainda existem outros produtos de razoável interesse cultural, económico e social, como os vários tipos de olaria tradicional, o mobiliário rústico, a tecelagem tradicional, rendas e bordados, a cestaria e os artigos em pele. Obviamente, o Alentejo não pode deixar de apostar no desenvolvimento do seu artesanato, desde logo pela relevância identitária, mas também pela importância para a sustentabilidade de algumas comunidades locais e, ainda, porque desde que renovado a vários níveis, pode alicerçar várias oportunidades de negócio; 2. A um tempo, o Alentejo precisa de encarar o artesanato numa óptica mais empresarializada, quer na produção, quer na comercialização. A outro tempo, o Alentejo precisa também de, partindo dos saberes-fazer tradicionais, buscar a modernidade artística do seu artesanato, porventura envolvendo, na formação e na produção, artistas plásticos conceituados e estimulando a adesão de jovens com cursos adequados de formação profissional; 3. O Alentejo deve aprofundar a articulação entre artesanato e turismo, designadamente nas componentes museológica, “welcome centers” e animação turística (feiras, eventos, artesanato ao vivo...).	<u>Tapeçaria:</u> - Portalegre e Arraiolos. <u>Olaria Tradicional:</u> - Nisa, Estremoz, Redondo, S. Pedro do Corval, Viana do Alentejo, Flor da Rosa, Cercal do Alentejo, Beringel, Grândola e Ourique. <u>Tecelagem Tradicional:</u> - Reguengos de Monsaraz, Mértola, Odemira, Almodôvar, Castro Verde, Alandroal e Belver. <u>Rendas e Bordados Tradicionais:</u> - Nisa, Castelo de Vide, Fronteira e Sines. <u>Mobiliário Rústico:</u> - Évora, Ferreira do Alentejo, Redondo, Arronches e Alandroal. <u>Cestaria Tradicional:</u> - Portagem, Ribeira de Nisa, Terrugem, Montargil, Elvas, Barrancos, Odivelas, Odemira. <u>Peles e couros:</u> - Terrugem, Alter do Chão, Estremoz, Beja, Évora, Sousel, Montemor-o-Novo, Cuba e Alcácer do Sal. <u>Latoaria:</u> - Ponte de Sôr, Alter do Chão e outras áreas da Região. <u>Artigos de Estanho:</u> - Vila Viçosa e Santa Eulália. <u>Cutelaria:</u> - Azaruja. <u>Trabalhos em ferro:</u> - Alpalhão e Ferreira do Alentejo.
ENERGIA	1. O Alentejo deve desenvolver a infra-estrutura portuária, logística e industrial de Sines, por forma a afirmá-la como a grande plataforma energética do País e uma das maiores e mais diversificadas da União Europeia (petróleo e derivados, gás natural e carvão); 2. De modo a reforçar a imagem de “região energética”, o Alentejo deve procurar desenvolver as chamadas energias alternativas, tanto mais que as recomendações da UE vão no sentido de estas alcançarem, até 2010, uma quota de 39% no sector energético nacional, para além das recomendações do Protocolo de Quioto relativamente à redução das emissões atmosféricas poluidoras. Desde logo, a energia solar para a qual tem excelentes condições naturais (mais de 3.000 horas anuais de sol), bem como a energia hidroelétrica (potenciando as centrais das barragens do Alqueva e Pedrógão e as pequenas centrais das várias mini-hídricas previstas em associação com os canais de rega). Mas também a energia eólica (do Litoral Alentejano ao Norte Alentejano, e mesmo nas restantes áreas do Alentejo); os biocombustíveis como o bioetanol produzido a partir do milho, beterraba ou sorgo e que pode ser associado às gasolinas até 15%; e até o aproveitamento energético das ondas marítimas.	<u>Petróleo, gás natural, carvão:</u> - Sines. <u>Energia Solar</u> - Amareleja e outros. <u>Energia Eólica</u> - Litoral Alentejano e Norte Alentejano. <u>Energia Hidroelétrica</u> - Alqueva e Pedrógão e outras barragens da Região. <u>Biocombustíveis</u> - Áreas de Regadio. <u>Energia das ondas</u> - Costa Alentejana.

CADEIAS DE VALOR ESTRATÉGICAS	IDEIAS - FORÇA	ANCORAGENS TERRITORIAIS PRINCIPAIS
INDÚSTRIA AUTOMÓVEL	1. É conhecido que a indústria automóvel é uma das mais fortes actividades económicas do mundo, sendo, por isso, estratégico para Portugal e para o Alentejo, uma crescente participação nas fileiras desta indústria. Neste contexto, a área de Vendas Novas (que desde há bastante tempo tem já alguma tradição no sector, beneficiando das vantagens de proximidade à AML) deve continuar a apostar fortemente no apoio às indústrias do sector, sobretudo no que respeita às indústrias de montagem e de componentes; 2. Importa aprofundar o processo de sediação de empresas ligadas à indústria automóvel, sobretudo à produção de componentes, nos centros urbanos de Sines, Portalegre, Évora, Beja e Ponte de Sôr, que têm boas condições infraestruturais de acolhimento e carecem de bases industriais mais fortes para a sua sustentabilidade, económica e social.	1. Vendas Novas; 2. Sines; 3. Portalegre; 4. Évora; 5. Beja; 6. Ponte de Sôr; 7. Montemor-o-Novo.
INDÚSTRIA AERONÁUTICA	1. A aeronáutica é uma fileira com grande potencial de crescimento ao nível mundial (vertente militar, turismo, lazer, combate aos fogos florestais, combate às pragas da agricultura). O Alentejo não pode deixar de aproveitar as condições e vantagens que já possui, sobretudo o dinamismo empresarial de Ponte de Sôr ligado à produção de aviões ligeiros de treino e experimentais, mas também todo o potencial de ancoragem da indústria aeronáutica que tem a Base Aérea de Beja, bem como, para diversificar a "fileira", o potencial de lazer e aprendizagem inerente à Academia Aeronáutica de Évora.	1. Ponte de Sôr; 2. Beja; 3. Évora.
FLORESTA E SILVICULTURA	1. São múltiplas as razões para o Alentejo apostar no desenvolvimento da sua floresta, sobretudo dos montados de sobro e azinho, dos pinhais mansos, dos eucaliptais e dos soutos. Desde logo, por razões de qualidade e sustentabilidade ambiental, mas também por razões de manutenção de paisagens e, obviamente, por razões de carácter económico e de sustentabilidade de comunidades locais; 2. A aposta por razões ambientais prende-se, sobretudo, com a questão da poluição atmosférica associada às emissões de CO₂, para cuja absorção a floresta pode contribuir até 25% e que, assim sendo, no quadro do cumprimento do Protocolo de Quioto, pode tornar-se um negócio à escala mundial sob um quadro de concertações políticas inter-estados; 3. A aposta por razões paisagísticas prende-se com o facto da Região dispor de paisagens de grande valor patrimonial, cénico e identitário, em suma, um potencial turístico que deve ser valorizado (e daí a importância de uma política activa, adequada e atempada de ordenamento florestal). Lembre-se que o sobreiro e o pinheiro, espécies arbóreas fundamentais de algumas paisagens alentejanas, têm períodos de maturação de crescimento de cerca de 40 anos, pelo que se torna necessário proceder a investimentos de ordenamento florestal de longo prazo; 4. Por razões de carácter económico e de sustentabilidade de comunidades locais, porque os vários tipos de floresta alentejana podem proporcionar usos económicos múltiplos (madeira, silvo-pastorícia, lenha, caça, ervas aromáticas, mel...).	Todo o Alentejo.

CADEIAS DE VALOR ESTRATÉGICAS	IDEIAS - FORÇA	ANCORAGENS TERRITORIAIS PRINCIPAIS
QUEIJOS E OUTROS DERIVADOS DO LEITE	1. É sabido que existe um mercado, nacional e internacional, interessante para os queijos de excelência e com boas imagens de marca. Neste contexto, o Alentejo, sendo das regiões do País com tradição queijeira e possuindo alguns queijos certificados como produto de qualidade (Serpa, Nisa, Évora e mestiço de Tolosa), deve apostar mais fortemente neste nicho de mercado, melhorando ainda mais os padrões de higiene e qualidade do produto, criando condições de aumento da produção, desenvolvendo novas marcas e produtos derivados, promovendo boas imagens de marca (sob a “umbrella” Alentejo-Portugal) e de embalagem, buscando novos mercados e novas formas de colocar o produto; 2. A produção de leite e derivados tem encontrado em Portalegre um pólo fundamental para o seu desenvolvimento, que importa potenciar. Importa, ainda, referir a possibilidade de emergência de outro pólo complementar no Sudoeste Alentejano.	<u>Queijos:</u> 1. Serpa; 2. Nisa/Tolosa; 3. Évora; 4. Outros (Monforte, ...). <u>Leite e derivados:</u> 1. Portalegre; 2. Sudoeste Alentejano.
CAÇA	1. O Alentejo é uma das regiões portuguesas com melhores e mais abundantes recursos cinegéticos e com uma oferta de Zonas de Caça Turística bastante apreciável. A criação e dinamização efectiva destas Zonas, assume um papel fundamental no correcto aproveitamento e exploração deste recurso; 2. A dinamização do vector animação e económico em torno da caça, pode e deverá ser um dos pilares fundamentais de afirmação da Região, no contexto nacional e ibérico.	1. Corredor Mértola/Serpa/Moura/Barrancos; 2. Corredor Montemor-o-Novo/Évora/Reguengos/Alandroal; 3. Área de Alcácer do Sal e Grândola; 4. Área de Estremoz/Elvas; 5. Área de Mora/Ponte de Sôr.
SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO (serviços e competências TIC)	1. É sabido que se vivem tempos de grande e rápida inovação tecnológica no domínio das telecomunicações e audiovisuais e que, por isso, o desenvolvimento da chamada “sociedade de informação” tornou-se um factor de dinamismo e mudança das bases económicas regionais e, sobretudo, de competitividade. Neste contexto, o Alentejo precisa, em primeiro lugar, de se infraestruturar adequadamente no campo das telecomunicações para poder responder, atempadamente, aos grandes desafios e oportunidades da “Sociedade de Informação”; 2. Depois, o Alentejo, deve procurar aproveitar todo o enorme potencial das novas tecnologias para o desenvolvimento das oportunidades de negócios associadas ao tele-trabalho (incluindo o nicho de mercado dos “Back Offices” de empresas), à tele-medicina, às compras electrónicas e à modernização administrativa.	Todo o Alentejo, particularmente os centros urbanos e envolventes.
ECONOMIA SOCIAL	1. A crescente privatização e desenvolvimento de serviços de carácter social nas áreas da saúde, do apoio à terceira idade e do apoio à infância, abre um leque de novos desafios e oportunidades para o Alentejo; 2. A Região deve apostar forte, sobretudo, na fileira da saúde, a qual tem enormes potenciais de desenvolvimento, quer na relação com o lazer e o turismo e as crescentes preocupações com a modelação do corpo e o combate ao “stress”, quer na relação com o apoio à terceira idade, numa óptica de regeneração física e psíquica e criação de quotidianos de bem-estar.	1. Évora; 2. Beja; 3. Portalegre; 4. Restantes centros urbanos do Alentejo.

2.2. FACTORES CRÍTICOS DE SUCESSO

Vector modernização institucional (políticas e governância territorial)	Concretização dos objectivos gerais, específicos e metas ou alvos, constantes dos planos, programas, medidas, acções e projectos, elaborados e presentemente em curso, com incidência na Região e na sua base económica (QCA III, PORA, POE,)
	Estabelecimento de uma estrutura com competências, capacidade e peso negocial suficiente para representar institucionalmente o Alentejo (modelo de governância, coordenação e de representação institucional regional)
	Desenho, absorção e implementação de políticas de discriminação positivas favoráveis à dinâmica da base económica, quer para empresas e empresários, quer para indivíduos ou famílias
	Obtenção da garantia de fontes de financiamento para partes importantes ou fases subsequentes de projectos estruturantes (Alqueva, por exemplo), que carecem de realização fora do horizonte temporal e económico do QCA III
	Minimização dos efeitos da previsível, e já em curso, reforma da PAC
	Desenho, propostas e implementação de medidas que eliminem a burocracia, a diferentes níveis e sectores (constituição de empresas, licenciamentos, registos, autorizações, por exemplo), visando a produtividade e a competitividade
	Potenciação do novo figurino institucional da CCDRA
	Aprofundamento das parcerias público/privado
Vector robustecimento infraestrutural	Concretização dos projectos estruturantes em carteira nos diferentes concelhos, públicos, privados ou mistos, incluindo os relacionados com bens públicos ou colectivos da responsabilidade das administrações central, regional e local
	Concretização das principais vias rodo-ferroviárias de atravessamento do Alentejo, essenciais ao suporte logístico das actividades económicas e à fácil deslocação de pessoas e bens (Norte-Sul e Este-Oeste)
	Concretização da melhoria das acessibilidades intra-Alentejo, da responsabilidade das Câmaras e do Governo Central
	Desenvolvimento da intermodalidade, e mesmo da multimodalidade, e da rede de plataformas logísticas da Região
	Substituição de parques e zonas industriais por parques de negócios sob forma empresarial
	Construção das múltiplas barragens previstas visando assegurar o recurso estratégico escasso que é (e será) a água (para a Região e o próprio País)
	Reabilitação dos perímetros de rega existentes e construção dos novos já previstos
Vector atracção de investidores, parceiros, investimento estruturante	Contratação, de modo apropriado (contrato-programa), de gestão profissional de nível internacional, com capacidade e competência para pesquisar, atrair e negociar projectos de investimento relevantes para o Alentejo, eventualmente em articulação com a API
	Desenho, absorção e implementação de políticas visando aumentar a "massa crítica" de empresários, desenvolvendo actividades económicas no Alentejo, incentivando apropriadamente os existentes, de facto ou potenciais, ou atraindo outros do exterior da Região
	Estabelecimento de projectos, alianças estratégicas, acordos, parcerias e protocolos, visando cooperação multifacetada, mutuamente vantajosa, com regiões de fronteira do Alentejo (Área Metropolitana de Lisboa, Algarve, Extremadura e Andaluzia espanholas)
	Atracção de investidores externos e formação de agricultores autóctones nas culturas regadas previstas e relativamente às próprias agro-indústrias
Vector promoção e marketing regional	Estabelecimento de estrutura com competências e capacidade de promoção e <i>marketing</i> em termos nacionais e internacionais
	Criação de portais para o Alentejo e as suas principais fileiras produtivas
Vector reorganização e dinamização das cadeias de valor	Desenho, absorção e implementação de políticas que contribuam para o reforço e a integração de fileiras de produtos e serviços relevantes para o Alentejo, tradicionais ou emergentes
	Implementação de cadeias logísticas, com controlo e poder negocial relevante do produtor ao consumidor, eventualmente com recurso provisório a capital de risco ou público, visando a valorização e desenvolvimento de produções tradicionais e regionais, inseridas em estratégias de reestruturação e associação de cooperativas e ainda criação e reforço de organizações técnicas eficazes, capazes de ajudar os produtores a todos os níveis das respectivas cadeias de valor
	Promover a incorporação de inovação e <i>design</i>



3. ALAVANCAS PARA O DESENVOLVIMENTO

PROJECTOS VERTEBRADORES E MOTRIZES

IDEIA-CHAVE O Alentejo apresenta um conjunto de grandes investimentos em infra-estruturas e equipamentos que vão desde o transporte até a logística, passando pelas condições de aproveitamento agrícola e energético. Estes empreendimentos deverão ser vistos como “janelas de oportunidades” que, convenientemente aproveitadas, aumentarão a competitividade da Região. As oportunidades que cada uma delas disponibiliza deverão ser encaradas como uma mais valia ao nível da competitividade territorial e como instrumentos de valorização económica das localidades/territórios onde se implantam ou que atravessam, permitindo a endogenização do processo de crescimento económico do território servido e polarizado. Esta visão, estrategicamente alargada, implica uma nova perspectiva sobre os grandes investimentos públicos, considerando-os como empreendimentos integradores das oportunidades de negócio, directa ou indirectamente relacionadas com as actividades produtivas.	Projectos Vertebradores	• Rede ferroviária • Rede rodoviária • Redes de telecomunicações • Rede de energia • Rede de plataformas logísticas
	Projectos Motrizes	• Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva • Complexo portuário e logístico de Sines • Complexo do Aeroporto de Beja • Parques empresariais e de negócios • Instituições de ensino superior

3.1 PROJECTOS VERTEBRADORES

O Alentejo apresenta diversas potencialidades no que respeita aos vários sectores infraestruturais: **transportes e acessibilidades rodó e ferroviárias, telecomunicações e energia**, que têm vindo a ser alvo de melhorias significativas, registando-se, no entanto, ainda algumas carências importantes. Neste sentido, o investimento público deve ser reforçado por forma a dotar o Alentejo de redes de infra-estruturas vertebradoras e, bem articuladas, que proporcionem uma maior integração da Região no País e na Europa, aumentando a sua competitividade regional.

Neste âmbito, o desenvolvimento das redes infraestruturais vertebradoras do Alentejo deve operar-se por forma a sustentar e a potenciar o aproveitamento do leque de projectos estruturantes, cuja força motriz é indispensável para o desenvolvimento do processo de desenvolvimento regional, como são os casos do **complexo de Sines** (porto e plataforma logística), do **complexo aeroportuário de Beja** (aeroporto e plataforma logística e industrial associável), da **rede de parques empresariais e de negócios** da Região e restantes **plataformas logísticas** com que se articulam directamente, ou mesmo do próprio **EFMA**, pela sua natureza de Empreendimento de Fins Múltiplos.

A aposta nesta imbricação de projectos é fundamental quer para a coesão regional e para imprimir novas dinâmicas aos principais pólos urbanos da Região, que em si mesmo são também elementos de estruturação e sustentação territorial, quer para a criação de melhores condições de competitividade, na medida em que gerarão novos e mais intensos fluxos intra e interregionais de pessoas e mercadorias e que o aparecimento de um sistema logístico com uma componente multimodal permitirá um melhor desenvolvimento de actividades de valor acrescentado em produtos-chave da Região (por exemplo: cortiça e mármore).

REDE FERROVIÁRIA



Ideia mobilizadora

O caminho de ferro é, por excelência, em termos de políticas de transporte, o modo privilegiado para o transporte de mercadorias. O aumento da sua competitividade é factor decisivo para o crescimento da intermodalidade e diversidade da oferta na Região, potenciando grandes reduções nos custos de transporte e aumento das ligações existentes.

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1. Modo económico de transporte de mercadorias; 2. Ligação directa de Sines à rede nacional, proporcionando um fácil escoamento dos bens desembarcados no porto.	1. Políticas Europeias apostam no Transporte Ferroviário; 2. Projecto de uma nova linha entre Sines e Espanha; 3. Aumento da procura na ligação Lisboa / Algarve devido às melhorias introduzidas; 4. Captação de mercadorias a partir do porto de Sines para a Europa; 5. Captação de novos mercados; 6. Ligação à linha de Alta Velocidade (TGV); 7. Reutilização das linhas de comboio desactivadas para fins turísticos.

Visão estratégica

A estratégia de desenvolvimento das infra-estruturas ferroviárias, no Alentejo, deve resultar de uma visão política de futuro que abarque as inúmeras potencialidades de desenvolvimento da Região e o seu enquadramento estratégico nos espaços nacional, ibérico e europeu. A importância estratégica do alargamento do *'hinterland'* do porto de Sines, do aeroporto de Beja e do empreendimento de Alqueva depende, essencialmente, da construção e modernização de várias infra-estruturas de transporte de âmbito regional, nacional e ibérico. Este conjunto de infra-estruturas, associadas às redes de transportes transeuropeias e plataformas logísticas, criam condições de elevada competitividade e atractividade para o escoamento de mercadorias no Alentejo.

O Alentejo necessita de um caminho de ferro integrado, funcional e atractivo que tenha um papel importante na infra-estruturação do ordenamento da Região. O desenvolvimento estratégico da rede ferroviária e do transporte ferroviário nesta região deve ser equacionado a três níveis: regional, nacional e transeuropeu.

Ao **nível regional**, o serviço ferroviário deve ser garantido entre as principais cidades da Região, adaptando o serviço existente às necessidades da população. A rede actual não permite a ligação ferroviária entre Portalegre e Évora e Beja; no entanto, esta deficiência pode ser superada pela existência de uma boa ligação rodoviária (IP2). As redes rodoviária e ferroviária devem ser complementares em vez de concorrentes. Com uma futura ligação de Évora a Badajoz é possível pensar na ligação da linha de Leste a esta nova linha através de transbordo. Outra vertente importante, ao nível regional consiste no aproveitamento para fins turísticos das infra-estruturas ferroviárias desactivadas¹. Tal como já acontece em vários países da Europa, este é um nicho de mercado inovador para o turismo na Região.

Ao **nível nacional**, são cruciais para a melhoria das ligações da Região ao resto do País:

- 1) O novo acesso ferroviário a Lisboa via Ponte 25 de Abril (Fogueteiro-Pinhal Novo) e a electrificação das ligações Pinhal Novo-Poceirão-Ermidas e Funcheira, Ourique e Faro que, para além de criarem ligações mais rápidas, tornam o transporte ferroviário mais atractivo, podendo constituir uma alternativa ao transporte rodoviário de passageiros e mercadorias;
- 2) As linhas de Alta Velocidade com paragens na Região permitirão ligações rápidas, quer a Lisboa quer ao Algarve, permitindo ganhos de atractividade de deslocações para o Alentejo.

¹ Estudo das Potencialidades das Infra-estruturas na Região do Alentejo – Vertente Turística, CCDRA, 1999.

	Ao nível transeuropeu, apontam-se três projectos de grande importância para a Região, que foram alvo de decisão política na Cimeira Ibérica realizada em Novembro 2003: 1. A construção de uma nova via Sines-Évora-Elvas-Badajoz com vocação para mercadorias, mas apta também ao transporte de passageiros. Esta ligação pretende viabilizar o transporte de mercadorias a partir do porto de Sines para Espanha e resto da Europa, combinando o transporte marítimo com o ferroviário, e servir o transporte de mármore da Região; 2. Atravessamento longitudinal da Região do Alentejo por uma linha ferroviária de velocidade alta (entre Évora – Faro – Huelva), previsto para 2018, fará de Évora uma nova intersecção (entroncamento) ferroviária importante na geografia ferroviária do país; 3. O atravessamento da Região pela ligação em Alta Velocidade Ferroviária entre Lisboa e Madrid, passando por Évora e Badajoz, constituirá uma forte oportunidade de desenvolvimento, quer por integrar a Região numa rede de transportes internacional, quer por exercer forte atracção no estabelecimento de novas actividades empresariais / comerciais.
Perspectivas de desenvolvimento e oportunidades geráveis	O aproveitamento pleno e integrado das oportunidades apontadas para a rede ferroviária constitui um forte potencial gerador de riqueza para a Região. Captção de mercadorias a partir do porto de Sines para a Europa através de uma linha transeuropeia: 1) Desenvolvimento da actividade portuária com o aumento de procura; 2) Instalação de empresas de serviços dirigidos às companhias de navegação; 3) Instalação de empresas ligadas à logística e intermodalidade; 4) Aparecimento de novas actividades ligadas à transformação de produtos que chegam por transporte marítimo e que depois de transformados são distribuídos por transporte ferroviário (ex: madeira, cereais). Captção de novos mercados - O desenvolvimento da rede ferroviária permitirá que os produtos produzidos na Região cheguem rapidamente a novos mercados (principalmente o nacional e o espanhol) a preços competitivos, o que contribui para: 1) Evolução de uma situação de produção artesanal para produção industrial, leva ao crescimento e consolidação do tecido empresarial / industrial da Região; 2) Aparecimento de novas empresas (fornecimento e manutenção de máquinas, embalagem, transformação e acabamento, serviços). Atravessamento da Região por linhas de Alta Velocidade provenientes de Lisboa, com paragem na zona de Évora e em Beja - no caso da ligação a Faro – permitirá que os habitantes da zona de influência da paragem trabalhem ou estudem durante o dia em Lisboa, ou nalguma das cidades de Espanha atravessadas por esta linha, e à noite regressem. A situação contrária é possível, principalmente devido às condições oferecidas pela Universidade de Évora. Deste modo, esta linha contribui para melhorar as acessibilidades potenciando o crescimento de múltiplas actividades económicas. 1) Desenvolvimento do turismo; 2) Incremento do sector imobiliário; 3) Deslocalização das empresas das grandes cidades; 4) Fixação de mão de obra especializada; 5) Acessibilidade melhorada. Reutilização das linhas de comboio e estações desactivadas para fins turísticos – com o objectivo de maximizar os recursos ferroviários existentes, permitindo a recuperação patrimonial e social das estruturas abandonadas e degradadas e desenvolver produtos turísticos que complementem a oferta já existente e aumentem a dinâmica empresarial no sector turístico. Esta oportunidade permite: 1) Criação de circuitos turísticos em transporte ferroviário; 2) Criação de agências locais para exploração dos corredores; 3) Criação de empresas de hotelaria que explorem o potencial turístico das estações; 4) Criação de museu que recupere a história e património ferroviário antigo; 5) Desenvolvimento da formação profissional na Região. Aumento da procura na ligação Lisboa / Algarve devido às melhorias introduzidas - traduz-se numa melhoria das acessibilidades, permitindo o aumento da mobilidade da população servida por esta linha.

REDE RODOVIÁRIA

	Ideia mobilizadora <i>O desenvolvimento das acessibilidades rodoviárias, nacionais e internacionais, criando canais de comunicação bem articulados e eficientes, associados às condições de discriminação positiva oferecidas à Região do Alentejo, proporcionam um quadro atractivo ao crescimento económico da Região e a uma melhor e mais competitiva inserção no quadro da União Europeia.</i>
---	--

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1. Redes fundamental e complementar recentes, em bom estado de conservação e com boas reservas de capacidade; 2. Ligação às Áreas Metropolitanas portuguesas pela auto-estrada A1; 3. Boas ligações transfronteiriças.	1. Menores tempos de deslocação; 2. Redução nos custos de transporte; 3. Maior competitividade em termos da localização de empresas / indústrias; 4. Melhoria da vivência do espaço urbano devido à eliminação de tráfego de atravessamento.

Visão estratégica	Do ponto de vista do desenvolvimento para a rede rodoviária na Região do Alentejo, as linhas de orientação estratégica devem apontar no sentido de inverter a tendência de agravamento das assimetrias intra e inter regionais, entre zonas atravessadas pela rede rodoviária fundamental e complementar e as zonas distantes desses atravessamentos que, de um modo geral, são servidas por uma rede viária deficiente, quer em termos de acessibilidade permitida quer em termos de estado físico da rede, o que se agrava também por uma fraca rede de transportes públicos. Deste modo, estas linhas de orientação devem actuar em quatro níveis distintos: • Ao nível local, devem ser garantidas a reparação e manutenção da rede municipal e da rede nacional por forma a melhorar as acessibilidades locais e as ligações à rede fundamental, tal como a construção das variantes e vias rápidas, por forma a melhorar as acessibilidades e retirar tráfego de atravessamento de dentro das localidades. Para além destas intervenções na rede, devem ser implementados sistemas de transportes colectivos urbanos de passageiros que melhorem a mobilidade e a qualidade de vida nos centros das cidades. Importa ainda alcançar o fecho da malha de âmbito local; • Ao nível regional, devem ser garantidas as ligações rodoviárias e de transportes colectivos eficazes entre as várias cidades e polarizações económicas da Região, bem como assegurar boas conexões deste sistema de âmbito regional com as redes de âmbito nacional e transnacional. Neste sentido, a conclusão rápida dos IC e IP previstos no PRN 2000 é fundamental para a coesão e dinamização do território regional. De entre as vias mais urgentes, importa destacar, por um lado, o IP2 e o IP8 (que embora de alcance nacional, estabelece a conectividade entre diferentes pólos do Alentejo) e, por outro lado, os IC4, IC13, IC27 e IC33, de cariz mais regional, estabelecendo, igualmente, as ligações entre várias cidades e sedes de concelho e entre estas e a rede de IP que transversa a Região; • Ao nível nacional, importa sobretudo facilitar e potenciar as articulações do Alentejo, quer com as restantes regiões do país, sobretudo com as vizinhas e, em particular, com a Área Metropolitana de Lisboa, quer com as principais vias espanholas e transeuropeias. Neste contexto, torna-se uma vez mais fundamental a conclusão dos grandes itinerários previstos no PRN 2000, não apenas dos IP, como o IP2 (parcialmente já construído) e o IP8 (praticamente todo por construir), mas também dos IC que potenciam as articulações com as regiões adjacentes, como são os casos do IC4 e do IC27 (que favorecem o relacionamento com o Algarve), do IC13 (que aproxima vários segmentos territoriais do Alentejo, da Área Metropolitana de Lisboa), do IC33 (que reforça as articulações de um corredor Sines/Évora com Espanha), ou ainda do IC9 (que robustece as condições de relacionamento da Região com o Médio Tejo e o Centro e Norte do País); • Ao nível transeuropeu, o IP7, o IP8 e o IC33 assumem papéis importantes como corredores de passageiros e mercadorias entre os principais centros de geração de fluxos e de mercadorias e o espaço ibérico e europeu e, neste quadro, a sua rápida conclusão é fundamental.
---------------------------------	---

	Estas acções garantem uma melhoria das acessibilidades rodoviárias intra e inter regional, com o consequente aumento da permeabilidade na Região dos fluxos de pessoas e bens, abrindo oportunidades à consolidação do tecido empresarial/industrial da Região. Com a conclusão dos eixos indicados, as questões fundamentais do sistema de transportes rodoviários devem centrar-se na qualidade de serviço, eficiência operacional e na capacidade competitiva. Neste sector devem ser desenvolvidos métodos de quantificação das externalidades negativas e na sua afectação ao transporte rodoviário, por forma a criar mecanismos adequados de intermodalidade entre os vários modos de transporte que operam na Região.
Perspectivas de desenvolvimento e oportunidades geráveis	As várias oportunidades apontadas para a rede rodoviária constituem um forte potencial de desenvolvimento em vários sectores, como o empresarial/industrial, transportes, imobiliário, educação, saúde, etc. Menores tempos de deslocação e a redução dos custos de transporte, permitidas pelas novas acessibilidades, melhoram a qualidade de vida das populações, quer pela geração de maior mobilidade na Região, diminuindo o isolamento, quer pelo aumento da oferta de condições ao crescimento demográfico (invertendo o sentido dos fluxos migratórios). Uma rede rodoviária que sirva com qualidade e eficientemente a Região permite: 1) Deslocalização de empresas / indústrias da AML para a Região (o preço do m² de terreno é inferior ao praticado na AML); 2) Instalação de empresas ligadas ao sistema de transportes: transitários, manutenção de veículos, combustíveis; 3) Criação de novos postos de trabalho; 4) Crescimento do tecido empresarial / industrial pelo aumento da produtividade e competitividade; 5) Desenvolvimento de sistemas logísticos multimodais que combinem o transporte rodoviário com o marítimo (Porto de Sines), o ferroviário (criação de interfaces rodo-ferroviárias) e o aéreo (Aeroporto de Beja); 6) Maior procura de serviços e desenvolvimento da actividade comercial; 7) Desenvolvimento dos centros de ensino (principalmente o ensino superior); 8) Melhoria dos serviços de saúde, quer pela existência de procura que justifique os investimentos, quer por um aumento de profissionais do sector atraídos pelas condições de vida oferecidas pela Região; 9) Aumento da procura turística que reflectirá um crescimento das infra-estruturas hoteleiras e culturais.

REDES DE TELECOMUNICAÇÕES



Ideia mobilizadora

A rede de telecomunicações constitui peça fundamental para o desenvolvimento sustentável de uma região. Assim, no Alentejo, devem ser garantidas as infra-estruturas adequadas às necessidades populacionais e empresariais, proporcionando níveis de oferta e fiabilidade que constituam uma mais valia na Região.

A construção de infra-estruturas de alto débito deverá permitir, para além de evitar a info-exclusão da população, o desenvolvimento de conteúdos e aplicações pela fileira TIC regional, criando uma cadeia de valor competitiva e integrada em redes de parcerias globais.

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1. Soluções de “banda larga” potenciam o desenvolvimento e instalação de empresas tecnologicamente avançadas.	1. Desenvolvimento da economia regional; 2. Criação de projectos inovadores no âmbito das tecnologias da informação e logística; 3. Protocolos com empresas e universidades; 4. Projecto Alentejo Digital.

Visão estratégica

O desenvolvimento e o aumento da capacidade das redes de telecomunicações fixas e por cabo e o avanço das técnicas informáticas visa contribuir para o fomento da utilização de tecnologias de informação, quer no reforço da qualidade de gestão e da competitividade empresarial, quer no plano da educação e formação dos cidadãos.

Na era da globalização, da abertura dos mercados e da liberalização das telecomunicações, o Programa Operacional para a Sociedade de Informação (POSI) traça um conjunto de linhas de orientação que podem vir a ter reflexos na Região do Alentejo. Segundo o POSI, esta Região “...deve inserir-se no movimento global de mudança económica decorrente da revolução digital, adoptando medidas que promovam a competitividade das empresas, adaptem as indústrias tradicionais, reinventem a organização do trabalho e do emprego valorizando o tele-trabalho e difundam o comércio electrónico e os novos segmentos da economia digital - indústria dos conteúdos, indústria do *software*, indústria electrónica de suporte à Sociedade da Informação, indústria do audiovisual e do entretenimento - indústrias resultantes da convergência das Tecnologias da Informação, Telecomunicações e Audiovisual”.

O próprio projecto Alentejo Digital deve estar orientado para a melhoria da vida urbana, o combate à exclusão social, o combate à interioridade e para a melhoria da competitividade de sectores económicos integrados na economia, incentivando, mediante a parceria e a contratualização, o desenvolvimento de conteúdos de âmbito local/regional. Para que tal seja possível, este projecto tem por base três vectores estratégicos:

“Em primeiro lugar, referência para o destaque dado à Administração Pública regional - como âncora para o desenvolvimento e modernização da Região, face à escassez e alguma insipiência das estruturas empresariais/industriais existentes na Região (...) Em segundo lugar, referência e destaque dado ao cidadão, individualmente considerado, valorizado no seu papel de interventor social e de, como tal, construtor do seu futuro, individual e colectivo. É a ele que se destina todo o produto final, toda a acção desenvolvida, visando a sua preparação e adequação a um mercado tecnológico que é já presente. Por outro lado, é também ele o alvo central do processo de modernização da Administração Pública, como seu utilizador e, em última instância, como seu avaliador.”

“Por último, o papel preconizado no âmbito do desenvolvimento regional. Este não pode ser equacionado apenas na sua vertente de infra-estruturas de betão, ainda que fundamental e essencial na afirmação estratégica de uma região. A vertente das tecnologias da informação deve ser também ela, e à semelhança de outros países europeus, considerada como motor e fonte de desenvolvimento regional, nomeadamente através da criação e divulgação de novas e diferentes oportunidades a todos os níveis.”

	Embora as dinâmicas geradas por tal projecto estejam ainda aquém das expectativas, reconhece-se que a sua filosofia estratégica é ajustada às necessidades da Região e, por isso, há que promover processos de maior eficácia e eficiência na sua implementação.
Perspectivas de desenvolvimento e oportunidades geráveis	As orientações estratégicas permitem desenvolver : 1) O turismo da Região, criando uma oferta variada e integrada, conjuntamente com o desenvolvimento de projectos que promovam as características da cultura e património; 2) As empresas que actuem nas áreas das novas tecnologias da informação e comunicação, telecomunicações e informática; 3) A formação e o conhecimento dos cidadãos; 4) As oportunidades de emprego; 5) A divulgação dos concelhos alentejanos, nomeadamente ao nível da sua oferta empresarial/industrial e realidade concelhia; 6) As transacções <i>on-line</i>; 7) Fomentar, por parte das diferentes entidades, a prestação de serviços <i>on-line</i>. A passagem de uma economia fabril e intensiva para uma economia rica em informação e de serviços é fundamental para melhorar a competitividade, pois permite aumentar a produtividade e a qualidade, e ainda possibilita a flexibilidade técnica. No entanto, o recurso às novas tecnologias por si só não elimina as deficiências organizacionais existentes. No caso do Alentejo, o tecido empresarial é constituído fundamentalmente por PME, com pouca capacidade de investimento, sendo a competitividade dos sectores baseada no baixo custo da mão-de-obra. Para alterar estas características, é urgente a definição de políticas que permitam renovar o tecido produtivo e reorganizar o sistema de emprego. Constituindo um tecido económico muito diversificado, as empresas e a indústria têm em comum a necessidade de adequação permanente às solicitações do mercado e de interacção dinâmica com os parceiros de negócio, a montante e a jusante, actividades onde as telecomunicações rápidas e fiáveis desempenham papel fundamental.

REDE DE ENERGIA



Ideia mobilizadora

A maior actividade económica do Alentejo é, sem dúvida, a energia porque: dispõe de grandes infra-estruturas de transformação e transporte de energia (carvão, petróleo, gás natural e electricidade), o que constitui uma mais valia no contexto da liberalização dos mercados da energia; dispõe de recursos energéticos renováveis (hídrico, biomassa, solar e eólico) para se tornar um produtor líquido excedentário de energia, num país 90% dependente energeticamente do exterior.

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1) A Região do Alentejo possui condições climáticas excepcionais, em termos de insolação (n.º de horas de sol descoberto entre 2.500-3.000h/ano) e irradiação solar (16-17 MJ/m²), para aplicações solares térmicas e fotovoltaicas; 2) A central hidroelétrica de Alqueva, com uma capacidade instalada de 240MW, entrará em funcionamento em Outubro de 2003, estando-lhe associada a construção de uma linha de 400kV, entre Sines - Alqueva e com interligação a Espanha; 3) Encontra-se em construção uma nova central mini-hídrica em Pedrógão (EDIA), com uma capacidade de 10 MW, integrada no Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva (EFMA); 4) A expansão da área de regadio do Alentejo, resultante da construção do sistema de rega de Alqueva, e a possibilidade de incremento da oferta de culturas energéticas, nomeadamente para a produção de biocombustíveis (biodiesel, bioetanol, etc.); 5) A existência, na Região, de actividades agrícolas e silvícolas produtoras de sub-produtos - como a casca de pinhão e de amêndoa, bagaço de azeitona, sarmentos de videira, resíduos florestais, entre outros - que constituem recursos alternativos com valor energético significativo; 6) A construção do terminal de Gás Natural Liquefeito (GNL) em Sines, em funcionamento a partir de Dezembro de 2003; 7) A Unidade Autónoma de Gás Natural de Évora - UAG - (capacidade de 1.500m³(n)/h) abastece consumidores domésticos, industriais e de serviços daquela cidade através da rede de distribuição local; 8) A criação da Agência Regional de Energia do Centro e Baixo Alentejo (ARECBA), em funcionamento desde 1998, por iniciativa das Associações de Municípios do Distrito de Beja, do Distrito de Évora e do Litoral Alentejano.	1) A par das condições climáticas excepcionais, e de algumas experiências na instalação de colectores solares para o aquecimento de água em edifícios municipais (piscinas e pavilhões gimnodesportivos), existem actualmente condições de mercado favoráveis ao desenvolvimento do solar térmico na Região; 2) O desenvolvimento do EFMA, para além da componente hídrica, encerra um conjunto oportunidades de utilização de outras fontes de energia renováveis e de introdução de práticas de racionalização energética na sua área de intervenção; 3) A entrada em funcionamento da central hidroelétrica de Alqueva e a construção da nova linha eléctrica Sines - Alqueva e com interligação para Espanha, contribuem, por um lado, para o reforço da capacidade de distribuição e interligação da rede eléctrica na Região, e por outro, para o desenvolvimento do futuro Mercado Ibérico da Electricidade (MIBEL); estes dois factos constituem oportunidades importantes para a atracção de novos investimentos industriais e energéticos na Região; 4) A concretização de novos empreendimentos de produção de energia eléctrica a partir de energias renováveis proporciona uma receita adicional para os municípios, de acordo com a legislação em vigor, e constitui uma oportunidade à criação de novos postos de trabalho qualificados a nível local; 5) A construção do terminal de GNL em Sines, a instalação de novas UAG e a expansão da rede de distribuição de GN nas áreas já concessionadas (Alto Alentejo e Beja), eventualmente impulsionada pela liberalização do sector, são factores determinantes para o reforço da competitividade do tecido empresarial e o incremento da instalação de novos sistemas de cogeração e micro-cogeração na Região; 6) A utilização do biogás, gerado nos aterros de resíduos sólidos urbanos, para a geração de energia eléctrica poderá trazer uma mais valia a este subproduto; 7) A existência de instituições no Alentejo como a ARECBA, vocacionadas para a promoção da utilização racional de energia e o aproveitamento das energias renováveis ao nível local e regional, constitui um elemento fundamental para a melhoria do desempenho energético dos Municípios, nomeadamente ao nível dos edifícios, iluminação pública, transportes urbanos e sistemas de saneamento e de abastecimento de água.

Visão estratégica	A par dos desafios e compromissos internacionais associados às Alterações Climáticas, a Comissão Europeia destaca as actividades de política energética como um dos vectores fundamentais de estratégia internacional, nacional e local. Pensar globalmente e agir localmente constitui o pilar das economias regionais, no que à política energética diz respeito. A segurança de abastecimento energético, o desenvolvimento económico, a liberalização dos mercados, a protecção ambiental e a incorporação de novas tecnologias deverão constituir as bases da estratégia a prosseguir na Região do Alentejo. A progressiva abertura dos mercados energéticos do gás natural e da electricidade, deverão ser compatíveis com a protecção ambiental. Em particular, deverá ser apoiada a cada vez maior utilização das energias renováveis no “mix” de oferta de energia na Região do Alentejo, a par de um esforço de utilização racional da energia, eficiência energética e consequente redução de consumos eléctricos e de combustíveis convencionais. São inúmeras as oportunidades da Região do Alentejo para ganho de competitividade no domínio da economia da energia. Do lado da administração local e regional existe um vasto potencial para agilização dos procedimentos administrativos de licenciamentos de instalações, bem como deverá ser promovida e incentivada a actividade de organismos na promoção e divulgação da eficiência energética e das energias renováveis (de que é exemplo a Agência Regional de Energia da Região do Centro e Baixo Alentejo – ARECBA). Tradicionalmente, o sistema eléctrico está organizado através da existência de grandes centros de produção e de uma rede de transporte e distribuição, que no Alentejo não é particularmente forte e com perdas assinaláveis. A produção de energia de forma descentralizada, isto é, a geração de energia eléctrica e ou energia térmica no local onde ela é consumida, para além de permitir a redução das perdas nas redes de transporte e distribuição, faz-se com recurso às novas tecnologias disponíveis no mercado (painéis solares fotovoltaicos, micro-turbinas a gás, micro-turbinas eólicas, pilhas de combustível a hidrogénio, entre outras). Estas tecnologias estão a alterar o paradigma energético ao nível internacional e a servir de plataforma de incorporação tecnológica ao nível regional, não só pela sua aplicação, mas também como elemento catalisador da criação de indústria de componentes destes sistemas. No domínio do serviço público, a melhoria da eficiência energética e redução de consumos na iluminação pública e a introdução de soluções de arquitectura bioclimática - utilização de energias renováveis e cogeração nos edifícios públicos (gimnodesportivos, piscinas municipais e escolas, entre outros), poderão fazer com que a Região do Alentejo tome a liderança e ganhe vantagens competitivas ao adiantar-se na aplicação das disposições expressas nas duas Directivas Comunitárias para a eficiência energética nos edifícios e para a promoção da cogeração (esta última ainda em fase de aprovação). No conjunto das medidas de valorização das energias endógenas, são de realçar a promoção da produção de electricidade a partir de fontes de energia renováveis ao abrigo do Sistema Eléctrico Independente e em aplicações isoladas. A realização de estudos detalhados de avaliação dos recursos disponíveis e a viabilidade económica do seu aproveitamento, nomeadamente das fileiras da energia eólica (“on-shore” e “off-shore”) e dos produtos da biomassa (biocombustíveis, casca de amêndoa, casca de pinhão, entre outros), poderão ajudar à definição da estratégia regional e trazer vantagem competitiva à Região do Alentejo, no quadro do cumprimento das Directivas Europeias das energias renováveis e dos biocombustíveis. A introdução de medidas de gestão da procura de energia nos transportes, nomeadamente com o recurso aos combustíveis mais limpos (vidé com utilização de biocombustíveis: biodiesel e bioetanol), preferivelmente produzidos no Alentejo, poderão fortalecer a capacidade da Região enquanto exportadora de combustíveis. As sinergias empresariais e económicas, que potencialmente surgirão por via da entrada em funcionamento do Terminal de Gás Natural Liquefeito em Sines, a expansão da rede de distribuição do gás natural e o reforço da rede eléctrica com vista à implementação do Mercado Ibérico da Electricidade (MIBEL), deverão constituir oportunidades para a definição de um plano estratégico e para a implementação de prioridades no domínio da conservação de energia. Por fim, está disponível um conjunto de incentivos financeiros do Estado Português e da União Europeia a todas as medidas acima enumeradas, que não deverão ser desperdiçados, pois constituem fortes ajudas à prossecução dos compromissos internacionais e à criação de uma imagem de destaque do Alentejo, perante as restantes regiões de Portugal.
--------------------------	--

Perspectivas de desenvolvimento e oportunidades geráveis

1. A construção das barragens de Alqueva e Pedrógão, integradas no Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, permitirá explorar os recursos hídricos da Região para a geração de electricidade, ao mesmo tempo que permitirá alargar a área de regadio do Alentejo em mais de 110.000 ha até 2025, criando assim a possibilidade de incremento da oferta de culturas energéticas (girassol, colza, soja, ...) e para a produção de biocombustíveis (biodiesel, bioetanol, ...);
2. A conclusão da construção do terminal de GNL em Sines, em funcionamento desde Dezembro de 2003, contribuirá para a atracção de novos investimentos industriais e criação de emprego na Região;
3. É fundamental acelerar o desenvolvimento das redes de distribuição de gás natural existentes nas áreas concessionadas, incluindo a construção de uma UAG em Beja, de forma a disponibilizar esta fonte de energia, mais limpa e economicamente competitiva, a um maior número de consumidores, contribuindo assim para estimular o desenvolvimento económico desta região. A oferta de gás natural na região ajudará, também, a criar condições mais atractivas para a implementação de centrais de cogeração e micro-cogeração, na indústria e nos serviços;
4. O reforço da interligação eléctrica entre Portugal e Espanha, através da construção da linha de 400 kV Sines – Alqueva com interligação a Espanha (Balboa), assim como o reforço do sistema de distribuição de electricidade, permitirá aumentar a capacidade de recepção de energia da rede, o que criará condições para introduzir na rede a energia produzida a partir de novos empreendimentos de energias renováveis ou cogeração e ao mesmo tempo, contribuirá para melhorar a qualidade do serviço eléctrico;
5. A concretização de novos empreendimentos de produção de energia eléctrica, a partir de energias renováveis, proporciona uma receita adicional para os municípios, de acordo com a legislação em vigor, e constitui uma oportunidade à criação de novos postos de trabalho qualificados ao nível local;
6. A utilização de biomassa, de origem agrícola e florestal, como combustível alternativo em sistemas de aquecimento ou em pequenas centrais de cogeração, para além de satisfazer parte das necessidades energéticas, permitirá também trazer valor acrescentado àquelas actividades;
7. Existe a necessidade de realização de estudos de avaliação do potencial do recurso eólico explorável, que permitam elaborar o atlas de vento de toda a Região;
8. O futuro desenvolvimento do hidrogénio, enquanto fonte de energia inesgotável e limpa, colocará a Região do Alentejo numa posição privilegiada no contexto nacional, aproveitando a possibilidade da sua produção, numa primeira fase, a partir dos combustíveis fósseis disponíveis (gás natural) e, numa segunda fase, a partir das fontes de energias renováveis.

REDE DE PLATAFORMAS LOGÍSTICAS

	Ideia mobilizadora <i>O Alentejo, dada a distância a que se encontra dos mercados europeu e internacional, não pode deixar de considerar com empenhamento a potenciação de um sistema logístico que, para além da forte componente multimodal, permita o desenvolvimento de actividades que acrescentem valor aos produtos, traduzindo-se no aumento da competitividade das empresas e da Região.</i>
---	--

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1. Rede rodoviária recente, com boas reservas de capacidade, com nós nos vários eixos principais; 2. Boas ligações transfronteiriças; 3. Rede ferroviária em expansão e interesse, por parte do operador, de aumentar a oferta de transporte, caso o volume de mercadorias a transportar seja um negócio interessante; 4. Disponibilidade de terrenos para a implementação de uma plataforma logística; 5. Novas dinâmicas empresariais que se têm vindo a instalar no Alentejo e cujos produtos necessitam de ser escoados; 6. Três projectos âncora com importância fundamental, quer na produção (Alqueva), quer no transporte (Sines e Beja); 7. A ZAL de Sines constitui um dos 5 projectos fundamentais do Sistema Logístico Nacional.	1. A intermodalidade e multimodalidade em Portugal são sentidas como prioridades estratégicas de integração ibérica, europeia e intercontinental, pelo que, dadas as suas potencialidades, o Alentejo assume-se como parte integrante e indispensável nesta estratégia; 2. A construção de novas ligações ferroviárias a Espanha, permitirá: • o transporte ferroviário de carga a novos destinos; • a coordenação eficaz da rede nacional com as redes europeias; • oferecer um serviço regular e eficiente; • reforçar a intermodalidade rodo-ferroviária e marítimo-ferroviária; • potenciar a multimodalidade e a consequente criação de plataformas logísticas; 3. Optimização dos vários sectores envolvidos na intermodalidade, criando plataformas logísticas dotadas das condições necessárias para as empresas que as utilizam, tendo inicialmente como eixos preferenciais: • Vendas Novas – Ponte Sôr e Portalegre; • Évora – Elvas; • Beja e Sines.

Visão estratégica	A logística é entendida como uma prioridade estratégica de integração ibérica, europeia e intercontinental do País, pelo que, dadas as suas potencialidades de desenvolvimento (nomeadamente as ligadas ao porto de Sines, aeroporto de Beja e empreendimento de Alqueva), o Alentejo assume-se como parte integrante e indispensável nesta estratégia. Como tal, a Região deve empreender esforços de forte integração e afirmação no Sistema Logístico Nacional, que se encontra em fase de desenvolvimento, uma vez que este pretende, para além da identificação dos fluxos de carga que se estabelecem no País (e entre o território nacional e o exterior), otimizar a fluidez da circulação desses fluxos. Na proposta de Plano da Rede de Plataformas Logísticas, reconhece-se: 1) Sines como tendo capacidade para se desenvolver como plataforma logística de 1º nível, constituindo uma zona de actividades logísticas portuárias (ZAL de Sines); 2) Ponte de Sôr, Elvas, Vendas Novas, Beja e Évora, designados no Plano como centros logísticos.
---------------------------------	--

	Para além destes centros de logística, deve equacionar-se que a transformação da base Aérea de Beja em aeroporto civil, potenciará a existência de uma plataforma logística associada à função de <i>hub</i>, que se pretende que esta infra-estrutura venha a desempenhar. Esta estrutura logística na Região, deverá ter sempre como objectivo principal acrescentar valor às mercadorias, articulando as plataformas e centros logísticos com o sistema de transportes e mercadorias, por forma a servir a Região, a rede urbana e as diversas áreas de actividades económicas. O sistema logístico no Alentejo, deverá ser desenvolvido numa estratégia de rede logística nacional, procurando, em paralelo, colmatar as necessidades das pequenas e médias empresas da Região, aumentando a sua competitividade através de estruturas racionalizadas. Neste sentido, os órgãos competentes para o desenvolvimento de um Plano Logístico Nacional devem incluir as estruturas regionais e locais. A plataforma logística de Sines, deve assumir-se como uma infra-estrutura modal de transporte onde confluem o transporte marítimo, o ferroviário e o rodoviário com características multimodais e como força impulsionadora do desenvolvimento regional e local, e que permita a integração plena na rede nacional e ibérica. A ZAL de Sines enquanto zona logística ligada ao porto de Sines, deve oferecer serviços de armazenamento, distribuição e actividades de valor acrescentado. Esta infra-estrutura constitui um forte vector estratégico de alargamento do <i>hinterland</i> do porto de Sines, permitindo um aumento da competitividade portuária. É fundamental desenvolver a rede de comunicações e as tecnologias de informação (em paralelo com o serviço de transporte intermodal). Qualquer projecto a desenvolver, deverá ter associado estudos de viabilidade técnica, económica e financeira, de mercado e análise de procura, de avaliações de carácter ambiental, complementados por um processo de planeamento estratégico que identifique linhas próprias de desenvolvimento, que garantam a existência de massa crítica que viabilize o projecto. Os investimentos a realizar numa plataforma logística são elevados e de longo prazo, sendo desejável o envolvimento do sector público como garante da sua realização, quer através de subsídios, quer de financiamento directo e mesmo incentivos fiscais ao investimento privado. O sistema de gestão a adoptar tem de ser tão eficaz e competitivo como os sistemas dos outros países (como o espanhol, em particular), dada a concorrência de proximidade.
--	---

Perspectivas de desenvolvimento e oportunidades geráveis	- O porto de Sines, incluindo o Parque Industrial e a ZAL, pelas suas condições naturais e posição geográfica em relação às ligações América-África-Europa, apresenta excelentes condições para penetrar no mercado das ligações intercontinentais do comércio transatlântico; - A dinamização das ligações marítimas através da implementação das “auto-estradas marítimas” e do Transporte Marítimo de Curta e de Média Distância; - A maior e melhor utilização das capacidades existentes e a integração de todas as redes relativas aos vários modos de transporte, numa rede transeuropeia de transporte combinado; - A desafectação da ZAL de Sines do domínio público marítimo permitirá uma contratualização e direito de superfície daquele espaço, para que os investidores possam ali instalar as funções relacionadas com as actividades de transporte marítimo, de transporte na plataforma, estacionamento, armazenamento, empacotamento e transbordo. Para além das mais diversas empresas relacionadas com estas actividades, as plataformas logísticas potenciam a instalação de outras empresas: • Empresas de operadores de transporte; • Instituições bancárias; • Empresas de serviços de segurança; • Serviços administrativos e de gestão da plataforma; • Serviços de saúde; • Oficinas de manutenção de equipamentos e veículos; • Postos aduaneiros; • Empresas de transformação; • Empresas de embalagem. - Está prevista, no Sistema Logístico Nacional, a criação de plataformas multimodais e logísticas de 2º nível que farão a articulação regional e nacional. Neste enquadramento, é possível equacionar a implementação de novas plataformas logísticas, em locais privilegiados onde venham a confluir as infra-estruturas ferro-rodoviárias e os fluxos de mercadorias (massa crítica); - Atracção de novas indústrias de transformação e de embalagem; - O aproveitamento integral das potencialidades de desenvolvimento induzidas pela oferta de uma rede logística será maximizada, na medida em que forem oferecidas condições atractivas em termos de espaço, preços, qualidade e diversidade de serviços de suporte da actividade empresarial para a captação de investimento.
--	--

3.2 PROJECTOS MOTRIZES

O desenvolvimento futuro do Alentejo, e de cada um dos concelhos que o integram, dependerá em grande medida das estratégias que os diferentes agentes económicos, públicos e privados, perspectivam explorar num horizonte temporal de curto e médio prazo. De entre as oportunidades estratégicas que se podem descortinar, considera-se de particular interesse as que já se materializaram ou estão em vias de se materializar em projectos, dado o expectável impacte no investimento, no crescimento, no emprego e no próprio bem estar económico e social das populações, num futuro próximo.

A dimensão e importância individual de alguns dos projectos previstos e, por maioria de razão, o conjunto dos projectos regionais em carteira, poderão mesmo ter uma influência significativa na base económica e na demografia da Região. É o caso dos empreendimentos de **Sines**, de **Alqueva** e da **Base Aérea de Beja**, bem como das **redes de ensino superior** e de **parques empresariais e de negócios**.

Neste contexto, os projectos de natureza estruturante-âncora assumem particular realce (projectos acima de cinquenta milhões de Euros ou de investimento inferior mas com significativos efeitos directos, indirectos e induzidos sobre toda a Região, mas em qualquer caso criadores e distribuidores permanentes de emprego e riqueza/rendimento significativo).

Porém, se os projectos de investimento previstos são importantes, também se considera relevante assinalar os projectos de desinvestimento por parte das empresas a operar na Região, sobretudo pelo efeito negativo significativo que poderão ter no crescimento e no emprego. Tratam-se de empresas que empreenderam processos de reestruturação, visando o aumento da sua competitividade, face aos desafios da UEM e da globalização. A identificação de oportunidades estratégicas traduzíveis em projectos concretos, ou seja, dos principais investimentos, previstos ou em curso, permite, por outro lado, prospectivar a evolução do mercado de trabalho e as necessidades de formação/educação que mais se farão sentir no futuro em todos os concelhos do Alentejo. Considerando-se que, tradicionalmente, as pequenas e médias empresas têm sido, no seu conjunto, responsáveis por volumes de crescimento e emprego muito significativos, um esforço adicional é ainda realizado no sentido de identificar, também ao nível de cada concelho, o que poderá vir a representar a contribuição deste tipo de empresas (excluindo os projectos anteriormente destacados) para o crescimento e o emprego, antecipando-se, em consequência, as suas necessidades em termos de formação e educação.

O EMPREENDIMENTO DE FINS MÚLTIPLOS DE ALQUEVA

	Ideia mobilizadora O EFMA, cuja barragem é a mãe de água de um sistema que pretende alargar a área do regadio no Alentejo e alterar o modelo de especialização agrícola (permitindo culturas mais intensivas e rentáveis), mudará num futuro próximo a paisagem física e económica da Região, contribuindo claramente para o seu desenvolvimento sustentado, a criação e distribuição de riqueza e de emprego.
---	---

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1. Desígnio regional e nacional; 2. Suporte governamental, regional, nacional e comunitário; 3. Projecto empresarial para viabilidade; 4. Plano de ordenamento da albufeira; 5. Reserva estratégica de água; 6. Parcerias estratégicas.	1. Regadio e novas culturas intensivas e rentáveis; 2. Desenvolvimento da agro-indústria; 3. Produção de energia; 4. Turismo de qualidade associado a projectos turísticos de referência e influência; 5. Aldeias ribeirinhas/programa "Acqua"; 6. Criação de um número significativo de novas empresas ligadas ou decorrentes do EFMA; 7. Marca Alqueva; 8. GESTALQUEVA.

Visão estratégica	A Barragem de Alqueva é o elemento central do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva (EFMA). A albufeira a criar com a barragem terá uma área com cerca de 250 km², após o respectivo enchimento (comportas encerradas a 08/02/2002), constituindo uma importante "alavanca de desenvolvimento" para todo o Alentejo. A construção da barragem permitiu, antes de qualquer outra realização, um melhor aproveitamento de um recurso essencial – a água –, combatendo a desertificação física e a degradação e erosão dos solos, para além de garantir uma reserva de água face ao regime irregular do Guadiana e ao aumento dos períodos de seca. A existência de novas «condições naturais», resultantes da construção da barragem, terá efeitos, principalmente, no desenvolvimento das fileiras do regadio e agro-industriais, do turismo e energia. As possibilidades que se abrem nestas áreas, permitem perspectivar o EFMA como projecto empresarial de âmbito alargado, de fins múltiplos, fomentando e dinamizando empresas a montante e a jusante da produção agrícola e, pelas novas condições ambientais, o seu aproveitamento turístico. A progressiva alteração da produção agrícola, propiciada por uma área de rega com cerca de 110 mil hectares, distribuídos pelo Alentejo Central e Baixo Alentejo, é uma das principais consequências do EFMA, nomeadamente, com a implementação do Sistema de Rega do Alqueva. A garantia de uma oferta crescente, entre outros, de produtos horto-frutícolas e oleaginosos, e, ainda, o aumento das áreas destinadas às pastagens permitirá a aproximação e futura integração entre a produção agrícola e as actividades agro-industriais, tornando a Região atractiva para os principais grupos agro-industriais ao nível europeu e mundial. A competitividade do sector agrícola e agro-industrial é complementada por produtos de qualidade superior, ambientalmente sustentáveis e com "denominação de origem". A actividade turística apresenta, também, um elevado potencial, nomeadamente, pelo aproveitamento do plano de água resultante da construção da barragem. "Alqueva" representa um espaço muito qualificado para a fruição das actividades náuticas. No campo da energia, importa consolidar não apenas o projecto hidroeléctrico, mas também os múltiplos projectos de energias alternativas.
--------------------------	---

Perspectivas de desenvolvimento e oportunidades geráveis

A atracção de novos investidores/empresas, nacionais e estrangeiros, para as diferentes valências do EFMA, permitirá a alteração da base económica local e a criação de novas condições competitivas na sub-região do Baixo Alentejo. Os “fins múltiplos”, que caracterizam o empreendimento apresentam uma elevada complementaridade e as acções sectoriais são integradas concertadamente.

Importa sublinhar que a EDIA – Empresa de Desenvolvimento das Infra-estruturas de Alqueva tem levado a cabo um conjunto de estudos sobre as potencialidades e oportunidades de desenvolvimento introduzidas com o Alqueva. De entre eles, importa aqui destacar dois: “Estudo das Condicionantes e Prospectivas de Desenvolvimento das Actividades Agro-industriais e Agro-alimentares da Zona de Influência do EFMA” e “Plano de Desenvolvimento Turístico do EFMA”, cujas conclusões e recomendações continuam pertinentes.

A reorientação produtiva das explorações agrícolas, de acordo com a crescente disponibilidade de água, permitirá uma maior atenção às exigências da área comercial e uma crescente articulação com a agro-indústria. O aproveitamento agro-industrial destas novas condições de produção agrícola incrementará, por sua vez, num futuro não muito distante, a capacidade da oferta de produtos agrícolas, sustentando as cadeias de valor agro-industriais e respondendo de forma eficaz às necessidades dos mercados.

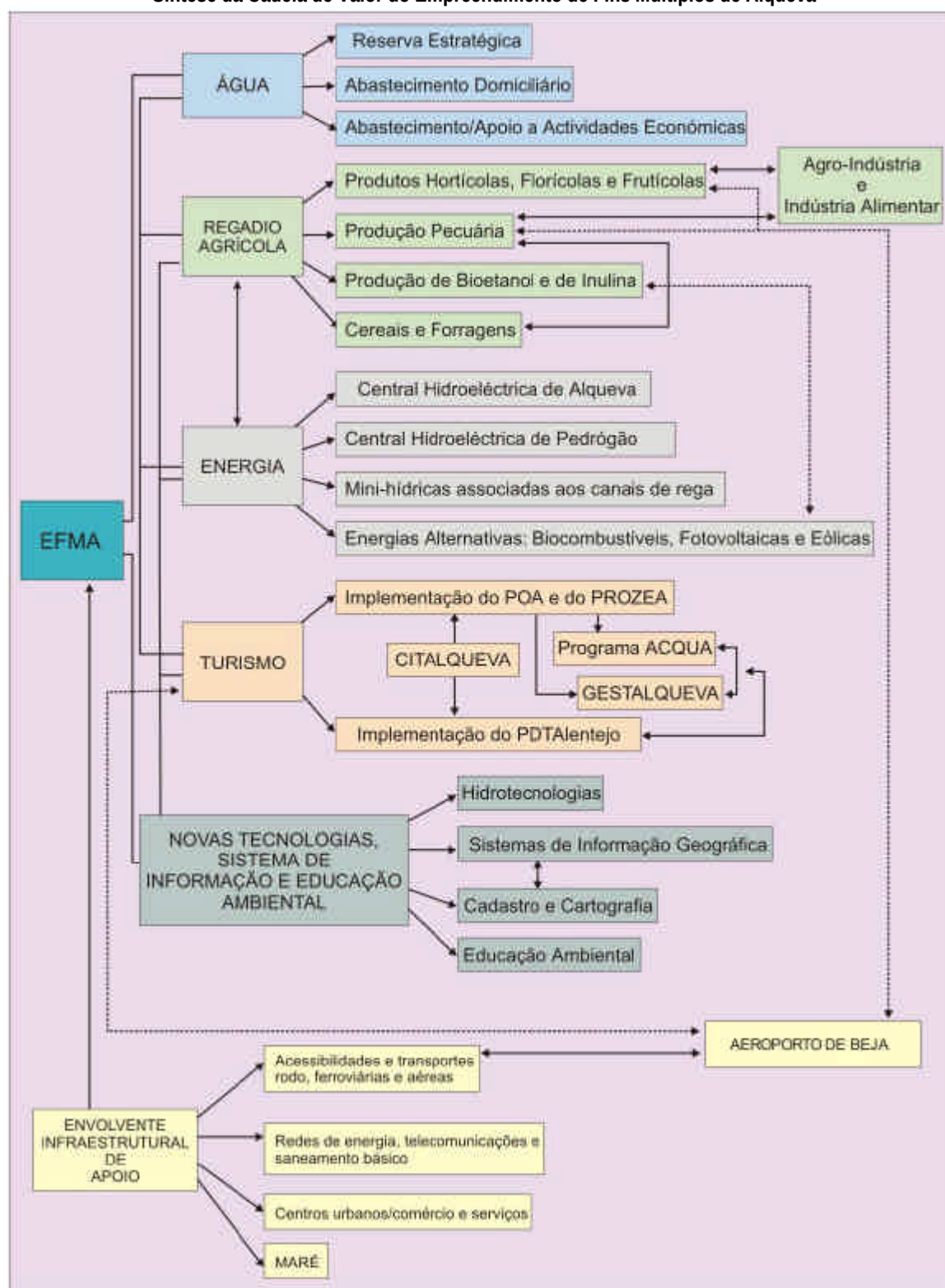
Segundo o já citado “Estudo das Condicionantes e Prospectivas de Desenvolvimento das Actividades Agro-industriais e Agro-alimentares da Zona de Influência do EFMA” as expectativas são elevadas, “sendo apontadas como culturas com destino à transformação agro-industrial, mais beneficiadas pelo aumento de áreas regadas, as seguintes: cereais, forragens, pecuária de carne e leite (caso dos bovinos, sobretudo), olival, horto-frutícolas e horto-industriais (...). Este perfil produtivo de longo prazo é validado, por exemplo, pelo interesse manifestado por unidades agro-transformadoras regionais, com maior capacidade absoluta e dinâmica de mercado, em desenvolver novos projectos de investimento:

- Na fileira das carnes, prolongando a integração vertical da produção e transformação e diversificando esta, por forma a alargar o leque de produtos e a base de consumidores finais em direcção a processos exigentes;
- No concentrado de tomate, com intenção de investimento em novas actividades (calibragem, embalagem, controle de qualidade de hortícolas frescos, quer para o Mercado Abastecedor Regional, quer para a transformação).”

As futuras condições da área do EFMA permitirão, ainda, implementar novos produtos turísticos, por um lado, um turismo ambiental e de natureza (ecoturismo) e, por outro, um produto baseado no “Sol e Água”, um turismo de ar livre e/ou náutico (para o qual importa levar a cabo um vasto plano de infra-estruturação desportiva, conforme as recomendações do PDTA) e, por outro ainda, abrem-se condições de maior sustentabilidade para o acolhimento do produto golfe, cuja relevância estratégica para o desenvolvimento do turismo é reconhecida.

Por fim, é de sublinhar o contributo do EFMA para a produção de energia. Desde logo hidroeléctrica, a partir das grandes centrais do Alqueva e de Pedrógão e das pequenas centrais das 14 mini-hídricas previstas para associação aos canais de rega. Também porque o regadio poderá ser orientado para o desenvolvimento dos biocombustíveis (bioetanol). De uma maneira ou de outra, tal valência pode ser também importante para reduzir os custos da água para o regadio. Por último, sublinhe-se também que com o Alqueva está prevista a exploração da produção de chicória para a obtenção de inulina (óleo corporal).

Síntese da Cadeia de Valor do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva



COMPLEXO PORTUÁRIO E LOGÍSTICO DE SINES



Ideia mobilizadora

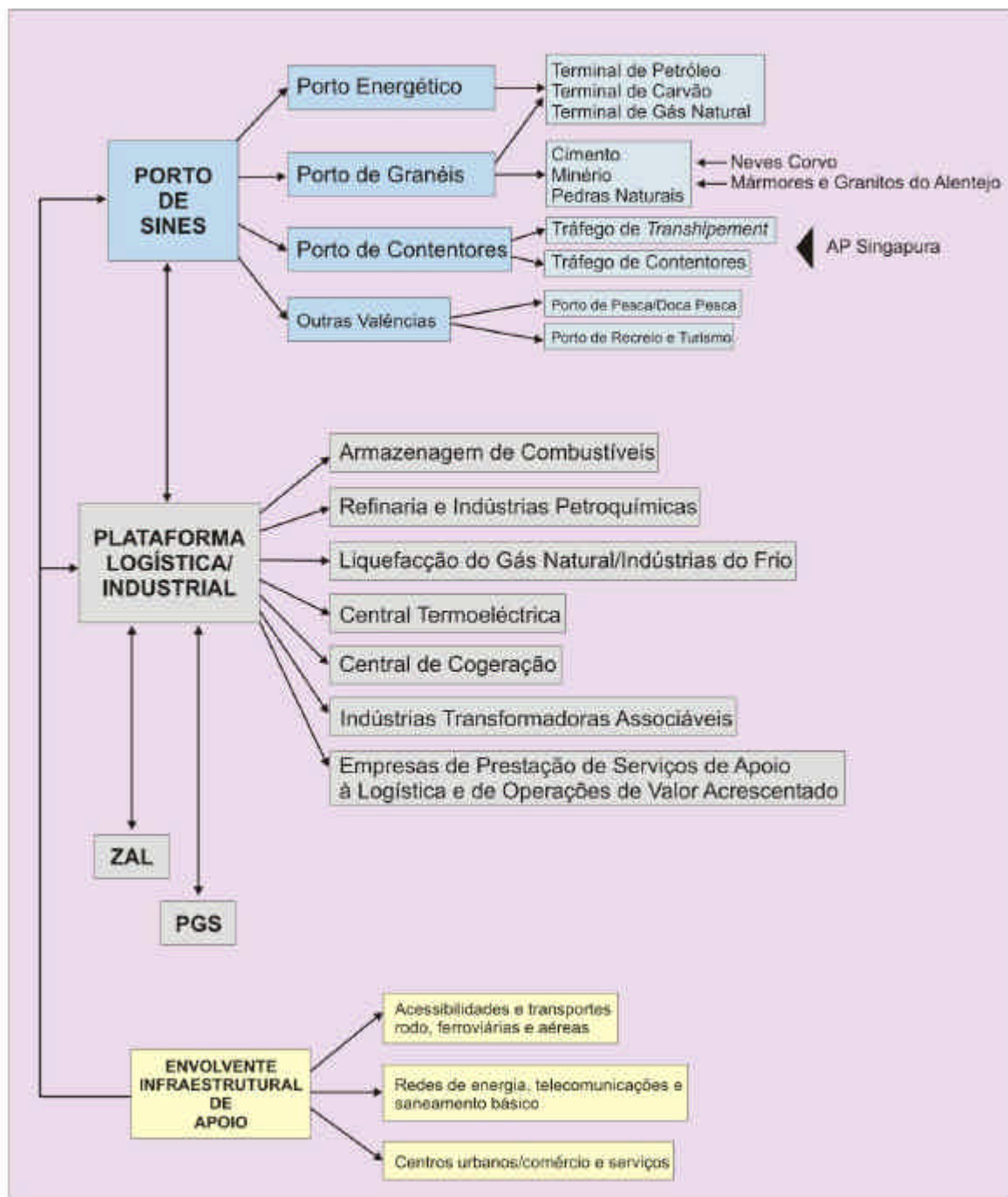
O complexo portuário e logístico de Sines, sendo o primeiro porto nacional em tonelagem movimentada e o que tem melhores condições naturais para expansão, apresenta-se como um dos principais projectos âncora para o desenvolvimento do Alentejo. A potenciação das sinergias com outros empreendimentos, a localização de empresas e serviços ligados às actividades marítimo – portuárias e a completa integração da plataforma logística e de transportes, permitirá o desenvolvimento de competências territoriais específicas, tanto a nível regional/nacional como ibérico, que tornarão Sines uma das áreas mais atractiva e competitiva dos País.

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
- Boas acessibilidades rodoviárias e ferroviárias internas ao porto; - Existência de terminais de variados tipos; - Ausência de condicionalismos nos acessos marítimos, com valores excepcionalmente reduzidos nos tempos de entrada/acostagem e largada/saída dos navios do porto; - Inexistência de pressão urbana e de limitações significativas de ordem ambiental; - Boas relações com os países africanos; - Parte integrante da União Europeia; - Situa-se a cerca de 102 Km a sul de Lisboa e faz parte do reduzido número de portos europeus de águas profundas, permitindo deste modo a acostagem de navios até 350.000 DWT; - A capacidade de movimentação de mercadorias de diversos tipos.	- Reforço da importância nacional e aquisição de importância internacional; - Captação de investidores e indústrias ligadas a actividades marítimo-portuárias, nomeadamente nas áreas de normalização de produtos, de optimização dos serviços ligados ao cliente e de optimização dos custos de transporte e de armazenamento; - Congestionamentos noutros portos europeus e na rodovia; - Instalações existentes e futuras; - Ajuda europeia ao desenvolvimento.

Visão estratégica	O desenvolvimento estratégico para o porto de Sines deve basear-se nos oito pilares de uma nova estratégia, identificados pela Comissão Europeia no documento "Transporte Marítimo para o Espaço Atlântico": - Desenvolvimento de parcerias e sinergias portuárias, que passam pela implementação das ligações marítimas de curta distância entre o porto de Sines e outros portos europeus e num esforço intenso junto das entidades locais (e com a indústria imobiliária) na valorização das áreas portuárias; - Utilização de estruturas e processos financeiros inovadores, como o financiamento privado, novos modelos empresariais, a mudança de mentalidade de serviço público para uma mentalidade de empresa privada; - Na reestruturação dos modelos de gestão portuária, com a estrutura portuária a apresentar grande autonomia e competitividade; - Definição dos mercados-alvo e promoção de novos nichos de mercado, com o envolvimento directo das entidades portuárias e locais e o desenvolvimento e implementação de um plano comercial que abranja as companhias de navegação, carregadores, transitários e investidores. Melhorar significativamente os incentivos, a simplificação dos procedimentos e o desenvolvimento de esquemas fiscais adequados para facilitar a captação de novos investidores; - Implementação de infra-estruturas de gestão do conhecimento baseadas na web, cuja orientação fundamental consiste no desenvolvimento de uma comunidade portuária electrónica que facilite o trabalho, ligando o maior número possível de serviços electrónicos; - Desenvolvimento da logística de valor acrescentado e de actividades não-marítimas, de modo a atrair fornecedores de serviços de logística, a encorajar as empresas locais a oferecerem novos serviços, apostar na reestruturação das áreas portuárias (por forma a aumentar a eficiência dos serviços prestados); - Realização de investimentos cruciais em infra-estruturas que melhorem as ligações ao hinterland
--------------------------	---

	permitindo a sua expansão; 8) Adopção de uma imagem comercial cordial, segura e preocupada com o ambiente, procurando o estabelecimento de boas relações com a população local, requalificando as áreas circundantes dos portos, conjugando esforços no sentido da automatização. A sustentação do desenvolvimento do complexo de Sines nestes oito pilares, aproveitando a sua localização periférica combinada com o crescente congestionamento das vias rodoviárias, constituem um potencial de oportunidades para o desenvolvimento do transporte do <i>feeding</i>, no campo dos contentores e do Ro-Ro. A optimização das operações portuárias e a crescente utilização do porto de Sines como “<i>transshipment hub</i>” (centro de transbordo) para distribuição regional (Portugal, Espanha e Europa) constituirão fortes factores de sucesso. A evolução do porto deve passar pela conversão progressiva de plataforma de distribuição e logística para uma situação de nó multimodal da rede formada pelas cadeias internacionais de abastecimento levando a uma maior competitividade comercial. Às companhias de navegação, o porto de Sines deve oferecer a possibilidade de transaccionarem a carga em boas ligações ao “<i>hinterland</i>”, confiança, pontualidade, fiabilidade, elevado grau de automação / produtividade (desenvolvimento das tecnologias de informação). A grande vantagem competitiva do porto de Sines face aos portos concorrentes, deve ser conquistada pela liderança de custos (ser mais económico) e/ou pela diferenciação (instalações e serviços portuários específicos em nichos de mercado que apresentem mais-valias ao porto e à Região. Todos os esforços a empreender devem estar centrados no cliente.
Perspectivas de desenvolvimento e oportunidades geráveis	A análise das linhas de orientação estratégica, evidencia um vasto leque de oportunidades de exploração e negócio para o complexo portuário e logístico de Sines. Ao nível da infra-estrutura portuária, importa destacar várias perspectivas de desenvolvimento e oportunidades geráveis. Tanto mais que a aposta da União Europeia vai no sentido de valorizar a navegação de cabotagem, como meio de descongestionar a rodovia, através da criação das chamadas “auto-estradas marítimas”. Espera-se, assim, uma afirmação crescente de Sines aos níveis nacional e internacional como porto energético, de carga e de passageiros (turismo). Para tal, será decisivo a concretização e/ou desenvolvimento de várias oportunidades e projectos como: • Terminal de Gás Natural, que complementa a capacidade de abastecimento face ao previsto aumento e viabiliza o consumo de áreas urbanas e de indústrias não servidas por gasoduto. O abastecimento será garantido por auto-tanques e pequenas centrais de regaseificação. Este terminal constituirá, ainda, um factor de oportunidade para a instalação de novas indústrias consumidoras de energia, na plataforma de Sines; • Terminal XXI - Sines vai tornar-se um “<i>hub port</i>” de “<i>transshipment</i>” de contentores na região do Atlântico e do Mediterrâneo Ocidental. A exploração inicia-se com um cais de 320 metros, um terraplino com 13,5 hectares e um quebra-mar com 1.150 metros de comprimento, tendo o terminal, nesta fase, capacidade para movimentar 250.000 TEU (1 TEU = 1 contentor de 20 pés) por ano. Estas instalações serão progressivamente ampliadas, para que em 2015 o terminal esteja já dotado de 940 metros de cais, 36,4 hectares de terraplino, dez gruas e 1.450 metros de comprimento de quebra-mar, possuindo uma capacidade de movimentação de 1,35 milhões de TEU por ano. Este terminal surge em consequência das orientações dos grandes operadores em se deslocalizarem de regiões mais congestionadas, e por isso com custos elevados (portos do Norte da Europa), para locais estratégicos amplos e sem congestionamentos e que ofereçam preços competitivos; • Terminal de passageiros – Sines sendo uma das melhores “portas atlânticas da Europa” e sendo o Alentejo uma região com potenciais turísticos interessantes e de proximidade a dois destinos turísticos consolidados (Algarve e Área Metropolitana de Lisboa), é também desejável o desenvolvimento deste vector da infra-estrutura portuária de Sines. Ao nível da consolidação da plataforma logística, para além da indução associada ao desenvolvimento do Terminal XXI, potenciável pela articulação com o projecto da chamada ZAL – Zona de Actividades Logísticas do Porto de Sines, importa não esquecer que Sines constitui já hoje uma imensa plataforma de acolhimento de unidades logísticas e industriais, que importa desenvolver e imbricar. Neste sentido, é também estratégico atrair empresas no domínio da prestação de serviços de apoio logístico e de valor acrescentado (como sejam a embalagem, etiquetagem e montagem).

Síntese do Potencial Motriz do Complexo Portuário e Logístico de Sines



COMPLEXO AEROPORTUÁRIO E LOGÍSTICO DE BEJA



Ideia mobilizadora

A transformação da Base Militar de Beja num aeroporto civil, com valências internacionais, vem introduzir novas dinâmicas na actividade produtiva e de serviços, criando novas sinergias no desenvolvimento da Região, sendo por isso considerado um dos projectos âncora (tanto mais que também pode potenciar o desenvolvimento de uma plataforma logística e turística competitiva).

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1. Situa-se numa área pouco populosa, sem restrições ambientais para a operação de aviões de dia ou de noite; 2. Possui uma boa base de infra-estruturas aeronáuticas; 3. Capacidade sobranse relativamente à utilização militar, pelo que o processo de reconversão permitirá a sua rentabilização; 4. Excelentes condições meteorológicas; 5. Investimento reduzido para a recuperação da Base; 6. Situa-se a 170 Km a sul de Lisboa e a 100 Km a norte do Algarve, os dois principais destinos do fluxo turístico nacional; 7. Num raio de 60 a 80 Km de Beja localizam-se, a oeste, o complexo industrial de Sines com o porto de águas profundas (potencial de multimodalidade) e as praias da Costa Alentejana (potencial turístico); 8. Situa-se próxima a barragem de Alqueva, que criará o maior lago artificial da Europa (250 Km²).	1. Baixo nível de investimentos para o desenvolvimento do projecto, com possibilidade de recurso a ajudas comunitárias; 2. O projecto do Aeroporto Civil de Beja constituirá, em conjunção com o Porto de Sines, um dos pólos mais importantes da plataforma logística do Baixo Alentejo; 3. Potencial de desenvolvimento agrícola, turístico e desportivo da Região do Alentejo, aumentando os atractivos de instalação e visita e consequentemente o emprego; 4. Aparecimento de empresas e postos de trabalho ligados à actividade aeronáutica; 5. Possibilidade de articulação e complementaridade do Aeroporto Civil de Beja com a Academia Aeronáutica de Évora / Escola Internacional de Pilotos.

Visão estratégica	O projecto de desenvolvimento do aeroporto de Beja é, em termos estratégicos, um dos projectos estruturantes para o Alentejo que poderá constituir, em paralelo, com o empreendimento de Alqueva uma alavanca fundamental ao desenvolvimento do Baixo Alentejo. Esta infra-estrutura aeroportuária militar, de grande dimensão, evidencia capacidade de transformação para utilização simultânea para aviação civil, nomeadamente como plataforma intercontinental, para transporte de mercadorias e como infra-estrutura potencialmente distribuidora da produção gerada regionalmente, podendo, segundo a EDAB,² vir a constituir-se como: 1) "Aeroporto internacional nas diversas vertentes de exploração, com a possibilidade da prática de taxas aeroportuárias competitivas; 2) Aeroporto principal para companhias "Charter" que pretendam praticar tarifas competitivas e/ou companhias "Low Cost Carrier"; 3) Plataforma de carga aérea geral; 4) Plataforma logística para a carga a receber e a expedir de / para África e América, utilizando aviões de grande porte e executando em Beja o "transshipment" para aviões menores, para a ligação com os aeroportos europeus; 5) Entrepósito para a carga recebida no Porto de Sines, passível de ser transportada por meios aéreos; 6) Base de estacionamento de aviões de carácter executivo e saídos das linhas de montagem aguardando colocação nas companhias aéreas; 7) Área de manutenção de aeronaves e de fabricação de componentes; 8) Base de treino para tripulações de aviões comerciais; 9) Sede de Escolas de Técnicos Aeronáuticos; 10) Pólo de localização de empresas relacionadas com a actividade aeronáutica; 11) Alternativo dos aeroportos nacionais para aviões de passageiros e carga; 12) Solução para os problemas que se antevêm, relativamente a Lisboa e Faro, quando o aumento do fluxo de passageiros e carga ultrapassar as capacidades daqueles aeroportos." Embora existam conclusões técnicas recentes que condicionam a plena utilização das suas pistas, deverão ser empreendidos esforços no sentido de ultrapassar as condicionantes técnicas e financeiras que daí possam advir. Verifica-se que é prática corrente construir aeroportos em regiões que carecem de dinâmicas de desenvolvimento, sobretudo se aproveitando estruturas aeroportuárias militares sub-aproveitadas. Reconhece-se, porém, que o sucesso de um empreendimento deste tipo está largamente dependente da massa crítica que possa ser atraída para os vários sectores de actividade, das sinergias que possam ser criadas entre os restantes projectos âncora da Região e do envolvimento dos órgãos de poder central e regional. Dadas as suas múltiplas funções, este aproveitamento, para além de estimular as actividades económicas já existentes, vem promover o aparecimento de novas actividades empresariais e industriais ligadas de apoio ao transporte aéreo de mercadorias e de passageiros, podendo ser considerada como condição necessária para o processo de criação de empresas locais e crescimento das empresas já existentes. Um projecto desta dimensão poderá responder aos problemas de esvaziamento demográfico do Baixo Alentejo, constituindo um forte motor de desenvolvimento e oferecendo à população condições económicas e sociais que diminuam o movimento de migração para o litoral e grandes centros urbanos. Nesta perspectiva e reunidas as condições favoráveis ao nível político e institucional, o desenvolvimento do aeroporto poderá potenciar na região a construção de um "cluster" aeronáutico quando associado quer à Academia Aeronáutica de Évora (que poderá utilizar o aeroporto de Beja para os seus treinos uma vez que, actualmente, recorre a Badajoz) quer considerando a deslocalização das OGMA para Beja.
--------------------------	---

² EDAB – Empresa de Desenvolvimento do Aeroporto de Beja, S.A.

Perspectivas de desenvolvimento e oportunidades geráveis

Considerando a “visão” da EDAB, a natureza do empreendimento e a análise crítica das “oportunidades de negócio” que poderão ser desenvolvidas a partir da abertura do aeroporto ao tráfego civil surgem duas áreas de referência: a logística e o turismo. Para além destes, podemos apontar a concentração e redistribuição da carga aérea, a manutenção de aeronaves e a fileira aeronáutica como áreas com elevada capacidade de atracção de investimentos. Os menores custos de estacionamento de aeronaves, o menor congestionamento aéreo da zona e os menores custos de armazenamento das mercadorias constituem factores críticos de sucesso destas oportunidades de investimento.

Como plataforma logística e industrial...

A maior interdependência entre as economias regionais, a tendência para a *deslocalização* das actividades económicas e o crescimento subsequente e exponencial do comércio e das trocas, impõem, necessariamente, que se perspectivem as infra-estruturas e equipamentos aeroportuários como um *elo fundamental das cadeias logísticas* produtivas, que esperam obter e partilhar entre si crescentes ganhos de *produtividade* e de *competitividade*. Convirá realçar que para as mercadorias muito valiosas, de peso e volume reduzidos, ou que sejam facilmente perecíveis ou que o tempo seja uma variável crítica, o transporte aéreo inserido nas cadeias logísticas representa uma vantagem competitiva, pois permite reduzir os elevados custos de armazenagem. Por exemplo, o transporte aéreo encontra-se com muita frequência associado às cadeias logísticas de manutenção (*stocks* de peças soltas centralizado que, em caso de necessidade, são expedidas por avião, otimizando assim o binómio transporte/armazenagem).

A criação de plataformas multimodais com o seu vértice nas infra-estruturas aeroportuárias é, ao nível internacional, parte de uma estratégia integrada de “*Supply Chain Mangement*” que permite uma produção *just in time*. O desenvolvimento de condições que facilitem os processos alfandegários, o manuseamento e transferência de cargas, as comunicações e a articulação com os outros meios de transporte, de modo a que os “componentes” cheguem rapidamente às unidades industriais/comerciais é, no contexto da enorme concorrência pelos investimentos directos internacionais, um importante factor de sucesso. Ao nível das fileiras agrícolas, potencialmente alargadas pelo Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, o aeroporto de Beja constitui um factor de competitividade e permitirá, certamente, a implantação de novas empresas relacionadas, entre outras, com a floricultura e os produtos certificados. Podemos perspectivar, no presente caso, importantes sinergias entre os grandes empreendimentos da Região.

Como plataforma turística...

O “turismo de massas”, mesmo que medianamente massificado, implica a existência de viagens cada vez mais baratas, com aviões cada vez mais rápidos e com operações aeroportuárias rápidas e ligeiras, permitindo a diminuição do tempo e o custo desta etapa e, subsequentemente, a valorização do tempo de férias.

Ao nível europeu, a perda de tempo no embarque e desembarque, a espera do *check-in*, as operações de verificação de bilhetes, das bagagens, de segurança, nos terminais aeroportuários, são situações que afectam negativamente o tempo de viagem, mas os grandes atrasos resultam do congestionamento do espaço aéreo, que obriga os controladores aéreos a manterem “os aviões no chão”.

A referida situação e a necessidade das zonas receptoras terem uma infra-estrutura aeroportuária, relativamente próxima e acessível, que responda de forma eficaz à procura, abre para o aeroporto de Beja uma excelente oportunidade de negócio, pois qualquer atraso ou “sensação” de demora (aumento da distância-tempo) provocará uma diminuição do número potencial de pessoas atraídas.

O aeroporto de Beja poderá, em primeiro lugar, servir de apoio/complemento ao aeroporto de Faro, com uma procura anual superior a 2 milhões de turistas. Em segundo lugar, considerando a construção do Novo Aeroporto de Lisboa, na OTA, a oportunidade de servir de forma eficaz, se as infra-estruturas terrestres ajudarem, o turismo da «Costa Azul», nomeadamente Tróia.

Assim, as potencialidades deste projecto pelos seus efeitos directos e induzidos, poderão atrair para a Região novos investidores que explorem as novas áreas de negócio geradas:

1. Aeroporto para aviões de passageiros – leva à instalação de:
 - agências de operadores de transporte aéreo;
 - empresas ligadas ao tráfego de passageiros - *catering*, limpeza, restauração, hotelaria, “*handling*”, etc.;
 - actividade comercial;

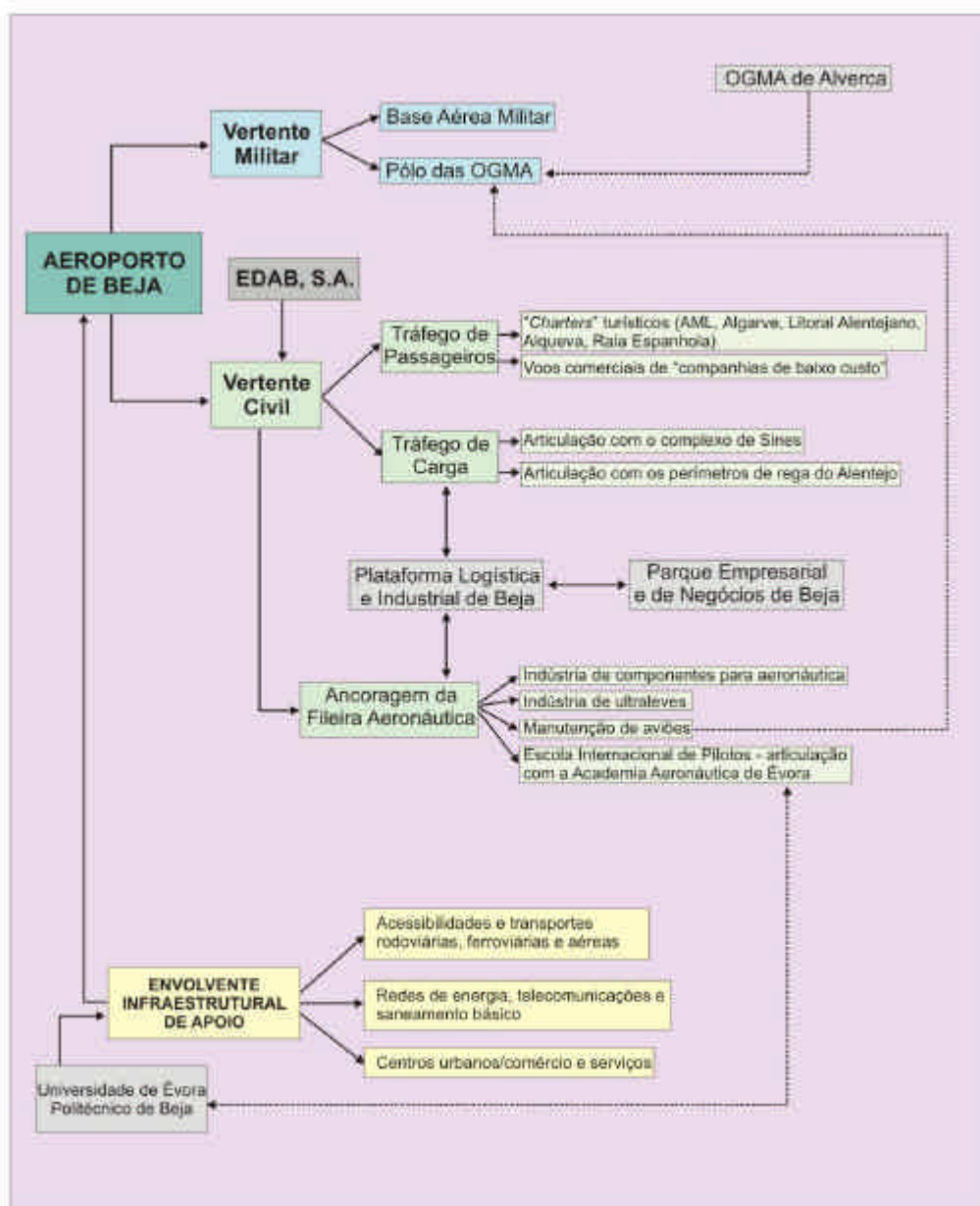
2. Plataforma de carga aérea geral – conduzirá à implementação de empresas que actuam na área do manuseamento e transporte da carga aérea;
3. Área de manutenção de aeronaves e de fabricação de componentes - conduz à localização de empresas cuja actividade esteja relacionada com a aeronáutica, como sejam empresas ligadas às tecnologias de ponta.

Este projecto gera, ainda, um conjunto de movimentos económicos induzidos não menos interessantes nos sectores secundário e terciário, provocados pelas pessoas altamente qualificadas e com poder de compra acima da média, que são atraídas pelos postos de trabalho criados por este tipo de empresas.

Como centro de treinos para pilotos da aviação comercial...

Neste domínio importa salientar o interesse e a possibilidade de articulação e complementaridade com a Academia Aeronáutica de Évora, a qual tem pretensões de através de um acordo com a Universidade de Évora criar uma Escola Internacional de Pilotos, para cujo projecto a infra-estrutura aeroportuária de Beja tem excelentes condições de acolhimento e desenvolvimento.

Síntese do Potencial Motriz do Complexo Aeroportuário e Logístico de Beja



PARQUES EMPRESARIAIS E DE NEGÓCIOS



Ideia mobilizadora

Os parques industriais no Alentejo, deverão ser encarados como áreas prioritárias de localização e imbricação de empresas, geração de negócios e instrumentos de valorização territorial. É também necessário adoptar uma política de selectividade e qualificação dos espaços industriais da Região, na perspectiva do aprofundamento das especializações económicas, das parcerias estratégicas e do funcionamento em rede.

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
- Existência de áreas urbanas dinâmicas do ponto de vista demográfico e económico na Região; - Oferta de espaços industriais qualificados (ainda que, em alguns casos, em saturação); - Bons níveis de acessibilidade rodoviária às infra-estruturas de localização empresarial, na perspectiva internacional, inter-regional e intra-regional; - Papel dinamizador das autarquias locais da Região; - Instituições públicas e privadas sem fins lucrativos, priorizam a qualificação das infra-estruturas de localização empresarial.	- PORA (Programa Operacional da Região Alentejo) contempla medidas de qualificação dos parques industriais/empresariais (Medida 1.3 - Melhoria das condições de atractividade à localização de actividades produtivas); - PRASD (Programa de Recuperação de Áreas e Sectores Deprimidos) enquadra acções, genéricas e específicas, direccionadas para a constituição de uma rede coerente de Áreas de Localização Empresarial, em complemento com outros instrumentos de política pública; - Dinâmica económica associada ao Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, aumenta a procura regional para espaços de localização empresarial; - Dinamização do sistema regional de inovação, requer uma ancoragem territorial que potencie a qualificação dos principais parques de empresas da Região; - Criação de plataformas logísticas na Região, tornando mais atractivas as infra-estruturas de localização empresarial.

Visão estratégica

Os parques empresariais e de negócios são infra-estruturas para localização de empresas muito relevantes para o desenvolvimento da Região, porém, como se verifica em algumas situações no Alentejo (e também noutras regiões), não são uma condição suficiente para estimular o desenvolvimento territorial. Importa que estas infra-estruturas sejam cada vez mais qualificadas, constituindo uma rede coerente de oferta de espaço adequado para a instalação de empresas na Região, propiciando novas valências nos domínios da oferta de serviços às empresas. As possibilidades de articulação com infra-estruturas e equipamentos do sistema regional de inovação, deverão ser amplamente aprofundadas, por induzirem inovação organizacional e tecnológica nas empresas. Outra vertente importante da visão estratégica passa pela empresarialização da gestão dos parques de empresa.

Será igualmente necessário, apostar selectivamente em espaços que possam garantir, à partida, maior sucesso na difusão dos efeitos económicos na Região, bem como assegurar uma cobertura territorial adequada às suas características. Nesse sentido, identificam-se as seguintes aglomerações com melhores condições para garantir o sucesso da estratégia: Évora, Beja, Portalegre, Vendas Novas, Montemor-o-Novo, Sines, Ponte de Sôr e Elvas.

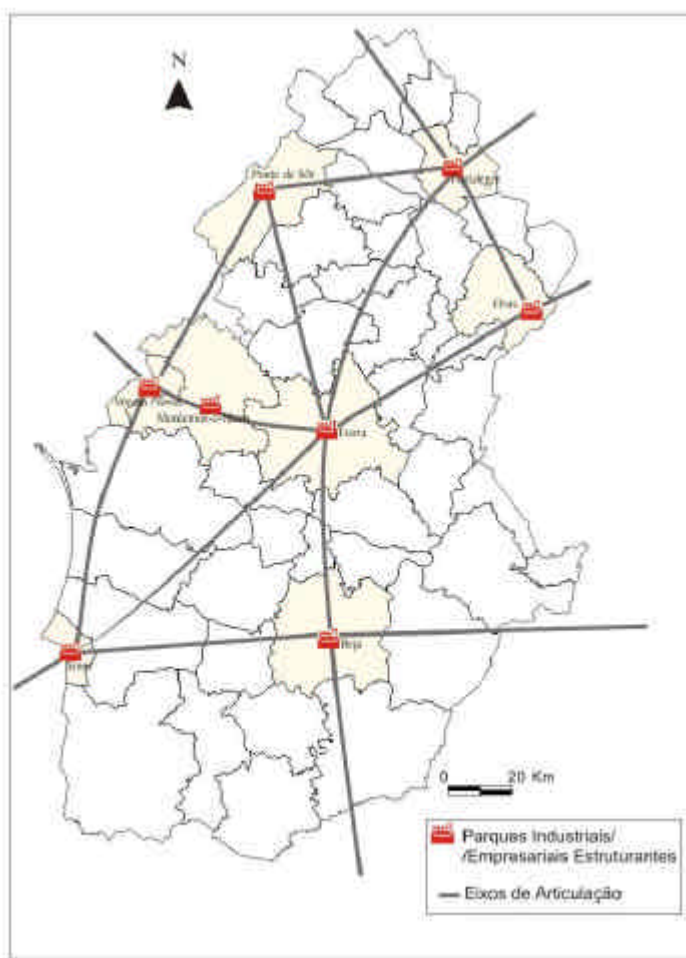
Perspectivas de desenvolvimento e oportunidades geráveis

As perspectivas de desenvolvimento dos parques empresariais e de negócios identificadas, decorrem de oportunidades da política pública, bem como das dinâmicas territoriais intra e inter-regional, designadamente:

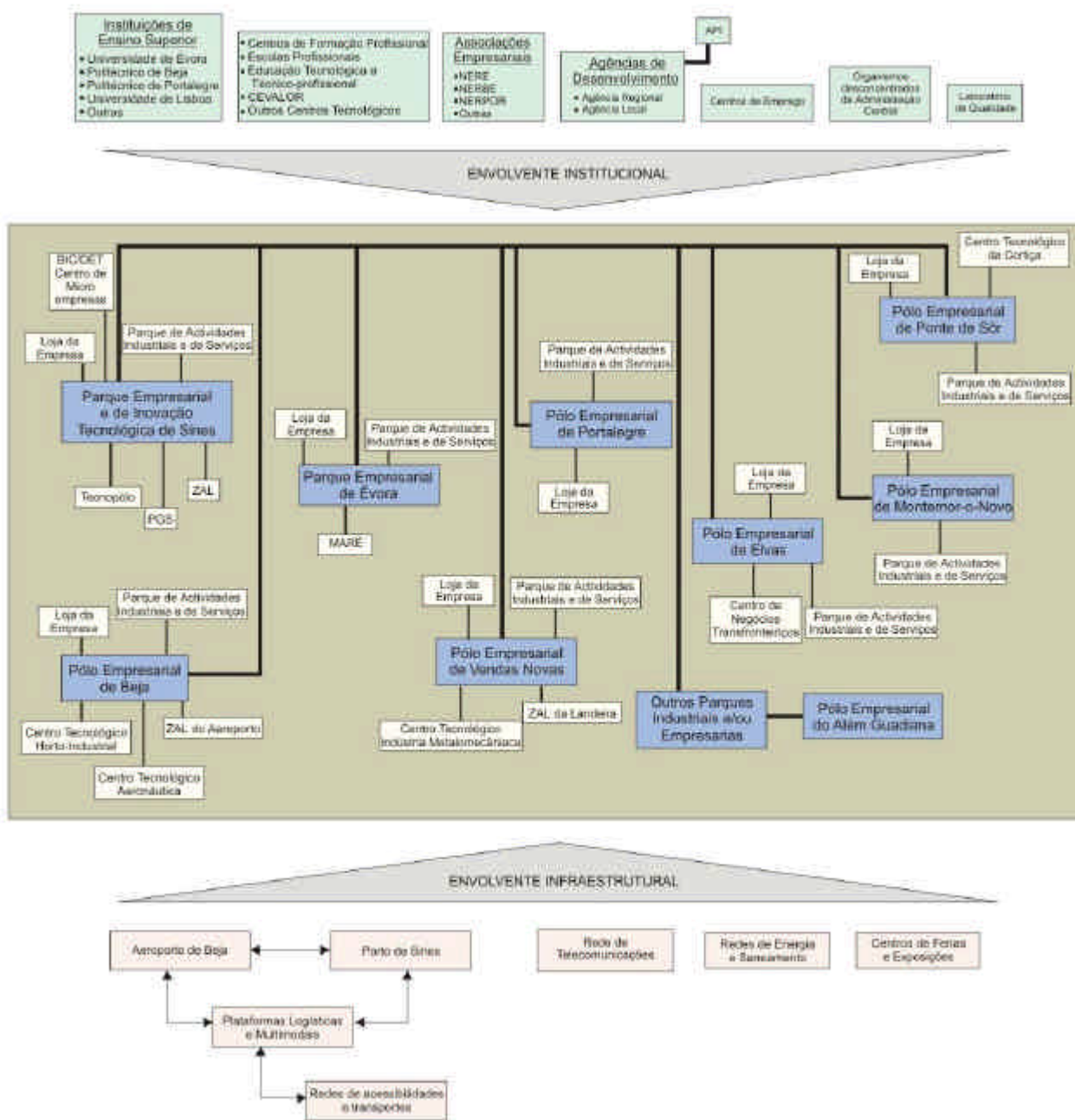
1. Existência de instrumentos de política para desenvolvimento/qualificação de áreas de localização empresarial;
2. Integração de espaços da região em dinâmicas metropolitanas (dinâmicas de Vendas Nova e Montemor-o-Novo configuram casos de expansão da Área Metropolitana de Lisboa);
3. Dinâmicas regionais decorrentes da concretização de grandes projectos (EFMA, abertura da Base Área de Beja ao tráfego civil, porto e ZAL de Sines) geram procura para áreas de localização industrial (casos de Sines, Beja e também Évora);
4. Criação de plataformas logísticas e de intermodalidade reforçam a centralidade de algumas das principais aglomerações do Alentejo, antevendo-se uma procura de espaço para usos industrial e logístico na Região;
5. Desenvolvimento da indústria de cortiça e de actividades na aeronáutica sustentam uma procura para o parque industrial/empresarial de Ponte de Sôr, tal como a indústria de componentes para automóveis desempenha um papel central em Vendas Novas;
6. A vertente de internacionalização das actividades económicas, deverá sedimentar as oportunidades de desenvolvimento dos parques empresariais de Elvas e de Évora, neste último caso, com uma maior componente inovadora em virtude da dinâmica imprimida pela Universidade de Évora;
7. A polarização do Nordeste Alentejano deverá ser concretizada por via da afirmação da aglomeração de Portalegre.

Num cenário de desenvolvimento efectivo do processo de desenvolvimento regional, há também que vir a encarar a hipótese de criação de um parque empresarial e de negócios estruturante no além Guadiana (porventura em Moura).

Parques Empresariais e de Negócios Estruturantes



Síntese Prospectiva da Rede Industrial/Empresarial e Sistema de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico do Alentejo



INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR



Ideia mobilizadora

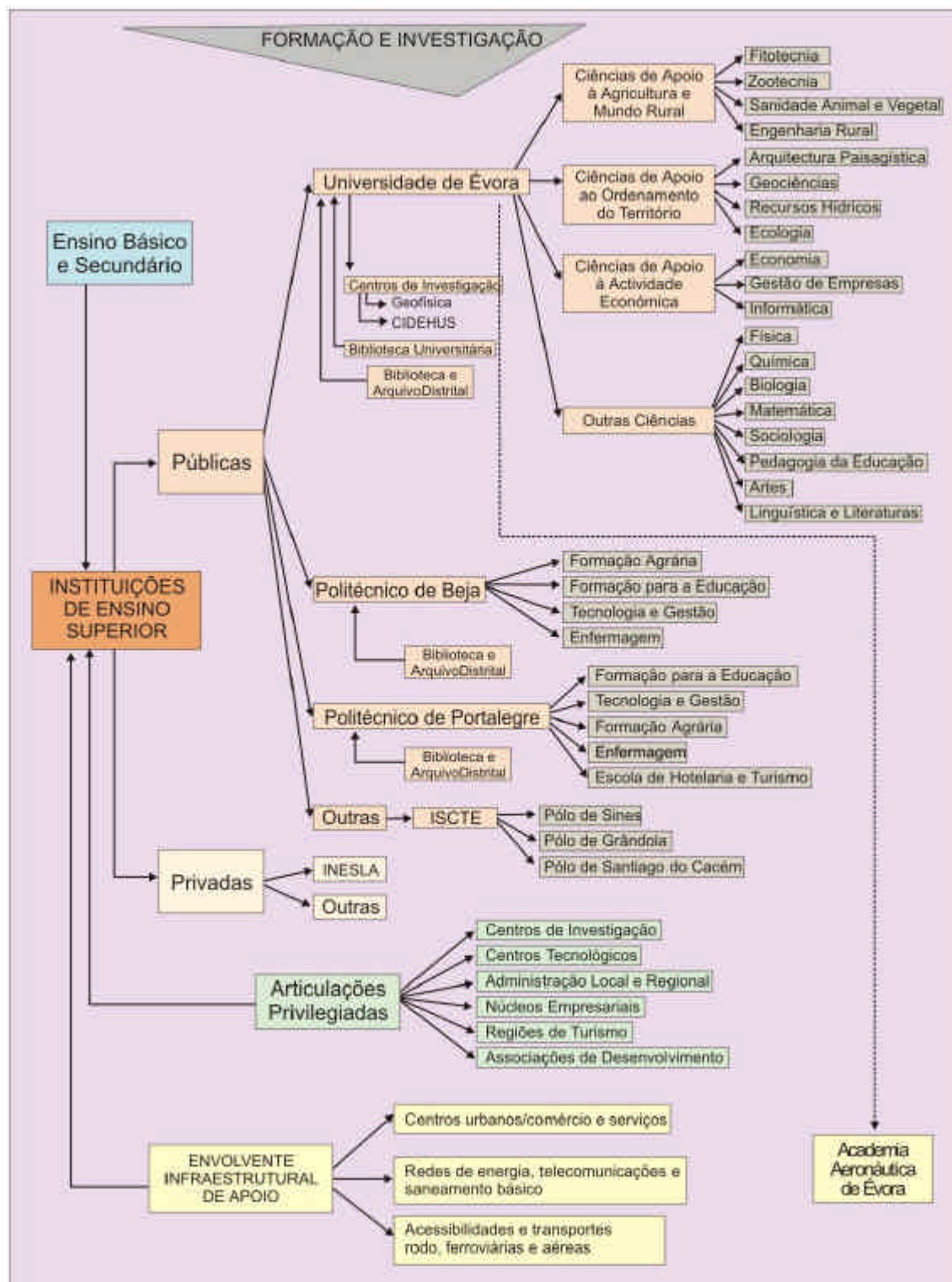
As instituições de ensino superior na Região do Alentejo, a Universidade e os Institutos Politécnicos, são produtores de conhecimento e veículos privilegiados de informação e formação, contribuindo para o aumento da infra-estrutura tecnológica e criativa da Região e, consequentemente, para o crescimento da competitividade das empresas e dos territórios em que se localizam, gerando “oportunidades de negócio”, tanto ao nível local, como regional.

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1. Os mais de mil docentes e mais de quinze mil estudantes que frequentam o ensino superior na Região, têm um peso muito significativo na economia regional e importantes efeitos directos e indirectos; 2. A área das ciências agrárias tem, de acordo com as necessidades do meio envolvente e as limitações dos estabelecimentos, desempenhado um papel relevante na prestação de serviços à comunidade; 3. A disponibilização de mão-de-obra qualificada é, sem dúvida, o principal contributo das instituições de ensino superior para a fixação de novas unidades económicas.	1. As áreas das ciências agrárias e das agro-indústrias e indústrias alimentares poderão ser, no âmbito da extensão do regadio, sobretudo no contexto do projecto de Alqueva, um importante vector de inovação, integrando a formação, a investigação e as necessidades da Região; 2. A comercialização, distribuição e logística apresentam-se como áreas de formação e inovação com fortes limitações, devendo ser vistas como áreas prioritárias de interacção entre as instituições de ensino superior e as empresas; 3. O turismo é outro domínio com procura e exigências crescentes, que importa consolidar; 4. Igualmente estratégicas são as articulações com as indústrias do automóvel e da aeronáutica.

Visão estratégica	A acentuada redução da procura externa e o aumento da concorrência entre instituições de ensino superior, deverá permitir a estas instituições redefinir o seu papel e proceder à adequada reorientação estratégica, baseada nas necessidades regionais, permitindo «construir» novas oportunidades de formação e de investigação, integradas no sistema de inovação de processos e produtos. Nos próximos anos, as instituições de ensino superior apresentarão uma acção coordenada e integrada, permitindo a diminuição de custos e uma presença global no mercado dos estudos graduados e, principalmente, nos estudos pós-graduados. Por outro lado, estas instituições universitárias regionais, públicas e privadas, apresentarão processos sistemáticos de parcerias regionais e nacionais com as empresas, permitindo a integração de novos produtos e processos nas cadeias de valor endógenas. O conjunto das instituições de ensino superior, nomeadamente, nos sectores das biotecnologias, agro-industriais, rochas ornamentais, saúde, logística e turismo, ocuparão por certo uma posição de liderança, suportada numa cultura de inovação, empreendedorismo e de constante parceria entre o ensino superior e as empresas. A sua acção estará centrada nas cadeias de valor regionais e responderá às necessidades e preocupações relacionadas com as principais fileiras produtivas, dando apoio aos problemas científicos e tecnológicos das cadeias de valor existentes e desenvolvendo novos produtos e processo.
--------------------------	---

Perspectivas de desenvolvimento e oportunidades geráveis	No contexto das cadeias de valor centradas nos produtos agrícolas, as instituições regionais de ensino superior e de investigação devem ter um papel essencial e mobilizador. Os resultados da investigação deverão respaldar a agro-indústria. As biociências, nomeadamente, nas escolas agrárias deverão assumir um papel de orientação num dos sectores com mais rápido crescimento na economia: as biotecnologias. As Universidades, deverão assumir a agricultura biológica como uma área de futuro, prestando o necessário suporte técnico às produções. Os problemas relacionados com a segurança alimentar são centrais para a produção e comercialização de produtos agro-industriais. Neste domínio, importa seguir as lições do “<i>benchmarking</i>”, procurando os exemplos referenciais com maior pertinência para o Alentejo. É o caso da Universidade da Extremadura espanhola, onde se têm privilegiado algumas áreas de investigação aplicada com igual interesse para o Alentejo, a saber: valorização dos sistemas extensivos da produção animal, valorização da agricultura ecológica, cultura <i>in vitro</i> para micropropagação e adaptação de espécies de interesse regional, conservação de solos e valorização da sua fertilidade, valorização fosfórica das pastagens, valorização da lã merina, valorização da produção de bolota e do manejo de suínos e valorização do presunto. Por outro lado, espera-se que as diversas escolas de tecnologia e gestão sejam crescentemente integradas nas cadeias de valor das diferentes fileiras industriais, promovendo, designadamente, a inovação e o <i>design</i>, por forma a melhorar a retenção do valor acrescentado. É o caso da cortiça e das pedras naturais, onde importa valorizar a produção existente e desenvolver novos produtos em consonância com novas aplicações. É também o caso da fileira metálica, sobretudo da indústria automóvel e da aeronáutica, cujas perspectivas de mercado são amplas. No campo da logística podem, igualmente, abrir-se boas áreas de articulação ensino superior/empresas, bem como no sector do turismo que, previsivelmente, terá um papel cada vez maior no Alentejo, esperando-se, por isso, um protagonismo mais efectivo dos Politécnicos de Beja e Portalegre os quais têm, ou pretendem ter, cursos neste domínio.
---	--

Síntese do Potencial Motriz das Instituições de Ensino Superior do Alentejo





4. AS OPORTUNIDADES DA BASE ECONÓMICA

4.1 OPORTUNIDADES NO SECTOR AGRÁRIO E AGRO-INDUSTRIAL

O sector agro-pecuário, no Alentejo, encontra-se fortemente dependente da evolução de condicionamentos externos relacionados com a liberalização crescente dos mercados, a dinâmica da UEM (visando o alargamento) e a consequente reforma da PAC. As OCM presentes na Região e a importância dos auxílios financeiros comunitários, indispensáveis à manutenção dos rendimentos e do bem estar dos produtores, são disso testemunha.

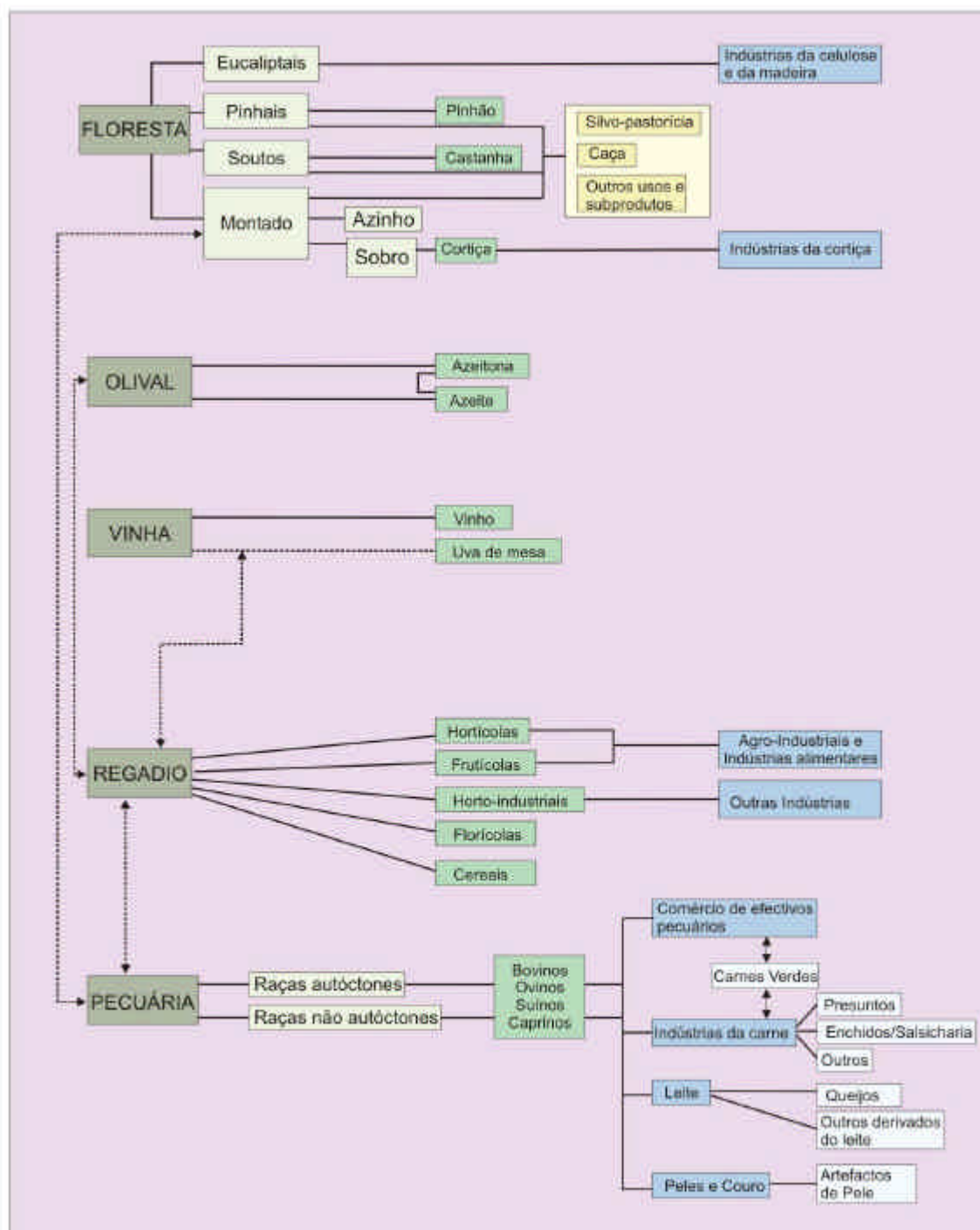
Neste contexto, importa, progressivamente, encontrar alternativas às tradicionais culturas de sequeiro, com especial realce para os cereais e as oleaginosas (sendo de prever a libertação de terras para o incremento da pecuária extensiva) e a necessidade associada de produção de forragens, para outras culturas emergentes e ainda destinadas à florestação.

Nesta dinâmica evolutiva, considera-se que existem oportunidades, fundamentalmente, em dois grupos distintos de actividades económicas. Nas actividades que designaremos por “tradicionais/consolidadas e dinamizáveis” e nas actividades “consolidáveis e/ou emergentes”. No primeiro, integram-se: a Cortiça; o Azeite e a Azeitona; a Vinha e o Vinho; as Carnes, os Presuntos, Enchidos e Salsicharia; e os Queijos. No segundo, integram-se: as Culturas Regadas; os Frutos Secos, Frescos e Preparados; a Floresta e a Silvicultura; e as Actividades-Nicho (v.g. Produtos Biológicos, Mel, entre outros).

Actividades tradicionais/consolidadas e dinamizáveis	Cortiça
	Azeite e Azeitona
	Vinha e Vinho
	Carnes verdes, Presuntos, Enchidos/Salsicharia
	Queijos e outros derivados do leite
Actividades consolidáveis e/ou emergentes	Culturas Regadas
	Frutos Frescos, Secos e Preparados
	Floresta e Silvicultura
	Actividades-nicho

DA CORTIÇA	É sabido que a produção suberícola do país se encontra basicamente concentrada no Alentejo, e, assim sendo, o aproveitamento da sua cadeia de valor (desde o montado à indústria e à investigação) é estratégico, não apenas para a Região, mas também para o país, tanto mais que, além dos produtos tradicionais (onde pontificam as rolhas), se continua a abrir um leque diversificado, e nalguns casos inovador, de aplicações da cortiça. Assim, por um lado, importa recuperar e expandir o montado de sobro, de forma ordenada e em condições genéticas e fitosanitárias correctas e, por outro lado, importa estimular a tendência recente de reafirmação da indústria corticeira no Alentejo, designadamente nas áreas de Ponte do Sôr, Vendas Novas e Évora (Azaruja). Igualmente estratégico, é a certificação da “Cortiça do Alentejo” (processo já iniciado).
DA AZEITONA E DO AZEITE	Nos últimos anos tem-se assistido a uma progressiva retoma do mercado do azeite e da azeitona, impulsionada por uma crescente apetência e exigência dos consumidores por produtos de boa qualidade biológica. O Alentejo, não sendo a principal região do país produtora de azeitona e de azeite, apresenta, contudo, condições edafoclimáticas excepcionais para a sustentação de uma fileira oleícola, sendo de relevar as potencialidades dos azeites de Moura/Serpa, do Norte Alentejano e do Alentejo Interior e ainda da azeitona de Elvas/Campo Maior e de Nisa, áreas que sustentam várias DOP do sector (Azeite de Moura, Azeite do Norte Alentejano e Azeite do Alentejo Interior. Importa, também, salientar que, quer no domínio da azeitona, quer no do azeite existe ainda um razoável espectro de produtos associados a nichos de mercado por explorar, bem como novas formas de promoção e comercialização por aprofundar.
DA VINHA E DO VINHO	No campo da fileira do vitivinícola, o Alentejo apresenta, igualmente, excelentes condições para a sua sustentação e desenvolvimento, tanto mais que já conseguiu alcandorar alguns dos seus vinhos a lugares cimeiros do mundo enófilo. Importa realçar várias das denominações de origem que detém: Borba, Redondo, Vidigueira, Reguengos de Monsaraz, Évora, Granja, Portalegre e Moura, para as quais se abrem múltiplas janelas de oportunidade e de competitividade, quer no contexto nacional, quer internacional.
DAS CARNES VERDES, PRESUNTOS, ENCHIDOS/ SALSICHARIA	O montado alentejano tem sido garante da sustentação de uma fileira da carne e derivados, crescentemente valorizada e competitiva, associada sobretudo à pecuária extensiva bovina, ovina e suína, no seio da qual existe um apreciável “stock” de raças autóctones, particularmente apreciadas pelo gastrónomo esclarecido e exigente. De uma forma geral, pode dizer-se que todo o Alentejo tem apetência para a produção de carnes verdes de excelência. Já no domínio dos Enchidos/Salsicharia há que destacar, sobretudo, a tradição das áreas de Portalegre e Estremoz/Borba e no dos Presuntos, especialmente a de Barrancos, cuja produção tem granjeado fama internacional. Importa sublinhar que, no domínio dos produtos pecuários, existe ainda uma gama de produtos por explorar e certificar. Em termos de comercialização e promoção abrem-se também várias oportunidades.
DOS QUEIJOS E OUTROS DERIVADOS DO LEITE	Existe um mercado nacional e internacional particularmente interessante para os queijos de excelência e com boas imagens de marca e, assim sendo, abrem-se boas janelas de oportunidade para o Alentejo que, como é sabido, é uma das regiões do país com maiores tradições queijeiras, possuindo vários queijos certificados como produto de qualidade. São de assinalar, designadamente, as potencialidades e a competitividade dos queijos de Serpa, Nisa/Tolosa e de Évora. Por outro lado, importa não esquecer que o Alentejo tem possibilidades de incrementar a produção de leite bovino, designadamente no sudoeste alentejano.
DAS CULTURAS REGADAS	A mudança e a competitividade da agricultura alentejana passa pelo reforço da importância do regadio, cujo desenvolvimento irá por certo impulsionar a produção de alguns cereais (caso do milho, dadas as quotas existentes), bem como dos hortícolas, frutícolas, florícolas e dos horto-industriais. Por outro lado, estimulará a produção de forrageiras para apoio a alguma pecuária e apoiará a reorientação de olivais e vinhas (sobretudo as orientadas para a produção de uva de mesa). Para tal, é, obviamente, fundamental a concretização de todo o projecto do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, o qual irá potenciar o alargamento dos perímetros de rega e dar maior sustentação a vários dos já existentes.

Espectro de Sustentação das Oportunidades do Sector Agrário e Agro-Industrial do Alentejo



DOS FRUTOS FRESCOS, SECOS E PREPARADOS	Apesar dos constrangimentos biofísicos do Alentejo (sobretudo as adversidades climáticas), vários cientistas consideram que algumas produções frutícolas podem encontrar condições de sustentabilidade e de viabilidade económica na Região, sobretudo num quadro de desenvolvimento do regadio (ver, por exemplo: Mariano Feio, <i>Clima e Agricultura</i>; Ed. do Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação; Lisboa, 1991). Assim sendo, o desenvolvimento dos frutos frescos, secos e preparados constitui outro domínio a explorar no quadro da agricultura alentejana, não apenas no que concerne aos protegidos, como a castanha de Marvão-Portalegre, a maçã de Portalegre, a cereja de S. Julião-Portalegre e a ameixa d'Elvas, mas também e, sobretudo, no que diz respeito à afirmação de novas áreas de produção e novas produções (caso da uva de mesa, das nozes e amêndoas). Também aqui, importa relevar a importância do desenvolvimento das infra-estruturas hidráulicas do Alentejo, por forma a sustentar e a dinamizar a reconversão e a iniciativa empresarial. Importa, também, sublinhar que, em matéria de aproveitamento da transformação dos frutos frescos e secos, o mercado tem aberto novas e interessantes oportunidades.
DA FLORESTA E DA SILVICULTURA	O montado de sobreiros e azinheiras domina a floresta e a paisagem alentejanas e, como já se referiu, é fundamental para a ancoragem de várias outras cadeias de valor estratégicas ligadas ao sector agrário e agro-industrial da Região. Mas, importa também ter presente que a floresta do Alentejo não se esgota no montado, sendo também de relevar as extensas manchas de pinheiro bravo, e sobretudo manso, do corredor Mora/Santiago do Cacém, bem como os soutos da área de S. Mamede, isto sem esquecer que os eucaliptais tendem a alastrar no território do Alentejo, impulsionados pelas indústrias da celulose e madeira. São múltiplas as razões para o Alentejo apostar no desenvolvimento da sua floresta, desde logo, por razões de qualidade e sustentabilidade ambiental e paisagística, mas também, e obviamente, por razões de carácter económico e de suporte de comunidades locais, tanto mais que os vários tipos de floresta alentejana podem proporcionar usos económicos múltiplos (madeira, silvo-pastorícia, lenha/carvão, castanha, pinhão bolota/lande, caça, plantas aromáticas e medicinais, cogumelos, mel, ...). É, contudo, fundamental uma atitude estratégica e concertada de bom ordenamento e gestão integrada do património florestal.
DAS ACTIVIDADES-NICHO	No que se refere às Actividades-Nicho, o Alentejo apresenta também potenciais de desenvolvimento particularmente interessantes. Para além dos produtos da agricultura biológica, cujo mercado está em franco crescimento, importa mencionar os méis e as plantas/ervas aromáticas e medicinais e cogumelos. De facto, tais produtos podem constituir-se como Actividades-Nicho de mercado, com razoável interesse económico para a Alentejo, tanto mais que as procura são crescentes e fidelizadas e, assim sendo, abrem-se novas janelas de oportunidade para o aproveitamento dos recursos endógenos da Região e para a diversificação e sustentação da base económica alentejana.

CORTIÇA

	Ideia mobilizadora <i>A fileira da cortiça é uma das fundamentais para o Alentejo, tendo em conta que a produção suberícola do país se encontra concentrada nesta Região. Importa valorizar o património do montado de sobro e estimular o crescente processo de sediação de novas e modernas unidades de transformação da cortiça na Região.</i>
---	--

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1. Região líder na produção de cortiça, no quadro de um país que é líder mundial da transformação e comercialização de produtos de cortiça; 2. Matéria prima de qualidade; 3. Existência de grandes grupos económicos no sector; 4. Existência de <i>know-how</i> no sector; 5. APCOR (Associação dos Produtores de Cortiça), CINCORK (Centro de Formação Profissional para a Indústria da Cortiça), CTCOR (Centro Tecnológico da Cortiça); 6. CIPR e SYSTECODE; 7. Proibição oficial de abate de sobreiros; 8. Novos povoamentos de sobreiros.	1. Apoios à florestação (expansão e recuperação/repovoamento montado); 2. PDSFP (Plano de Desenvolvimento Sustentável da Floresta Portuguesa) e outros Planos e Programas de Acção do Governo; 3. Novos produtos resultantes da transformação da cortiça; 4. Crescente estabelecimento/deslocalização de fábricas corticeiras no Alentejo; 5. Investigação fitossanitária; 6. Integração de cadeia valor/fileira genética; 6. Oportunidades trazidas pela investigação de importantes clientes do sector, particularmente estrangeiros.

Visão estratégica	A fileira da cortiça é uma das fileiras fundamentais para o Alentejo, tendo em conta que a produção suberícola do País se encontra concentrada nesta Região. Porém, a transformação, ou seja, a indústria da cortiça, essencialmente centrada na produção de preparados, transformados³ e de aglomerados, encontra-se quase toda fora do Alentejo, com excepção de dezassete unidades fabris que se encontram ali a laborar, sendo que algumas são novas e de implantação recente. Esta recente implantação, que ainda se encontra longe de satisfazer uma das grandes aspirações dos alentejanos - transformar significativamente a sua matéria-prima, constitui, no entanto, um indicador de que é possível dar passos concretos nesse sentido, orientando a localização da indústria pela geografia de produção da cortiça. O significado é porventura maior quando se sabe que das novas unidades referidas algumas pertencem, ou são participadas, pelo maior grupo nacional e mundial do sector⁴ e operam com as mais recentes tecnologias desenvolvidas. Recuperar, preservar e expandir o montado de sobro, em condições fitossanitárias e genéticas adequadas, constitui, por outro lado, uma prioridade estratégica para integrar e reforçar as fileiras que têm nas raças autóctones do Alentejo um dos vectores fundamentais para o desenvolvimento da Região. Os montados de sobro e azinho são, ainda, componentes indispensáveis da paisagem única alentejana, de grande relevo para o desenvolvimento turístico.
---------------------------------	--

Perspectivas e oportunidades de desenvolvimento	As oportunidades no domínio do sobreiro e da cortiça são múltiplas, podendo converter-se em outros tantos projectos, quer de iniciativa exclusivamente privada, quer assentes na cooperação público-privado, individualmente ou em rede, sendo de destacar, entre outros, os seguintes: 1. Instalação/deslocalização de unidades transformadoras para o Alentejo; 2. Investigação fitossanitária e genética do sobreiro; 3. Expansão, recuperação e reflorestamento; 4. Projectos de planeamento e de ordenamento florestal; 5. Sistemas de informação geográfica da fileira; 6. Sistemas de segurança e combate a incêndios;
---	---

³ Onde a rolha é o produto nobre e de maior valor.

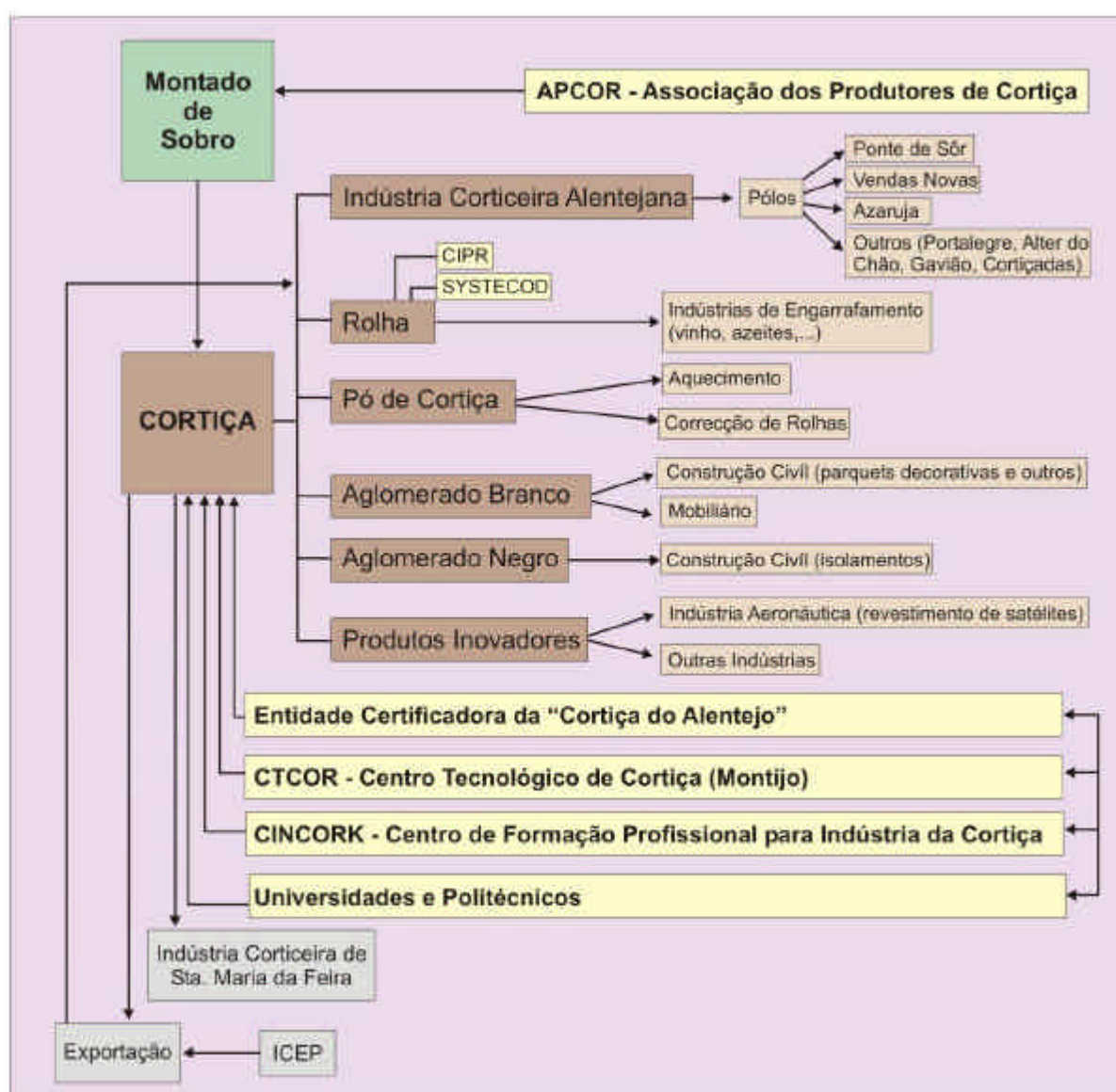
⁴ Grupo Amorim.

7. Sistemas meteorológicos e de controlo de pragas;
8. Projectos integrados de constituição/reforço de fileiras/cadeias de valor;
9. Projectos integrados de constituição/reforço de *clusters*;
10. Investigação e inovação relacionada com novos produtos e novas aplicações para a cortiça
11. Projectos de certificação e garantia de qualidade;
12. Projectos de melhoria da qualidade, produtividade, rendimento e competitividade do montado de sobreiro.

Especialmente no domínio da investigação, a cooperação entre privados, por um lado, e as universidades e os departamentos e laboratórios do Estado, por outro, inserida em redes internacionais e em parceria com o que de melhor se faz noutros países (v.g. em Espanha e nos EUA), apresenta-se como uma prioridade estratégica.

Outra prioridade estratégica passa pelos projectos que se insiram na gestão e ordenamento do montado, que o preservem, expandam ou recuperem, na perspectiva da valorização da matéria-prima e dos produtos derivados, e da integração das respectivas cadeias de valor. Finalmente, são de privilegiar, também, todos os projectos que aproveitem os sub-productos do montado de sobreiro destinados à perfumaria, à medicina, à gastronomia, entre outros destinos possíveis.

Síntese da Cadeia de Valor da Cortiça no Alentejo



AZEITE E AZEITONA

	Ideia mobilizadora <i>Uma das principais apostas estratégicas do Alentejo passa, necessariamente, pela valorização e racionalização da sua olivicultura. Constituir e afirmar uma verdadeira Fileira Oleícola, superando através de uma correcta reestruturação os actuais problemas e fragilidades existentes (designadamente no que respeita à produtividade e aos custos de produção), aproveitando e explorando as boas condições edafo-climáticas da Região e as múltiplas e crescentes oportunidades oferecidas pelo mercado da produção e do consumo.</i>
---	---

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1. Condições edafo-climáticas de produção excepcionais; 2. Variedades de azeitona de boa qualidade para azeite; 3. Tradição e imagem do produto; 4. Qualidade dos azeites virgens; 5. DOP existentes; 6. Dimensão relativa do olival, da área cultivada e da produção realizada; 7. Parque transformador instalado (cooperativo e não cooperativo); 8. Domínio da tecnologia; 9. Diferenciação qualitativa do azeite alentejano face ao espanhol.	1. QNG/ quota de produção atribuída a Portugal (51.244 tons) e possibilidade de conduzir novas plantações até 30.000 ha; 2. Novas DOP; 3. Disponibilidade de ajudas a novas plantações, a instalação de rega e à mecanização; 4. Disponibilidade de apoios para a modernização dos lagares e para linhas de embalagem e comercialização; 5. Disponibilidade de ajudas para o controlo ambiental e da qualidade, tendo em vista o aumento da produção de azeites virgem; 6. Crescimento acentuado do consumo <i>per capita</i> e da procura, face à imagem e associação do azeite à prevenção da saúde; 7. Potencial de mercado (interno e externo) elevado e por explorar; 8. Possibilidade de extensão rural; 9. Possibilidade de diferenciar pela qualidade; 10. Possibilidade de gestão conjunta de recursos/activos e controlo fitossanitário e genético; 11. Nicho de mercado de elevada remuneração; 12. Emergência de novos produtos.

Visão estratégica	No que concerne ao olival importa, como objectivo geral, valorizar e racionalizar a olivicultura através de uma reestruturação que promova aumentos significativos de produtividade, assim, como a diminuição dos custos de produção. Tal desiderato, passa por incrementar a produtividade dos olivais de melhor aptidão, fomentar a plantação de novos olivais em zonas de grande aptidão para a cultura e favorecer a reconversão do olival menos apto. Para o efeito, torna-se necessário um conjunto de acções que passam pela enxertia do olival adulto, instalação de rega no olival adulto, instalação de novos olivais, apoio à mecanização, extensão rural e a formação profissional e a substituição de olivais marginais. No domínio das actividades de investigação e desenvolvimento experimental bem como as de demonstração no âmbito da olivicultura importa, por outro lado, estudar mais variedades, proceder ao melhoramento genético de algumas variedade de oliveiras, caracterizar e tipificar azeites elementares visando o cadastro oleícola nacional, estudar a propagação da variedade galega por forma a incrementar a percentagem de enraizamento.
---------------------------------	---

No que concerne ao sector do azeite, importa aumentar a produção de azeites virgens de qualidade e melhorar a eficiência e eficácia das empresas por concentração. Trata-se de um objectivo que somente poderá ser alcançado através de acções múltiplas direccionadas para as áreas da transformação e da comercialização.

Importa ainda, diversificar os produtos azeite (designadamente através da sua miscigenação com ervas aromáticas da Região) e azeitona (por exemplo, através da criação de pastas), abrindo assim novas oportunidades de mercado.

Na área da transformação, importa modernizar os lagares existentes, instalar novos lagares, criar postos de recepção de azeitona afectos a um lagar, adaptar os lagares à legislação ambiental e, ainda, proceder a formação profissional. No que se refere à modernização dos lagares existentes são relevantes os aspectos relacionados com condições de recepção das azeitonas, de transformação, de armazenamento do azeite produzido, de acondicionamento e expedição, higio-sanitárias e de controlo de qualidade. Relativamente à instalação de novos lagares, importa apoiar a sua construção sob alguns condicionalismos, designadamente nos concelhos comprovadamente com défice de capacidade e laboração (laboração mínima de 1000 tons/campanha), privilegiando-se sistemas contínuos de extracção, por centrifugação, de duas fases, desde que estejam garantidas a secagem dos bagaços húmidos. A criação de postos de recepção de azeitona afectos a um lagar resulta da necessidade de concentração da matéria-prima nas zonas de produção e do encerramento de lagares existentes, privilegiando construções, tegões, equipamento de limpeza e lavagem de azeitona, equipamento de pesagem, equipamento de colheita de amostras para laboratório, transportadores e caixas de transporte de azeitona.

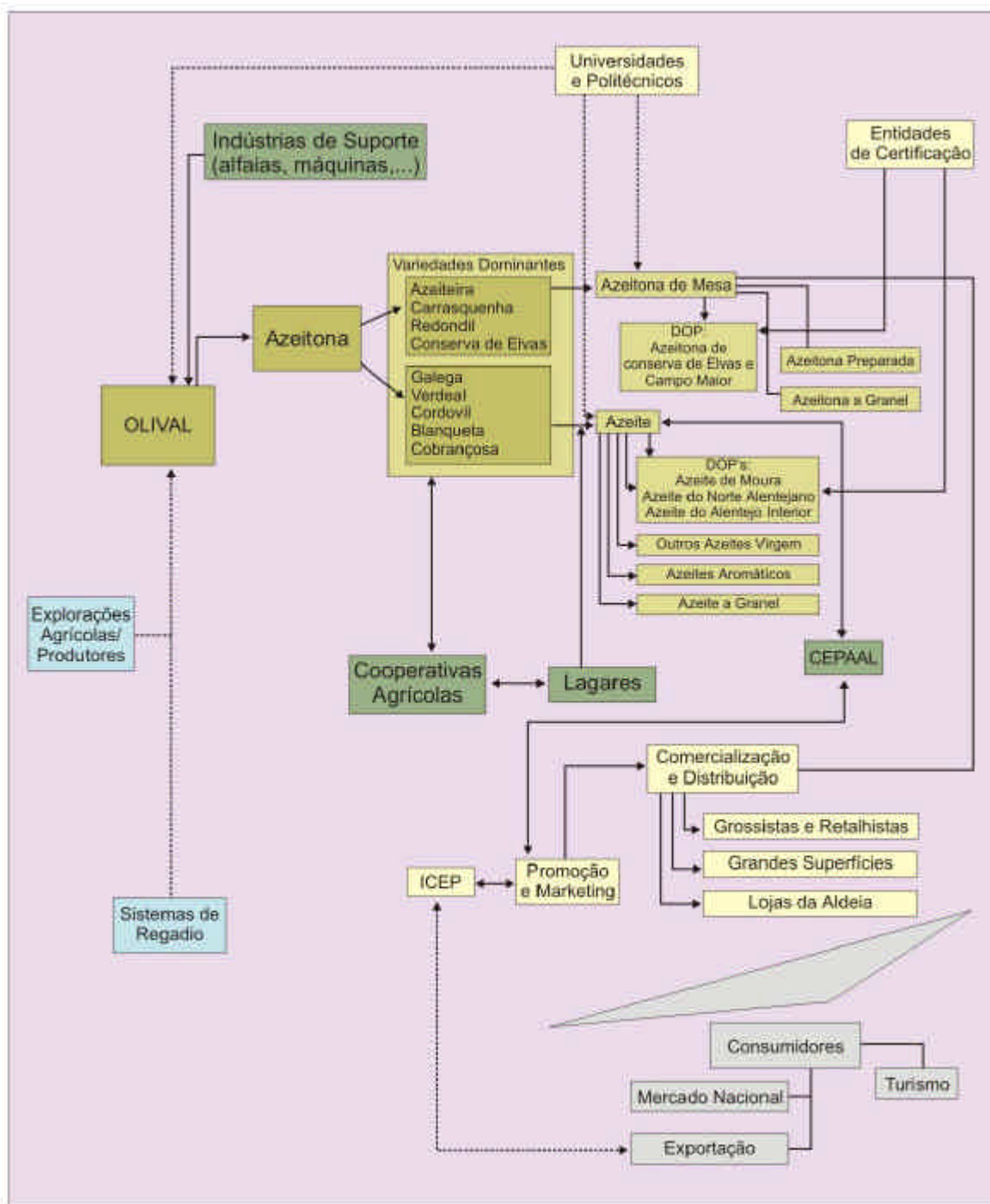
A adaptação do sector à legislação ambiental, a fim de dar cumprimento ao acordo entre a Indústria, o Ministério do Ambiente e o Ministério da Agricultura constitui outro passo fundamental. A formação profissional destina-se, essencialmente, a fazer o acompanhamento dos lagareiros e à formação profissional dos técnicos das DRA e dos OPCC das DOP. Quanto à área da comercialização, importa criar unidades de embalagem autónomas, melhorar e/ou instalar equipamentos de engarrafamento nos lagares e promover o azeite de qualidade.

Importa desenvolver projectos que apostem claramente no desenvolvimento sustentado das organizações, numa perspectiva de médio e longo prazo, privilegiando factores dinâmicos de competitividade, estratégias integradas, sinergias e ainda potencial demonstrador. Porém, **especialmente os agentes que comercializam azeite, apesar de terem objectivos comuns, também são concorrentes entre si, prosseguindo estratégias próprias visando escoar e promover os seus produtos e marcas.** Alguns encontram-se mesmo inseridos e subordinados a estratégias de grupo económico. Não obstante, todos enfrentam a **concorrência** de outros produtores, azeites e marcas de fora da Região. Para o acentuar desta concorrência, em muito contribuem os azeites oriundos da vizinha Espanha, muito procurados pelos embaladores devido ao seu baixo preço, apesar de provirem de variedades não tradicionais em Portugal e no Alentejo. Para estes últimos (embaladores), os azeites alentejanos, **vendidos a granel**, apresentam-se como essenciais a fim de assegurarem os "*blendings*" ou misturas capazes de satisfazerem as preferências e os gostos dos consumidores portugueses. Tudo indica que muito do azeite virgem alentejano vendido a granel para embalagem fora da Região acaba por ser misturado com azeite refinado provindo de Espanha. De resto, afigura-se crescente a concorrência de produtores de outros países da orla mediterrânea suportados por programas públicos de expansão e reconversão dos respectivos olivais.

Por outro lado, uma breve análise dos produtores de azeite alentejano permite verificar que existem diferenças substanciais entre eles no que se refere à dimensão, tecnologias utilizadas, complemento de fases do produto, qualidade e posicionamento do produto e das marcas, equilíbrio e performances económico-financeira, práticas de gestão e comerciais, recursos humanos empregues, estratégias prosseguidas, entre outros aspectos. A concorrência é manifesta, quer ao nível da obtenção da matéria-prima (azeitona), quer ao nível da colocação do produto final (azeite). Porém, de uma forma geral, todos concordam quanto à necessidade de valorizar e promover os azeites alentejanos mediante a dinamização da fileira oleícola. Não se notam grandes diferenças no que se refere às conclusões do diagnóstico prospectivo realizado à fileira. Existe relativo consenso sobre os problemas, fragilidades e oportunidades identificadas. Onde parece não haver

	completo consenso, senão mesmo alguma rivalidade de pontos de vista, é sobre os caminhos ou sobre a estratégia a prosseguir para explorar as oportunidades, resolver os problemas e superar as dificuldades e fragilidades existentes. As diferenças apontadas e a própria concorrência entre produtores regionais, que de forma alguma pode ser negligenciada, explicam em grande parte as visões estratégicas diferenciadas. Por exemplo, todos concordam com a necessidade de valorizar e promover os azeites alentejanos (DOP e não só) e com a necessidade de reconverter, melhorar e expandir o olival, condição indispensável para assegurar a qualidade dos azeites, evitando-se escassez de matéria-prima (azeitona) e capacidades lagareira e de embalagem por utilizar. É consensual que os produtores de azeite não têm poder negocial relativamente a grandes clientes (embaladores e grandes superfícies) e que este é um dos problemas centrais que urge resolver.
Perspectivas e oportunidades de desenvolvimento	As oportunidades da Fileira Oleícola são múltiplas, podendo converter-se em outros tantos projectos, quer de iniciativa exclusivamente privada, quer assentes na cooperação público-privado, individualmente ou em rede, sendo de destacar, entre outros, os seguintes: 1. Investigação fitossanitária e genética; 2. Investigação operacional aplicada à gestão do olival; 3. SIG oleícola; 4. Projectos de planeamento, de ordenamento, de expansão e de recuperação do olival; 5. Projectos de extensão rural/olival; 6. Sistemas de segurança e combate a incêndios; 7. Sistemas meteorológicos e de controlo de pragas; 8. Projectos integrados de constituição/reforço de fileiras/cadeias de valor; 9. Projectos integrados de constituição/reforço de <i>clusters</i>; 10. Projectos de fusões e aquisições; 11. Projectos de gestão conjunta de recursos; 12. Novas e tradicionais aplicações para a azeitona e o azeite (pastas de azeitona, azeitona recheada e azeites aromáticos, ...); 13. Projectos de certificação do olival, dos azeites e da azeitona; 14. Projectos de certificação de processos de transformação; 15. Projectos de modernização de lagares; 16. Projectos de instalação de novos lagares e de postos de recepção/recolha; 17. Projectos de melhoria da qualidade, produtividade, rendimento e competitividade do olival, da azeitona e do azeite; 18. Projectos de associativismo e organização de produtores; 19. Projectos que proporcionem canais de escoamento, poder negocial e valorização dos produtos; 20. Projectos de promoção e divulgação; 21. Projecto Marca Alentejo para azeites e Projecto Marca Alqueva para azeites; 22. Projectos visando explorar nichos de mercado; 23. Projectos de exportação e cooperação; 24. Projectos ambientais; 25. Projectos visando novos nomes protegidos. Especialmente no domínio da investigação sobre o Olival e o Azeite, a cooperação entre privados, por um lado, e as universidades e os departamentos e laboratórios do Estado, por outro, inserida em redes internacionais e em parceria com o que de melhor se faz em Espanha, apresenta-se como uma prioridade estratégica. Outra prioridade estratégica passa pelos projectos que se insiram na gestão e ordenamento do Olival, preservem, expandam ou recuperem os olivais tradicionais, e ainda, que contribuam para a constituição ou reforço de cadeias de valor ou <i>clusters</i> regionais. Finalmente, são de privilegiar, também, todos os projectos que aproveitem os produtos da fileira oleícola.

Síntese da Cadeia de Valor do Azeite e Azeitona no Alentejo



VINHA E VINHO



Ideia mobilizadora

Num contexto de crescentes oportunidades para a valorização mundial dos vinhos de qualidade, para cuja produção o Alentejo tem particulares aptidões edafo-climáticas, há que impulsionar a vitivinicultura regional, por forma a contribuir para a recuperação da posição que Portugal já teve no quadro mundial. Afirmar os vinhos de qualidade do Alentejo, num quadro de progressiva internacionalização da Região e de crescente desenvolvimento do destino turístico Alentejo, torna-se, assim, um desígnio regional.

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1. Aptidão climática e dos solos para a produção de vinho; 2. Imagem de qualidade do vinho do Alentejo nos mercados domésticos; 3. Cerca de 18.000 ha de vinha plantada na Região; 4. Denominação de Origem "Alentejo"; 5. Castas autóctones da Região do Alentejo; 6. Tecnologias de produção de nível internacional; 7. Unidades com capacitação para a investigação no domínio da vitivinicultura; 8. Aumento do rendimento disponível das famílias correlativo do aumento da procura para vinhos de maior qualidade; 9. Organização dos produtores de vinho.	1. Mecanização da produção de vinho; 2. Reforço das ligações entre as organizações de I&D e os produtores; 3. Qualidade dos vinhos do Alentejo em pé de igualdade com vinhos de marca europeus; 4. Conquistas dos principais mercados externos, designadamente norte-americano e britânico; 5. Reposicionamento estratégico do vinho do Alentejo (segmentos de mercado mais diferenciados); 6. Apostar em novos <i>blends</i>; 7. Produção de uva de mesa.

Visão estratégica	A afirmação e competitividade da cadeia de valor da vinha e do vinho passa por um largo espectro de medidas de política de entre as quais importa destacar: Estrutura Empresarial • Melhorar capacidades de gestão; • Incentivar a cooperação empresarial. Qualidade do Produto • Reestruturar a vinha (mecanizar, castas para produção de VQPRD,...); • Consolidar a estratégia de qualidade do vinho DOC Alentejo; • Competir na base da diferenciação do produto (abandonar progressivamente estratégias de produção de baixo custo); • Apostar em novos <i>blends</i>; • Continuar a apostar na diversificação do produto, mas acentuar apenas um número reduzido das características de todo o vinho do Alentejo (5 a 6 características). Mercados • Reforçar campanhas de <i>marketing</i> do vinho do Alentejo nos mercados doméstico e externo; • Transmitir uma imagem clara e sintética das características do vinho do Alentejo; • Apostar decisivamente no mercado externo; • Consolidar redes de comercialização e controlar canais de distribuição.
--------------------------	--

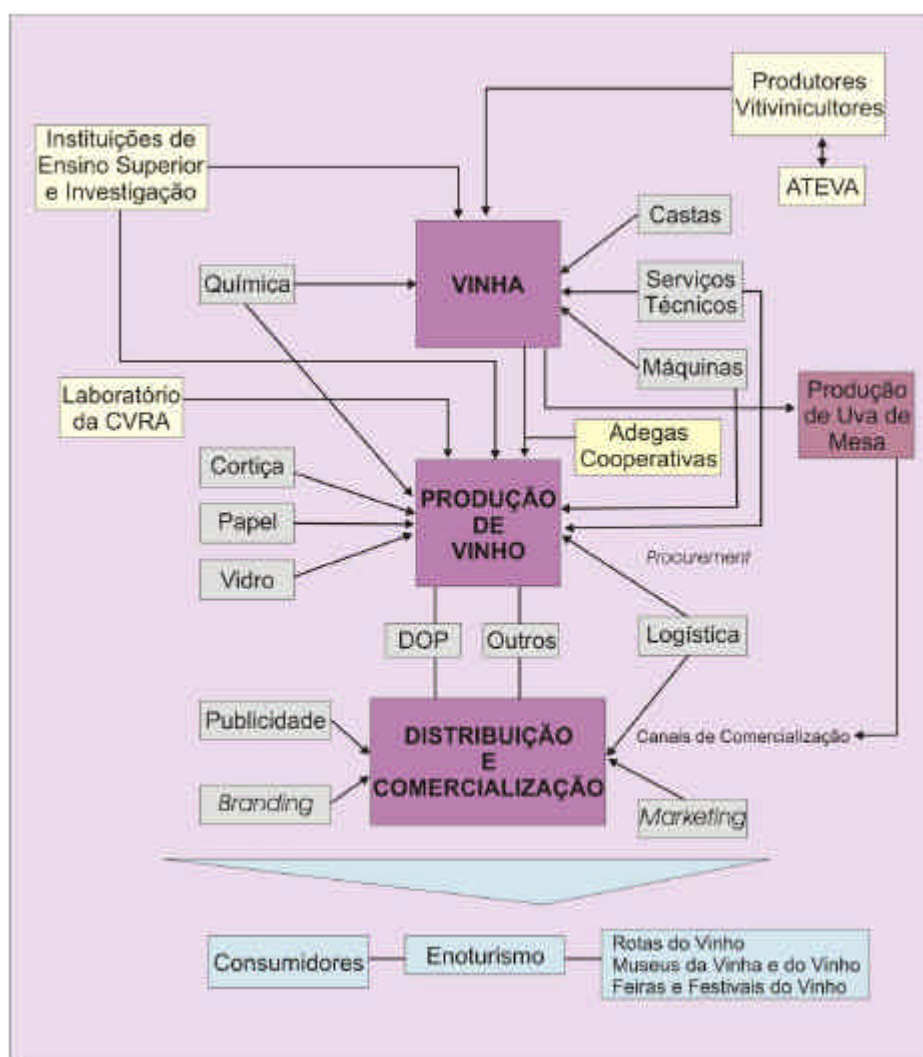
Perspectivas e oportunidades de desenvolvimento	A identificação e a avaliação crítica das oportunidades de desenvolvimento do <i>cluster</i> do vinho implicam a adopção de uma metodologia de análise assente na cadeia de valor. É necessário identificar as oportunidades existentes para aumentar as receitas do sector vitivinícola alentejano, desde a vinha à comercialização de vinho, passando pela dinamização de serviços técnicos e mesmo pelas oportunidades que se abrem em torno de actividades como o turismo. A ascensão na cadeia de valor pode compreender melhorias em cada uma das principais funções e também uma evolução do tipo de funções. Referem-se, em seguida, as principais oportunidades e factores críticos de sucesso para o <i>cluster</i> do vinho, mas antes apresenta-se uma síntese da estratégia para o <i>cluster</i> do vinho nacional, apresentada recentemente pela equipa coordenada por Michael Porter, extraindo-se posteriormente algumas lições para o desenvolvimento desta actividade no Alentejo. A estratégia definida pelo <i>Monitor Group</i> estrutura-se em sete eixos de intervenção complementares: 1. Apostar claramente nos mercados de exportação; 2. A abertura do sector a capitais estrangeiros e a novas fontes de financiamento pode ser vantajosa para a consolidação da cadeia de valor; 3. A reestruturação da vinha e do vinho é urgente, implicando, entre outras acções, a introdução de um sistema de preços que diferencie as uvas de acordo com a sua qualidade e a liberalização da transferência de direitos de plantação entre regiões vitivinícolas; 4. Incentivar a inovação por via da aproximação do sistema de investigação e desenvolvimento aos produtores; 5. Criar um novo selo de qualidade que classifique o vinho e permita ao consumidor uma rápida percepção da qualidade do produto (ainda que o vinho não tenha que ser necessariamente um DOC); 6. Procurar, sistematicamente, uma melhoria da qualidade do vinho, envolvendo todos os agentes da cadeia de valor, ou seja, incluindo, vinha, produção de vinho, engarrafamento, exportação, <i>marketing</i>, marca, publicidade...; 7. Auto-regular o sector com o objectivo de fomentar uma cultura baseada na qualidade do produto. Esta estratégia resume e sistematiza as principais conclusões obtidas em outros estudos e, em certa medida, é consistente com a análise da equipa deste estudo ao <i>cluster</i> do vinho, cujos resultados preliminares já apontavam para muitas das medidas que o estudo do <i>Monitor Group</i> preconiza. Não obstante, identificam-se, em seguida, as oportunidades para este <i>cluster</i> no Alentejo, adoptando uma visão integrada de cadeia de valor. Pelas potencialidades reais de melhoria dos níveis actuais de qualidade do vinho, os produtores do Alentejo devem apostar no desenvolvimento de produtos de excelência fundados numa cultura de qualidade. O vinho da Região tem características singulares, identificando-se já alguns vinhos de excelência, mesmo adoptando critérios internacionais de qualidade. O sucesso deste produto é uma história de perseverança na procura de melhoria de qualidade, que tem sido sustentada pelo conhecimento aprofundado das castas, das técnicas de cultivo e de produção do vinho, enquadradas por um quadro natural favorável a esta cultura no Alentejo. E assim deverá continuar a ser, pois o vinho do Alentejo ganhou uma imagem de excelente relação qualidade/preço entre os consumidores que lhe deverá permitir ascender mais alguns degraus na escala de qualidade, com óbvios aumentos de receita para o sector na Região. Os principais factores críticos para a adopção desta estratégia decorrem da impossibilidade de evitar a introdução de vinhos de má qualidade por produtores que buscam lucros mais fáceis. O comportamento oportunista é mesmo um factor crítico e pode trazer prejuízos à imagem positiva que o vinho tem no mercado nacional. Deste modo, preconiza-se que a resposta institucional deverá dar particular atenção ao sistema de controle de qualidade, até que se fomenta e enraíza uma cultura de qualidade generalizada a todos os produtores. O aprofundamento das relações com o sistema de investigação e desenvolvimento da Região e do País deve ser privilegiado para facilitar saltos de qualidade do produto, com recurso às tecnologias mais recentes num quadro internacional. Sem dúvida que a própria dinamização do sistema de I&D, privado e público, pode vir a ser uma fonte de geração de receita para a própria Região, através da prestação de serviços a agentes de outras regiões. Numa cadeia de valor orientada pelos clientes, como é o caso do <i>cluster</i> do vinho, é decisivo dinamizar as actividades relacionadas com os circuitos de comercialização no exterior. É necessário testar o mercado para identificar quais são os produtos com mais aceitação entre os consumidores e em seguida é decisivo escolher um distribuidor especializado com capacidade de colocação do produto nas melhores prateleiras dos estabelecimentos comerciais, lado a lado com o vinho francês, italiano, espanhol, chileno, argentino, australiano,...
--	--

O reforço de uma imagem de qualidade do vinho alentejano requer uma atenção particular a **campanhas de publicidade, ao marketing, à marca e ao selo de qualidade**, aspectos decisivos para o consumidor optar pelo vinho alentejano, entre tantos outros produtos concorrentes e, deste modo, permitir uma subida na cadeia de valor aos produtores do Alentejo. E, neste ponto, é necessário evitar transmitir uma imagem de profusão de castas existentes na Região, que servem para confundir o consumidor. Por outro lado, não se pode negar que nem todos os consumidores entendem as certificações existentes e deverá ser efectivamente equacionada a proposta de criação de um outro selo (que se poderia sobrepor aos actuais), que inequivocamente permitisse ao consumidor identificar a qualidade do produto e, assim, dispor-se a pagar mais para obter um vinho que sabe ser, à partida, de excelente qualidade. Estas medidas devem ter projecção nacional e internacional, carecem do apoio público e dependem da colaboração entre os agentes económicos.

Outra área de oportunidade identifica-se na **inovação do produto**, designadamente a produção de novos *blends* adequados ao gosto diferenciado dos consumidores dos principais mercados internacionais. Mas, uma vez mais, importa não saturar o consumidor com informação excessiva, que dificultará a consolidação de uma imagem do vinho alentejano.

Há claramente uma procura para vinhos de elevada qualidade entre consumidores com elevados níveis de rendimento, que também procuram numa garrafa os traços de culturas milenares. Sendo uma das artes mais antigas, a produção de vinho reflecte a cultura de uma sociedade, expressa-se na paisagem e no quotidiano das pequenas aglomerações. Para alguns consumidores, a oportunidade de conhecer e viver este modo de vida é uma das formas de lazer e de turismo mais apreciada e, no que diz respeito ao Alentejo, são elevadas as oportunidades de geração de mais receita para a economia regional, através da promoção do **turismo** associado à gastronomia e ao vinho.

Síntese da Cadeia de Valor da Vinha e do Vinho no Alentejo



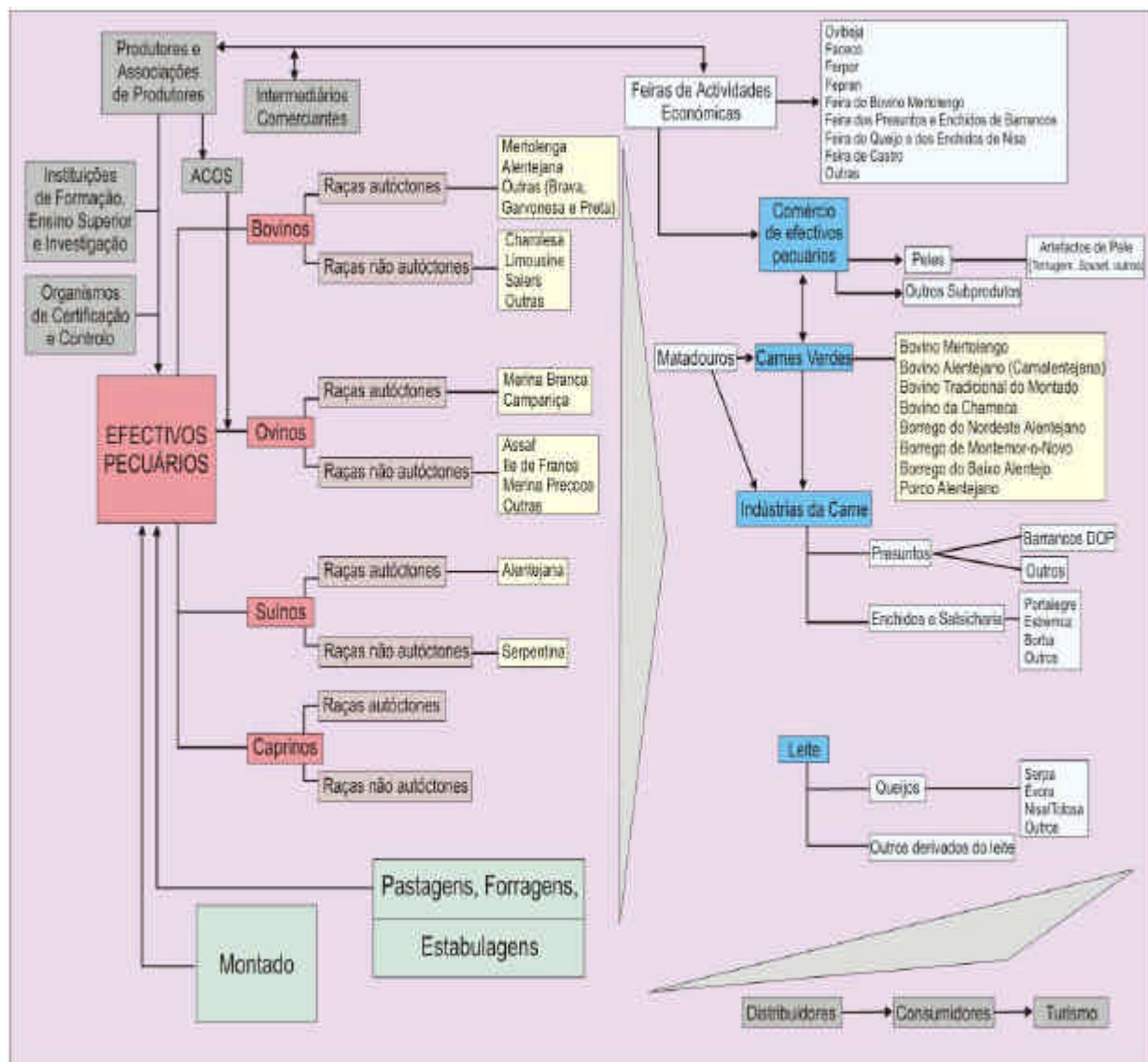
CARNES VERDES, PRESUNTOS, ENCHIDOS/SALSICHARIA

	Ideia mobilizadora <i>As raças autóctones (bovina, ovina, suína), os sistemas de exploração extensivos, os sistemas silvo-pastoris, os montados de sobro e azinho e, ainda, a segurança, certificação e garantia de qualidade dos múltiplos produtos pecuários, do produtor à mesa do consumidor, constituem elementos fundamentais de uma cadeia de valor que importa privilegiar em termos estratégicos. O desenvolvimento turístico e a progressiva educação e exigência dos consumidores, favorece a emergência de procura significativas para os produtos de excelência da pecuária alentejana.</i>
---	---

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1. Condições para um desenvolvimento sustentado e competitivo da pecuária (montado, pastagens melhoradas e charcas); 2. Excelência e qualidade da carne produzida em regime extensivo; 3. Adaptabilidade das raças autóctones, com especial realce para a bovina preta e porco preto; 4. Existência de Livros Genealógicos e Denominações de Origem (pressupondo a existência de produtos regionais protegidos e a existência de organismos privados de controle e certificação); 5. Área média das explorações (bastante maior que a área média nacional); 6. Articulação com as culturas arvenses; 7. Valorização do leite através do queijo regional; 8. Existência de projectos de investigação com apoio comunitário. 9. Eficiência no aproveitamento da bolota para a produção suinícola; 10. Existência de unidades transformadoras locais articuláveis com o desenvolvimento pecuário; 11. Associações já existentes de produtores pecuários. 12. Existência de alguns matadouros regionais.	1. Crescimento dos efectivos de raças autóctones existentes e aumento da exploração de novas raças não autóctones; 2. Apoios associados à preservação do ambiente e à reconversão de áreas de culturas aráveis para a produção animal extensiva; 3. Exploração das qualidades da carne produzida através da certificação e garantia da autenticidade do produto; 4. Reconhecimento pelos consumidores e intermediários da qualidade e características da carne, presuntos, enchidos e salsicharia; 5. Crescente interesse dos consumidores por produtos com imagem de qualidade e mais recomendáveis para uma vida saudável; Valorização do factor "origem" no processo de escolha dos consumidores; 6. Aposta em novas campanhas publicitárias, de modo a ampliar os resultados de campanhas anteriores; reforço da utilização para efeitos de divulgação e comercialização de produtos na televisão e na internet; 7. Melhorias na aptidão leiteira dos animais sob exploração; 8. Centro de Tipificação de Borregos Alentejanos; 9. Investigação Animal e integração da Fileira/Cadeia de Valor. 10. Venda de carne fresca, presuntos, enchidos e salsicharia em grandes superfícies; 11. Exportação de animais para indústrias espanholas (sobretudo porco e seus derivados); 12. Articulação do desenvolvimento pecuário com o desenvolvimento turístico; 13. Criação de redes de apoio à distribuição e comercialização para os pequenos produtores; 14. Proximidade do mercado espanhol; 15. Novos produtos no domínio dos enchidos e salsicharia; 16. Programas de investigação aplicada no sector (cooperação com as instituições de ensino superior).

Visão estratégica	As raças autóctones do Alentejo constituem um capital cultural e económico de grande importância para a Região e, por isso, importa criar condições para a sua sustentabilidade e desenvolvimento, sobretudo num quadro de sistemas de exploração extensivos em que o montado desempenha um papel fundamental. Por outro lado, a segurança, certificação e garantia de qualidade dos produtos pecuários, do produtor à mesa do consumidor, constituem elementos fundamentais de uma cadeia de valor estratégica que importa privilegiar. Assim, preservar, recuperar e expandir os sistemas de produção tradicionais agro-silvo-pastoril e silvo-pastoril em articulação com os sistemas tradicionais de culturas arvenses e permanentes apresenta-se como uma necessidade prioritária. A afirmação e desenvolvimento dos Enchidos/Produtos de Salsicharia do Alentejo com nomes protegidos, actuais e potenciais, revela-se de importância fundamental para a economia, o turismo e a gastronomia da Região. Os Enchidos/Produtos de Salsicharia do Alentejo, produzidos com os saberes-fazer tradicionais, constituem um vector estratégico fundamental para a economia da Região, para sua promoção, sendo ainda indispensáveis à valorização das raças autóctones, exploradas em sistemas extensivos, silvo-pastoris e montados de sobro e azinho, uma vez que integram e reforçam cadeias de valor que importa privilegiar/reforçar. Constituem ainda orientações estratégicas fundamentais a constituição/reforço das lógicas de fileira/cadeia de valor, a qualidade, a valorização do espaço e do ambiente, a integração da agricultura, do turismo rural e do ambiente, o aumento do valor acrescentado dos produtos regionais apoiados e promovidos com base na sua genuinidade, a diversificação das actividades rurais, a qualificação dos recursos humanos e a reconversão produtiva
Perspectivas e oportunidades de desenvolvimento	O desenvolvimento estratégico e competitivo da pecuária alentejana passa, essencialmente, pela implementação de projectos relacionados com: 1. Aproveitamento dos apoios associados desenvolvimento rural, à preservação do ambiente e à reconversão de áreas de culturas aráveis para a produção animal extensiva; 2. Exploração das qualidades da carne produzida através da certificação e garantia da qualidade e autenticidade do produto; 3. Aproveitamento do reconhecimento pelos consumidores e intermediários da qualidade e características dos produtos oriundos da pecuária alentejana; 4. Desenvolvimento das raças autóctones, sobretudo no campo dos bovinos, ovinos e suínos, mas também no dos caprinos, como a cabra serpentina; 5. Incremento das raças não autóctones comprovadamente adaptadas e úteis ao processo de desenvolvimento da pecuária alentejana; 6. Desenvolvimento dos processos de certificação e denominação dos produtos pecuários; 7. Fiscalização e garantia de qualidade; 8. Investigação animal (v.g. genética, sanitária, alimentar); Investigação aplicada sobre produção e conservação de carnes verdes, presuntos, enchidos/salsicharia; 9. Melhorias na aptidão leiteira dos animais ovinos e bovinos explorados; 10. Integração da fileira/cadeia de valor da pecuária alentejana; 11. Transformação, comercialização e distribuição dos produtos derivados do bovino, ovino e suíno; 12. Desenvolvimento do cadastro digital do efectivo pecuário; 13. Fomento do associativismo e organização de produtores e transformadores; 14. Novas campanhas publicitárias, ampliando os resultados das campanhas anteriores; Afirmação da “umbrella” Alentejo; 15. Incremento da venda dos produtos pecuários do Alentejo em grandes superfícies, talhos e lojas especializadas; 16. Melhor articulação com indústrias regionais; 17. Fomento da exportação de animais e produtos pecuários para o mercado internacional (designadamente para o Espanhol); 18. Aprofundamento da formação nos “Saberes-Fazer Tradicionais”; Recuperação de produtos tradicionais; 19. Desenvolvimento dos nichos de mercado; Desenvolvimento de novos produtos de salsicharia (por exemplo, enchidos conservados em azeite); 20. Desenvolvimento de formas de comercialização ancoradas no território alentejano (Lojas de Aldeia); 21. Promoção de uma boa articulação com o desenvolvimento do turismo na Região do Alentejo.

Síntese da Cadeia de Valor da Pecuária Alentejana



QUEIJOS E OUTROS DERIVADOS DO LEITE



Ideia mobilizadora

Os Queijos do Alentejo, produzidos com os saberes-fazer tradicionais, constituem um vector estratégico fundamental para a economia da Região, para a sua promoção, sendo ainda indispensáveis à valorização das raças exploradas em sistemas extensivos, silvo-pastoris e montados de sobro e azinho, uma vez que integram e reforçam cadeias de valor que importa privilegiar.

A produção de leite e outros derivados é também um domínio que importa considerar.

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1. Condições adequadas a uma pecuária sustentadora da produção de queijo de qualidade; 2. Existência de nomes protegidos (DOP, IGP); 3. Agrupamentos de produtores; 4. Organismos de certificação e controlo; 5. Imagem de qualidade e interesse dos consumidores.	1. Promoção e divulgação; 2. Apoios públicos ao sector; 3. Nichos de mercado; 4. Recuperação de produtos tradicionais; 5. Desenvolvimento de novos produtos; 6. Progressivo interesse dos consumidores por produtos com imagem de qualidade; progressiva valorização da "origem" no processo de decisão dos consumidores; 7. Realização de novas campanhas publicitárias; progressiva utilização para efeitos de divulgação e comercialização de produtos na televisão e na internet; 8. Incentivos à criação de redes de apoio à distribuição e comercialização para os pequenos produtores; 9. Incremento da exportação; 10. Desenvolvimento da investigação aplicada; 11. Integração da fileira/cadeia de valor; 12. Incremento da formação profissional.

Visão estratégica

O Alentejo apresenta um leque de queijos, produzidos com saberes-fazer maturados durante séculos, que têm vindo a granjear fama, não apenas no mercado nacional, como também no internacional (dos de Serpa aos de Nisa e Tolosa, passando pelos de Évora), assim, a afirmação e desenvolvimento dos Queijos do Alentejo com nomes protegidos, actuais e potenciais, revela-se de importância fundamental para a economia, o turismo e a gastronomia da Região. Por outro lado, a dinamização da produção queijeira constitui uma das vias indispensáveis para a valorização de raças autóctones, também integrando e reforçando cadeias de valor que importa privilegiar.

Neste contexto, a criação de condições de desenvolvimento dos queijos de qualidade, passa a um tempo pelo desenvolvimento da própria pecuária extensiva, e a outro pelo apoio à formação profissional e à criação de micro-empresas (rouparias) que pugnem pela higiene e qualidade, pelo associativismo e cooperação, pela inovação e por um razoável esforço de internacionalização do produto, num quadro de crescente preparação para a competitividade.

Perspectivas e oportunidades de desenvolvimento	Constituem oportunidades de desenvolvimento projectos relacionados com: 1. Formação nos saberes-fazer tradicionais; 2. Recuperação de produtos tradicionais e desenvolvimento de novos produtos protegidos; 3. Desenvolvimento de produtos inovadores (por exemplo, queijos de ovelha e cabra conservados em azeite aromático); 4. Investigação aplicada sobre produção e conservação; 5. Desenvolvimento da certificação, fiscalização e garantia de qualidade; 6. Fomento do associativismo e organização de produtores; 7. Desenvolvimento dos canais de escoamento, poder negocial e valorização dos produtos; 8. Desenvolvimento da "umbrella" Alentejo; 9. Aprofundamento de alguns dos nichos de mercado; 10. Desenvolvimento estratégico e concertado da promoção e <i>marketing</i>; 11. Fomento da exportação e cooperação; 12. Desenvolvimento de formas de comercialização ancoradas no território alentejano (Lojas de Aldeia); 13. Integração e reforço da cadeia de valor.
--	--

CULTURAS REGADAS



Ideia mobilizadora

O novo e amplo perímetro de rega de Alqueva, em conjugação com a reabilitação e integração dos demais perímetros de rega já existentes no Alentejo, constituem aproveitamentos hidro-agrícolas estratégicos e fundamentais para o desenvolvimento futuro da Região e para a alteração do seu perfil produtivo, porquanto, com a inovação e as técnicas adequadas, permitem equacionar a produção de novas e competitivas culturas regadas.

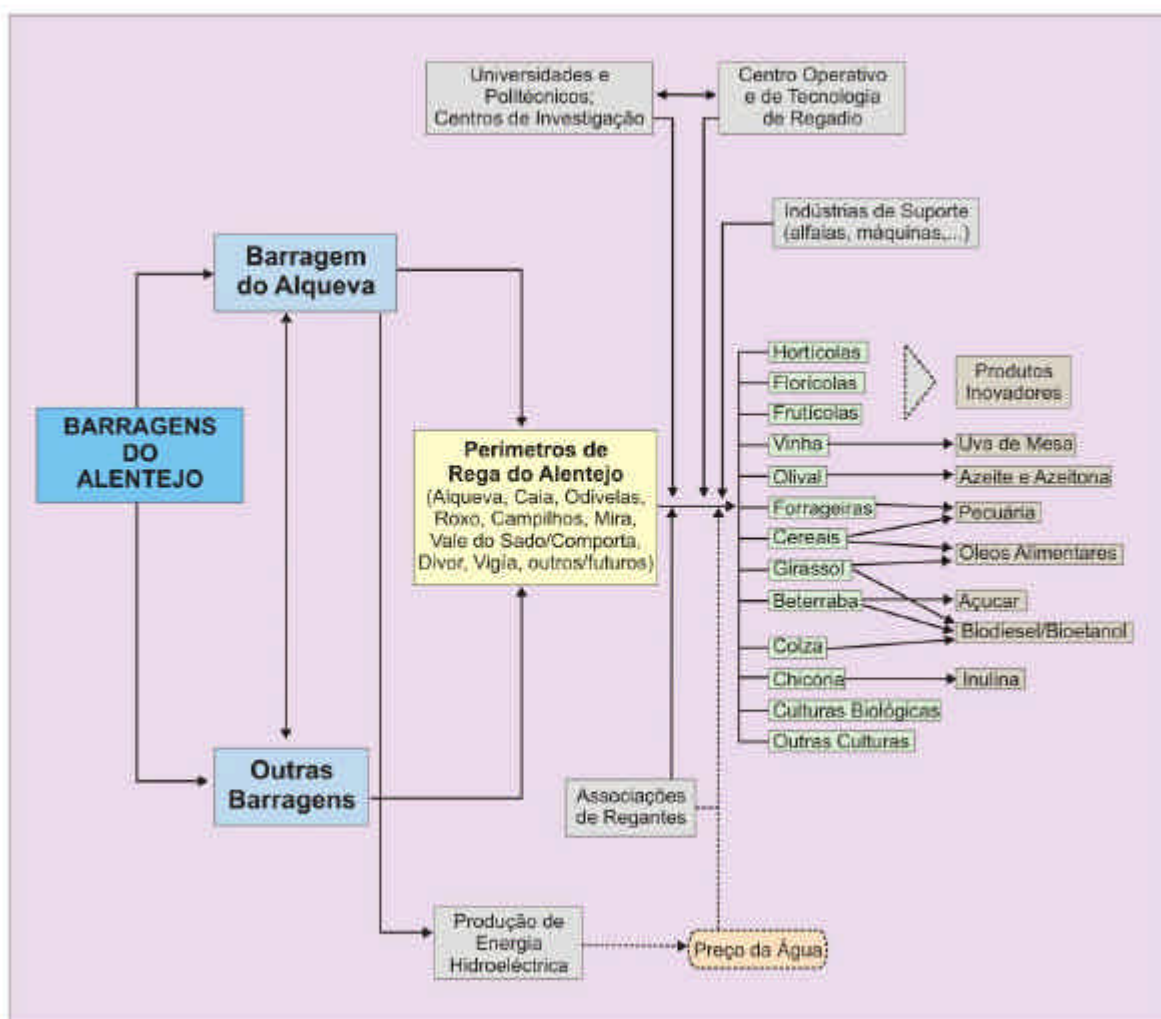
Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1. Existência de vários perímetros de rega, potenciados com a concretização do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva; 2. Existência de Agrupamentos de Produtores/Regantes; 3. Existência de Organismos de Certificação e Controlo; 4. Dimensão média das propriedades; 5. Apoios Nacionais e Comunitários para o desenvolvimento do regadio; 6. Mercado (s) Abastecedor (es);	1. Concretização de todo o projecto EFMA e respectivo perímetro de rega; 2. Disponibilidade de apoios à produção; 3. Desenvolvimento de Novas Culturas Regadas; 4. Desenvolvimento de novas utilizações das Culturas Regadas; 5. Crescente promoção e divulgação da produção regional; 6. Emergência de Nichos de Mercado; 7. Incremento da via exportadora; 8. Crescente Integração da Fileira/Cadeia de Valor; 9. Incremento da Certificação e Controlo de Qualidade; 7. Desenvolvimento da investigação aplicada e da formação profissional. 8. Concretização da Base de Beja como Plataforma Logística. 9. Processo de atracção progressiva de mão-de-obra oriunda da Europa de Leste.

Visão estratégica

A concretização do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva vai abrir uma grande e sustentável janela de oportunidades para o desenvolvimento das culturas regadas no Alentejo e, por esta via, impulsionar a mudança, animação e competitividade da agricultura alentejana. De facto, o novo e extenso perímetro de rega de Alqueva, em conjugação com a reabilitação e integração dos demais perímetros de rega já existentes no Alentejo, vão permitir equacionar a produção de múltiplas e novas culturas, designadamente, os pomares de regadio (v.g. citrinos, pessegueiro, damasqueiro, pereira, macieira, ameixeira, noqueira, cerejeira, ...), as culturas hortícolas (v.g. couves, brócolos, espinafres, alface, couve-flor, cenoura, cebola, melão, pepino, feijão, batata, beringela, melancia, pimento, espargos, tomate), as culturas de verão quente (v.g. algodão, arroz, milho, sorgo, soja, amendoim, girassol), as culturas de verão fresco (v.g. batata, beterraba açucareira, tabaco), culturas tradicionalmente de sequeiro (v.g. oliveira, vinha, entre outras) e as culturas florícolas, num quadro onde o regadio e o cultivo de forragens e a floresta tenderão a apresentarem-se como fortes alternativas a uma agricultura alentejana tradicional e baseada, essencialmente, na produção cerealífera.

Perspectivas e oportunidades de desenvolvimento	Constituem oportunidades de desenvolvimento da cadeia de valor “Culturas Regadas” projectos relacionados com: 1. Concretização integral e aproveitamento do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva; 2. Reabilitação/recuperação dos restantes perímetros de rega existentes (Mira, Alvalade Sado, Roxo, Odivelas, Divôr, Comporta/Vale do Sado e Caia); 3. Desenvolvimento do espectro de culturas regadas (sobretudo, hortícolas, frutícolas e florícolas); 4. Desenvolvimento de unidades experimentais e unidades de transformação associadas aos perímetros de rega; 5. Desenvolvimento de novas formas de aproveitamento das culturas regadas, designadamente a produção de biocombustíveis e a produção de produtos gastronómicos inovadores (por exemplo, tomates secos conservados em azeite); 6. Promoção e divulgação das culturas regadas; 7. Exploração de nichos de mercado; 8. Incremento da exportação; 9. Desenvolvimento da Marca Alentejo e da sub-marca Alqueva; 10. Desenvolvimento da investigação aplicada; 11. Desenvolvimento da agricultura biológica; 12. Crescendo de integração da fileira/cadeia de valor; 13. Certificação e controlo de qualidade; 14. Desenvolvimento da formação profissional.
--	--

Síntese da Cadeia de Valor do Regadio Agrícola no Alentejo



FRUTOS FRESCOS, SECOS E PREPARADOS

	Ideia mobilizadora <i>A produção de frutos frescos, secos e preparados pode constituir um vector de produção estratégico para o Alentejo, contribuindo para outra via de animação da agricultura alentejana. Os perímetros regados, actuais e novos, serão um elemento-chave nesta linha de desenvolvimento, indispensáveis para minimizar as adversidades bioclimáticas da Região.</i>
---	--

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
- Existência de alguns de Nomes Protegidos (DOP, IG); - Existência de agrupamentos de produtores; - Organismos de certificação e controlo; - Imagem de qualidade das produções e crescente interesse dos consumidores.	- Concretização do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva; - Disponibilidade de apoios à produção; - Desenvolvimento da promoção e divulgação; - Emergência de nichos de mercado; - Incremento da exportação; - Surgimento de novas explorações; - Desenvolvimento da investigação aplicada; - Crescente integração da fileira/cadeia de valor; - Certificação e controlo de qualidade; - Desenvolvimento da formação profissional.

Visão estratégica	O Alentejo apresenta condições para a exploração frutícola, sustentável e economicamente viável, tendo já algumas produções frutícolas protegidas no domínio da produção de castanha, maçã, ameixa e cereja. Trata-se, no entanto, de um sector onde importa melhorar as condições de procura, da oferta e da concorrência, no quadro de uma estratégia de reposicionamento agrícola do Alentejo, designadamente com o auxílio dos agrupamentos de produtores e outros agentes interessados no desenvolvimento frutícola. Os perímetros de rega, já existentes (a recuperar) e os novos (o Alqueva, em particular), serão fundamentais para o sucesso de tal via estratégica de intervenção, permitindo aumentar substancialmente a escala da produção bem como a diversificação cultural.
---------------------------------	---

Perspectivas e oportunidades de desenvolvimento	Constituem oportunidades de desenvolvimento os projectos relacionados com: - Aumento e diversificação da produção frutícola regada; - Promoção e divulgação dos frutos secos, frescos e preparados de qualidade; - Inovação e incremento da transformação dos frutos (por exemplo: compotas e purés de cereja, maçã, ameixa e castanha; pinhoadas; pinhão e castanhas com mel; canditura; conservas; licores de amêndoa, noz, ...); - Emergência de nichos de mercado; - Incremento e diversificação da exportação; - Afirmação da marca Alentejo e das sub-marcas Alqueva e S. Mamede; - Investigação aplicada; - Integração da fileira/cadeia de valor; - Certificação e controlo de qualidade; - Formação profissional.
---	--

FLORESTA E SILVICULTURA

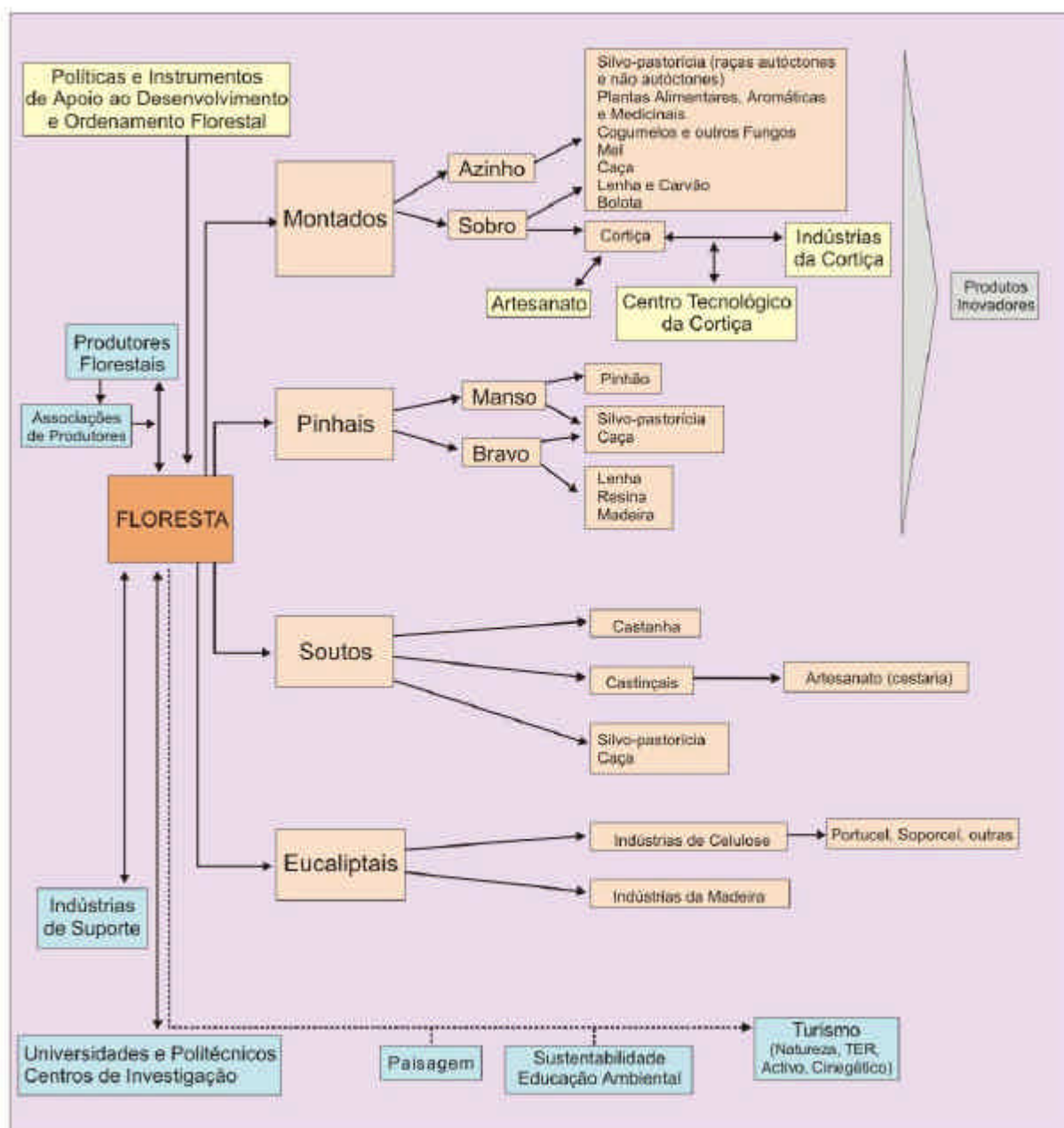
	Ideia mobilizadora <i>A floresta alentejana, onde predomina o sobreiro e a azinheira, mas onde também pontifica o pinheiro, o castanheiro e o eucalipto, constitui um elemento fundamental da sustentabilidade ambiental, económica e social da Região, sendo ao mesmo tempo um traço distintivo e amenizador das paisagens.</i>
---	---

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1. Grandes condições edafo-climáticas para a ancoragem do montado de sobreiro e azinheira; 2. Existência de “<i>Know-how</i>” sectorial (designadamente na exploração do montado de sobreiro); 3. Elevada dimensão média das explorações florestais; 4. Existência de um razoável número de áreas protegidas, com destaque para os quatro Parques e/ou Reservas Naturais; 5. Existência do IFADAP e do INGA, bem como do INIA e outros Institutos e/ou Laboratórios do Estado; 6. Ensino/Aprendizagem e Investigação (v. g. ISA e UE).	1. Existência de um leque diversificado de instrumentos de apoio ao desenvolvimento florestal (FEOGA; POADR; PDSFP; PANCD; Outros Planos, Programas e Políticas Nacionais e Comunitários, nomeadamente a Medida 3 do Programa AGRO); 2. Desenvolvimento da fileira e Indústria corticeira/suberícola; 3. Desenvolvimento da fileira e agro-indústria de animais de montado; 4. Desenvolvimento da fileira da caça e do turismo (cinegético, rural, natureza e activo); 5. Desenvolvimento de novos e tradicionais produtos da floresta (v.g. madeira, resina, pinhão, lenha, carvão, bolota, lande, caça, cogumelos, plantas aromáticas e medicinais); 6. Forte crescimento da procura mundial de produtos florestais; 7. Fomento e extensão rural; 8. Desenvolvimento do projecto/conceito “Floresta Digital”; 9. Disponibilidade de terras para expansão florestal. 10. Crescente importância atribuída à floresta à escala global (sumidouro de dióxido de carbono, combate à desertificação, regularização de recursos hídricos e conservação da biodiversidade); Implementação da Estratégia Nacional do Desenvolvimento Sustentável; 11. Desenvolvimento da educação ambiental.

Visão estratégica	Numa estratégia de desenvolvimento sustentável, a floresta assume-se sempre como um pilar basilar. Assim, a floresta e a fleira florestal constituem um sector decisivo em termos de desenvolvimento económico aos níveis nacional, regional e local. O desenvolvimento integrado da silvicultura, o ordenamento florestal e o aproveitamento dos múltiplos produtos da floresta apresentam-se como uma prioridade estratégica. Importa, assim, desenvolver uma floresta com dimensão, sustentável, que equilibre as necessidades económicas, sociais e ambientais da Região e do País. O sector insere-se, por um lado, no complexo agro-florestal nacional. Alimenta, por outro lado, uma economia sazonal significativa, especialmente no Alentejo. O tratamento, preservação, expansão e adensamento da floresta, e muito particularmente das espécies e dos montados tradicionais característicos do Alentejo, com realce para os de sobre e de azinho, constitui um objectivo estratégico fundamental para a Região. Os montados de azinho e sobre são sistemas singulares, reconhecidos pelo seu grande valor ambiental e ecológico, pela riqueza e variedade paisagística e pela biodiversidade da fauna e da flora. A melhoria da qualidade, da produtividade, dos rendimentos e da competitividade da área florestal existente e dos produtos florestais, associada a uma melhor gestão e ordenamento florestal e ainda à própria investigação aplicada, revela-se estrategicamente incontornável.
--------------------------	--

Perspectivas e oportunidades de desenvolvimento	As oportunidades no domínio florestal são múltiplas, podendo converter-se em outros tantos projectos, quer de iniciativa exclusivamente privada, quer assentes na cooperação público-privado, individualmente ou em rede, sendo de destacar, entre outros, os relacionados com os seguintes domínios: 1. Investigação fitossanitária; sistemas meteorológicos e de controlo de pragas; 2. Estudos de valorização agro-florestal; 3. Investigação operacional aplicada à gestão florestal; 4. Projectos de planeamento e de ordenamento florestal; 5. Projectos de expansão e de recuperação florestal; 6. Projectos de melhoria da qualidade, produtividade, rendimento e competitividade da área florestal existente e dos produtos florestais. 7. Aproveitamento racional e comercial dos subprodutos da floresta (por exemplo, cogumelos e outros fungos, ervas aromáticas e medicinais, bolota; ...) 8. Projectos de desenvolvimento de novos produtos relacionados com a floresta (por exemplo, licores de bolota, poejo e medronho); 9. Projectos de desenvolvimento do turismo cinegético; 10. Avaliações e medições; cadastro digital e sistemas de informação geográfica em gestão de recursos florestais; 11. Sistemas de segurança e combate a incêndios florestais; 12. Projectos integrados de constituição/reforço de fileiras/cadeias de valor; 13. Novas aplicações para os produtos e subprodutos da floresta; 14. Projectos de certificação florestal; 15. Desenvolvimento de formas de comercialização ancoradas no território alentejano (Lojas de Aldeia); 16. Formação profissional; 17. Educação ambiental.
--	---

Síntese da Cadeia de Valor da Floresta e Silvicultura no Alentejo



ACTIVIDADES NICHOS: MÉIS

	Ideia mobilizadora <i>Pelas suas propriedades, o mel é reconhecidamente um dos produtos cujo consumo é mais recomendável para uma “vida saudável”. O espectro de aplicações é por isso alargado, indo da medicina à gastronomia. O Alentejo apresenta boas condições para o desenvolvimento da produção de mel, actividade que, apesar de secundária, pode ter, localmente, razoável importância para o aumento de rendimentos familiares. Por outro lado, é robustecedora do espectro de produtos regionais de qualidade, contribuindo também assim para a visibilidade externa da Região.</i>
--	--

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1. Nomes Protegidos (DOP, IG); 2. Agrupamentos de produtores; 3. Organismos de certificação e controlo; 4. Imagem de qualidade e interesse dos consumidores. 5. Grandes superfícies que asseguram o escoamento de grande parte da produção DOP; 6. Existência de bastantes feiras onde é divulgado o mel.	1. Novas explorações; 2. Aumento do conhecimento por parte do consumidor; 3. Incremento da exportação; 4. Desenvolvimento da investigação aplicada; 5. Promoção e divulgação; reforço dos modos de divulgação na <i>internet</i>; 6. Integração da fileira/cadeia de valor; 7. Certificação e controlo de qualidade; 8. Desenvolvimento da formação profissional; 9. Reforço da actuação da FNAP; 10. Educação ambiental.

Visão estratégica	A produção de mel, na Europa, em Portugal e no Alentejo, é uma actividade tradicional ligada à agricultura, proporcionando um complemento ao rendimento das explorações agrícolas. A afirmação e desenvolvimento do Mel do Alentejo (DOP) constitui uma oportunidade a explorar, dadas as excelentes condições que a Região proporciona para a sua produção. Por outro lado, importa não esquecer o papel fundamental que as abelhas têm na polinização de várias espécies florísticas.
--------------------------	--

Perspectivas e oportunidades de desenvolvimento	Constituem oportunidades de desenvolvimento Projectos relacionados com: 1. Novas explorações apícolas; 2. Nichos de mercado; desenvolvimento de produtos inovadores (licores de mel, mel com pinhão e castanhas,...) 3. Desenvolvimento da exportação; 4. Desenvolvimento da marca Alentejo e da sub-marca Alqueva; 5. Investigação aplicada; 6. Promoção e divulgação; educação ambiental; 7. Certificação e controlo de qualidade; 8. Formação profissional dos apicultores. 9. Integração da fileira/cadeia de valor; 10. Criação de Centros de Interpretação da Apicultura.
--	---

ACTIVIDADES NICHOS: ERVAS ALIMENTARES, AROMÁTICAS E MEDICINAIS, E COGUMELOS

	Ideia mobilizadora O Alentejo é uma Região com grande riqueza de ervas alimentares, aromáticas e medicinais, e cogumelos e outros fungos. Por outro lado, a tradicionalidade do Alentejo desde há muito que incorpora na sua gastronomia uma grande variedade de ervas e cogumelos, com grande sucesso entre o gastrónomo mais exigente. O espectro de utilizações de ervas e cogumelos pode ser contudo muito mais vasto. Tal como o mel, a produção de ervas alimentares, aromáticas e medicinais, e cogumelos pode localmente ganhar alguma importância em termos do contributo para os rendimentos familiares. Além disso, dada a crescente apetência do mercado para este tipo de produtos, o desenvolvimento e organização deste tipo de actividade contribuirá, também, para uma maior visibilização externa da Região e da marca “Alentejo”
---	---

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
- Existência de grande variedade de espécies de ervas e cogumelos e outros fungos (poejo, coentros, oregãos, saramago, funcho, hortelã, cogumelos, tubras, silarcas, ...); - Tradição regional na utilização de ervas e cogumelos (sobretudo na gastronomia); - Saber-fazer popular.	- Crescente interesse e conhecimento pelo sector; - Promoção e divulgação; - Desenvolvimento da investigação aplicada; - Integração da fileira/cadeia de valor; - Certificação e controlo de qualidade; - Educação ambiental.

Visão estratégica	As ervas alimentares, aromáticas e medicinais, bem como os cogumelos e outros fungos, têm uma grande variedade de utilizações, umas já consolidadas, mas muitas outras ainda por explorar. Assim sendo, o Alentejo, que é sem dúvida uma região com grande riqueza florística, tem neste recurso um potencial de desenvolvimento particularmente interessante e, sobretudo, revitalizador de comunidades locais. Importa, a um tempo, fazer um uso racional e integrado do ecossistema que é a floresta alentejana, a qual tem sido o grande suporte da produção de ervas e cogumelos, a outro tempo, estimular o cultivo comercial de ervas e cogumelos em explorações dinâmicas, e a outro ainda, desenvolver redes de comercialização e promoção agressivas e adequadas ao sector. Outra componente fundamental, é a da investigação aplicada, na medida em que há um conjunto de produtos inovadores com potencial de mercado que poderá ser desenvolvido para as indústrias farmacêutica e de cosmética. A afirmação da marca “Alentejo” é também uma via decisiva para o desenvolvimento deste sector.
---------------------------------	---

Perspectivas e oportunidades de desenvolvimento	Constituem oportunidades de desenvolvimento, projectos relacionados com: - Alargamento dos nichos de mercado; - Desenvolvimento de culturas comerciais em explorações específicas; - Investigação aplicada e desenvolvimento de produtos inovadores (perfumes, fármacos, condimentos,...); - Desenvolvimento de aplicações gastronómicas para diabéticos; - Incremento da exportação; - Desenvolvimento da marca Alentejo; - Promoção e divulgação; reforço dos modos de divulgação na <i>internet</i>; - Educação ambiental; criação de Centros de Interpretação Ambiental em torno das ervas, cogumelos e frutos do bosque. - Certificação e controlo de qualidade; - Integração da fileira/cadeia de valor.
---	--

ACTIVIDADES NICHOS: CAÇA



Ideia mobilizadora

O Alentejo é a região portuguesa com recursos cinegéticos mais importantes, quer do ponto de vista da quantidade, quer da diversidade, e com a mais robusta oferta de zonas de caça turística. Neste contexto, e numa época em que o tecido empresarial turístico da Região se expande e diversifica e o destino turístico Alentejo se afirma, a caça, enquanto sustentáculo do produto turístico cinegético, pode e deve constituir uma aposta estratégica para a Região.

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
- Existência de grande quantidade e diversidade de recursos cinegéticos, sobretudo na caça menor (lebre, coelho, perdiz, pombo, tordo, codorniz, rola, galinhola, pato, faisão, raposa, ...), mas também na caça maior (javali, veado, gamo e muflão); - Existência de uma apreciável oferta de zonas de caça turística (cerca de ¾ da existente no país, num total de mais de cinco centenas); - Crescente visibilização externa da oferta e organização cinegética do Alentejo.	- Elevados potenciais de procura; - Funcionamento das Zonas de Caça Turística; - Produto turismo cinegético; - Animação cultural e económica em torno da caça; - Integração da cadeia de valor; "Stocks cinegéticos"

Visão estratégica	O Alentejo sendo, reconhecidamente, a região portuguesa com melhores e mais abundantes recursos cinegéticos e com a maior oferta de Zonas de Caça Turística (ZCT), necessita de se afirmar, nacional e internacionalmente, enquanto destino consolidado e atractivo do produto turístico cinegético. De facto, a esmagadora maioria das ZCT não tem tido a dinâmica que se espera e se exige. Neste contexto, é fundamental a monitorização, fiscalização e incentivo da actividade empresarializada das zonas de caça turística. Complementarmente, importa concertar e promover a oferta, não apenas no que concerne às zonas de caça turística, mas também no que toca à sua promoção. Por outro lado, apesar da relevância dos recursos cinegéticos da Região, importa promover a sua valorização e gestão integrada, por forma a assegurar a sustentabilidade quer dos "stocks" quer do produto turístico associável. A dinamização do vector animação cultural e económica em torno da caça (feira, festivais, semanas gastronómicas, ...) é igualmente, uma via fundamental para um melhor aproveitamento económico deste potencial da Região.
--------------------------	---

Perspectivas e oportunidades de desenvolvimento	Constituem oportunidades de desenvolvimento, projectos relacionados com: - Criação de Zonas de Caça Turística; - Dinamização efectiva das Zonas de Caça Turística existentes; - Melhoria e desenvolvimento dos "stocks" cinegéticos; investigação aplicada; - Organização, promoção e divulgação do produto turístico caça; - Integração da fileira/cadeia de valor; - Desenvolvimento da educação ambiental.
--	---

4.2 OPORTUNIDADES NO SECTOR INDUSTRIAL E NO ARTESANATO

Actividades tradicionais/consolidadas e dinamizáveis	Indústrias das Pedras Naturais
	Artesanato
Actividades consolidáveis e/ou emergentes	Indústrias Metalomecânica e de Transportes (componentes para a indústria automóvel e aeronáutica)

INDÚSTRIAS DAS PEDRAS NATURAIS



Ideia mobilizadora

As rochas ornamentais são uma das principais indústrias extractivas ao nível mundial e têm uma grande relevância na economia do Alentejo. As preferências dos consumidores por rochas ornamentais estão associadas a um aumento dos níveis de rendimento e ao desenvolvimento de valores de ordem cultural e estética. Estes factos estimularam o crescimento da indústria, com ganhos assinaláveis no produto e exportações. Mas, a competição movida por países emergentes, casos da China e da Índia, requer uma maior aproximação entre o produtor e o utilizador, o desenvolvimento das indústrias de suporte e a implementação de estratégias activas de marketing e comercialização.

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
- Existência de importantes reservas naturais; - Estrutura geológica em anticlinal; - Beleza e qualidade do mármore; - Boa capacidade industrial instalada; - Balança comercial com largo <i>superavit</i>; - Acção do CEVALOR (papel de prestação de serviços nas áreas tecnológicas, prospecção, ambiente, formação profissional e <i>design</i>); - Representação empresarial e divulgação dos produtos nos mercados nacional e estrangeiro pela ASSIMAGRA; - EDC emerge como uma organização de parceria entre público e privado para dinamizar o sector e minimizar impactes ambientais; - Marcas "Mármore Alentejo" e "Granitos Alentejo".	- Integração de actividades numa lógica de fileira (da extracção e produção à distribuição e aplicação); - Aumento do rendimento médio das famílias e novos valores culturais e estéticos podem beneficiar a procura por rochas ornamentais; <i>Cluster</i> geograficamente concentrado; - Núcleo de firmas de equipamento com grau tecnológico intermédio; - Existência de instrumentos de política pública de âmbito sectorial e territorial; - Desenvolvimento do sector das obras públicas; - Previsões da procura mundial muito positivas.

Visão estratégica	O desenvolvimento e a competitividade do <i>cluster</i> das rochas ornamentais no Alentejo requer, essencialmente, intervenções estratégicas em quatro domínios: i) recursos humanos; ii) estrutura empresarial; iii) mercados; iv) inovação tecnológica e de produto. No que se refere aos recursos humanos, importa sobretudo desenvolver acções de formação a todos os níveis: gestores, quadros técnicos e operariado. No que diz respeito à estrutura empresarial, os esforços devem centrar-se em: i) Melhorar a capacidade empresarial (via técnica e formativa); ii) Incentivar a cooperação e a concertação empresarial; iii) Incentivar a emergência de empresas transformadoras "<i>in loco</i>" da pedra; iv) Agilizar processos burocráticos. Ao nível do mercado, é fundamental o apoio à internacionalização, a criação de redes de comercialização, a promoção e <i>marketing</i> dos produtos, afirmando a Marca "Alentejo-Portugal". Por último, no que concerne à inovação tecnológica e de produto, os grandes desafios colocam-se em termos de: i) apoiar a modernização tecnológica; ii) apoiar as empresas no acesso ao <i>design</i>; iii) explorar novas utilizações das pedras naturais; iv) acentuar a articulação produtor de equipamentos-utilizador, e v) apoiar as empresas na minimização dos impactes ambientais, por via da utilização de tecnologias e processos mais eficientes.
--------------------------	---

**Perspectivas e
oportunidades
de
desenvolvimento**

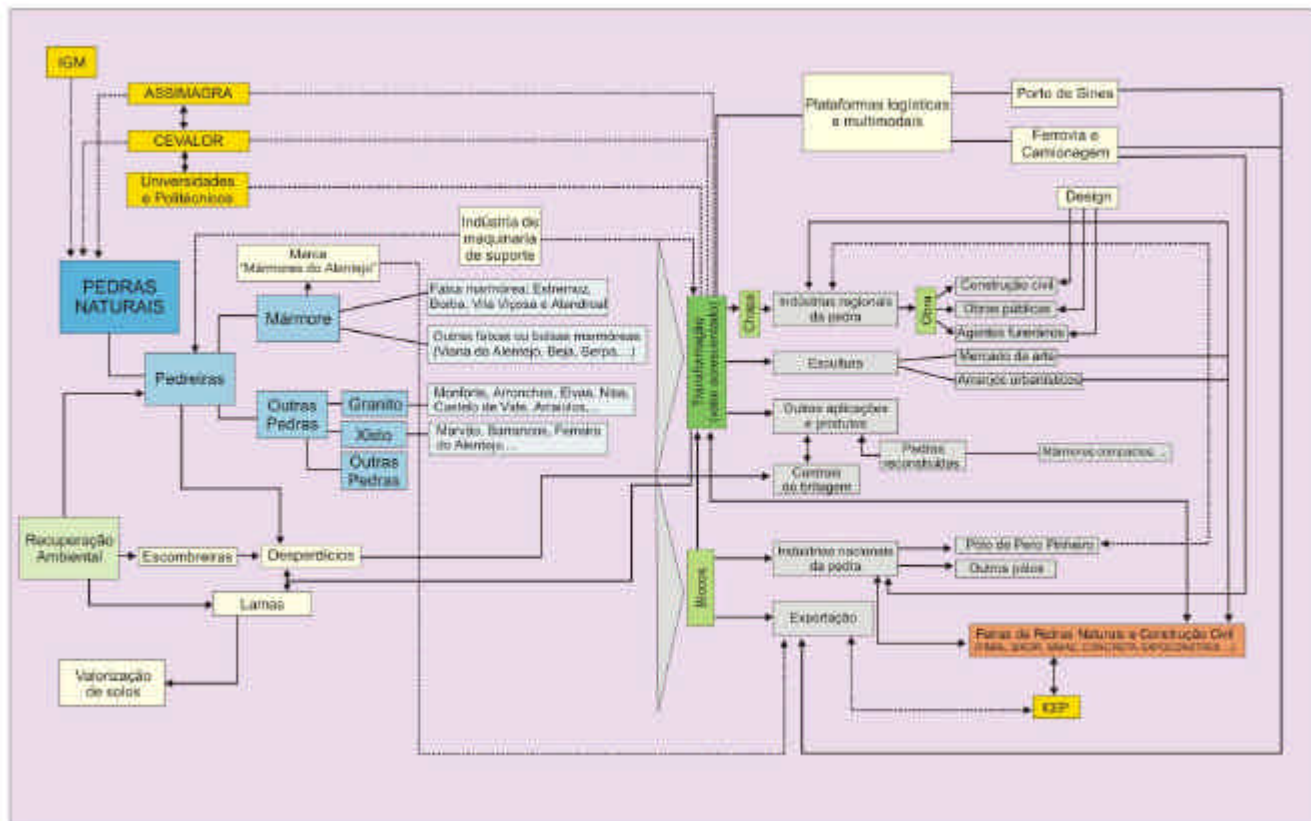
A identificação e avaliação crítica das oportunidades de desenvolvimento do *cluster* da pedra natural estão associadas à integração das diversas actividades numa perspectiva de cadeia de valor. Importa identificar as formas mais adequadas para melhorar a posição das empresas do sector, no Alentejo, na cadeia de valor, compreendendo actividades de *design*, produção, distribuição e aplicação, num quadro de forte competitividade nos mercados internacionais.

A ascensão na cadeia de valor pode compreender melhorias em cada uma das cinco principais funções e também, uma evolução do tipo de funções. Deste modo, podem existir oportunidades de subida na cadeia de valor, por exemplo, no domínio da produção (introdução de tecnologia) e/ou no alargamento de actividades desenvolvidas pelo *cluster*, por exemplo, acrescentando à produção a comercialização.

Apontam-se, em seguida, as principais oportunidades e factores críticos de sucesso para o *cluster* das pedras naturais:

1. Numa cadeia de valor orientada pelos clientes, como é o caso do *cluster* das pedras naturais, importa reforçar as actividades directamente relacionadas com os **circuitos de comercialização**. Os ganhos de competitividade advêm, portanto, principalmente do domínio da projecção de marcas, controle da distribuição e do *marketing*. Este é um factor decisivo para o desenvolvimento desta actividade no Alentejo. É consensual afirmar que há uma fraqueza das empresas portuguesas no que diz respeito ao controle dos circuitos de comercialização, assim como se verifica uma relação frágil e descontinua entre o produtor e o cliente. Está em risco a fidelização dos clientes tanto mais porque o sector atravessa um período de forte concorrência ao nível internacional. No início do desenvolvimento do *cluster* das pedras naturais predominava o pequeno capital industrial na Região. Os novos desafios estratégicos implicam a transição ou mesmo a abertura para o capital comercial, que deverá privilegiar o domínio de circuitos de comercialização, promoção de marca, fidelização de clientes. É um factor crítico a capacidade de articulação na Região entre empresas de transformação e de comercialização, cooperação que deverá capacitar as empresas regionais para participar em concursos internacionais e nacionais de grande dimensão para o fornecimento de produto em obra;
2. Outra área de oportunidade para a sustentação económica do *cluster* assenta no desenvolvimento de campanhas de **marketing** mais incisivas junto dos clientes finais, mas de igual modo dirigidas ao grande público, com o objectivo de cultivar valores estéticos associados ao *design*, que valorizam, necessariamente, a pedra em detrimento de outros materiais concorrentes. Estas campanhas deverão ter projecção nacional e também internacional, envolvendo investimentos elevados, impossíveis de realizar sem ajudas públicas e sem a colaboração entre os agentes económicos;
3. Os ganhos de competitividade associados à divulgação de uma **marca** que capte a qualidade, excelência e singularidade das pedras, neste caso do mármore e do granito do Alentejo, podem vir a ser muito importantes, mas esta subida na cadeia de valor, tal como a mencionada no ponto anterior, requer concertação empresarial e institucional;
4. As oportunidades mencionadas anteriormente destinam-se a expandir a cadeia de valor do *cluster* das pedras naturais. Há, no entanto, oportunidade de obter ganhos de competitividade associados às actividades em que o *cluster* das pedras naturais no Alentejo já é muito competitivo nos mercados nacionais e internacionais. No domínio da extracção e produção, a **inovação tecnológica** e organizativa permite explorar as pedreiras em profundidade, gerando rendimentos adicionais pela longevidade de utilização, mas também facilitando a internalização de custos ambientais, melhorando a qualidade do produto e obtendo maior eficiência energética. Estes ganhos de eficiência dependem da dinâmica empresarial dos agentes produtores e da indústria de máquinas e, paralelamente, da adopção de uma estratégia de qualificação dos recursos humanos. Devem, igualmente, ser aproveitadas as oportunidades de **inovação do produto**, designadamente a produção de placas de espessuras mais reduzidas e mesmo a oferta de produtos mais baratos concorrentes com a cerâmica (por exemplo, pasta prensada de desperdícios);
5. Os problemas ambientais são ainda muito significativos (lamas, pó, ruído, poluição de linhas de água, impacto visual e as escombreiras) e não são fáceis de ultrapassar sem o envolvimento dos agentes económicos, autarquias e organismos da Administração Central. A modernização tecnológica tem permitido minimizar os impactos ambientais, sobretudo no que diz respeito ao pó e ao ruído. É necessário aproveitar as oportunidades económicas geradas pelo impacto ambiental da actividade, através da formação de consórcios ambientais para processamento de lamas e comercialização e para aproveitamento de resíduos de mármore como *inputs* para outras indústrias químicas;
6. Por último, é também de enfatizar a necessidade de uma melhor articulação com o mercado de arte/escultura, que é um mercado em crescimento e com um potencial assinalável de visibilização externa das Regiões. Neste contexto, a criação de um Centro Internacional de Escultura, funcionando em termos de “ninhos de artistas” e de “escola de escultura”, associado a eventos anuais no sector e ao reforço da oferta museológica, pode emergir como mais uma oportunidade estratégica para a Região.

Síntese da Cadeia de Valor das Pedras Naturais no Alentejo



ARTESANATO

	Ideia mobilizadora <i>A tradição de produção artesanal na Região, com alguns produtos de referência no panorama nacional e mesmo internacional, e a própria importância dos mesmos como factor identitário, permite vislumbrar esta actividade como um dos pilares fundamentais para a sustentabilidade de algumas comunidades locais e para a promoção de uma imagem de qualidade da Região no exterior.</i>
---	--

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
4. Saberes-fazer tradicionais; Grande criatividade e tipicidade em alguns domínios; 5. Riqueza significativa de ofertas no campo do artesanato; 6. Existência de dois grandes centros de tapeçaria artística, de excelência e fama internacional – Portalegre e Arraiolos; 7. Existência de diversos centros de olaria tradicional, decorativa e/ou utilitários de interesse turístico; 8. Existência de diversos centros de tecelagem tradicional, rendas e bordados, mobiliário rústico, cestaria e artigos em pele, com interesse turístico.	1. Instrumentos financeiros de apoio ao desenvolvimento do sector; 2. Associar o artesanato a uma rede de circuitos de comercialização eficaz, em consonância com os recursos a valorizar; 3. Aprofundar a articulação entre o artesanato e o turismo (artesanato ao vivo, feiras, eventos, ...); 4. Interesse dos consumidores por produtos com imagem de qualidade, valorizando cada vez mais a “origem” no processo de decisão; 5. Progressiva empresariação da produção e da comercialização, bem como do associativismo; 6. Articulação com a arte e a cultura.

Visão estratégica	A crescente visibilização internacional do destino e marca Alentejo, poderá potenciar o aproveitamento e desenvolvimento equilibrado dos potenciais associados ao artesanato. De facto, o artesanato, enquanto recurso singular, de excelência e visibilidade internacional poderá assumir-se como uma potencial alavanca do desenvolvimento turístico e, consequentemente, como esteio de afirmação de alguns espaços/comunidades locais. Estrategicamente, importa, a um tempo, promover a certificação dos produtos de maior qualidade e tradicionalidade e encontrar novas formas de organização dos circuitos de promoção e comercialização. A outro, incentivar uma maior empresariação do sector bem como a formação de jovens, por forma a criar condições de futura sustentabilidade dos “saberes-fazer” do artesanato alentejano. A outro tempo ainda, também se julga estratégica uma maior articulação entre a tradicionalidade do artesanato e a modernidade artística.
---------------------------------	--

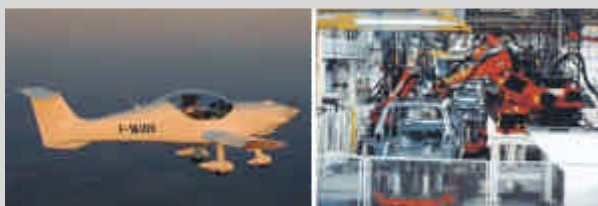
Perspectivas e oportunidades de desenvolvimento	O desenvolvimento desta actividade passará em grande parte pela capacidade de empresariação, quer da produção, quer da comercialização. Por outro lado, é necessário aumentar as campanhas de promoção e divulgação (e nalguns casos também de certificação) de muitos dos principais produtos regionais. Colocar o artesanato nos diversos meios de animação recreativa e cultural, inserido num conjunto de múltiplas actividades complementares do sector turístico (artesanato ao vivo, feiras, eventos, ...), poderá originar o seu rápido e sustentável desenvolvimento e afirmação na base económica regional. Uma via interessante para a promoção e desenvolvimento do artesanato alentejano pode encontrar-se em esquemas de fidelização do turista, conforme proposto no Plano de Desenvolvimento Turístico do Alentejo (RTÉvora; CEDRU/Global Praxis, 2001) que, basicamente, consiste na oferta de uma peça após um conjunto de visitas pagas a monumentos/museus da Região. Ainda no referido Plano, importa sublinhar a proposta de criação de centros de interpretação turística, de Lojas de Aldeia e de “Touristic Road Parks” (em nós estratégicos das auto-estradas), por forma a criar melhores alternativas de comercialização.
---	--

A proposta de criação de uma “Aldeia Internacional de Artesãos”, nas proximidades de Monsaraz (igualmente adiantada no PDTA) parece ser também outra aposta de grande alcance estratégico para o desenvolvimento e visibilização do artesanato tradicional alentejano, bem como para uma evolução paralela rumo à modernidade artística e ao mercado da arte.

O aprofundamento da articulação dos artesãos com as escolas básicas e secundárias da Região, constitui uma oportunidade de formação e estimulação dos jovens para a produção e valorização do artesanato e constitui uma via estratégica para a perpetuação dos “saberes-fazer” da tradicionalidade alentejana.

Por último, há que estimular uma maior empresariação do sector, bem como esquemas de certificação dos produtos de excelência do artesanato regional, sob a “*umbrella*” Alentejo.

INDÚSTRIAS DE METALOMECÂNICA E DE TRANSPORTES: AUTOMÓVEL E AERONÁUTICA



Ideia mobilizadora

As indústrias automóvel e aeronáutica constituem, desde há décadas, dois fortes motores da economia mundial. Neste contexto, o Alentejo, pese embora todos os contextos de incerteza que a prazo podem pairar sobre os investimentos nestes ramos industriais, deve buscar todas as oportunidades que se deparem para sustentar duas actividades que já têm algum significado na Região.

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1. Comportamento muito positivo das actividades da fileira metalomecânica e transportes poderá contribuir para uma mudança da base económica regional; 2. Tradição no fabrico de componentes para automóveis em algumas bolsas da Região do Alentejo; 3. Competitividade e dinâmica empresarial em nichos da fileira metálica; 4. Excelentes condições físicas e infraestruturais para o desenvolvimento da aeronáutica; 5. Academia de formação de pilotos de elevado nível qualitativo segundo padrões internacionais.	1. A dimensão do mercado espanhol, no sector automóvel, abre boas perspectivas para a internacionalização das empresas nacionais, incluindo, necessariamente, as localizadas no Alentejo; 2. A abertura da base aérea de Beja ao tráfego civil poderá gerar inúmeras oportunidades de negócio, desde o <i>catering</i> à reparação e manutenção de aeronaves; 3. O mercado de ultraleves encontra-se em crescimento, em correlação com o aumento do rendimento e da valorização de práticas de lazer.

Visão estratégica	As actividades da fileira metalomecânica que mais se destacaram, que apresentam um potencial de crescimento elevado e que podem contribuir para uma mudança da base económica da Região, a médio prazo, são a fabricação de componentes para automóveis e algumas actividades em torno da aeronáutica. Estas actividades recorrem a tecnologias inovadoras na Região e estimulam a geração de conhecimento especializado e de processos dinâmicos de aprendizagem. Os efeitos multiplicadores na Região devem assumir, desejavelmente, valores mais elevados, bem como se devem potenciar os technological spillovers, por forma a contribuir mais eficazmente para o crescimento da produtividade sustentada pela inovação tecnológica. Com efeito, a inovação tecnológica e organizativa deverá constituir uma prioridade das políticas industriais para a Região, devendo apostar-se em iniciativas empresariais que, devidamente avaliadas, possam facilitar a inovação no Alentejo. Assim sendo, o sistema de inovação da Região deve aproximar-se dos agentes destes sectores por forma a facilitar a transferência de conhecimento entre as instituições formais de I&D e as empresas, sobretudo as de pequena dimensão.
--------------------------	--

Perspectivas e oportunidades de desenvolvimento	Medidas de Política para a Competitividade da Fileira Metálica • Desenvolver o sistema de I&D e a capacitação técnica na Região para apoiar novas empresas nos sectores mais inovadores; • Apostar na internacionalização, privilegiando o mercado espanhol, que regista um número elevado de OEM no sector automóvel e é mais acessível às empresas instaladas em Portugal; • Reforçar a especialização dos espaços de acolhimento de investimentos da fileira metálica, explorando externalidades positivas e potenciando a utilização de infra-estruturas produtivas públicas; • Apostar na coordenação dos poucos agentes ligados à aeronáutica na Região através da criação de experiências-piloto que envolvam os diversos agentes e entidades do sector; • Apoiar a revisão da legislação e de normas no domínio da aeronáutica (ultraleves, emissão de licenças europeias de piloto pelo INAC,...); • Rever os estudos técnicos das condições da pista da base aérea de Beja e os estudos de viabilidade económica, anostando em seguida na definição de um plano internacional de <i>marketing</i> dirigido ao
--	--

segmento de mercado mais adequado.

Sem um novo OEM no sector automóvel será difícil consolidar o crescimento da indústria de componentes no Alentejo e, deste modo, as empresas instaladas em Portugal deverão consolidar estratégias de **internacionalização**, começando pelo mercado espanhol de grande dimensão e mais próximo das PME nacionais deste sector.

É necessário desenvolver o **sistema de I&D e a capacitação técnica** na Região para apoiar novas empresas nos sectores mais inovadores, onde as micro-empresas são predominantes e requerem apoio público durante a sua fase de incubação.

É necessário aprofundar as **interligações** entre as actividades da fileira metálica e com sectores relacionados directamente com a fabricação automóvel e com a aeronáutica. As indústrias relacionadas e de suporte são críticas para estimular a inovação e a qualidade do produto.

Deve-se equacionar a orientação do **parque industrial de Vendas Novas** para uma especialização em actividades industriais, de armazenagem e de serviços para o sector automóvel, procurando captar novos investimentos de fornecedores da Autoeuropa. A saturação da Área Metropolitana de Lisboa e o preço de solo mais elevado podem beneficiar Vendas Novas, que usufrui de excelentes níveis de acessibilidade. A especialização neste sector contribuirá para a geração de economias de aglomeração e de externalidades positivas e melhorará os níveis de eficiência no uso das infra-estruturas produtivas públicas, reforçando o potencial de atracção de novos investimentos num processo de tipo cumulativo.

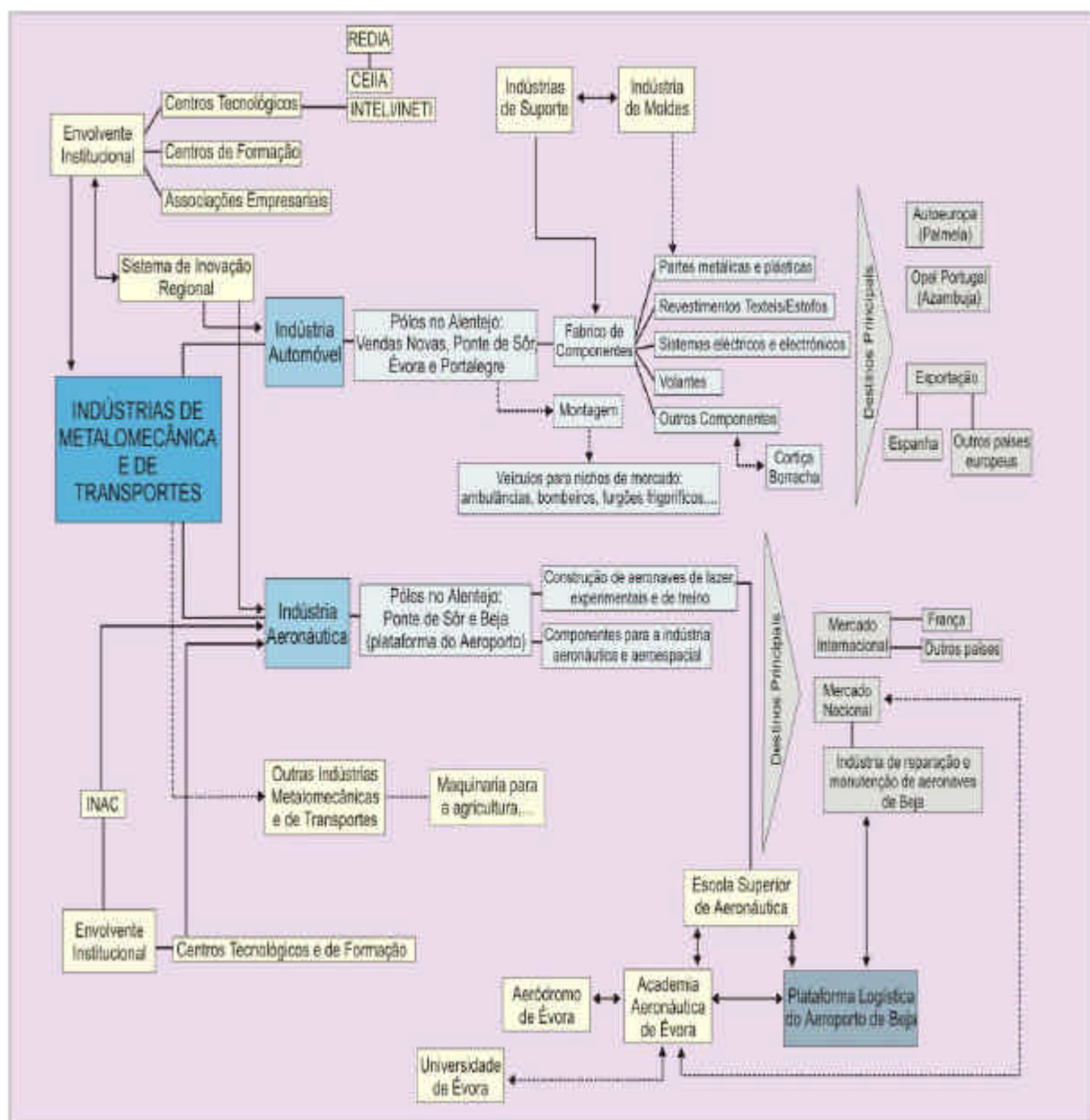
Deve-se apostar na **coordenação** dos poucos agentes ligados à aeronáutica na Região. A dispersão geográfica e o número reduzido de agentes em áreas de negócio muito distintas não tem facilitado a sua interligação, sendo absolutamente necessária para a criação de um *cluster*. Deste modo, devem apoiar-se iniciativas-piloto de cooperação entre as actividades de fabricação de ultraleves, de formação e ensino de pilotagem e da Base Aérea de Beja.

A expansão das actividades de aeronáutica na Região seriam fortemente beneficiadas com a abertura da **base aérea de Beja** ao tráfego civil e com a instalação de unidades de **reparação aeronáutica** na Região. Deste modo, abriam-se excelentes oportunidades para um leque diversificado de operações, que vão desde o *catering* à reparação e manutenção de aeronaves.

Devem-se rever os estudos técnicos das condições da pista da base aérea de Beja e os estudos de viabilidade económica, apostando em seguida na definição de um **plano internacional de marketing** dirigido ao segmento de mercado mais adequado.

É crítica a aposta na atracção de mais **agentes privados** associados à aeronáutica, sendo esta uma condição necessária para a continuação desta actividade e para a geração de benefícios para a Região.

Síntese da Cadeia de Valor das Indústrias Metalomecânica e Transportes no Alentejo: automóvel e aeronáutica



4.3 OPORTUNIDADES NO SECTOR DOS SERVIÇOS

Actividades consolidáveis e/ou emergentes	Turismo e lazer
	Actividades-nicho: Serviços e competências TIC; Economia social

O TURISMO E LAZER



Ideia mobilizadora

“Desenvolver, ordenar e amadurecer o tecido turístico regional em função de um conjunto de âncoras estruturantes, territoriais e sectoriais, e explorando um cacho de produtos fundamentalmente sustentados nos turismos de sol, mar e praia, cultural e urbano, de natureza e paisagem, touring, rural e activo, incluindo golfe e caça, fundamentalmente consumidos na modalidade de “short-breaks” (PDAlentejo, RTÉvora; CEDRU/Global Praxis, 2001), por forma a afirmar a actividade turística como um dos pilares mais fortes da base económica alentejana e a projectar no exterior o destino turístico do Alentejo.

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1. Diversidade de atractivos turísticos, em múltiplas áreas do território, articuladas e/ou articuláveis a diversos produtos turísticos; 2. Identificação de uma dinâmica crescente de investimento no sector do turismo, bem como a manifestação de diversas intenções de investimento, sobretudo em empreendimentos multifuncionais e associados, por vezes, à residência secundária e ao golfe; 3. Disponibilidade de alojamento turístico em diversos aglomerados, com uma tipologia diferenciada, abrangendo a hotelaria tradicional e moderna, os estabelecimentos de turismo em espaço rural, os parques de campismo e o alojamento particular licenciado; 4. Nível razoável de oferta de serviços de restauração e similares, garantindo em muitos casos uma gastronomia de características tradicionalmente alentejanas; 5. Diversos meios de animação recreativa/desportiva e cultural, permitindo múltiplas actividades complementares; 6. Existência de potenciais de desenvolvimento de diversos produtos turísticos, designadamente articulando a oferta relativamente padronizada/massificada com a oferta de turismos novos/alternativos; 7. Benefícios decorrentes da experiência já desenvolvida no campo do <i>marketing</i> e promoção do turismo, sobretudo ao nível das regiões de turismo, das comissões municipais de turismo e das empresas.	1. Proximidade de grandes mercados emissores; 2. Crescimento do segmento <i>short-breaks</i>; 3. Crescimento do segmento golfe; 4. Crescimento da procura de actividades de ar livre e dos circuitos urbanos e culturais e temáticos; 5. Crescimento do segmento natureza e paisagem; 6. Crescimento do segmento turismo em espaço rural; 7. Melhoria das acessibilidades e transportes; 8. Crescimento dos “resorts” turísticos e da oferta de alojamento hoteleiro, TER, restauração e animação turísticas.

Visão estratégica	A visão estratégica para o desenvolvimento efectivo, sustentado e competitivo do turismo no Alentejo está plasmada no já citado e recente estudo “Plano de Desenvolvimento Turístico do Alentejo” (RTÉvora; CEDRU/Global Praxis, 2001). Aqui se sustenta que o desenvolvimento turístico do Alentejo deve ter como principais desígnios os seguintes: 1. Preservação e fruição dos valores patrimoniais; 2. Sustentabilidade das dinâmicas locais; 3. Visibilização, estratégica e selectiva, de recursos e produtos turísticos; 4. Expansão, qualificação e diversificação de equipamentos e serviços turísticos; 5. Preparação e adequação de recursos humanos; 6. Mobilização e concertação de vontades e investimentos turísticos; 7. Reorganização da operação turística e imbricação de todo o sistema turístico regional.
--------------------------	--

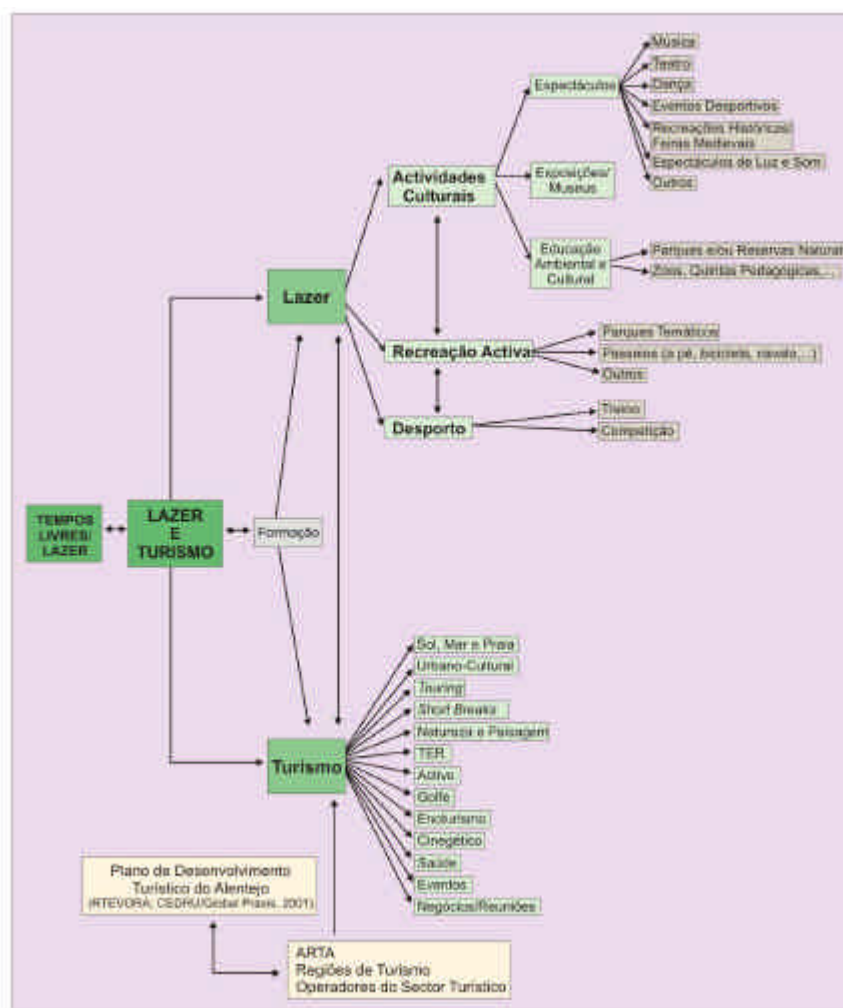
	E que devem ser perseguidas as seguintes quatro metas estratégicas: 1. Triplicar a procura turística actual, num horizonte máximo de 8 anos, e ultrapassar a meta das 5 milhões de dormidas num horizonte máximo de 15 anos; 2. Alcançar ,num horizonte máximo de 6 anos, o valor médio do País de estada e gastos turísticos; 3. Triplicar, num horizonte máximo de 8 anos, o VAB gerado no turismo, alcançando pelo menos a meta dos 4 a 5% na economia regional; 4. Duplicar, num horizonte máximo de 8 anos, o emprego directamente ligado à hotelaria e restauração e triplicá-lo num horizonte máximo de 15 anos, ultrapassando então a meta dos 30 mil postos de trabalho.
Perspectivas e oportunidades de desenvolvimento	O PDTA recomenda a concretização de um cenário designado por “incrementalista moderado”, em que se sustenta concretizar um máximo de 50% da capacidade de camas turísticas consignadas no PROTALI e aumentar em 50% a capacidade da oferta instalada no Alentejo Interior. Neste sentido, será possível atingir num horizonte de 15 anos: i) uma oferta de alojamento turístico na hotelaria, similares e TER da ordem das 29,4 mil camas; ii) uma procura turística de 5,7 milhões de dormidas; iii) 30,3 mil postos de trabalho; iv) VAB de 387 milhões de euros. Como grandes e estratégicas oportunidades de desenvolvimento turístico, o referido Plano defende um portfólio de produtos bastante diversificado, mas alicerçado em potenciais efectivos, existentes e exploráveis, ora no Alentejo, ora na trajectória de desenvolvimento do turismo nacional e mundial, e a aprofundar em diferentes horizontes temporais. Assim, são referenciados como produtos turísticos mais estruturantes: 1. Sol, mar e praia; 2. <i>Touring</i>; 3. Cultural-urbano; 4. <i>Short breaks</i>; 5. Activo; 6. Golfe; 7. Natureza e paisagem; 8. Rural; 9. Enoturismo; 10. Cinagético; 11. Saúde; 12. Eventos; 13. Negócios e reuniões. A oferta actualmente existente e a expectável criação/qualificação de nova oferta – seja esta de recursos, equipamentos e serviços turísticos e complementares ou investimentos – é e será territorialmente heterogénea, originando uma diferenciação concelhia do potencial de afirmação/consolidação dos produtos turísticos referidos anteriormente. Uma leitura concelhia do potencial de diversificação da oferta de produtos turísticos e das pretensões de investimento e trajectórias de desenvolvimento, permite destacar Évora, Grândola, Beja, Portalegre, Marvão, Elvas, Reguengos de Monsaraz e Odemira, enquanto concelhos preferenciais na afirmação de um espectro amplo de produtos turísticos, onde os mesmos possam ganhar maior diferenciação e desenvolvimento quantitativo e/ou qualitativo. Mas a este há também que associar as complementaridades trazidas por um vasto número de concelhos com fortes apetências turísticas como Alcácer do Sal, Santiago do Cacem, Sines, Mértola, Serpa, Moura, Arraiolos, Estremoz, Vila Viçosa, Alter do Chão, Castelo de Vide e Nisa. O PDTA defende, também, que o Alentejo deve ter uma “<i>Unique Selling Position</i>” que seja transmitida ao consumidor através de uma mensagem clara, inconfundível e memorizável. A esta marca poderá associar-se uma imagem igualmente forte: “Autenticidade”. Do programa de intervenção do PDTA importa destacar ,sobretudo, os dois primeiros eixos de intervenção: i) Eixo 1 – Intervenções Vertebradoras do Sistema Turístico, que contém intervenções, quer orientadas para a valorização das cadeias de produto turístico, quer de base territorial; ii) Eixo 2 – Intervenções Transversais no Sistema Turístico, que contempla intervenções orientadas para o empreendedorismo e investimento turísticos; qualificação e profissionalização dos recursos humanos; promoção, comercialização e marketing; animação turística; e cooperação turística transfronteiriça. A “<i>Long List</i>” de investimentos turísticos estratégicos do PDTA explicita mais de duas centenas de oportunidades/projectos, em diferentes domínios, como: pousadas históricas; hotéis de 4/5 estrelas; “Estalagens do Alentejo”; “Hotéis de Charme do Alentejo”; TER; Turismo de Aldeia; Pousadas de Juventude; Aldeamentos de Férias Jovens; Parques de Campismo e Caravanismo; Casas da Natureza; Colónia Naturista; “<i>Resorts</i>” e Complexos Turísticos; Campos de Golfe; Estâncias Termas; Centros de Talassoterapia; “<i>Health e Beauty Clinics</i>”; Museus de Artesanato e Tradições; Museus de Arqueologia e História; Museus de Arte e Espectáculos; Museus da Natureza; Museus de Arte; Museus de Temáticas Alentejanas; Grandes Equipamentos de Animação Turística; Adegas Turísticas/Centros Enófilos; Zonas de Caça Turística; Grandes Eventos Culturais, Recreativos, Desportivos e Económicos; Circuitos e Passeios Turísticos; Animação Urbana e Nocturna; Animação Popular; Sinalização Turística; Centrais de Reserva; <i>Marketing</i> e Promoção Turísticas; e Formação Turística.

Portfólio de Produtos Turísticos Estratégicos para o Alentejo

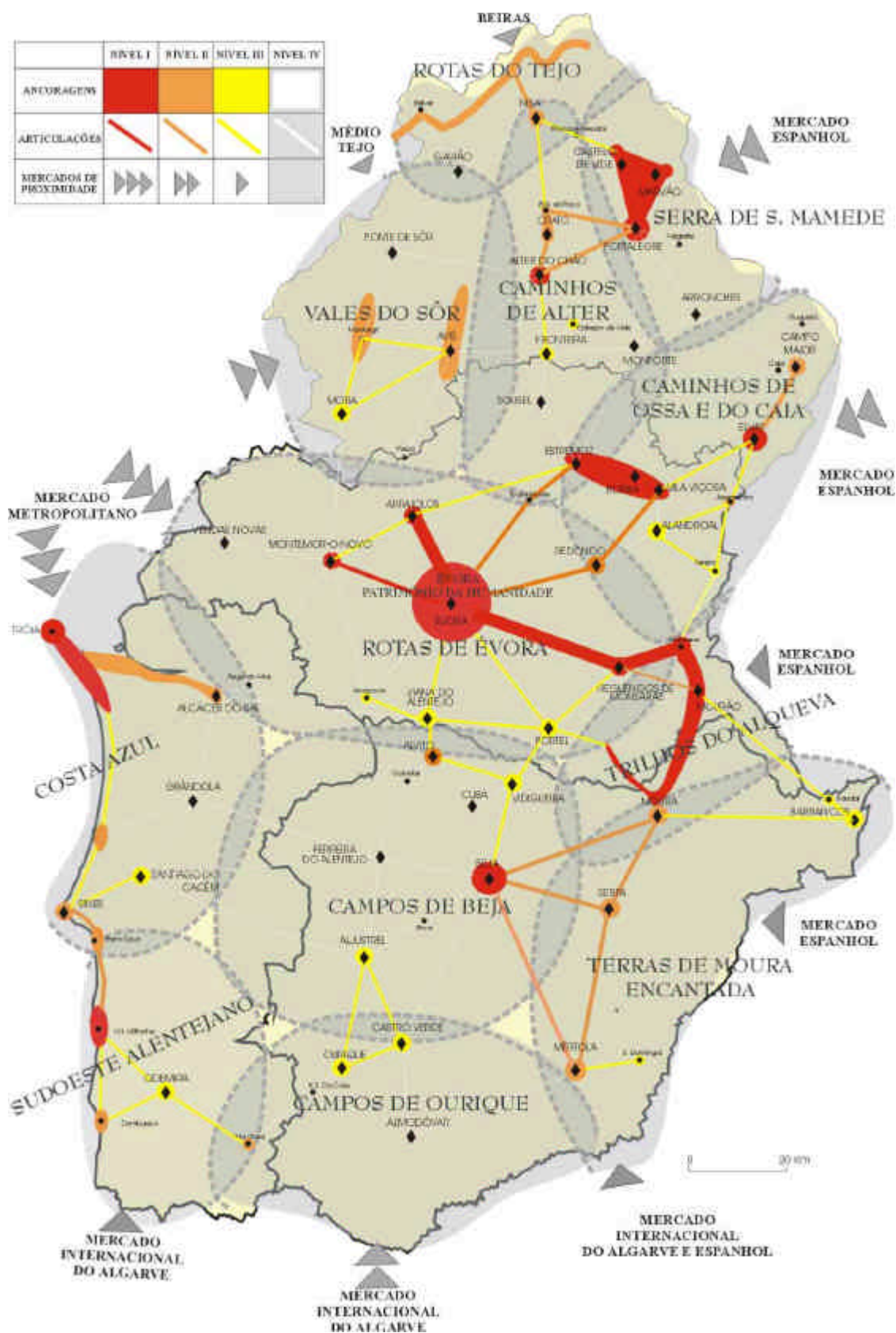


Extraído de: Plano de Desenvolvimento Turístico do Alentejo (RTÉvora/CEDRU/Global Praxis, 2001).

Síntese da Cadeia de Valor do Turismo e Lazer no Alentejo

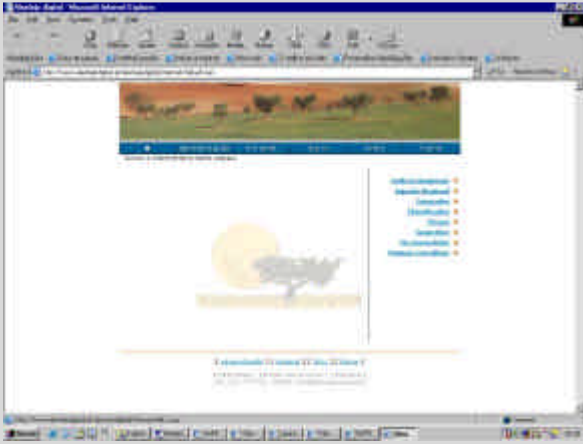


Ancoragens Territoriais Motrizes do Desenvolvimento Turístico do Alentejo



Fonte: PDT Alentejo (RTÉvora; CEDRU/Global Praxis; 2001)

SERVIÇOS E COMPETÊNCIAS TIC

	Ideia mobilizadora O desenvolvimento das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) constitui um processo de mudança tecnológica que propicia um amplo e diversificado conjunto de oportunidades de negócio e que, em simultâneo, cria um ambiente aberto à inovação e competitividade empresarial. O aproveitamento, pelas empresas alentejanas, nomeadamente as PME, dessas oportunidades permitirá o necessário «salto qualitativo» da Região, através da antecipação, adaptação e utilização dos serviços e competências TIC. No âmbito desta ideia mobilizadora, deverá integrar-se, ainda, a melhoria dos serviços ao cidadão, que permitirão um acréscimo de transparência e comodidade na utilização do serviço público, e rapidez na resolução dos procedimentos administrativos, fiscais e judiciais, com o consequente incremento de capital social.
---	--

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1. Recursos humanos com crescente nível de formação nas áreas das TIC, nomeadamente, ao nível da graduação e pós-graduação; 2. Número de utilizadores de <i>Internet</i> superior à média nacional; 3. Forte investimento das instituições regionais e municipais em TIC, nomeadamente, ao nível da plataforma WWW (sítios, e-mail e divulgação de informação aos cidadãos).	1. Formação transversal em TIC; 2. Implementação de <i>software</i> específico nas cadeias de valor da área agrícola; 3. Desenvolvimento de empresas de base tecnológica, nomeadamente, ao nível de <i>Back-Office</i> e <i>Call Centers</i>; 4. Emergência de actividades de serviços suportados nas TIC, por exemplo, edição, tradução, formação à distância e consultoria; 5. Crescimento do investimento em parques tecnológicos, permitindo a integração da formação e da investigação num sistema de inovação de processos e produtos; 6. Implementação de negócios suportados na <i>Internet</i>, nomeadamente, na área da logística e distribuição, aproveitando as infra-estruturas de transporte.

Visão estratégica	Os serviços e competências TIC permitem eliminar a barreira da distância e ampliar mercados, oferecendo possibilidades ilimitadas se comparadas aos meios tradicionais. As competências e serviços TIC permitirão às empresas implantadas, ou a implantar no Alentejo, crescer e formar novos nichos de mercado, alterando a capacidade de realizar negócios, ultrapassando a reduzida «massa crítica» da região e respondendo de forma eficaz aos novos desafios do futuro.
--------------------------	--

Perspectivas e oportunidades de desenvolvimento	Os avanços nos sistemas de comunicação avançada vão permitir a criação e desenvolvimento de novos negócios intensivos em informação. Entre estes, temos uma enorme variedade de respostas, que vão desde o tele-trabalho até ao chamado <i>Back-office</i>, passando pelos Centros de Atendimento aos Clientes (<i>Call Centers</i>). Do primeiro tipo temos o caso de pessoas que trabalham em casa, utilizando as TIC para realizar as suas tarefas num processo de <i>telecommuting</i>. As experiências realizadas mostram que é possível muitas pessoas trabalharem nas suas casas, mas muitas outras criticam o tele-trabalho por limitar o contacto entre colegas. Por isso, para além, da tecnologia deve pensar-se nas pessoas. O tele-trabalho representa, também, um processo de abertura de micro-negócios ligados à consultoria, programação, tradução, <i>design</i>, etc., por um
--	---

conjunto crescente de profissionais liberais que desejam **viver no campo, mas com excelentes condições de comunicação.**

A criação de empregos com base na atracção de *Back-office* apresenta-se como um “caminho” com enormes potencialidades. A investigação sugere que esta via pode ser uma das mais rápidas a dar resultados tangíveis em termos de criação de empregos, resultante dos investimentos em telecomunicações.

Mas, qual é o significado de *Back-office*? O termo ‘*Back office*’ relaciona-se, geralmente, com o conjunto de actividades de informação internas às empresas e que não requerem contacto pessoal com os clientes ou fornecedores.

Os desenvolvimentos nas Comunicações Avançadas permitirão colocar no *Back-office* cada vez mais funções. Esta evolução tem permitido o aparecimento dos ‘*Call Centers*’ - Centros de Chamadas ou de Atendimento -, que realizam um conjunto cada vez mais alargado de serviços centralizados de apoio ao cliente, os chamados ‘*Remote Front Offices*.’ Deve referir-se, por exemplo, que a Irlanda é distinguida, em termos de *marketing*, com o título de “*Call Center da Europa*”.

A mudança nas práticas das corporações levou a uma crescente concentração das empresas no seu “*core business*” e a contratar no exterior as funções que não são centrais. Essa mudança, que inicialmente se efectuou na manufatura está a verificar-se, também, no sector dos serviços. A externalização de funções não centrais e que apresentam custos elevados e baixa rentabilidade passam a ser contratadas fora da empresa. Os serviços podem ser, assim, canalizados para casa dos funcionários ou para outras empresas especializadas em *Call Centers* ou em *Back Office*.

O aumento das oportunidades de emprego e de criação de riqueza, nos diferentes casos, está directamente relacionado com a existência de agentes externos. Os tipos de tarefas enquadram-se no contexto das grandes alterações da organização industrial, tais como o crescimento do “*outsourcing*”, o que se apresenta como uma oportunidade importante para as áreas periféricas, incluindo algumas áreas rurais. No entanto, temos que ter consciência que, neste caso, **a população deverá apresentar bons níveis de escolaridade e de formação em TIC ao nível do utilizador.** Neste aspecto, o Alentejo, de acordo com o “Inquérito à Utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação pela População Portuguesa” [OCT 2001], apresenta ao nível da utilização da *Internet* um valor interessante, pois 31% da população afirma que utiliza a *Internet* de forma quotidiana. Valor ultrapassado pelo Algarve (38%) e Lisboa e Vale do Tejo (34%), mas significativamente à frente da região Norte (28%) e região Centro (26%).

Para além destas áreas existem um conjunto de iniciativas que apresentam interessantes oportunidades de negócio, como por exemplo: a tele-medicina, o *e-learning* (ensino à distância através da WWW); o *e government* (facilitar o acesso dos cidadãos aos diferentes órgãos de soberania). Estas oportunidades de negócio permitirão o desenvolvimento de competências ao nível regional que facilitem o desenvolvimento de uma fileira TIC no Alentejo.

A implementação aos níveis regional e local, de serviços públicos utilizando as TIC, por exemplo, através da Internet, servirá uma variedade de diferentes fins: melhoria no serviço aos cidadãos, em geral, e das empresas em particular; acréscimo quantitativo e qualitativo da informação fornecida; aumento da interacção entre eleitores e governantes; maior participação cívica e aumento da transparência na acção institucional.

A ausência de dados estatísticos sobre o mercado e as empresas TIC a nível regional limita a identificação e diagnóstico da fileira, no entanto, **avancamos com algumas medidas que poderão favorecer o desenvolvimento de um cadeia de valor nessa potencial fileira**, que já apresenta competências ao nível da formação graduada e pós-graduada: a Universidade de Évora, desde 1995, atribui o grau de licenciatura em Engenharia Informática e, desde 2001, o grau de Mestre em Engenharia Informática.

O apoio à criação e desenvolvimento de uma fileira TIC implica, como é referido no *Estudo sobre O impacto das TIC nas regiões ultraperiféricas da Europa*, um conjunto de acções pró-activas que permitam agir do lado da procura, nomeadamente, do sector público:

1. Lançar concursos de projecto;
2. Consultar sistematicamente as empresas TIC locais nos concursos públicos;
3. Incentivar a sua participação nos concursos públicos regionais;
4. Incentivar a criação de conteúdos locais;
5. Desenvolver projectos TIC de interesse geral (tele-educação, tele-medicina, e governação, tele-gestão, etc.), incentivando a criação de parcerias entre as empresas locais e externas;
6. Lançar ou reforçar acções de promoção e valorização da fileira: salões especializados, anuários das competências regionais, publicações sobre as realizações e as boas práticas regionais, acções *Internet* (portal TIC, rubricas especializadas nos sítios *web* das agências de desenvolvimento económico, etc.).

ECONOMIA SOCIAL



Ideia mobilizadora

A crescente diminuição da acção do Estado na área social tem vindo a gerar novas necessidades e oportunidades privadas de negócio, sobretudo nos interfaces com a saúde e vigor corporal, a “terceira idade” e a infância e juventude. A redução do Estado de Bem-estar, o crescimento do desemprego e o surgimento de novas necessidades insatisfeitas pela decrescente intervenção pública propiciam, no contexto das novas características do consumo, a emergência de oportunidades que encontrarão na região do Alentejo importantes vantagens comparativas.

Pontos Fortes	Focalização das Oportunidades
1. Condições naturais; 2. Reduzida densidade demográfica; 3. Crescente qualidade das infra-estruturas de transporte e telecomunicações; 4. Qualidade e diversidade de equipamentos de saúde, lazer e desporto; 5. Recursos humanos qualificados, nomeadamente, no turismo e animação social; 6. Elevado esforço de investimento municipal; 7. Tradição associativa existente na região.	1. O crescente número de idosos, nacionais e estrangeiros, que residem na região abre um conjunto de oportunidades de negócio ao nível dos serviços de proximidade e apoio à Família; 2. Consolidação e criação de auto-emprego ou de pequenas empresas de prestação de serviços de apoio à família, infância, recreio e lazer; 3. Recuperação, conservação e restauro do património construído; 4. Manutenção domiciliária; 5. Assistência a jovens com dificuldades; 6. Campos de férias; 7. Acções de sensibilização e formação sobre preservação ambiental.

Visão estratégica	O Alentejo, pelas suas condições naturais, reduzida densidade demográfica e crescente qualidade das infra-estruturas de transporte e telecomunicações e dos equipamentos de saúde, lazer e desporto, apresenta um elevado potencial de atracção e de implantação de «empresas» que procuram responder às necessidades de uma população, nacional e europeia, cada vez mais envelhecida; com mais tempo livre e com maior capacidade económica.
--------------------------	--

Perspectivas e oportunidades de desenvolvimento	A chamada área da economia social comporta um interessante e crescente leque de oportunidades de negócio, sobretudo nos interfaces com a saúde e vigor corporal, a “terceira idade” e a infância e juventude. No caso da saúde e vigor corporal, as janelas de oportunidade abrem-se a três níveis: 1. o das clínicas privadas de prestação de cuidados médicos primários e diferenciados, que, naturalmente, ainda encontram nas principais cidades potenciais de mercado mobilizadores; 2. o dos centros termais, naturalmente ancorados nos principais potenciais de águas termais e medicinais existentes no Alentejo (Cabeço de Vide, Moura, Castelo de Vide, Fadagosa de Nisa e Monte da Pedra) e no pressuposto de que tais centros se desenvolverão a partir de instalações modernizadas e de uma oferta diversificada de serviços (por forma a irem além da simples vertente curativa e atrairem também segmentos de mercado do turismo e lazer); 3. o das chamadas clínicas de regeneração e vigoramento físico e psíquico do corpo (clínicas <i>fitness/antistress</i>, de beleza/modelação do corpo, de talassoterapia, ...). Neste domínio, importa chamar a atenção para as propostas já consignadas no Plano de Desenvolvimento Turístico do Alentejo (RTÉvora, CEDRU/Global Praxis, 2001), no qual se sustentam, quer algumas hipóteses de clínicas de talassoterapia, sobretudo no contexto dos “resorts” turísticos do Litoral Alentejano (Costa de Tróia, Comporta, Vila Nova de Mil Fontes e Zambujeira do Mar), quer algumas e inovadoras sugestões de criação no Alentejo de duas “Beauty Villas” (preferencialmente em ambientes de excelência patrimonial e paisagística e de tranquilidade como poderiam ser as hipóteses dos solares e herdades de Água de Peixe e da Sempre Noiva).
--	---

No caso da terceira idade, para além das óbvias ligações potenciais às propostas antecedentes, importa referir, sobretudo, o facto de o Alentejo se poder tornar, cada vez mais, num destino de fixação de estrangeiros em idade de aposentação. E, a ser assim, existe todo um enorme potencial de procura a explorar (com vantagem de, em grande medida, se associar a estratos sociais com razoável poder económico) e um cacho de serviços e produtos a desenvolver (p. e. alguns dos tradicionais montes alentejanos, depois de recuperados e apetrechados, poderiam ser interessantes ancoragens para desenvolver projectos de “Aldeias de terceira idade”, apoiadas em vários equipamentos e serviços de lazer e serviços de saúde e beleza. O projecto da Fundação Frederic Velge, para a recuperação ambiental e turística do antigo complexo mineiro do Lousal (Grândola), pode ser outro exemplo a seguir neste campo.

Por fim, no caso da **infância e juventude**, podem também abrir-se várias janelas de oportunidade, sobretudo no que concerne aos campos e/ou “clínicas” de férias (sejam as mais orientadas para actividades de lazer e desporto, sejam as mais orientadas para a educação ambiental; ou seja ainda, aquelas que, inspirando-se no modelo do programa televisivo “Operação Triunfo”, poderão apostar na vertente de formação cultural e artística).